

Fernando Monteiro

Na Roda do Sexo

Soca - Editora



BIOGRAFIA

Fernando Monteiro
*Jornalista, cronista
e contista*

Fernando Jorge Almeida Monteiro, nasceu a 8 de Julho de 1951, na cidade da Praia, cidade onde fez os estudos primários e secundários. Autodidacta, Fernando Monteiro virou jornalista de profissão, tendo exercido vários cargos de direcção nos órgãos de comunicação social cabo-verdiana, a par de um profissionalismo e profundo trabalho jornalístico.

Assim, escreveu uma série de crónicas pelos jornais por onde tem passado, desde o início da carreira. Assim, no *Novo Jornal de Cabo Verde*, escreveu *Janela Indiscreta*, crónicas

A 314
1.000.000
Enia Antunes
Praia, 07/02/11

11/02/11

Fernando Monteiro

Na Roda do Sexo



Índice

A Liberdade de Escolha	9
A Preta que virou Branca	21
O Travesti	39
Ponto Final.....	53
Descartável	81
Na Roda do Sexo	101
Onde está Samira?	109
Sameda Feiteira	131
Kuduru com Viagra	143
O Café das Cinco	153
Violação	179
Un pa Dos	197

Título: Na Roda do Sexo

Autor: Fernando Monteiro

© Soca Edições e Autor

Composição: Manel di Beba

Design Gráfico: Bernardo Gomes Lopes

Revisão: José Luis Hopfler Almada

Pintura da capa: Nela Barbosa

Foto do autor: Ulisses Moreira

Impressão: Tipografia Santos, Lda.

Tiragem: 1.000 exemplares

Editora: Soca Edições

A LIBERDADE DE ESCOLHA

O homem: é o único animal que tem a capacidade de promover um quadro com vários cenários e optar pelo que mais lhe convém. É o único animal que, quando confrontado com determinada realidade, é capaz de escolher de entre múltiplas possibilidades de saída. O homem é o único animal capaz de criar opções e escolher alternativas. É verdade que, também, age por instinto, mas, na maior parte das vezes, age em consequência de um pensamento racionalmente elaborado. O homem é o único animal que escolhe. Esta é uma verdade clara como esta água límpida.

Mas também, na sua realidade objectiva, ao homem, muitas vezes, é-lhe negado qualquer possibilidade de escolha – é escolhido. A vida é, também, feita de circunstâncias, de aleatoriedades, de acasos. Não estou a referir-me à predestinação, ao fatalismo do futuro mas a algo muito próximo, que é imposto e é inelutável. Alguns dirão que é a mão invisível de Deus; ou-ros, com os pés mais assentes na terra, dirão que são resultados da subversão genética, do erro no sistema cibernético do indivíduo. O que é certo é que o homem se constrói a si próprio, quando tem a possibilidade de optar, de escolher, entre vários caminhos, a sua alternativa, e é construído, quando, por forças que não controla, é-lhe imposto um futuro, um destino, seja ele ain-

da um simples embrião, seja ele já um velho caquético. O homem é fruto de si mesmo e, também, das suas circunstâncias.

Alcides João dos Santos pensava enquanto se barbeava. Aliás, barbear era uma expressão muito forte para dizer rapar uns pêlos que mal se viam no rosto de pele clara, de cabrita. Invisibilidade reforçada pela cor loira, à semelhança de tudo o que lhe cobria a cabeça pequena. Assim como as mãos de finos dedos e os pés delicados. Aliás, Alcides era todo ele delicadezas. Não daquelas delicadezas rendilhadas, efeminadas, se bem que tivesse alguns traços que lembrassem a Eva. Prosseguindo o seu raciocínio, pensava que, o homem, naquilo que é escolhido, naquilo em que não passa de um mero receptáculo, é igual aos animais. Iguazinho, sem tirar nem pôr. E, se assim é, quando o animal que encerra em si quer manifestar-se, quando quer impor-se, desde que não ponha a liberdade dos outros em causa, deve-se abrir a cancela e deixá-lo ir apascentar nas achadas da liberdade. Por exemplo, eu não escolhi a minha sexualidade, não escolhi o meu sexo. Também não fui eu que optei pelo cenário de conflito entre o meu sexo e a minha sexualidade; não escolhi esta minha natureza ambígua, ambivalente, com o meu sexo de macho a brigar com a minha natureza de mulher. Não escolhi esta guerra entre mim e mim, entre o meu macho e a minha fêmea. Se não escolhi, fui escolhido, não porque desejei, ambicionei, exortei. Fui escolhido como outras, todas, foram escolhidas para uma vocação qualquer, transcendental ou não, como outras, todas, foram escolhidas para um destino qualquer, grande ou pequeno. Se fui escolhido, ninguém, absolutamente ninguém me pode apontar o dedo acusatório. Se fui escolhido, não posso sentir-me culpado, em momento algum. Não escolhi este meu corpo dividido; não posso ser incriminado e condenado por ser o que sou. Se o que sou não resultou da minha opção, não construí nenhum quadro com várias opções e, na plenitude das minhas faculdades mentais, dizer escolho esta opção, quero ser este ser ambivalente que sou, quero

ter um corpo dividido entre homem e mulher, quero ter um sexo de homem e uma natureza, inequivocamente, feminina, então não posso sequer ser julgado. Porque o facto é que se o homem tem o dom de escolher, também se sujeita, de modo inapelável, a ser escolhido. Se posso escolher ser pedreiro, carpinteiro, informático, bancário, cozinheiro ou engenheiro, físico, médico, jornalista, economista, ou, até, ser rico, pobre, remediado, miserável, maltrapilho, não posso escolher ser branco, mongolóide, autista, inteligente, gay...

É evidente que não gostaria de ser paneleiro. Sobreretudo porque as mulheres gostam do meu físico. Dizem que sou bonito, janota e rascão, uma presença atraente. Não tenho dúvidas. Só que não me sinto atraído por elas, não desencadeiam em mim nenhuma emoção, não me despertam qualquer paixão, não me induzem nem ao mais pequeno desejo sexual. Os homens, sim. Eles me embaraçam, me perturbam, acordam em mim mil sentimentos, tornam-me frágil, submisso e pronto para a entrega. Eles fazem sangrar o meu coração, dão-me voltas à mioleira, tornam-me ansioso, impaciente, insatisfeito. Eles podem fazer-me sofrer, podem fazer-me feliz, levar-me para o reino da devassidão e da orgia, podem sacrificar-me mil vezes, podem amar-me e odiar-me, que eu estarei sempre, sempre pronto a...

Como habitualmente, muito bem vestido, sempre perfumado – com um requintado gosto masculino –, Alcides saiu da sua casa da ASA Riba e dirigiu-se para a zona do Prédio, onde residia a sua eterna amiga Zinha, recém-casada. A amizade entre os dois era tão forte, tão sólida, tão íntima que muita gente lhes dava como namorados ou como irmãos amigos. O carácter afável do Alcides, sempre muito paciente, muito calmo, pensando em tudo o que fazia – até no falar –, casava-se muito bem com a impetuosidade, o espalhafato, a espontaneidade da Zinha. Completavam-se bem. Eram complementares. Daí a permanente saudade que um sentia pelo outro, gerando ansiedade e impaciência, qualquer ausência prolongada.

Mesmo depois do namoro e do casamento da Zinha com o anatómico e ditador Tonecas, o encontro entre os dois amigos era uma coisa sagrada, de que nenhum deles prescindia por nada deste ou do outro mundo. Continuavam a ver-se até com mais frequência depois do casamento, porque Zinha resolveu reforçar o estatuto de confidente atribuído a Alcides, facto que desgostava às irmãs da Zinha e fazia inveja às amigas: Alcides ocupava um lugar muito especial no coração da Zinha.

Naturalmente que Tonecas via com muito maus olhos essa amizade entre a sua mulher e Alcides. Achava-a excessiva, uma nítida parente do amor, um amor camuflado mesmo. Aliás, era constantemente alertado pelos colegas e amigos para essa insólita amizade, “até porque um homem e uma mulher não podem cultivar uma amizade tão profunda assim, sem que nada mais sério se desenrole entre os dois – têm que estar juntos. Nunca um homem é amigo de uma mulher ou vice-versa; há sempre uma intenção que vai para lá da amizade”, diziam-lhe. Com tantas pulgas detrás da orelha, Tonecas só se dispôs a casar-se com Zinha porque a amava profundamente e porque ela lhe deu a prova mais cabal de que entre ela e Alcides não existia mais que uma sincera e salutar amizade – a sua virgindade. Todavia, era-lhe difícil engolir essa realidade, era difícil ao seu coração machista de crioulo cabo-verdiano aceitar as intimidades desse labrego do Alcides com a sua mulher, rebentava de ciúmes por causa das excessivas gentilezas e preocupações da sua mulher para com o amigo, tantas ou mais do que denotava para com ele, o marido. A situação estava cada vez mais difícil de sustentar porque, apesar das enormes, prolongadas e frequentes brigas que provocava no casal, essa amizade ia-se reforçando, expandindo e solidificando a olho nu. Zinha ia ao ponto de, entre a pressa do Alcides e a impaciência do marido, optar pelo amigo em detrimento do homem com quem se casou.

O ambiente familiar tornou-se tenso e mais tenso, o casamento deteriorou-se de forma visível do exterior, depois de o irmão, vindo do Fogo, ir morar com eles. O que Tonecas previra como antídoto para a presença indesejável de Alcides, virou-se contra ele – agora o círculo de intimidades, de segredinhos, de vizinhos cúmplices e nervosos comportava também o irmãozinho que mandou vir estudar na capital, mas cuja finalidade, na sua casa, era espiar se o aparente anódino Alcides não lhe estava a comer a mulher. Comungaram-se os três contra ele, o que o tornou um ciumento doentio, espumoso, irritadiço e quebradiço – uma pilha de nervos, um homem permanentemente à beira de um ataque de nervos.

Porque o macho crioulo o mais que temia era ser corneado – ele pode enfeitar a cabeça de todos os homens do mundo, mas não admite, nem em sonhos, a hipótese de ser corneado –, Tonecas passou a viver com uma obsessão: Zinha estar a traí-lo com Alcides. Isso ficou tão insuportável que, a qualquer hora, estivesse ele a fazer um trabalho de rotina ou importante e urgente, bastava-lhe pensar nos dois, para largar tudo e ir para a casa, a fim de tentar flagrar os dois. Mas, quanto mais ostensivo se manifestava o seu ciúme, mais intensa se tornava a amizade, era já um desafio que Zinha fazia ao marido, porque ela não merecia desconfiança alguma, ela era-lhe fiel.

Por isso, não admirou a ninguém que estivesse por dentro desse relacionamento do triângulo composto por Alcides-Zinha-Tonecas, o que aconteceu numa tarde de Abril. Tendo entrado intempestivamente em casa, Tonecas ficou completamente irado e desarticulado, quando se apercebeu que a sua mulher se encontrava no quarto com o valdevinos do Alcides. Com a cabeça do marmanjo a descansar no seu regaço, segredavam-se não podia saber o quê ao ouvido. Virou danado. Brigou forte e feio. Esperneou. Insultou. Ameaçou.

No auge da sua destemperança, viu Zinha fazer a mala – ia-se embora daquela casa, voltava à casa dos pais, pois não dava para

aguentar mais as malcriações do Tonecas. Aquilo foi como que um balde de água fria. A tensão do marido caiu livremente. Ficou plano, sem crispação nenhuma. Pediu, implorou, suplicou o perdão da esposa, não voltaria a ter nenhum ataque de ciúmes, jurava e voltava a jurar que nunca mais faria disparates daqueles. Tanto implorou e tão pateticamente que Zinha, a pedido de Alcides, concedeu-lhe mais uma oportunidade, sob a ameaça de, em caso de prevaricação, não se ficar pela mudança – divorciar-se-ia, sem apelo nem agravo.

Sentindo-se coagido a aceitar o inaceitável, Tonecas deixou crescer dentro de si a semente do ódio que tantas vezes quis manifestar-se, desejo que ele estrangulava com vigorosos gestos de repúdio. Uma pulsão da morte muito forte começou a tomar conta dele, deixou-a expandir-se, cultivou-a. Alimentou-a, tal era o ódio que então nutria por aquele palerma que não largava a ponta da saia da sua mulher. O desejo de matar Alcides encorpou; se agigantou; deu azo à criação de vários cenários, Tonecas adquiriu várias armas brancas e de fogo, até constituir um pequeno arsenal.

Naquele dia, durante a sesta, teve de se levantar, de repente, para ir ao W/C. Ao entrar no corredor, ouviu o irmão a falar com alguém ao telefone, “às quatro em ponto, não podes faltar.” Desde logo, teve uma certeza: Zinha preparava-se para o enganar com o malfadado Alcides. Até que, enfim, tinha uma oportunidade de os pegar em flagrante delito. Nem utilizou a casa de banho. Voltou a deitar-se esperando bater a hora em que saía de casa todos os dias.

Viveu a maior impaciência da sua vida. Não se concentrou nem um minuto no trabalho. Tinha o pensamento em casa. Uma hora antes, não aguentando mais, saiu e dirigiu-se para casa. Entretanto, ficou de longe para ver se chegava alguma coisa. Mais ou menos uns quinze minutos depois, o coração lhe deu um baque forte, que pensou “vou morrer, meu Deus!”. Mas não foi apenas um baque, o coração passou a bater cada vez mais forte, à medida que Alcides se

aproximava da casa. Acariciou a coronha do Makarov, quando viu o outro entrar-lhe pela casa dentro. Sentia um formigueiro na palma das mãos, queria entrar na sua casa e disparar todos os tiros sobre o desgraçado que brincava com a sua mulher. Entretanto, uma mão invisível retinha-o, ainda não chegara a hora.

Quando se passaram dez minutos sobre as quatro horas, caminhou, com toda a calma e a passo de passeio, para a casa. Quem o visse, não poderia imaginar o vulcão que ia na alma dilacerada daquele homem disposto a limpar a honra com o sangue maldito de um cachorro. Porque era assim que concebia Alcides no momento em que se aproximava da sua casa.

Rodou a maçaneta devagar, depois de ter dado volta à chave. Entrou. Silêncio. Só ouviu o bater descompassado e acelerado do seu coração e a sua respiração pesada. Aproximou-se, pé ante pé, do quarto de dormir do casal. Parou junto à porta, com os ouvidos lestos, a ver se captava algum som, algum sussurro vindo de dentro. Nada. Abriu a porta. Não se encontrava ninguém. Fechou de novo a porta sobre si. Dirigiu-se, com pezinhos de lã, para o quarto do irmão. Uma voz de mulher dizia coisas imperceptíveis. Era ela e só podia estar a suspirar nos braços do estafermo do Alcides.

Abriu a porta, com estrondo. Buscando os corpos com os olhos e a pistola, acabou por se deparar com uma cena grotesca. Alcides e o irmão, encavalitados, um sobre outro – não reparou quem era o cavalo e quem era o cavaleiro –, jogavam um jogo qualquer, enquanto a sua mulher, sentada num canapé, abraçada às pernas, incitava-os com grande entusiasmo. Sorria, muito feliz. Porém, deu um salto de felino, pondo-se em pé, quando viu Tonecas no umbral, olhando-a fixamente. Como uma criança flagrada a comer açúcar, ficou um instante atarantada, desorientada, botando uma mão na testa e a outra na cintura, dando voltas incompletas sobre si. Estava visivelmente surpresa com a presença do marido, via-se que tinha algum medo.

Muito mais que aliviado, Tonecas, deixando-se invadir por uma grande tremura, olhava a mulher querendo-lhe transmitir, com os olhos, a tamanha gratidão que sentia por ela não o trair. Mas sentiu vergonha por ter desconfiado dela. Zinha iria fazer uma zaragata dos diabos por ele ter entrado naquele quarto, de pistola em punho, sem bater à porta, com a intenção clara de apanhar em posição pouco católica com Alcides. Ele bem que merecia um enxerto de insultos, uma carrada de impropérios por que não agiu de forma correcta, porque não tinha confiança nela. Merecia o desatino dela.

Foi, portanto, com algum espanto que viu uma Zinha ainda atarrantada a gaguejar "pronto, pronto, ago, ago, agora já sabes, já sabes. Fepo, tudo já acabou." Sem entender o que ela dizia, deixou-se agarrar por um braço, sendo conduzido docilmente para a sala, onde o irmão e o Alcides iriam ter, conforme desejo da Zinha.

Sentou-se, com as mãos a tapar o rosto inclinado para baixo. Estava fragilizada. Enquanto esperava que os dois moços aparecessem, Tonecas ficou a olhar para a mulher, tentando descobrir as razões da sua súbita tranquilidade. Obviamente, não descobriu nada, apenas que aquilo lhe cheirava à bonança que antecede as tempestades.

Quando os dois rapazes se acomodaram no sofá, ela clareava a garganta, com a pausa que lhe era possível, porém com a voz embargada pela emoção, revelou:

– "Há muito tempo que te quis dizer mas sempre tive receio da tua reacção. Sendo bruto e insensível, tratando as mais delicadas questões de forma sempre brusca, directa e crua, roçando a hostilidade, não me era fácil revelar-te o segredo que, praticamente, desde criança carregas comigo. Esrive tentada a revelar-to, sobretudo, na sequência dos teus ataques de ciúmes, mas faltou-me coragem na hora certa. O Alcides nunca poderia ser meu amante ou coisa parecida, por ser paneleiro."

Fernando Monteiro

Tonecas deu um grande salto na cadeira, que caiu. Sem acreditar no que a Zinha revelava, perguntou "o quê? O quê?", e voltou a sentar-se pronto para ser convencido.

– É o que ouviste: Alcides é paneleiro, gay. Ele não gosta de mulheres, mas sim, de homens.

Tonecas deu uma grande gargalhada, que fez os dois rapazes, até aí sisudos, rirem, como se Nho Puxim tivesse contado alguma anedota. Era como se não tivesse acreditado na história da Zinha. Convinha consigo que era uma coisa absurda, para quem, até momentos antes, acreditava que Alcides se punha na sua mulher.

– Paneleiro?! Paneleiro?! – Repetia como se não acreditasse ainda – vocês querem enganar-me ou quê? – Perguntou, rindo-se.

– O que pensas que viste lá no quarto? – Retorquiu Zinha, meio desconfiada – O que pensas que Alcides e Papá estavam a fazer? – Não vi nada, não reparei bem. Só tu me preocupas. Eu lá, procurava-te. Como vi que não eras tu que estavas debaixo do Alcides, não liguei. Não estavam a fazer um jogo qualquer?

Quem ficou dilacerada com a resposta do Tonecas foi Zinha. Ela viu-se compelida a revelar um segredo, pensando que o marido tinha visto tudo...

– Pára aí! Alto aí! Tu estás querendo me dizer que Alcides é paneleiro e o meu irmão panasco?! Queres dizer-me que os dois estavam a fazer, ah! Quando entrei?

E explodiu como o vulcão do Fogo. Colérico, vermelho como camarão, tirou a pistola e atirou dois tiros para o ar. Zinha, Alcides e Papá esconderam-se detrás do sofá. Tonecas, em pé, no meio da sala, com a pistola na mão, qual visionário em momento de loucura, conjurou todos os paneleiros do mundo, condenou-os todos ao fogo dos Infernos, matou-os de mil mortes, eram piores de que as cadelas sarmentas, eram uma praga bíblica, eram piores do que a lepra e a sida juntas. Não gramava os paneleiros e "tu, Alcides, paneleiro, eu odeio-

Na Roda do Sexo

te, eu vou dar cabo de ti, vou acabar com a tua raça, grande panelheiro! Não gosto de panelheiros!"

— Cala a boca, seu nojento — Tonecas ficou desvairado com o que Alcides acabara de dizer — cala a boca antes que te cale duma vez. Antes que te mate, seu panelheiro de merda! Eu te mato, te mato..."

"Agora sei por que razão é que nunca gostei de ti. É porque és uma mulherzinha de merda, um grande panelheiro. Nem sei porque é que, com tanta gente boa neste mundo, foste logo com um panelheiro?"

Como a pergunta lhe era dirigida, Zinha aproveitou a deixa para, também indignada, encostar o marido contra a parede:

— O que é que você tem de mais? Ou de menos? Porque é que te achas superior ao Alcides? Porque é panelheiro? Sim, ele gosta de homens e sabia eu disso, oh! Há anos e anos! Mas isso não faz dele um sacana como tu, um falta de carácter que nem tu, um monstro; pelo contrário, é um homem bom, um homem solidário, um homem direito. Por isso, nem eu, nem tu, nem ninguém temos o direito de o julgar, de o condenar. Principalmente, porque se ele é panelheiro, não foi por opção própria, não foi um caminho que ele escolheu, como quem escolhe uma camisa ou um par de sapatos. Isto não esteve nas mãos dele...

— É verdade — reforçou Alcides, encorajado pelas palavras de Zinha — É verdade. Eu não escolhi... fui escolhido, mas tenho o direito de assumir aquilo que sou, tenho o direito de assumir tudo o que sou, sem me rejeitar ou viver o resto da minha vida em conflito comigo mesmo. Deixa-me a liberdade de me assumir tal como sou...

Dizendo isso, agarrou o homem, retirando-o do sítio onde estava, ante o olhar horrorizado do irmão e da mulher, paralisados pelo que podia acontecer ao Alcides. Tonecas levantou a pistola e apontou o buraco negro à cabeça do gay, que se mijou todo. Todos imploram, com os olhos, porque a voz estava-lhes interdita. Tonecas fora de si, com os olhos arregalados de raiva, apertou o gatilho. Não houve explosão. Repetiu o disparo uma, duas, três vezes. Silêncio total. Não tinha mais balas. Gritou "merda!" e bateu duas vezes com a coronha do Makarov na cabeça do coitado do Alcides, que caiu ao chão, com a cabeça a partir sangue como olho-de-água brota água. Tonecas saiu, batendo com a porta, fazendo grande estrondo.

Zinha encontrava-se nos Picos, para onde fora com Alcides, que precisava de repouso, depois do que passou nas mãos do Tonecas. Também deu a si própria um tempo para reflectir sobre o seu casamento, se valia a pena continuar a subscrever um contrato que a outra parte estava sempre a subverter. Entretanto, tendo sentido necessidade de de vir para a cidade da Praia, a fim de consultar uma genicologista, deslocou-se acompanhada do seu amigo Alcides e de um primo.

Chegados ao Sucupira, tomaram o autocarro para ASA. Àquela hora da manhã, a casa devia estar vazia, visto que o Tonecas devia estar a trabalhar e o Papá no Liceu. Meteu a chave na fechadura, sem qualquer tipo de preocupação. Entrou. Os dois acompanhantes ficaram na sala. Dirigiu-se para o seu quarto. Tudo em ordem. Arrastou o corredor e foi ter ao quarto do cunhado. Ia pegar a maçaneta da porta quando ouviu vozes. Apurando melhor os ouvidos, concluiu que era o marido. O sacana! Mal a mulher vira as costas e lá está ele a

deitar-se com uma vagabunda qualquer. Para os surpreender, abriu a porta devagar. O que viu gelou-lhe o sangue, não obstante o calor que fazia. Sentiu-se a sufocar, como quem estivesse na iminência de perder os sentidos. Respirando com dificuldade, encostou-se à parede, procurando o reequilíbrio. Chamou Alcides e o primo, pedindo-lhes que não fizessem barulho. Entreabriu a porta. Não quiseram acreditar mas a realidade era clara, nua e crua. Tonecas estava a fazer sexo com um homem – era paneleiro. Escancararam a porta. O homem, o garanhão que detestava os gays, que dava porradas nos homossexuais, que os matava, se necessário fosse, afinal de contas, também era gay. Ninguém falou. Apenas Tonecas se desfazia em lágrimas. O seu parceiro, embaraçado, pegou nas suas coisas e buscou a saída.

Então, e só então, Zinha dirigiu-se ao marido.

– Todos nós temos o direito de escolha. Todos temos a liberdade de escolha. Há coisas que escolhemos bem, há outras que escolhemos mal. Porém, há coisas que não escolhemos; somos escolhidos para servirmos de exemplos. Por isso, não temos o direito de julgar os outros, pela escolha que não fizeram. Cada um tem o direito de seguir a via que escolheu e a via que o escolheu a ele. É a liberdade de escolha que a todos e a cada um de nós assiste. Cada um deve ter a liberdade de se assumir como é, com tudo de positivo e de negativo que isso tem. Tu assumiste o teu caminho. Porque impedes os outros de seguirem o seu caminho? – Saíram e foram para a sala. Zinha estava à procura de documentos. De repente, ecoou um tiro. Correram todos para o quarto do Papá, que era onde soara o estampido. Encontraram Tonecas caído no chão, ao pé da cama. O sangue brotava-lhe da cabeça. Acabara de fazer a sua última escolha.

A PRETA QUE VIROU BRANCA

Fanta Nadir nasceu nos confins de Leste, junto à fronteira, numa aldeia pequenote embora não muito pobre. Fanta cresceu na maior normalidade possível, sem grandes luxos. Era uma menina igual às outras meninas do sítio. Mas Fanta possuía duas coisas que chamavam a atenção dos restantes aldeões: adorava ranho, mas um ranho viscoso, verde, e que ela lambia a toda hora. Este facto fez com que ganhasse o título de Fanta Ranhosa e acompanhou-a até aos treze anos de idade, quando foi para o fanado. Outro aspecto que lhe era muito peculiar, quando fez os oito anos, as duas mamas da cadeira começaram a crescer que foi uma coisa de loucos. De tal forma que ganhou o cognome de Fanta Cadeira ou Cadeiruda, pelos dois grandes fardos que ela carregava com desenvoltura. As cadeironas, ela carregou para o resto da vida. Na sua aldeia e nas aldeias próximas, Fanta era conhecida por Fanta Cadeira. Mas as cadeiras da Fanta despertavam interesse dos rapazinhos e adultos, que sonhavam com ela acordados, que fantasiavam com ela. Muitas vezes, ela era a razão de brigas entre casais felizes, por causa de homens que caíam nas teias armadas pelas bundas da Fanta.

Ela tinha um outro atributo, mas esse desconhecido pela maioria – tinha um grande grelo ou semente, que parecia o aparelho de um rapazinho. Nha Kinta, quando descobriu a enorme semente da

Fanta, disse que ela haveria de meter todos os homens no bolso. E, na altura do fanado, tratou de maximizar o grelo da Fanta, a quem deu instruções para manipular a semente. Manipulação que tirava acordes de prazer à Fanta e fazia com que viciasse, não passando um dia sem tocar na sua bendita semente, que, com a manipulação, crescia a olho nu. De tal forma que, quando Fanta começou a jogar o jogo do prazer com os rapazes e homens que procuravam por ela por causa da bunda, Fanta manipulava a sua semente, quatro vezes ao dia, o que a fazia aumentar. Então, punha-a de sentinela no seu buraco, que, qualquer homem que a procurasse, em primeiro lugar, tocava a semente, o que lhe dava o maior prazer do Mundo e punha-a doida varrida, que os homens diziam que ela era uma insaciável, uma histórica de primeira classe. Ela punha os homens literalmente doidos, como aconteceu com um primo que ela recebeu na cama da floresta. Ele queria casar-se com Fanta, mas perante a recusa da mulher, ele apanhou tal desgosto que entrou em processo de loucura, descompensado. O que o compensou foi a promessa da Fanta em lhe dar uma boa parte do dia do fanado, que se aproximava.

Depois do fanado, Fanta virou mulher para todos os efeitos. Um bacó, filho do maior pastor da sua ladeia, enamorou-se de Fanta, tendo-a proposto um casamento, mas Fanta só aceitou casar-se pelas enormes quantidades de cabeças de gado do proprietário. O único herdeiro era o pretendente ao casamento. Pelo que aceitou o pedido de casamento, apesar de haver umas minhocas na cabeça dela. O homem parecia uma fêmea, uma mulherzinha... Mas Fanta casou-se e houve festa grande e rija, onde carne não faltou.

Só que o tempo passava e Fanta engravidar nem no papel. Porque o marido não tinha colhões para ter filhos. Fanta, entretanto, tonava-se cada vez mais boazona, as mamas de cadeira eram já dois informes fardos, que davam a Fanta o estatuto de mulher casada e invejada por todos. Mas ela fazia uma coisa que nem o marido desconfiava – tocava

a sua punheta quatro e, às vezes, cinco vezes ao dia, o que a satisfazia bastante. Mas, um dia, entrou-lhe em casa um primo do marido, atrevidore e atirado às mulheres, que Fanta virou doida quando viu o pau de lume do marmanjo, um caralho de se lhe tirar o chapéu. E Fanta não teve um minuto de sossego, enquanto não comeu o pau de lume do cunhado. Comeu e gostou de mais, que volta e meia pedia mais um bocadinho. Já estava rendido à masculinidade do cunhado, que, conversador de mais, a engatou para a cidade grande, a capital, com promessas de uma vida muito melhor e ela seguiu viagem para a cidade grande. Mas de uqe forma largou o seu marido. Decorria a festa do fanado na aldeia. O primo e o marido passaram a tarde a beber vinho tinto. Ar'ficarem fuscas. Ao final da tarde, Fanta saiu para um habitual passeio pela floresta. Pensando na vida, nme deu pela passagem do tempo e quando voltou, já era noite cerrada, completamente descontraída, caminhou para a usa casa e abriu a portaa que estava corrida àquela hora da noite. E o uqe viu lá dentro gellou-lhe o sangue nas veias: o primo comia o mario po rtrás, como se fosse um animal qualquer. Nem parou para pensar. Saiu e logo indignada completamente frustrado com o marido, que preferia ser comido por um homem, que nem ela as suas únicas palavras foram estas: pode buscar o seu caminhno, porque nesta casa não moram duas mulheres, seu paneleiro. Eu é que sou mulher! Aliás, eu é que vou sair e deixar-lhe com os seus maridos... E Fanta arrumou a sua trouxa de roupas e outras utilidades, na hora. De manhã, mal o céu se abriu, saiu de casa e foi para a estrada esperar pelo autocarro. Uma hora e meia depois, chegou o autocarro, que entrou na aldeia para apanhar algum passageiro. Quinze minutos depois, Fanta viu o bus parar perto de si e, então, ela despediu-se da aldeia dizendo: "já vou-me embora, regressar, só quando um corvo me comer e vir cagar-me aqui". Entrou e foi sentar-se ao lado do cunhado amante. E adormeceu ao longo do caminho para a cidade grande. Nas imediações da capital, acordou para embasbacar com tudo de belo, que

nunca vira, nem em revistas. E desfrutou de tanta coisa bela e bonita,, quando o autocarro parou na garagem, saíram e apanharam um táxi e foram ter à casa de Monsieur Lassale, no Plateau, entrou em casa e viu um homenzarão, que logo pensou: Mister Barril! E desde então chamou Mr Barril ao Monsieur Lassale, um alto funionário frances de Segurança Nacional. Monsieur Lassale era tão gordo, que Fanta ganhou receio de se deoar com ele, porque tinha a certeza de, dessa vez, cuscús racharia o binde. Mas que nada! Foi comida e gostou. Da forma com foi usada pelo Monsieur. Que fazia convites a homens para irem conhecer a sua grossa e boazona Fanta. Que deixava os homens todos de queixo caído, a babar. Menos de dois meses, um carro levava Fanta aos amigos do Monsieur, e levava consigo um pequeno envelope, com um pó branco, que era droga. Mas Fanta nem sabia que existiam drogas... Mas a pouco e pouco foi soletrando nas entrelinhas das poucas conversas que mantinha com o cozinheiro e o modomo da casa. Aliás, num dia de grande expansão espiritual do cozinheiro, soube que era prostituta e correio de drogas, e, que por isso, era duplamente explorada pelo Monsieur Lassale. E Fanta desde essa altura bolou um plano para se livrar do Mr Barril. O que haveria de conseguir com sucesso. Saiu da casa do Monsieur, instalando-se numa pensão, onde engatav, nos hotéis através de telefones e de amigos. Passou quatro meses nessa brincadeira, estribada no seu esquemado engate. Até cojeer um africano interessante, sempre do fato, com uns óculos Ray Ban, um sorriso planado no rosto bonito, um ar sempre jovial e um andar rezingão, de malandreco. O su nome era Yaya Conté e vivia da noite e, sobretudo, de mulheres. Fanta caiu no gosto de Yaya Conté e, passadas duas semanas, não teve outro remédio senão abrir a carteira, para minuciar Yaya Conté. Que era um chulo profissional, um barra pesada de traficante de drogas. Que arranjou para Fanta a mesmíssima missão que Monsieur Lassale arranjara a ela; prostituir-se e distribuir droga, sem que ela soubesse.

Depois de, noutro dia, ele lhe ter dito que o pó branco valia muito mais do que o corpo dela, Fanta abriu o jogo, que escondera para proteger Yaya Conté: desde sempre soubera que a usava como correio de droga, mas que nem o dinheiro integral pelo seu corpo recebia quanto mais receber alguma participação nos ganhos da venda da droga.

A máscara do sempre jovial e sorridente Yaya caiu por terra. Deu uma terrível sova à sua amante, que ela ficou três dias sem sair de casa, com dores no corpo. Ao quinto dia, sob ameaça de pistola, depois de lhe ter refrescado a memória com dois tabefes, obrigou-a a ir para o hotel ganhar dinheiro. E para determinados clientes ela levava o presentinho da praxe.

Dia sim, dia não, por tudo e por nada, a qualquer pretexto, e sem nenhum protesto, Fanta levava porrada dele e a parte dela no lucro dos negócios foi sendo diminuída até virar uma insignificância. Perante este quadro, só restava à mulher uma saída que significasse fuga para a frente. Sabia donde Yaya tirava os presentes para determinados clientes. E foi-lhe à toca. Surripou tudo. Mudou-se de armas e bagagens para outro bairro e, com amigos em vários hotéis, passou a engatar através do telefone. Ela mesma começou a fornecer da mercadoria roubada.

Mas os tentáculos do crime são longos e poderosos, sobretudo em se tratando do tráfico de droga. Ao tentar arranjar fornecedores, traiu-se.

Naquela tarde recebeu um telefonema: um cliente esperava por ela num bar perto do estádio nacional. Foi e entrou no bar. Estava vazio. Pressentindo perigo, quis sair de lá o mais rapidamente possível. Ao voltar-se, deu de chofre com o seu ex-amante, ex-chulo, Yaya Conte, que, com o seu eterno sorriso e o seu inseparável ray ban, batia na palma da mão com a ponta de uma matraca. Ia haver bronca das grandes.

Sentindo-se encurralada, Fanta libertou-se da mala, vasculhando com os olhos outra saída; a única porta que via devia dar para o interior do bar, pelo que só lhe restava forçar a saída por onde o seu ex-companheiro se encontrava, sempre sorridente. Deitou fora a arma da belicosidade e armou-se da sua feminilidade: sorriso cativante, o ar sensual, vamp, pronta a atacar qualquer tipo de macho.

-Olá, Yaya! Há muito tempo – foi dizendo, quebrando o corpo, descontraindo, como se caminhasse para o leito da luxúria e do prazer. Quando Yaya levantou a matraca, pensando aplicar um violento golpe na mulher, dizendo e fazendo, viu estrelas a explodir na cabeça e encher-lhe os olhos – levou um valente pontapé da Fanta no sítio mais proibido do homem, encolheu-se todo, cheíssimo de dor. Fanta ia a sair, quando lhe foi barrada a corrida por dois latagões. Um deles aplicou-lhe um valente soco no queixo, que ela foi cair por cima do Yaya, ainda interdito. Desmaiou. Foram arrastados, ela e Yaya, para o sofá de canto. Aproveitando um momento em que os dois se atarefaram para trazer Yaya à normalidade, ela saltou do assento e sprintou para a porta. Surpreendidos, quando reagiram, Fanta levava alguma vantagem. Na rua, ela gritou. De modo que, quando os dois saíram do bar, toda a gente olhava para eles – abandonaram a ideia de fazer uso de pistolas. Assim, Fanta escapou-se, metendo-se num carro. Mas de uma coisa ficou convencida: não ia escapar-se facilmente de Yaya. Sobretudo, esse terrível traficante, fulo como estava, na próxima vez, só deveria sorrir depois de saldar a conta com ela. A partir de então, todo o cuidado seria pouco. Apesar das preocupações, um dia, ao sair de um hotel num bairro chique da cidade grande, foi balçada, não tendo morrido porque, a polícia surgiu, providencialmente, na esquina próxima, quando do carro partiram os dois primeiros disparos. Os inquilinos do carro preferiram fugir, já que sabiam que a tinham atingido embora não tivessem certeza se estava viva ou morta. Felizmente para ela, a bala alojou-se numa perna, sem mais consequências.

Sentindo-se em perigo, ela, uma vez mais, mudou de casa e deixou de frequentar os hotéis. Como tinha medo de sair à rua em en-gate, decidiu que o melhor era deixar a cidade grande. Escolheu uma vida a uns bons quilómetros de distância. Inutilmente.

Chovia intensamente. Encontrava-se do outro lado da rua, à espera de um cliente. Pelo vidro, viu um carro parar diante do hotel. Os dois latagões de Yaya Conté desceram e entraram no hotel. Fanta saiu pelas traseiras. Regressou à pensão. Arrumou as suas coisas à pressa e meteu-se no carro rumo à cidade grande. A dada altura, notou que a viatura dos dois estafermos vinha no seu encalço. E tocou a despiatala numa correria louca, como só se vê em filmes policiais. Depois de muitos quilómetros por estradas nacionais, municipais e simples picadas, lá se convenceu de os ter despistado. Procurou então caminhos mais seguros para regressar à cidade-grande, onde sabia, não iria ter sossego, correndo sérios riscos de vida. O melhor era refugiar-se longe, mas muito longe da cidade-grande, fora do alcance daqueles traficantes de droga implacáveis e assassinos.

A estrada passava pelo aeroporto. Mal pressentiu que estava nas proximidades, Fanta convenceu-se de que a sua salvação estaria em sair do país. Não interessava qual o destino: Pelo menos, momentaneamente, a melhor saída era ir para o estrangeiro, deixar as poeiras assentarem-se. Assim pensou, assim fez. O quadro das partidas e chegadas disse-lhe que os voos mais próximos eram para Togo, Conakry e Cabo Verde. Cabo Verde? Ouvira falar desse país a clientes e também num restaurante da cidade-grande. Conakry não lhe convinha, Togo era longe. Talvez Cabo Verde. E arriscou Cabo Verde. Comprou bilhete ao balcão. Em seguida foi ao banco e deixou a sua conta a zero. Despachou as bagagens. Negociou o seu carro com um dos policiais de serviço na Alfândega: vendeu-o por tuta-e-meia. Entretanto, só se sentiu algo segura, depois de se ter instalado no avião da TACV. Poucos minutos depois, a aeronave

rolou na pista e descolou-se. Fanta disse adeus à sua terra. Partia para novas aventuras, numa terra estranha.

Ao contrário da maioria dos estrangeiros que demandam estas ilhas, Fanta não se espantou com a paisagem vermelha da ilha. Estava habituada à geografia erosiva e desértica do seu país.

O único problema que esperava vir encontrar em Cabo Verde era o da língua, que lhe parecia complicada. Essa questão deixava-a um pouco aterrorizada, uma vez que não sabia se encontraria pessoas com quem pudesse entender-se em francês. A barreira linguística era, de facto, um sério problema que tinha à sua frente. E começou a enfrentá-lo no próprio aeroporto Francisco Mendes, da capital.

Entretanto, ficou felicíssima quando soube, na pensão onde se instalou, que havia muitos compatriotas seus nesta cidade e que muitas pessoas falavam francês. Um grande alívio. Mas que foi sol de pouca dura, uma vez que, nas imediações do mercado, para onde fora levada por uma das empregadas da pensão, teve outro pesadelo: o dinheiro do seu país tinha uma cotação bastante baixa, pelo que iria perder muita massa ao fazer o câmbio. Por isso, não trocou mais do que o suficiente para fazer face às despesas mais imediatas e inadiáveis. Como nos bancos iria perder quase a mesma coisa, então pensou “porque é que não troco eu, directamente? O lucro que eles teriam fica para mim”. Sorriu e bateu palmas pela ideia.

Dois dias depois, secundada por um pequeno angariador, munida de uma tabela que, habilmente, tirou dos cambistas da rua 5 de Julho, começou a trocar o dinheiro que trouxe, por moeda cabo-verdiana.

Instruída por patrícios seus que conheciam bem a cidade da Praia, abriu um restaurante típico no mercado de Sucupira e, ao mesmo tempo, alugou uma barraca nesse mesmo mercado, para venda de roupas, sapatos e outras mercadorias.

No início, teve algumas dificuldades, sobretudo porque tinha de adquirir mercadorias nos outros vendedores, já que não podia deslocar-se ao continente para as adquirir a um preço melhor. Mas, no que respeitava ao restante, ultrapassada que foi a natural restrição inicial do mercado – muitos cabo-verdianos não estavam habituados à cozinha do continente –, mais rapidamente do que pensava, começou a atrair clientela, que deixava a certeza de que aumentaria muito e em muito pouco tempo.

Fanta, que mudara para uma humilde e acanhada casa em Calabaceira, tomava conta da barraca e o espaço de comes e bebes entregou-o à empregada da pensão, que, afinal, para além de uma ótima cozinheira da gastronomia local, era uma pessoa muito séria e confiável – a opção de fechar o negócio do vestuário a partir das 11 horas até às 14 e 30, era perniciososa, assim como era, também, manifestamente, prejudicial ter o restaurante a funcionar apenas para o almoço. Com a decisão de dividir tarefas com Mimi – assim se chamava a cabo-verdiana –, as coisas, mais do que ficarem facilitadas para si, proporcionaram maiores volumes de facturação, quer para o restaurante, quer para a barraca. Os pratos da sua terra fazia-os em casa, a princípio, mas, depois, Mimi aprendeu e passou, ela própria, a confeccioná-los.

Para além desse facto, os caminhos da Fanta abriram-se ainda mais, quando confiou nos préstimos de Tuta, um vendedor cabo-verdiano que ia à costa africana fazer compras. Obviamente, da primeira vez, só lhe deu um punhado de contos, não tinha grande confiança, apesar das informações que lhe davam como rapaz sério, direito e honesto – gato escaldado tem medo de água fria. Mas, paulatinamente, a confiança foi crescendo, crescendo, a ponto de depositar milhares de contos nas mãos do Tuta, sem que este, algum dia, lhe faltasse nas contas. Grande homem! Aliás, foi assim que passou a chamar Tuta: Grande Homem. Que, por sua vez, muito raras vezes pronunciava o

seu nome. De resto, como todos os colegas cabo-verdianos e a freguesia também, chamava-a de Amiga. Mas alguns apelidavam-na de Mandjaca, nome que lhe dava outra dimensão.

A propósito: no início, ficava escarpelizada de tanto puxar pelos cabelos, quando a chamavam de Mandjaca. "Sou mais branca, você é mais negra, negra é você, Mandjaca é a tua mamá, não vês a minha pele? Sua negra de merda, filho da mãe"... Depois, a pouco e pouco, começou a perceber a filosofia: não a chamavam aquele nome, por puro racismo, como chegara a pensar; chamavam-na de Mandjaca, como poderiam chamar de Joana, Popó, Titina, Bardolega ou Fernanda. Se Mandjaco fosse sinónimo de negro, preto, por que motivo a chamavam também de Mandjaca, se tinha pele clara? Para eles, Mandjaco significava pessoa originária do continente africano. E nada mais. Sim. Embora, algumas vezes, certas pessoas utilizassem o termo em tom pejorativo, em tom insultuoso. Mas o facto é que essa coisa de Mandjaco buliu muito com o eu da Amiga, que passou a reflectir muito sobre a sua identidade cultural, essencialmente, sobre a sua condição, sobre ser negra e ser branca. Principalmente quando, por intermédio de Grande Homem, passou a conhecer melhor a alma cabo-verdiana, o povo cabo-verdiano, que era um povo que não tinha muito em linha de conta a cor da pele, talvez pela condição de povo crioulo, de povo misturado, de povo miscigenado. Todo o cabo-verdiano é cabo-verdiano, ninguém é mais ou é menos cabo-verdiano, devido à sua cor de pele. Como dizem, branco é dinheiro. É verdade. A cor da pele não tem valor algum, mas a cor do dinheiro é demasiadamente valorizada. Sem etnias, portanto, não padecendo as consequências do tribalismo, o cabo-verdiano, neste particular, é muito unido – Cabo Verde é, realmente, uma nação – um só povo, uma só nação.

O orgulho de ser cabo-verdiano, porém, nem sempre se traduz em orgulho de ser africano. Amiga via uma aparente contradição nis-

so. Independentemente da cor da sua pele – mais clara, menos clara, mais escura, menos escura –, o cabo-verdiano sentia orgulho do que é, ou seja, de ser cabo-verdiano, mas já não aceitava, de ânimo leve, a sua incontornável condição de africano. Medo de pretos? E os pretos das ilhas? Não era isso. Falta de contactos com o continente africano, em consequência de ligações mais fortes e frequentes com a Europa? Talvez. Será que a escravatura, ou seja, o facto de os escravos serem negros e de a escravidão pesar ainda no inconsciente cabo-verdiano tenha feito com que agora ele, o cabo-verdiano, rejeite o continente negro? É uma hipótese. De todo o modo, se dependesse mais do continente, o cabo-verdiano daria, com certeza, mais valor às coisas que vêm da África. O que faz o cabo-verdiano ter medo da África? Que fantasmas são esses que o afoiam da Mãe-África?

Essa facia do cabo-verdiano, porém, aos olhos da Amiga, não escondia uma outra, a indistincção dos cabo-verdianos por causa da sua cor da pele e que faz com que o cabo-verdiano preto não tenha um complexo de inferioridade, não se sinta inferiorizado perante o branco. Assume, na plenitude, a sua cor.

Isto causava um certo mal-estar a Amiga. Que, nessas ocasiões, sentia a consciência pesada, um remorso profundo. Esses sintomas acentuavam-se à medida que ganhava maior consciência da sua identidade, da sua africanidade, pela via de um maior conhecimento do cabo-verdiano. Até que um dia se sentiu, claramente, culpada. Culpada por se ter permitido mudar de cor, trocar a sua bela pele negra, pela estranha pele branca.

Antes de se casar com aquele a quem chamava Grande Homem, Amiga quis voltar atrás e ficar com a sua pele original. Quis voltar a ser negra. Só que as informações que obteve deixaram-na totalmente pros- trada: o branqueamento da pele – ou a despigmentação, se se quiser –, feito com hidroquinona, é um processo irreversível, é um caminho que não tem volta. Ela chorou horas amargas mas, com o passar do tempo,

o sentimento de culpa esbateu-se, sem, contudo, desaparecer – era um peso que haveria de carregar para o resto da vida, que haveria de levar consigo para a cova, para os sete palmos de terra.

O mal-estar que a questão da cor da sua pele lhe causava impediu, por longo tempo, que ela se desse conta do mal-estar, esse mesmo físico, que a perseguia. Foi depois de se casar e de passar a morar em Achadinha é que começou a sentir umas dorezinhas no corpo, algum desconforto nas axilas, em primeiro lugar. De início, não lhes deu grandes atenções, as suas actividades deixavam-na pouco tempo para se preocupar com balelas, como costumava dizer. Entretanto, com o passar do tempo, as coisas complicaram-se e os sintomas tornaram-se mais agudos. Surgiram pruridos e manchas na pele, em vários sítios do corpo. Mais tarde, começou a ter igualmente dores nas virilhas e começou a sofrer da madre.

As pessoas notaram que não estava bem, em particular quando começou a perder peso, a emagrecer até a magreza se tornar evidente. Entretanto, resistia ao recurso ao médico – preferia os remédios de terra, preferia os conselhos, abundantes, da freguesia e dos vizinhos, preferia os médicos mestres e curandeiros de duvidosa honestidade, preferia tudo menos os cuidados médicos ou hospitalares. Porque? Não sabia explicar.

Amiga começou a secar em pé. A doença que a atormentava e desesperava, sobretudo, o marido, não conseguia derrubá-la na cama; ela permanecia em pé, como o comandante do navio no seu posto do convés a enfrentar o mar revoltoso – firme, sem vacilação de qualquer tipo. Outros, porém, viam nessa reacção apenas uma manifestação de resignação. Por isso, incentivavam-na à luta contra a maldita doença.

Doença perniciososa, má e implacável, a acreditar em alguns zunzuns que chegaram aos ouvidos da Amiga e que reforçaram as suas mais secretas suspeições: sida. Esta palavra que levou um montão de tempo a tentar, sempre em vão, soletrar; nunca quis aceitar essa trágica hipótese, apesar de, inúmeras vezes, ter colocado diante de

si o enorme quadro com todos os homens com quem se deitou sem tomar qualquer tipo de precaução. Aliás, só conheceu camisinha por-que alguns homens – um número absolutamente insignificante, se confrontado com os homens que suportou na cidade-grande do seu país – fizeram questão de a usar, sob ameaça de renúncia ao acto sexual. Por ela, nunca os homens poriam aquele saco feio – se se gosta de dropes, é sem qualquer tipo de embrulho; agora, comer dropes com papel não dava sabura nenhuma. Sentia pavor só de pensar, como uma ténue hipótese, que a doença que a açoitava, de forma impiedosa, fosse a tristemente célebre doença do século. Preferia ignorar essa possibilidade, guardá-la no fundo da gaveta mais afastada da sua memória. Mas contra força não havia resistência. Isto é, não havia como resistir à força bruta da doença, sobretudo sem o acompanhamento e o controlo médicos. Pior, em se tratando da sida. Pelo que a magreza tomou conta de Amiga, de forma inexorável.

Grande Homem, a quem também chegara o eco das conversas de comadres e que diziam que a sua mulher tinha sida, depois do choque inicial, acomodou-se, com uma resignação rebelde, à ideia de conviver com uma mulher portadora de sida e, em consequência, de ele também ser portador do maldadado vírus HIV. Sendo assim, o casal passou a viver conformado com a sua trágica sorte.

Entretanto, por ironia do destino, enquanto Amiga mirrava a olho nu, o negócio engordava e prosperava, traduzindo-se na abertura de um pub em Achadinha, resultante da transformação da casa onde Amiga vivera em solteira, e na compra de um espaço no novo centro comercial de Sucupira, ainda em fase de acabamento da construção. A casa do Pensamento já tinha sido construída havia já algum tempo – é lá que estavam, então, morando.

Uma noite, Amiga sentiu-se muito mal, com dificuldades de respiração. Tinha febre muito alta. Felizmente, serenou já de madrugada, mas na manhã desse dia não pôde erguer-se da cama para encetar

as freguesias do Sucupira e da Achadinha. Aliás, a partir desse dia ninguém mais a viu, quer num, quer noutro, desses sítios, porque os ataques da doença se tornaram mais frequentes, debilitando Amiga sempre cada vez mais amiga. Numa noite, depois de ter vencido mais um momento de aflição, ela chamou pelo Grande Homem e disse-lhe, com o tormento estampado no rosto cadavérico:

– Eu sou negra! Sou, sou mesmo mandjaca. A minha pele não é assim, branca; ela é, ela é preta, preta como a dos pretos da Guiné...

Como única resposta teve uma forte pressão da mão do atónito Grande Homem, que estava, nas suas.

– É verdade, Grande Homem! É lamentavelmente verdade. Eu lavei a minha pele negra, tornando-a branca.

Grande Homem, preocupadíssimo, debruçou-se sobre o corpo da Amiga e tentou serená-la, dizendo com toda a ternura: Fátima...

– Eu não sou Fátima – respondeu com evidente fastio – o meu nome é Fanta Nadir, Fanta Nadir, Fanta N'adir, e sou negra, negra... E caiu num convulsivo e histérico choro.

Mais espantado de que se tivesse visto o Diabo à sua frente, Grande Homem disse, de si para si, que "Amiga estava com finado, estava com finado. Pois é, dizer que é preta, quando é certo ela ser branca, dizer que se chama Fanta um não sei quê, quando o nome dela é Fátima, só pode ser coisa de finado, o finado é essa tal de Fanta não sei quê".

Grande Homem deu um calmanete para ela e mandou chamar um conhecido mestre em Tira-Chapéu, que era bom em tirar finados, era mesmo bom em exorcização. Claro, o homem ganhou o seu dinheiro e foi-se embora, deixando Amiga tal qual a encontrara.

Tornando-se ela tão obsessiva nessa ideia de que não era branca e se chamava Fanta Nadir, Grande Homem convenceu-se de que, afinal, a sua mulher podia não ter sida; alguma invejosa, ou algum invejoso, é que lhe teria feito corda em algum dos países aqui da costa africana. E agarrou essa possibilidade com ambas as mãos –

era como se fosse uma tábua de salvação. Com essa hipótese guardada no fundo do coração, reforçada pelo facto de que, anímica e fisicamente, se sentia bem, Grande Homem meteu na cabeça que a cura da sua mulher se encontrava algures no mato de algum dos países vizinhos.

Quando soprou a sua ideia para Amiga, esta, tomada subitamente por uma grande saudade da sua terra natal, disse que só concordaria em viajar se fosse para a sua Pátria amada. Como Grande Homem o que queria era levá-la a um djambacós e tirar-lhe essa doença do corpo e que, também, queria tomar conta da cabeça dela, só podia concordar.

E foi assim que uma frágil e esquelética Amiga, porém espiritualmente forte, chegou ao aeroporto onde tinha embarcado para estas ilhas, seis anos atrás.

Teve logo um problema: o hotel, onde pretendia hospedar-se, negou-lhe essa pretensão quando viu o seu estado cadavérico: que desculpasse mas tinham ordens expressas e definitivas para não registarem ninguém com sida. De nada valeu a barafusta, a má-criação de Grande Homem. E foi assim no dia seguinte, e no seguinte, e no seguinte. Por isso, contentaram-se quando tiveram de pagar, mas pagando o triplo do que habitualmente se pagava, numa sórdida pensão sem estrela nem brilho nenhum, situada na periferia da cidade. Grande Homem desejou encontrar, rapidamente, informações que o conduzissem ao marabu certo.

Identificado o homem e a localidade onde morava, Grande Homem chamou um táxi pela manhã cedo, que era para chegarem lá ainda de dia. Prometeram ao taxista um bónus chorudo, pois não queria ter nenhum percalço.

Saíram da cidade-grande ainda não totalmente desperta, e rumaram para o leste do país. O movimento no sentido contrário era bastante, mas pouca gente estava a sair da cidade àquela hora.

O casal, cada qual para seu lado, apreciava a calma paisagem campestre. O condutor deixava a máquina rolar no asfalto, sem a forçar muito. A viagem decorria com todo o sossego.

De repente, ao aproximar-se de uma curva, o taxista gritou "ó merda!" e fez girar o volante para a direita, com gestos vigorosos. Amiga e Grande Homem só tiveram tempo para olhar em direcção ao motorista. Quando Amiga recuperou os sentidos, deu consigo deitada em cima de uma marquise. As batas brancas e a cor branca das paredes disseram-lhe que se encontrava numa unidade hospitalar. O médico aproximou-se dela, sorridente, ao verificar que tinha recuperado os sentidos. Tiveram muita sorte, ela e o marido. Felizmente, o condutor foi expedito, porque se não, os danos seriam, certamente, bem maiores; um braço partido, o dela, e umas escoriações na cara e um grande galo na cabeça do marido, não foram mossas grandes, tendo em conta que o camião ia desgovernado; se tivesse apanhado o táxi em que seguiam, as consequências para os ocupantes do ligeiro seriam bem piores. Entretanto, teriam de continuar em observação.

"- De que doença sofre a madame?"

A pergunta apanhou-a de surpresa. Franzindo o sobrolho, Amiga olhou para a cara do jovem médico, sem responder. O doutor sabia que ela estava doente, pois isso era visível a quilómetros de distância. Só que no estado em que ela estava, julgou ele, tinha de saber de que doença padecia; ninguém acreditaria que não tivesse sido diagnosticada qualquer doença. Por isso, ficou espantado quando Amiga, após alguma insistência, respondeu com um seco "não sei, não sei". Deixou que descansasse.

Mas, mais tarde, o sol já tinha dobrado o zénite, voltou. A enfermeira extraiu sangue para análise. Depois levaria urina e fezes. No dia seguinte, teria de ir ao raio-x.

Grande Homem chegou cedo. Tivera alta, momentos antes. Acompanhou a mulher ao raio-x. No regresso, foi chamado pelo mé-

dico. Afinal, a conversa da véspera era completamente infundada: a mulher não tinha sida. A despidagem tinha sido negativa. Que alívio! Que alívio! Tinha a certeza que Amiga não tinha a doença má. Só podia ser trabalho de marabu. Só que o médico, esfriando-lhe os ânimos, disse que não sabia, que, antes de determinar o diagnóstico correcto, seriam necessários vários exames. Por essa razão, ela deveria permanecer ainda internada. Mas Fanta não falou da pela negra que virou branca, continuou internada, até o médico lhe diagnosticar uma febre de lobo, como doença que a estava dando cabo dela.

O TRAVESTI

Manu levantou-se tarde naquele domingo de Novembro. Não que estivesse cansado da laboração semanal mas, fundamentalmente, porque sábado à noite, nesta cidade da Praia, significava paródia, rambóia e litros de cerveja, uísques, branquinha, música, baile, mulheres e mulheres, pixinguinhas ou não. Enfim, sábado é para comer água sem manha, ouvir música e dançar, se pintar uma garina, subir no cutelo. De modo que Manu, fazendo o que uma boa parte dos capitalinos fazem, passou a tarde inteira e boa parte da noite, na paródia, saltando do grego para o cleps, de tutinha para vinho ganita, abafando aqui e ali, até ficar mareado, mouco mesmo. Para dizer a verdade, chegou à casa com a boca-no-chão, isto é, completamente embriagado. Quando acordou, ia já a manhã alta, tinha a boca fede, da mistura do álcool com os restos de muitos baços, para além do inconfundível gosto a fel – a boca tinha o temível gosto da fossa.

Depois do banho, desceu a encosta de Eugénio Lima, onde morava, em busca de qualquer coisa com caldo, porque outra coisa não passava pela garganta, se passasse, era possível que fosse rejeitado pelo estômago. Por ser domingo, não encontrou nada por trás do mercado de Achadinha, por isso, tomou o caminho de Ponta de Tâmbra, onde sabia que conseguiria encontrar o que queria. Efectivamente, a casa do Zé estava cheia de homens e mulheres ressacados e de estômago

a precisar de algo líquido forte, que desse sustento. Manu, para além do caldo, como era óbvio, só consumiu a bandoba – agora chamada, pomposamente, de dobrada, deserdando a espécie marinha – porque tinha sustento, demorava a desfazer-se no estômago, o que queria dizer que poderia dispensar bafa por algum tempo.

la na primeira cerveja depois da sarrabulha, quando Jojó, um seu amigo, entrou. Beberam umas cervejinhas e, como o dinheiro desanuviava nos bolsos, resolveram ganhar Achadinha, novamente. Como em casa da irmã do Jojó era possível encontrar alguma coisa forte para combater a pobreza daquele domingo, derivaram para os lados da Firma Belmiro Veiga, onde, numa casa sobranceira à avenida Cidade de Lisboa, morava a tal mana do amigo.

Não encontraram nenhuma bebida forte. Como na falta de peixe, come-se caranguejo, não fizeram cerimónia e atacaram a garrafa do Don Simon, meio gelada que a mãe do amigo servia, na varanda da casa – nem chegaram a entrar na sala da casa, porque a sombra daquele espaço aberto, debruçado sobre Fazenda, era um irrecusável convite. Depois de esgotada a segunda garrafa, com a ajuda do Manu e mais alguns trocados da irmã, Jojó mandou buscar mais dois bacos de produto doméstico. E foi então que surgiu o mistério.

Um indivíduo alto – mais de um metro e oitenta –, magro, de peito chato, onde estavam duas coisas que não se sabia se tinham um definitivo e eterno greve de crescimento ou se, antes, fazia de algo que cresceu de forma aberrante ou contranatura, de todo o modo abolutamente indefinido. Essa coisa não tinha a cintura muito apertada, e as pernas longas, se não eram as roliças pernas de Djudja, também não eram as de Eusébio. Bem, os traseiros que os calções apertados salientavam nem tinham a flacidez das cadeiras das pinguinhas nem a dureza do rabo dos homens. Até o rosto era uma incógnita: não tinha os traços característicos da face masculina nem as delicadezas femininas – era o rosto feio dos atletas de resistência. Enfim, aquilo

que, diante dos dois amigos, esperava pelo dinheiro do vinho, muito dificilmente podia ser enquadrado em qualquer dos sexos. Não que fosse assexuado, que isso também não dava para verificar, positiva ou negativamente. Era difícil dizer que aquela coisa era macho ou fêmea, se era homem ou mulher. Podia partir, perante tão rotunda dúvida, para um arriscado macho-fêmea, mas os gestos adamados e o penteado inequivocamente feminino, por um lado, e o corpo, sobretudo, as canelas compridas, só equivocadamente femininas, sustinham uma decisão em qualquer sentido.

Nem macho, nem fêmea, nem macho-fêmea, nem fêmea-macho, então, o que era? O que era aquela criatura? Perguntava Jojó, naturalmente, sem achar uma resposta imediata. Mas alguma coisa havia de ser.

– Porra! É homem ou mulher? – Perguntaram ao mesmo tempo, quando a coisa saiu, bamboaleando, com a pouca graça dos debutantes ou das desajeitadas, adensando, assim, as dúvidas sobre o sexo daquele anjo.

Porque o Homem tem essa capacidade de acreditar no que quiser, mesmo quando as evidências são gritantes – não era o caso –, Manu e Jojó, na discussão que se seguiu à inevitável pergunta, defendiam teses distintas: Manu defendia que era mulher e Jojó, se calhar mais avisado, menos entusiasmado, dizia que era homem. A fim de se acalmar com a porfia, foi chamada a irmã: “disseram-me que é mulher, na maleta tem objectos só de mulheres. Mas não tenho a certeza”. A mãe do Jojó também comungava do mesmo sentimento: “parecia homem, apesar de dizer e se comportar como mulher”. Quer dizer, não esclareceram nada de nada, visto que, também, não acrescentava grande coisa, a pretensão do indivíduo em continuar nesta cidade da Praia, trabalhando como doméstica, se fosse preciso. Por isso, a discussão morreu nesse pé, com Manu crente de que aquela coisa era mulher e Jojó certo de que era homem.

Homem ou mulher, mais cedo ou mais tarde, todas as dúvidas haveriam de se dissipar. Quando a criatura de sexo ambíguo regressou com os frascos, Manu, que já estava um pouco fuso, partiu para cima dela, para quebrar. Primeiro com perguntas de identificação:

— oh! É de São Vicente? Adoro as mulheres de São Vicente. São simpáticas, são bonitas... Lindas?! Um movimento de pessoas direitas, honradas e respeitáveis — e, depois, o cantar de galo.

De início, Jojó pensou que era a fórmula para descobrir o verdadeiro sexo do indivíduo, mas, quando ouviu o Manu perguntar “tens algum programa para hoje?” e avançar, rápido demais para “queres sair comigo, jantar?”, isso, jantar, ficou literalmente bloqueado, perplexo com a desfaçatez do colega. Sentiu um grande alívio, porém, quando ouviu a voz rouca da criatura dizer “agora não dá, já é tarde para me arranjar.” Só que o Manu, naquela tarde do domingo, estava nas nuvens, estuporado, e avançou “então, vamos comer moreia lá em Ponta Belém” e o rosto de desdém da Landa, devia encerrar aquela, então, fastidiosa conversa, mas Manu estava simplesmente imparável, pois, sugeriu Tropicana. Como se o tecto de betão desabasse apenas sobre a sua cabeça, Jojó ouviu um “cresce!”, quando ouviu “yes! Vem pintar a manta, vou dar um grande espectáculo nessa boate”.

Aquilo entrou e Manu, voltando ao seu Baco, como se tivesse conquisado a Meryl Streep, com a boca escancarada, de orelha a orelha, não ligando nenhuma à perplexidade do amigo, disse “já caí! Já está no papo!” Convencido, foi impossível de o demover da sua louca decisão de levar aquela coisa esquisita para uma boate. Nem “com que dinheiro vais?” conseguiu fazê-lo recuar um centímetro. Um lacónico “não precisas saber”, deu o assunto por encerrado.

Despediu-se, a noite já se aproximava, apressada. Ia dar um expide para poder sustentar a viagem a Tropicana, na ASA. Só Jojó ficou, ainda, um tempo na casa da irmã, queria certificar-se se a criatura iria mesmo sair com Manu, que, para ele, bebeu o diabo no vinho, pois, onde já se

viu por estas bandas homem com colhões atracar-se a um homem e sair por aí a exibí-lo como se fosse Madona ou outra raridade feminina. Só podia estar ou louco ou manco, mas sei, pouco mesmo.

Mas Linda não iria porque Bibia não deixaria, ficaria fula se, regressando da Assomada, aonde tinha levado um garrafão do grogo de Santo Antão, tivesse a notícia de que Linda tinha ido a uma boate com um homem; ela não suportava mulheres ka-séria. Para além de que não arriscaria entrar numa boate, porque a malta da Praia não estava ainda preparada. Bastava ver como se comportavam na rua diante dela. Botavam piadas, insultavam, agrediam, apalpavam — um até tentou agarrar o seu padiante —, enfim, não tinham o comportamento de gente comportada, como as pessoas de São Vicente, que passavam por ele com toda a naturalidade, como se tivessem convivido com essa situação dias-há, desde sempre. “Em São Vicente, as pessoas não ligavam nenhuma, cada qual fazia a vida que quisesse, ninguém se preocupava — cada um era livre para gozar e levar a sua vida da forma que entendesse. Na Praia, não. Mal uma pessoa põe os pés fora de casa, aparece um estafermo qualquer a infernizar-nos, como se a gente fosse cachorro, como se não fôssemos gente e com direitos. Somos pessoas humanas e temos os nossos direitos humanos, como todo o mundo. A Constituição é que manda e todos deviam respeitar aquilo que a Constituição diz. Todos iguais, todos diferentes. Cada um é o que é. É a força da vontade divina, porque tudo o que se move sobre a face da Terra, move-se pela exclusiva vontade de Deus. Não tolerar-nos é não tolerar a vontade de Deus.”

Jojó ouvia Linda em silêncio, parado quase. Só de vez em quando erguia o copo que levava à boca. Estavam os dois sozinhos na varanda, no escuro. Todas as dúvidas que tinha acerca do sexo da Linda tinham-se dissipado com aquele monólogo; ela era, efectivamente, um travesti. Sim, porque, sem intenções de magoar ou insultar, perguntou “você é panelheiro?” e ela ficou mais furiosa que a cadela parida e se não foi mais longe, isso se deveu ao facto de ter lido sinceridade

nas palavras de Jojó, que, entretanto, pedira desculpa pela eventual ofensa. E foi então que explicou que “panelheiro é o indivíduo da classe mais baixa do homo, porque não assume a sua condição. Não se identificando com a sua natureza de homo, vive a sua sexualidade na clandestinidade, no subterrâneo, no “underground”. Gay também não era. Porque um gay está num patamar intermédio, acima do panelheiro. Assume a sua condição de homo, sim, senhor, mas não atinge a plenitude. Aqui, em Cabo Verde, porém, ele não se assume como gay, pelas razões atrás referidas. Você está a ver uma mulher a aceitar, com naturalidade, que o marido vá para a cama com outro homem? Pois, um amigo meu esteve em San Francisco, na América, que é o paraíso dos gays na Terra, é a Gayland dos homos, e disse que assistiu a um Gay Day. Todas as casas e até grandes edifícios de escritórios tinham a bandeira arco-íris, símbolo da liberdade gay. Eram gays solteiros, eram gays com namoradas, eram gays com mulher e filhos, eram gays com gays... Pelo que viu, disse, deviam estar lá todos os gays do mundo. Mas que nada! Quase metade da população de San Francisco – milhões – era gay. Fizeram uma grande manifestação, de carro, de moto, a pé, muitos completamente nus. E não penses que só lá estavam homens. As mulheres, as lésbicas, as que batem o prato, também lá estavam. Fizeram essa manifestação, todos com a sua bandeira arco-íris, e os outros, os chamados normais, acharam isso normal e não houve nenhum incidente.”

“Isto é só para veres. O gay assume a sua condição de homo, mas também não de forma integral, porque a sua apresentação formal é do sexo masculino. É homo ainda envergonhado. Eu não sou nem gay e muito menos panelheiro. Sou um homo total – inteirinho. Não me envergonho da minha condição de homo, da mesma forma que não rejeito a minha sexualidade. Eu sou travesti, porque quero assumir, em absoluto, sem qualquer tipo de subterfúgio ou artefacto, a minha feminilidade. É que eu não sou a terceira via, a via de nem homem

nem mulher: sou mulher, mas uma mulher como qualquer outra. Sim porque foi um mero acidente genético, um erro da cibernética que fez com que o meu sexo fosse masculino em vez de feminino, como é, aliás, todo o resto em mim. Psicologicamente, mentalmente, emocionalmente e, tirando o sexo, fisicamente, sinto e sou mulher.

“Poxa! Ele leu tudo sobre o homossexualismo” – pensou Jojó. Aprendi agora o que nunca aprendera em toda a minha vida. Jojó bebera, com prazer, o que escorria da boca da Linda. Sempre em silêncio. Só o gesto de levantar o copo para molhar a garganta poderia, eventualmente, trair a religiosidade que punha na escuta do relato da Linda. Porém, lançou uma pergunta no ar, como não se querendo dirigir-se a ninguém em concreto: “se o travesti é mulher, ele tem a coisa?”

“Você não está querendo saber demais? Olha aqui, Jojó! Um travesti nunca tem o sexo do macho. A não ser que seja um travesti falso. Se for verdadeiro ou tem os sexos ou não tem mesmo o pau que você tem. Eu sou mulher e assunto encerrado”.

Bateu meia volta e, alçada naquele andar ambíguo, de macho e fêmea ou de nem macho nem fêmea, foi-se embora.

Manu, com dinheiro no bolso, esperou, à hora marcada, em frente da carpintaria dos italianos, local marcado para se encontrarem. Esperou e nada. Ficou na dúvida, se devia ir para a Fronteira ou se ia para ASA. É que ela podia ter antecipado e ido mais cedo para a boate. Lá se decidiu, apesar de o seu coração pender para Fronteira. Meteu-se num táxi e rumou à Tropicana. Apanhou um vazio. A espera inútil angustiou-o e, por esta razão, bebeu sem parar. De quando em vez, ia até à porta ver se a Linda não tinha chegado. Saiu manco da boate, cangado numa puta de Tira Chapéu. Não se lembra de ter dado um pau, mas o facto é que, no dia seguinte, não fossem uns trocados, teria caminhado de Tira Chapéu até à Achadinha; às notas foi dado sumiço pelos dedos ágeis da pixinguinha.

Quando se preparava para sair, estavam crianças diante da RTC-TV a ver desenhos animados, mas ainda não se tinha escurecido de todo. Era impossível esclarecer a situação com Linda, saber porque havia faltado ao encontro. Foi, contudo, despedido, sob pretexto de a sua presença desencadear uma grande bronca, visto que Bibia se encontrava em casa. Nessa noite, Manu foi para a cama desassossegado, triste e desconsolado, porque não engoliu a desculpa da Linda. Sonhou, claramente, que se tinha encontrado com ela nas dependências traseiras da sua casa, que era onde levava as suas momentâneas amantes. Abraçaram-se, beijaram-se, fizeram uma grande marmelada mas quando Manu pretendeu passar para as vias de facto, viu-se agarrado a uns grandes colhões, que acordou de pronto. Ainda com a sensação nas mãos, teve de arranjar uma desculpa para sossegar a esposa, que o interrogou sobre a razão de estar semi-erguido na cama a meio da noite. Por volta das dez da manhã, apresentou-se em casa da irmã do Jojó, com a intenção indistinta de ver Linda. Aceitou, sem duvidar uma vírgula, as razões da são-vicentina. Assim como aceitou as condições, e justificações, para se encontrarem apenas a determinadas horas do dia. E assim aconteceu, mas Manu, que não via mais como suster o desejo que sentia por Linda, insistia com ela na questão do sexo, queria experimentar uma menina de São Vicente, pois, dias há, não tinha tido uma. Tanto insistiu que Linda acedeu ao seu implacável assédio. Foram lá para um quarto dos fundos, propício aos interesses da Linda, que sempre dissera que nunca fazia amor, se não fosse no escuro. Foram e Manu satisfez o seu desejo de macho e também matou, com uma só cajadada, a dúvida que o tal sonho ajudou a incorporar – Linda não era homem.

Nas duas semanas seguintes, Manu continuou com o seu encontro secreto com Linda, a quem se afeiçoou; já não era motivado pela novidade, pela curiosidade que o estranho sempre comporta, já não tinha dúvida acerca do sexo da Linda, apesar de Jojó lhe ter dito e redito, em ocasiões diferentes, que ela não era mulher – tratava-se de

um travesti, de alguém que se assumia como fêmea mas não era, pelo menos naquilo que mais a destreinava e distanciava do homem – o sexo. Nem o facto de o amigo se ter disposto a revelar a conversa que teve com a própria Linda, fez Manu mudar de opinião.

Da mesma forma que não mudou, nem um bocadinho, o seu relacionamento com a mocinha, quando, pela boca de um linguarudo do qualquer, a legítima soube que o marido andava vestido com um macho-fêmea. Negou, negou mas não deixou de frequentar a casa da Ponta de Achadinha. Até que, saturada com tantos zunzuns e outras tantas negas do marido, a mulher armou-se em detective, quis descobrir a verdade. Uma verdade que a angustiava e deixava desesperada, porque não poderia haver afronta maior para uma mulher de que ser trocada, não por uma outra mulher, não por um homem. Mesmo que esse homem se pinte de mulher. Foi, portanto, com o coração apertado que a legítima seguiu Manu, que, despreocupadíssimo, com o à vontade de quem sabe que encontraria aquele caminho sempre livre de qualquer escolho, caminhava, resoluta, a assobiar “es kuza é sábi, ku furniga ku tudu gosta.”

Entrou sem suspeitar, um niquinho assim que fosse, que foi seguido. Demorou um largo tempo. Quando saía agarrado à Linda, deu de caras com a mulher. Atarantou-se tanto que empurrou a Linda para a varanda e fechou a porta atrás de si, pensando, desde logo, numa boa desculpa para aquele abraço, então, maldito. Porém, os gritos aflitos e de raiva vindos da varanda, fizeram-no abrir a porta, com toda a precipitação do mundo. Linda apanhava da mulher e a bem apanhar. Sentada, desarticulada no chão, agarrada pelos cabelos, levava sopapo atrás de sopapo. A única coisa que fazia era gritar, gritar e gritar.

Manu teve alguma dificuldade em retirá-la das mãos duras da legítima. “Eu e tu, entendemo-nos em casa. Quando lá chegares, ajustaremos a nossa conta”. E foi-se embora, fervendo ainda de raiva, estumando pela boca, porque o homem com quem vivia, havia dezoito

anos, sem que tivesse havido qualquer história de infidelidade, esse homem que, naturalmente, a seus olhos, sempre a respeitou, resolveu trocá-la por um panelheiro sem vergonha, estanhada e bandida.

Quando Manu subiu à encosta de Eugénio Lima, a noite já estava avançada, tinha o cu tão apertado que nele não cabia um grão de arroz. Temia sua mulher, que estava de paciência perdida – era capaz de tudo e mais alguma coisa. Manu abriu a porta e espantou-se com a plateia e, sobretudo, com as malas arrumadas. Sentiu um crã no coração, que o esvaiu de forças, obrigando-o a sentar-se na primeira cadeira que encontrou. Não tinha forças nem para falar, apenas pensou “ela vai-se embora, vai-se embora.”

Por isso mesmo, o seu espanto foi do tamanho do mundo, quando ouviu a voz trémula, mas clara, ordenando: “pega nas tuas roupas e desanda daqui. Como agora deixaste de gostar de mulheres, vai ficar com o teu homem”.

Sentada como uma matriarca, rodeada dos seus sete filhos, não podia ser contrariada sequer. Manu tentou ganhar tempo mas a mulher foi implacável, desarmando o pretexto da necessidade de procurar coisas muito pessoais. Saiu de casa, sem apelo nem agravo, humilhado por ter sido diante dos seus filhos e, em plena noite, como se fosse um vulgar ladrão.

Valeu-lhe a amizade do Jojó, que também orquestrou, bem, a maneira mais rápida de reconciliar o casal.

Manu convidou a mulher para ir até ao aeroporto, no sábado de manhã, porque teve a informação de que a irmã chegava dos Estados Unidos. Encontraram-se os dois no autocarro, na Fazenda, posto que Manu vinha da ASA, onde morava, provisoriamente, com a irmã. Sentados no bar, viu Linda chegar mais espalhafatosa de que Ciccilina, ia embarcar. “Ela vai para São Vicente, deixámos de ter, eu e ela. De agora em diante vai morar lá e eu não quero nada mais saber de outras mulheres”.

A legítima acreditou. No dia seguinte, Manu mudou de armas e bagagens para a encosta de Eugénio Lima.

Tudo ia sobre rodas. Manu chegava a desoras, quase sempre manco, o que não levantava suspeita nenhuma. Continuava a usar as dependências das traseiras para se entreter com pinguinhas.

Potém, um dia, um telefonema anónimo pôs a mulher novamente em pé de guerra. Que não se precipitasse e fosse tirar conclusões, ela própria, pessoalmente. Recebeu as instruções e aguardou, ansiosa, a sombra da noite.

À hora certa, encontrava-se numa determinada esquina da Achada Grande Frente. O noticiário terminou na televisão e viu aquela cadela sair com um mocho na mão, entrando numa casa vizinha – ia ver a telenovela. Enquanto desenrolava a novela, uma outra história surgiu no ecrã da legítima: Manu chegou metendo a chave, abriu a porta e entrou; a casa era dele.

Mal a novela terminou, a sem-vergonha, correndo como uma cadela com cio, também abriu a porta e entrou. Ainda a mulher ouviu a comborça dizer “ó nice, forte saudades tuas” ...

Embargada, as lágrimas precipitando em abundância, agasalhou-se. Não demorou muito, Manu saiu, desceu para Lém Ferreira, onde começou a sua peregrinação pelos bares, que terminou na Achadinha. Estava explicada a razão por que chegava sempre com gata – era para camuflar a sua ida à casa da Linda.

Passou uma semana a roer-se por dentro, sem falar a ninguém – isso ultrapassava tudo. Mas não se conteve no dia em que Manu lhe disse que tinha perdido o dinheiro – cerca de quinhentos contos – que a irmã tinha mandado para começar uma casa em Eugénio Lima. “Não perdeste nada, deste é àquela puta de São Vicente. Pensas que não sei que ela não está em São Vicente? Está é na Achada Grande, que eu vos vi. Vai buscar o dinheiro, antes que faça uma desgraça. Se não me deres o dinheiro, haverá morte. Morre! E Manu, cheio de

cagaço, contou que, efectivamente, Linda é que tinha o dinheiro mas que não queria devolver. E teve de explicar que ela tinha voltado apenas três dias depois e que o não largou da mão, enquanto não reatasse as relações. Que ele não queria"... Blá, blá, blá...

"Ou dinheiro ou morte." Foram as últimas palavras que ouviu da mulher. E essas palavras martelavam-lhe na cabeça durante todo o tempo que despendeu a tentar convencer Linda a devolver o dinheiro. Tu pensas que ela não é capaz de me matar, se eu não devolver o dinheiro? Perguntou numa tentativa, extrema e derradeira, de reaver os quase quinhentos contos retidos pela Linda. Saiu, entretanto, de mãos vazias. Mas deixou no ar ameaças pesadas. Voltaria, havia de voltar, e se não encontrasse o seu dinheiro em cima da mesa, não responderia por si.

Na verdade, regressou, mal a noite se abatera sobre a cidade. Não só não encontrou o dinheiro, como achou uma Linda excessivamente atrevida e arrogante. Manu podia tirar o seu cavaleiro da chuva, por que não haveria de ver a cor daquele dinheiro nem lhe cheirar o bafio – estava em lugar seguro. Manu, ainda muito conciliador, tentou ir pela via da dissuasão, mas a palmada de desprezo que levou na costa da mão, que procurava o ombro da Linda, irritou-o sobremaneira. Ficou enraivecido, quando viu a sua amante gritar-lhe com inegável desdém: "tu, tira essa porra de cima de mim. Tu nunca mais me toques". "Quem és tu para falares assim comigo? Sua puta!" - Ripostou, tentando agarrar a moça. "Eu sou puta e tu és burro, seu panasco!" "O quê? O quê?" "Panasco sim, burro também, porque eu não sou mulher. Se nunca te permiti que me comesses de dia ou com a luz acesa, foi para que não descobrisse a tramóia".

Manu, cada vez mais perplexo e furo, viu a Linda despir-se e deixar à mostra uma espécie de tanga que trazia debaixo das cuecas. Era essa tanga que escondia e mantinha o seu sexo escondido mesmo entre as pernas. Tendo desamarrado a tanga, a sua condição de ma-

cho tornou-se então evidente. E diante da interrogação silenciosa do Manu, ele foi acrescentando: "tu ias sempre para o único buraco que o homem possui. Como aparecias sempre com gata, não era possível encaminhar-te senão para lá. Comias e gostavas, mas não era o que pensavas. E digo-te mais: eu não sou um travesti verdadeiro. Mas também gosto de mulheres. Ganho dinheiro com os homens burros como tu, que, armados em machos, mal distinguem uma mulher de um homem. Comem gato por lebre e pagam o preço de coelho. Me dá gozo e ganho dinheiro. Neste caso, tens razão – sou como uma puta. Por outro lado, engano quase todos os homens. Como o marido da minha amiga, a da casa da irmã do Jojó. Aliás, enganei também o próprio cunhado dele: Como passo por mulher, eles nunca desconfiam que eu, afinal, passo as pernas nas suas mulheres. O travesti é um disfarce que me permite estar com as mulheres, sem que os maridos desconfiem. Tu escapaste porque nunca quiseste que eu fosse à tua casa trabalhar como tua empregada. Tiveste sorte porque, aí, sim, aí é que era bom: tu fazias-me de mulher e eu comia a tua mulher."

Havia um bom bocado que Manu tinha um olho na Linda e outro numa pequena mesa a um canto, à medida que ela ia desbobinando. Então encontrava-se ao pé da mesinha. Linda continuava. Eu não me chamo Linda mas sim Lindo, de Arlindo. Em São Vicente, fartei-me de cornear homens armados em macho. Alguns até foram eles que me chamaram para casa deles para trabalhar como empregada porque as empregadas, como mulheres que são, não denunciavam as patroas. Enganei muitos homens que me procuravam como mulher, mas nunca passava das primeiras três vezes. Mas tu és um grande tobabo, um totó, um banana dos grandes, um palerma que não sabe distinguir entre o buraco de um homem e o buraco de uma mulher".

E dava grandes rizadas de chacota.

"Um burro de tamanho calibre acha que eu lhe devolvia dinheiro que ganhei com tanto suor... Nem morto, naisse".

Mal fechou a boca, recebeu o primeiro golpe. Depois choveram mais sete, que deixaram Linda numa poça de sangue, os olhos esbugalhados a olharem para nada. Não mais se faria de mulher, não mais enganaria maridos bem intencionados, não mais ultrajaria homens encantados, não mais trairia os travesti verdadeiros, os gays e os pa-neleiros de todo mundo.

Naturalmente que Manu pagou pelo que fez. Porque ninguém pode matar um ser humano e ficar impune. Apesar da sua esquisitez, apesar da sua condição e dos seus actos abomináveis e condenáveis, Linda – ou Lindo! – Não deixava de ser um ser humano, um ser humano com iguais direitos. Diferente mas igual aos outros.

PONTO FINAL

Jô-Ana sempre foi uma óptima aluna. Desde que entrou para a escola primária, aos seis anos, ela nunca repetiu um ano. Pelo contrário, passava de ano sempre com boas notas. Com tão boas notas que, logo no primeiro ano do Liceu, no segundo período, foi destacada no quadro de honra e por lá andou até ao sexto ano. Então, no quinto ano, arrebentou com a pauta, de tal forma que, no segundo período, já estava dispensada dos exames.

Quando entrou para o sexto ano, o primeiro período correu-lhe de feição, com altas classificações, figurando o seu nome, uma vez mais, no quadro de honra do Liceu Domingos Ramos, onde estudou o Secundário.

O desempenho da Jô-Ana, o empenho, que era grande, e a seriedade com que encarava a sua única tarefa, que era estudar, eram de molde a despreocupar a família, que se resumia à mãe, uma senhora que fazia bolos para colocar em bares e minimercados, e à avó, uma ex-emigrante em Portugal, ciosa e orgulhosa das aventuras por terras de Lisboa de Portugal. A família, a única preocupação que tinha com Jô-Ana, era criar todas as condições materiais e psicológicas para que ela pudesse estudar e ser, um dia, alguém na vida, para poder mostrar ao ingrato do pai que, mesmo sem a sua ajuda e presença, estudou e singrou na vida.

Jô-Ana comungava também desse sentimento e a sua opção por ciências resultava da sua determinação em vir a ser médica, não para praticar os ensinamentos filosóficos e éticos de Hipócrates mas, fundamentalmente, para ganhar dinheiro, e muito dinheiro, ganhar estatuto económico e social, ser mais alguém do que o pai e qualquer dos outros seus filhos. Enfim, procurava um novo bilhete de identidade para, um dia qualquer, exibi-lo ao pai e aos meios-irmãos, fazê-los sentir diminuídos, enxovalhados e, sobretudo, arrependidos por terem abandonado aquela jóia de menina, muito inteligente e muito popular, porque bastante valiosa para muita gente. O que, na verdade, no fundo, buscava Jô-Ana, mas também a mãe e a avó, era vingança contra o pai, pelo que fez e não devia ter feito, pelo que não fez e devia ter feito.

Para alcançar esse objectivo, sua e da família, Jô-Ana não se cansava de estudar, concentrava-se nos estudos de tal modo que negligenciou o resto, ignorou coisas que faziam as delícias das colegas, amigas e companheiras. Estudava muito e nem a Electra, com os seus sucessivos e malfadados e eternos cortes, conseguia desviá-la do seu caminho, sequer por uma horinha. Estudava sempre, não importava a hora e o local, o que lhe interessava era aprender, aprender, aprender. Por esta razão e porque o objectivo era nobre e de todas, a mãe e a avó não permitiam que fizesse outra coisa que não fosse estudar, tirando um mandado aqui, e rápido, e um recado ali, muito breve, À-toa nada mais fazia para lá do cumprimento da sua missão. Daí não ter aprendido, sequer, a lavar o chão, fritar um ovo ou cozinhar um punhado de arroz. E isso não incomodava as duas mulheres da casa, porque tinham uma grande compensação nas notas que a Jô-Ana tirava. Como disse, eram só notas altas, o que bem dispensou a presença delas no Liceu, para qualquer fiscalização. Demais a mais, conhecendo o comportamento, exemplar, da filha e neta, longe das influências perniciosas dos companheiros, distante de qualquer má

companhia – nenhuma camarada a procurava em casa, não saía em passeatas nem de dia quanto mais de noite, cinema e outros divertimentos não eram com ela –, não tinham também com que se pre-ocupar com Jô-Ana no capítulo da disciplina. Também não ligava muito à moda. Vestia-se da maneira mais simples possível, bastante conservadora – desprezava mini-saia e o hot-pants –, poder-se-ia dizer mesmo que era uma irmã de caridade, tão só se atentasse na sua apresentação: tinha o cabelo natural, que trançava sempre, não pintava os lábios nem as unhas das mãos e não gostava de nada que a pudesse expor um pouco mais aos olhos dos outros, não gostava de nada que cheirasse a extravagância, nem de perto nem de longe. Não sendo feia de se desprezar nem bonita de se gabar, com certeza haveria de ficar para titia, se casar dependesse apenas dos sinais exteriores, da forma como saía para a rua.

Em nome da verdade, Jô-Ana era um símbolo perfeito de uma mulher precoce – responsável, respeitável, segura e determinada, longe, portanto, do perfil dos jovens da sua geração. Aos 16 anos de idade, feitos aos 12 de Dezembro, excluindo o físico que era de uma menininha de 13 – 14 anos, pois, era Jô-Ana baixinha e magrinha, muitas mulheres da nossa terra gostariam de ter a maturidade, a personalidade da Jô-Ana.

Com uma vida assim tão circunscrita, tão afunilada, Jô-Ana só podia ser também um pouco fechada, inibida e pouco dada a conversas. Aliás, o seu ar compenetrado, taciturno, a entrar nos domínios da circunspeção, desencorajava o diálogo; sobretudo, detestava os rapazes atrevidos e que passavam a vida a conquistar as menininhas do liceu. Dela diziam: “ela tem uma cara runha, não é para brincadeiras – prefiro Nha Rama de Nho Diogo, é mais humana,” numa alusão à esposa de Diogo Gomes, o descobridor da ilha de Santiago.

Até que outros pensamentos mais positivos a resgassem desse mar negro e imenso.

Paulina estava coberta de razão. Jó-Ana nem parou um minuto em casa da Indira; tomou o apontamento que lhe emprestara e saiu na hora. É que Ravi estava já à sua espera em Braco Tcheu, ao pé da Padaria de Xicote. Sem qualquer cuidado, com a mão direita na palma da mão esquerda do Ravi, procuraram um beco discreto, onde pudessem gozar o prazer, deixou inundar-se de desejo, incendiar o jogo da paixão, marinar no sossego calmo do amor. Pela primeira vez Jó-Ana sentiu os acordes do prazer que os seios tangem, soube que pela levada das costas também corre um rio de prazer que desemboca na foz larga do desejo. Pela primeira vez namorou, tremeu de desejo nos braços de um homem. Nunca tinha experimentado algo tão maravilhoso, tão extraordinariamente maravilhoso, que julgou ter atingido, nessa noite, o píncaro do prazer.

Quando botou o lençol sobre o seu corpo e viajou pelos reinos do sentido para onde fora pelas mãos sensíveis e eléctricas do Ravi, pensou: "deve ser esta a Glória, o Paraíso, o Céu, não pode haver nada sobre a face da Terra que seja melhor do que experimentar a carne viva do prazer". Era algo tão bom que, ali mesmo, jurou para si própria não abdicar, não renunciar, não deixar nunca faltar sobre a sua mesa quotidiana esse pão amassado e fornado por uma fada e um anjo.

Jó-Ana foi ao baú da avó onde guardava as roupas provenientes das várias viagens à capital portuguesa. Dantes não ligava, pareciam-lhe coisas para meninas levianas mas, se não queria envergonhar Ravi, mostrar-lhe que era igual ou mais bonita que as outras, tinha que entrar na moda. Se outros davam o olho da cara para ter vestidos, calças e saias, também blusas, que estavam a ganhar naftalina no baú da avó, porque razão não haveria ela de usufruir daquilo que possuía. Retirou tudo o que julgou servir-lhe. Até uns sapatos que desdenhava viraram bonitos, casavam muito bem com tal saia e com tais ou tais calças ou *shorts*.

Fernando Monteiro

No dia seguinte, abandonando a bata de que nunca abria mão, vestiu saia curta, mini mesmo, pôs uma blusa apertada e curta deixando a barriga à mostra, pegou na mala e saiu, depois de ter escandalizado as duas adultas da sua casa que a proibiram de sair vestida daquela forma desavergonhada. Sabe o que ela respondeu? "É moda! Se vocês não ligam para a moda, problema vosso". A avó até tentou brincar com a situação, "ó menininha, tu ainda com essas duas espingardas, que mais parecem as pernas de tchota!" Mas retraiu-se chocada, sentindo-se insultada, quando Jó-Ana, com voz alterada, disse "mas os homens não comem as pernas, mas sim esta coisa", sublinhando esta coisa com uma palmada rigoresa na região pélvica.

Mãe e filha ficaram a olhar-se, perplexas, a buscar no baú da memória a justificação, por mais ténue e frágil que fosse, para a atitude da Jó-Ana, uma menina que nunca levantara a voz nem para as suas colegas quando mais para dizer aquela barbaridade à sua família. As duas mergulharam numa tristeza magoada, perplexas, esse desaforo da Jó-Ana era de todo inesperado. Era a primeira vez que aquela menina sempre respeitadora e disciplinada se fazia de malcriada e logo com a mãe e a avó, as suas duas entidades terrenas mais queridas, mais adoradas. Magoou, o triste comportamento da Jó-Ana. Que saiu e subiu ao Liceu, como se nada demais tivesse acontecido.

Jó-Ana foi sempre uma boa aluna, mas só até ao sexto ano, até ao primeiro período do sexto ano. Porque daí em diante, tudo se modificou na vida dessa estudante, até então exemplar.

E vou-lhe contar porquê.

No dia 31 de Dezembro de 1970, excepcionalmente, Jó-Ana aceitou ir a uma festa da passagem do ano, a um *reveillon* organizado pelos colegas do Liceu. Cedeu mais sobre pesados argumentos da mãe e, sobre-

Na Roda do Sexo

tudo, da avó, e também porque, afinal, a festa era na vizinhança da sua casa, em Achadinha de Cima – concretamente, era no terraço da Dona Conceição –, do que por influência das suas amigas de escola. Sem muito entusiasmo, enfiou o vestido um pouco demodé que a avó, fazia quase ano, lhe trouxera de Portugal, pôs uns sapatos novos, mas recusando, terminantemente, a ir a uma cabeleireira desfrisar os cabelos, e lá foi para a festa do fim do ano, como um boi a caminho do matadouro.

Não sabia dançar. Não que nunca tivesse dado um pé de dança, pois era muito raro encontrar um cabo-verdiano, macho quanto mais fêmea, que não soubesse levar o corpo para a sabura duma dança. O que ela entendia por não saber dançar era não dançar bem, como as colegas, habituadas a estarem em festas e nos bailaricos nacionais, isto é, bailes de salão, onde não eram precisos convites – pagava-se à entrada, mas claro, as mulheres, indispensáveis a bailes do tipo, não pagavam. Como não sabia dançar, ficou a navegar pelo terraço, ora registando o movimento da rua, ora ouvindo as piadas dos colegas, ora apreciando, para acompanhar uma colega qualquer, um schweppes, mais ou menos, fresco. Enfim, uma chatices, uma sensoria de dar fastio, a que contava pôr fim tão cedo quanto fosse possível; só estava à espera da meia-noite, ou seja, do nascimento do novo ano, para se ir embora – conseguia tirar mais sabura dormindo, do que estar aí numa festa daquelas. É que se sentia como uma religiosa num bordel de Lém Cachorro: completamente deslocada e, sobretudo, auto-culpada, em pecado.

Se, até uns vinte minutos para o final do ano de Cristo de 1970, era intenção da Jó-Ana deixar a festa, depois foi, gradualmente, mudando de opinião e a razão para a brusca mudança de opinião foi a entrada em cena de um rapaz que ele desconhecia, mas que lhe pareceu ser o homem mais bonito jamais visto por ela, nem no cinema nem em revistas ou fotonovelas. Um rapaz moreno, entroncado, de pernas e braços de atleta, cabeça pequena e quase quadrada mas de traços finos, quase femininos, com uns olhos vivos, negros e enigmáticos, um rapaz

bonito, de fala pausada, tranquila, com muita segurança, um rapaz de gestos tranquilos, apaziguados, sem a ansiedade crónica dos jovens.

Logo que a Jó-Ana lhe pôs os olhos em cima, teve a certeza que aquele rapaz não estava lá naquele terraço por si – alguma coisa, que não conseguia localizar e identificar, dizia-lhe que o rapaz de calças de boca de sino a debater-se, com toda a precariedade do mundo, para se manter na cintura, e de camisa casca de ovo larga, estava lá, exclusivamente, para ela, era uma espécie de enviado divino para parlamentar com ela ainda não sabia sobre o quê. Logo que o viu, sentiu um baque e um aperto no coração, uma espécie de pirlampo que se acendia e se apagava, com uma intermitência mágica, deixando tudo naquele terraço com um não sabia quê de extraordinário, de maravilhoso.

O que Jó-Ana desconhecia, naquele momento, era a transformação operada na sua cara: os olhos brilhavam como nunca, a cara ganhara um sorriso que só podia ser de felicidade, quebrando o rictus de tristeza e de runheza com que sempre se vestia. O que ela desconhecia é que, de repente, de um momento para o outro, o seu rosto virou mais simpático, mais atraente.

Dá se ter espantado um pouco, quando Indira e Sandra, mais tarde, Milena, as suas amigas mais próximas, lhe perguntaram o que se estava a passar com ela. As três, registaram bem, viram a sua cara iluminada, os seus olhos brilhantes, o seu ar liberto daquela carga negativa e, então, queriam saber da repentina mudança da amiga. Esta, naturalmente, ignorando as mudanças operadas, só podia encolher os ombros e rir à toa, sem entender a pergunta das amigas. Mas, quando Zezinha, uma outra amiga e colega, levou o primo, o tal rapaz que deixou Jó-Ana deslumbrada e foi causa dessa sua súbita mudança, e apresentou-o às colegas, todas perceberam então o que, realmente, tinham visto no rosto da Jó-Ana: estava interessado naquele jovem ainda imberbe. O olhar fixo nos olhos do rapaz, o sorriso aberto como a quetret dizer estou aqui, a cara resplandecente, não podiam escapar aos

olhos experientes e sagazes das três amigas, especialistas em matéria de amor. Também não lhes passaram despercebidos o olhar intenso, admirado do rapaz, nem o ligeiro espanto que a boca dele fez, quando apertou as mãos nervosas de Jô-Ana. Assim como a ansiedade com que se despediram, a hesitação que inundou os olhos de ambos, na hora da partida, o desejo não secreto que um e outra sentiram de ficar lá parados a beber, a usufruir a beleza do outro. No entendimento, feito de experiências, das três amigas, tinha nascido, no terraço de Dona Conceição, a poucos minutos do final de 1970, uma grande paixão, um grande amor entre Jô-Ana e o primo da Zezinha, tinha nascido aí o primeiro amor da Jô-Ana.

Foi isso mesmo que disseram à amiga. Que negou, dizendo “credo!” e levando a mão direita à boca, num gesto de coqueteria, que surpreendeu a todas. O riso solto e alegre, que espalhou para a noite, quando elas lhe leram os sintomas do amor que ela tinha no rosto, também surpreendeu as colegas. Que só se convenceram, ainda mais, da sua conclusão: Jô-Ana já tinha o seu amor.

E tinham razão. Essa menina tímida não tirou os olhos de Ravi – assim era o nome do primo da Zezinha –, enquanto este dançava com uma rapariga que conhecia do Liceu. Quando solicitada pelas colegas, não deixava de olhar para ele, pelo canto dos olhos.

Meia-noite, aos primeiros segundos do novo ano de 1971, Jô-Ana foi, exuberantemente, alegre, que até se surpreendeu, não sabendo aonde foi buscar tanta embriaguez, para lançar e alegrar aquela noite; ela só bebera refrigerantes. Mas, quando Ravi depositou um fraternal beijo na sua bochecha e ela sentiu um fogo intenso arder no lugar do beijo, e ele a abraçou numa aparente manifestação de alegria pelo novo ano e ela sentiu-se a fraquejar, pela tremura que se lhe propagou pelo corpo todo, nesse momento, sim, nesse preciso momento, teve a certeza de que gostava de Ravi. Embora tentasse esconder essa maravilhosa descoberta às colegas – água em balaio furado, porque, afinal, elas já tinham

descoberto, souberam até primeiro do que ela, Jô-Ana exultava-se por dentro, por experimentar um sentimento novo, que a inquietava e deixava calma, ao mesmo tempo.

Não disse que não sabia dançar, quando Ravi a convidou para dançar. Aceitou logo, só a pensar no abraço que ia receber e, na verdade, refugiada naquele corpo strong, cingido pelos braços fortes e musculosos de Ravi, sentiu, novamente, aquela sensação nova, ímpar, que a perturbava e a fazia sentir-se livre como um pião, o corpo leve e liberto do peso da infelicidade eterna, uma sensação que a deixava feliz, o espírito novo: a música parecia-lhe mais sabe, as pessoas mais pessoas, mais fraternas, mais iguais, a festa outra coisa e não aquela coisa chata e sensorona que experimentara até a chegada do Ravi. A vida ganhava outro sentido, estando ela nos braços suaves e vigorosos do Ravi.

Foi uma outra Jô-Ana que esteve na festa do fim do ano de 1970. Até alguns minutos antes da meia-noite, na verdade, até ao beijo e ao abraço do Ravi, era a Jô-Ana macambúzia, encabulada, inibida, tristonha e de pouco verbo. Depois desse beijo e desse abraço, isto é, desde os primeiros minutos de 1971, era uma Jô-Ana diferente, solta, alegre, desempoeirada e de fala fácil; uma Jô-Ana até então desconhecida de todos. Até ela se espantou com o seu novo comportamento, quando alertada pelas amigas. Perplexa mas feliz, porque gostou das mutações nela operadas pela chegada do novo ano, o ano de 1971. Por isso, dançou, pulou, cantou, brincou, chalaceou e curtiu o novo sentimento que passou a impelir a sua vida para outros caminhos, para outras vias, que a empurrava para um novo mundo, para sensações até então desconhecidas mas que a preenchiam e a inundavam de felicidade. Claro, a alavanca que punha tudo isso em movimento chamava-se Ravi.

Jô-Ana esqueceu-se do tempo. De voltar para casa mal o fogo de artifício e os foguetes iluminassem o céu escuro, assinalando a chegada do novo ano também. Enroscada no corpo de Ravi, vivendo cada

segundo desse primeiro novo mundo, Jó-Ana nem deu pelo clarear do dia primeiro de Janeiro. Quando as colegas foram dizer-lhe que estava na hora de voltar para casa, Jó-Ana espantou-se, visto que passava das cinco da madrugada: "Ainda agorinha assim é que comecei a dançar, a festejar o novo ano, e já amanheceu?" A custo, a muito custo, desgrudou-se do Ravi, para regressar à casa. Entretanto, já na escada para a rua, não resistiu a falar um pouco mais com o Ravi. A quem prometeu ver no dia seguinte, à hora da missa das 11 horas. "Vou sentir muitas saudades tuas". "Eu também, eu também!" Foram as duas últimas frases trocadas por eles, o dia preparava-se para se levantar, na plenitude do seu esplendor, com toda a magnificência, o encanto e o mistério do primeiro dia do ano.

A primeira saída nocturna de Jó-Ana, a sua primeira festa, foi um sucesso, não podia ter sido melhor: o seu coração, até aí, fechado, se abriu todo, para se deixar encher de paixão, de amor. A avó, que se levantou quando sentiu a porta a abrir-se para a neta entrar, não acreditou no que via; os olhos brilhantes da Jó-Ana chispavam de felicidade, ela estava radiante no seu mutismo sonhador; mas não se enganou no diagnóstico: Jó-Ana tinha sido mordida pela mosca do Amor. E, naturalmente, só podia ter sido na festa de fim do ano. Entretanto, não disse nada à neta, que estava com pressa de ir para a cama.

Jó-Ana levantou-se ao meio-dia e meia. Sobressaltada, saltou da cama para consultar o relógio de parede da sala. Largou uma estrondosa "chiça!" e foi enfronhar-se na cama, suplicando-se por ter dormido mais do que queria – o encontro combinado para a missa das onze já não dava. Mesmo que tomasse um banho relâmpago e corresse para o Platô, não chegaria a tempo. Mesmo que chegasse! Como haveria de justificar a sua saída, se já não era capaz de apanhar a missa? É claro que tentaria a das seis, até porque melhor para o encontro que tinha com o Ravi. O problema estaria no convencimento da mãe e da avó; ela não era muito dada a missas e a outros serviços

religiosos. Mas haveria de dar um jeito. Embalada por esta última ideia, dormiu com o desejo de, outra vez, sonhar com Ravi.

A mãe, também, verificou a mudança da filha. Surpresa, ela ficou a reflectir para ver a profundidade e o carácter dessa mudança. É evidente que lhe agradava a mudança da filha – era inevitável – mas assustava-a a forma brusca como acontecia. Queria que a filha desolvesse um pouco mais o lado físico, o lado feminino, se tornasse mais mulher, porque, muitas vezes, se interrogava acerca da evolução da Jó-Ana e achava que ela era, fisicamente, uma retardatária, ou, melhor, perdia em crescimento físico o que ganhava em termos da dimensão intelectual. Achava que a filha perdia para as colegas, quando se tratava do desenvolvimento físico. Por isso, quando viu que a sua passagem da infância à adolescência não era seguida da correlativa mudança a nível físico, preocupou-se, mas, depois, esqueceu-se. Porque, naquele primeiro dia de 1971, quando reparou na mudança da filha, pensou logo: "vai passar à juventude, ainda com um corpo infantil e isso não deve ser nada bom para a Jó-Ana".

Mas ficou gratamente satisfeita com as mudanças positivas registadas, embora apreensiva devido à velocidade com que se efectuavam, de noite para o dia.

Se deixou a filha ir para a missa, foi porque era para o cumprimento de um dever cristão e porque Jó-Ana, até aquela altura, não lhe suscitava desconfiança, era uma menina às direitas, que não lhe dava quaisquer preocupações.

Foi assim que, ao final da tarde, Jó-Ana saiu para a missa, no Platô. Tinha o coração na boca, tanta era a expectativa de se encontrar com Ravi, na Praça. Como não pôde contactar com ele, tinha uma secreta esperança de se encontrar com o rapaz que a encontrou na véspera. Aliás, a sua intuição era bastante forte e ela lhe dizia que haveriam de se encontrar. Mas, obviamente, não, não tinha certeza. Daí a ansiedade, a expectativa que a acompanharam no trajeto até ao Platô.

Faltava muito pouco para a eucaristia ter início. A Praça estava bipo de pessoas, que encontraram alguém, em poucos instantes, como desejava ela, era uma missão complicada, que não dispensava o concurso da sorte. Porém, não se fazia ela acompanhar de tão solicitada palavra, pois, tendo esquadrihado, com todo o cuidado, apesar da impaciência crescente, cada palmo da Praça, não viu Ravi nem alguém parecido com ele.

Com uma raiva surda a martelar-lhe a cabeça, super-zangada consigo mesma por se ter deixado adormecer mais do que devia, Jó-Ana não conseguiu assistir à missa senão na rua, o que, também, não desagradava, pois sempre tinha a possibilidade de procurar Ravi durante a missa. Se ele por lá aparecesse, com certeza que teria de fazer rondas pela igreja, a ver se a Jó-Ana estava na missa das seis. Naturalmente que não se concentrou no que o padre dizia. Aliás, no fundo, a ida à igreja era apenas um pretexto, já que o encontro com o Ravi era o motivo principal da sua presença no Platô. Como não viu o rapaz antes da missa, aproximou-se da igreja para a descarga da consciência – por isso, a sua mente estava noutro sítio, ocupada com outras preocupações mais terrenas.

Terminada a eucaristia, percorreu a Praça inteira, em busca do Ravi. Nada. Ficou desgostosa. Detectou um grupo de mocinhas de Achadinha de Cima, com as quais combinou regressar juntas à casa. Porém, não as acompanhou nas fátidicas voltas à Praça, a tagarelar, a comer mancarra ou dropes e, o que mais interessava, a expor-se às investidas dos rapazes, e, até, de homens que se sentiam com sangue nas gueltras. Preferiu encostar-se à guarita e ouvir a Banda Municipal gastar o seu repertório variado.

A Banda silenciou-se, já passava das oito. Havia que regressar, muito rapidamente, à casa. Com a cara mais feia que habitual, mais muda que uma pedra, Jó-Ana seguiu o trio de meninas na viagem de regresso à Achadinha. Um rapazote mais atrevido propôs-se ir na peugada da mais espigada das meninas. O que enfureceu, ainda mais, a Jó-Ana.

Quando entraram no beco de Ponta Belém, foi como se tivesse sido iluminada por uma luz intensa, divina; ficou resplandecente, tanta alegria que dela transbordava. Junto à loja de Silvino, de pé, como um polícia de giro, calmo e sereno, estava Ravi. O coração de Jó-Ana deu um valente coice e saiu a correr, a galope, que a miúda parou para reequilibrar a respiração que se tornara ofegante. A tristeza desapareceu num ápice, a alegria contornou todos os obstáculos e inundou o vale do seu peito. Marchou resoluta, confiante, na direcção do ansiado e desejado jovem.

Desculpou-se pela sua ausência, o sono, a falta de hábito, a canseira, uma noite inteira, a felicidade, tanta coisa junta impediu que se levantasse a tempo, por isso, falhou a missa das onze, mas, como o seu coração nunca falhava, resolveu ir à das seis, na certeza de que Ravi não faltaria. Ele também não acordou antes das 11 mas foi com toda a pressa do mundo esperar pelo fim da eucaristia. Foi com uma enorme tristeza, um peso pesado da frustração no peito, que retornou à Várzea. Só não caiu num choro desalmado de criança porque, ele também, teve a certeza de que ela haveria de aparecer na missa da tarde. Porém, a ausência da Jó-Ana, atribuída-a ele à recusa da mãe ou a qualquer outro afazer.

Caminhavam os dois atrás das outras meninas. Iam de mãos dadas, a cabeça, o coração efervescendo de sentimentos fluídicos, dinâmicos, ora um, ora outro, engendrando emoções nunca por Jó-Ana vividas. Pouco depois de ultrapassada a fileira de casas onde morou Nhô Dama-ta, na Fazenda Fonseca, Ravi parou. Ela também. "Minina, ami é dodu na bo. Dja n kre-bu rai di txeu." "Ami tanbê. N kre-bu txeu, txeu, txeu, txeu. Nha kurason é di bol!" "Di meu tambê é di bo." Tudo sussurrado em segredo, baixinho, mas com toda a força da alma, de duas almas sinceras, que se preparavam para viver um grande e louco amor, uma paixão desamarrada, livre como o vento. Os lábios de Ravi procuraram os da Jó-Ana, no escuro. Tremendo sob o contacto eléctrico do corpo

forte e quente do jovem, Jó-Ana experimentou a sabura do primeiro beijo. Mesmo com os olhos fechados, viu estrelas brilhando no céu escuro. O calor dos lábios de Ravi despertou outras e novas sensações, o desejo a querer despertar do seu longo e perpétuo letargo, a exigir mais e mais beijos daqueles. "Ami é di bo, Ravi." "Abo é di meu, Jó-Ana. Nha kurason é di bo, di bo, di bo, di bo, bo, bo so" "Di meu també é so di bo". Caminhavam, de novo, atrás das meninas, que comentavam, baixinho, o namoro da Jó-Ana com aquele rapaz desconhecido. Mas, é claro que não tinham visto o beijo. De mãos dadas, segredavam amor uma ao outro, um à outra, felicidade inquebrantável, juraram amor eterno, felicidade para sempre, uma vida de verdade e transparência, sem qualquer tipo de traição e de omissão da verdade, a verdade devia ser a pedra de toque do relacionamento entre os dois.

Quando faltavam uns metros para a casa da Jó-Ana, os dois beijaram-se novamente. Foi já com saudades que se separaram. Custava deixar o calor do abraço, do corpo, do beijo... Haveriam de se encontrar, no outro dia, no Liceu Adriano Moreira. Sem falta. "Vou morrer de saudades tuas. Não vou conseguir dormir esta noite. Sonhas comigo?" "Toda a noite." "Eu também, mas acordado. Tchaul' Tchaul'" Foi a despedida.

As professoras repararam que havia qualquer coisa com a Jó-Ana, uma vez que estava, excepcionalmente, agitada, inquieta, não parava na carteira, olhava, amiudadas vezes, pela janela, não se concentrava na preleção, as perguntas escapavam-lhe. "Não é nada, não é nada", foi a resposta que todos os professores ouviram nesse primeiro dia de aulas. Apesar de ser algo inédito, no que tocava à Jó-Ana, uma aluna aplicada, disciplinada, respeitadora, os professores atribuíram a sua desatenção à embalgem das férias natalícias. Mas você já sabe que o motivo real pela falta de concentração para o que se estava a passar dentro da sala de aulas tinha um nome bem masculino – Ravi. Efectivamente, Jó-Ana andava em cuidados por causa do seu primeiro namorado, que não apareceu ao encontro marcado na véspera. Sendo o primeiro encontro

depois do compromisso, Ravi não podia faltar, até porque um amor novo, como era o caso, tem sempre muita força – ele não ia esquecer-se de algo tão bom e muito promissor. "Alguma coisa de grave deve ter ocorrido e, em consequência, retido o Ravi", concluía de cada vez – e foram muitas – e o pensamento voava para o namorado, e a sua falta ao encontro da véspera.

Ainda lhe restava alguma esperança no intervalo das 10 e 20, o mais longo, mas nada, nem cheiro do Ravi. Por esta razão, foi uma Jó-Ana braba e circunspecta que deixou o Liceu Adriano Moreira. Caminhava, como lhe era hábito, de cabeça baixa e, por isso, junto ao muro do Lavadouro. Quando descia para a rampa da Fazenda, teve um ligeiro susto, quando uma mão masculina, que soube logo ser de Ravi, a pegou pelo braço. Não se conteve. Saltou-lhe para os braços e, diante de meio mundo, beijou-o na boca. Uma onda sonora, portanto composta de tons variados, espalhou-se para o oriente e para o ocidente, tendo como centro Jó-Ana e Ravi. Seria terrível a consequência dessa ousadia, beijar o namorado em plena luz do dia e à frente de todos, sem qualquer disfarce, sem nada que fizesse de camuflagem – um beijo às claras, para ser visto e presenciado por quem quisesse. Um beijo sem conta. Mas também um beijo, irrevogavelmente, classificado de não presta, de cabra. Um beijo escandaloso.

Imune às possíveis críticas e fofocas, Jó-Ana vivia aquele momento só para si e para o seu amor. Agarrados um ao outro, tal como nos filmes de amor, desceram a rampa da Fazenda, subiram a outra até apanhar o ramal para Achadinha de Cima, junto à padaria de Salgado. Num pequeno beco, nas proximidades da casa da Jó-Ana, os dois beijaram-se longamente e ficaram, ainda, os dois lapidos, a fruir o calor que dimanava dos seus corpos jovens.

Paulina teve a certeza de que Jó-Ana tinha namorado, na tarde desse mesmo dia. Sentada à mesa, onde, habitualmente, estudava, Jó-Ana não se concentrava nos estudos. Volta e meia, erguia a sua cabecinha

para o tecto, que fixava sem ver, e deixava-se banhar pela inconfundível luz dos sonhos. Os olhos brilhavam-lhe, fechava-os a espaços, como quem pretendesse sugar todos os prazeres do mundo através dos sentidos. Esse sonhar acordado só podia ancorar-se num motivo – enamoramento. Só o estar apaixonado vestia, assim, uma pessoa de sonhos, amolecia-a com ternuramentos e a enchia de suspiros longos e profundos. Jô-Ana tinha namorado e ninguém desabilitaria a ela, Paulina Vaz, nessa certeza certa, como dois e dois serem quatro. Porém, rondou, rondou, analisou, verificou e comprovou, sem nada dizer. Embora o seu coração de mulher, apesar da sua pouca experiência prática nesse domínio, não se enganasse, precisou de se despir de todas as dúvidas, de se vestir como todas as colegas da filha, na noite da festa do final do ano. Uma interrogação muito grande preencheu a sua cabeça, desde que descobrira que a filha tinha arranjado namorado. Quem? Esse quem, era um enorme quem, um grosso quem, um quem gigante, esmagador, que preenchia todo o ecrã do seu pensamento.

Por isso, sentiu uma vontade irresistível de largar as providências do jantar e seguir Jô-Ana, que, pela primeira vez, desde que deixara de ser criança de brincar à roda e ao tchusquema mas sempre à luz prateada da Lua, botava os pés na rua, depois de escurecer, sob pretexto de ir consultar um livro em casa de uma colega, ela sempre fizera isso durante o dia, nunca precisava nada da noite, para suprir alguma dificuldade ou coerência que tinham a ver com a sua actividade estudantil. Por esta razão mesmo, Paulina pensou, enquanto Jô-Ana alinhava aquela desculpa fede, que a filha ia encontrar-se com o namorado. Porém, a vergonha de enfrentar a filha, a mesma vergonha que a assediara a tarde toda e impedira que falasse à Jô-Ana sobre o namorado, reteve-a, não a deixando sair de casa.

O mais que pôde foi, na ausência da filha, tecer comentários com Nha Bia, a avó da Jô-Ana. Os comentários foram, entretanto, mais que breves, porque Nha Bia, ao “parece-me que Jô-Ana já arranhou

namorado”, respondeu com rispidez “estás doida ou quê? Era o que faltava!” “Mas, mamá, o que vi nos olhos...” “Não tem mamá nem Maria mamá... tens mas são os olhos compridos, que vêem demais! Só podes ser doida.” Como não tinha argumentos e não costumava porfiar com a mãe a propósito de fosse o que fosse, remeteu-se ao silêncio do seu pensamento. E o seu pensamento resumia-se ao quem. Quem seria o namorado da filha? Alguém conhecido? Um vizinho? Um colega do Liceu? Talvez fosse um camarada da mesma turma. Ou seria um malandro qualquer, um zé-ninguém que queria apenas a desgraça da minha filha, desviá-la do seu caminho direito?

Neste pé, o coração dava grandes pulos. Ficava ansiosa.

Jô-Ana só passou para o sétimo ano porque tivera notas altas no primeiro período. Nos seus dez anos de vida de estudante, obtinha notas negativas, pela primeira vez, inclusive em Matemática, em que era barra. Eram negativas de 7, 8, 9, todavia negativas. O que envergonharia qualquer aluno habituado ao quadro de honra e a ser tido mesmo como o melhor aluno do Liceu. Mas Jô-Ana disse uma frase que ficou célebre e virou conto-novo: “o que interessa é ter-te são no grelo, o resto é apenas acabadura”. Com esta frase, as pessoas mais cépticas quanto à manutenção da virgindade da Jô-Ana, tiveram nela um aliado de peso: significava, inequivocamente, que a moça já tinha experimentado o gosto indelével do pecado. Para os outros, isto também era evidente. Ninguém falaria, com convicção, sobre o que desconhecia. Entretanto, para a maioria dos alunos, a frase não espantava, pois, o comportamento da Jô-Ana indicava, claramente, o caminho do sexo e da luxúria.

Paulina e Nha Bia, se pudessem, teriam cavado um buraco e deixado enterrar-se vivas, tal era o grau de vergonha que sentiram quando ouviram a frase atribuída à Jô-Ana. Sendo a virgindade uma questão sensível e, em certa medida, tabu, algo muito valorizado na sociedade cabo-verdiana de então, Paulina e Nha Bia desgostaram da Jô-Ana que,

aos olhos das duas mulheres, se desvalorizou muito, o seu capital de consideração, apesar de tudo, apreciável, depreciou-se muito, a ponto de apenas o laço familiar, consanguíneo, deter, ainda, valor suficiente para a manter ligado à família. Isto é, só não descartaram Jô-Ana, porque o facto de ser filha e neta impediu isso. Mas a vontade das duas mulheres era fazer isso.

Porque as saídas nocturnas tornaram-se ainda mais frequentes nas férias grandes, porque o clima se tornava cada vez mais insustentável, por causa do inqualificável comportamento da Jô-Ana, em nada melhor do que as meninas de vida de Lém Cachorro ou Achada de Santo António, e porque já não podiam mais ouvir o nome de Ravi, sem que não tivessem um ataque de nervos, Nha Bia sugeriu, Paulina aceitou e providenciou o envio de Jô-Ana à ilha de São Vicente, onde a avó tinha um sobrinho professor. Naturalmente que não lhe disseram nada. Foi um exílio forçado: meteram-na num táxi, sem saber para onde ia; no aeroporto, esperaram pela hora do embarque e enfiaram-na no avião. Apenas levou uma mala de viagem; a roupa seguiria depois. Barafustou-se no aeroporto, mas, perante a presença do taxista – um polícia amigo da avó –, conformou-se. Isto aconteceu em meados de Agosto.

Em princípios de Outubro, a dois dias da abertura do novo ano lectivo, Jô-Ana regressou de S. Vicente, com duas calças apertadas, blusa justa, óculos escuros, cabelos desfrisados e um apurado crioulo de São Vicente na ponta da língua, quem a não conhecesse, à primeira, diria estar diante de uma mocinha do Mindelo. Mais alegre ainda, mais simpática, mais coquete, mais actriz, mais atraente, a Jô-Ana que se apresentou à mãe, no aeroporto da Praia, estava a anos-luz daquela criança que, no dia 31 de Dezembro de 1970, portanto, havia pouco mais de nove meses atrás, subia ao terraço da Dona Conceição, na Achadinha, para celebrar o seu primeiro baile e a sua primeira festa do fim do ano. Essa Jô-Ana nada tinha a ver com a outra, a antiga.

Abraçou a mãe efusivamente. Agradecida. Porque a ida a São Vicente beneficiou à Jô-Ana, sobremaneira. As ruas do Mindelo, as muralheras do Mindelo, as singularidades das suas gentes, a forma como se vestiam, o modo como se comportavam, os tiques e a filosofia de vida, tudo foi uma autêntica escola de vida, para uma moçoila aprender a ser uma mulher plena, só para agradar ao seu amado. Um mês e poucos dias eram um tempo escasso para tanta coisa aprender, mas a bagagem de Jô-Ana veio para a Praia cheia de conhecimentos sobre como agradar aos homens. Naturalmente que, também, Jô-Ana regressou cheia de saudade do Ravi, que, ao contrário do perspectivado e planeado pela mãe e pela avó, não esqueceu um dia sequer. Praticamente todos os dias, escrevia-lhe uma carta sentida e plena de amor, não se importando com as respostas. Tendo chegado ao fim da tarde, não teve tempo de sair. Passou o serão a contar peripécias e partes de São Vicente. Quem visse as três à mesa, às gargalhadas, não teria dúvida nenhuma de boatar “unida e feliz” na qualificação dessa família. Na verdade, as cenas desagráveis pareciam, completamente, esquecidas e ultrapassadas. Ninguém ousou coçar as feridas ainda abertas.

Mas, no dia seguinte, aproveitando o facto de ter de entregar uma encomenda na Achada de Santo António, Jô-Ana desviou-se para a Várzea da Companhia, com o intuito de ver Ravi. Infelizmente, não estava, tinha saído, talvez, para a Quebra Canela. Ravi não estava, mas a prima Zezinha, no fim de uma longa conversa sobre Ravi e acerca da estada de Jô-Ana em São Vicente, ficou com a missão de o avisar da chegada da namorada – tinham de se encontrar nessa noite.

Indira, ainda tarde cedo – pouco depois das quatro – foi roubar à Paulina e Nha Bia o encanto que Jô-Ana lhes proporcionava, falando aquele crioulo de São Vicente, sabe do mundo – tinham as duas muito que conversar. Embalada na troca de informações e novidades, quando Jô-Ana deixou o quarto da amiga, numa precipitação desvairada, a noite já tinha descido sobre a cidade, cobrindo-a com o seu manto negro.

O encontro com Ravi foi de derreter uma pedra. Impetuoso, brabo e, não fosse o tempo a reclamar a presença da Jô-Ana em casa, não haveria outra opção senão aplacar a fúria das ondas do desejo, soltas e sem cobertas. Tendo apenas despertado a força latente do desejo, a separação foi difícil mas absolutamente necessária, até porque havia um grupo de crianças a melar o namoro aos dois.

De maneira que, no primeiro dia de aula, como aluna do sétimo ano, o último degrau antes de subir as escadas de uma universidade, Jô-Ana apresentou-se muito mais espada do que na despedida do anterior ano lectivo. Fez sucesso junto das amigas e deixou muitas outras a roerem as unhas, sobretudo pelo inconfundível crioulo de São Vicente.

Como na abertura do ano lectivo, verdadeiramente, não havia aulas, servia apenas para a apresentação dos professores e dos alunos, Jô-Ana, com mais ganas do que uma cadela em pleno cio, não conseguia lugar para satisfazer a sua premente e compulsória necessidade sexual. A casa de banho tinha um movimento desusado; o ginásio, também, não dava, por causa da constante presença de pares de namorados. Com impaciência a perturbar-lhe a mente, perdendo a lucidez e o bom senso, na pressa de aplacar tão violento e implacável desejo, Jô-Ana correu para a loja do namorado de uma amiga, arrastando consigo um imperturbável Ravi; saltaram ambos o muro para os lados da Lém Ferreira, desceram um patamar na rocha e deram-se numa breve concavidade natural, olharam para cima e viram que o arbusto impedia a visibilidade de qualquer pessoa que aparecesse no muro. E aproveitaram enquanto era tempo.

Só que, preocupando-se com os alunos, esqueceram-se das pessoas que, eventualmente, passassem por baixo. E, realmente, um grupo de rapazinhos que iam jogar no Paiol, passando pela estrada que sai por detrás do Hospital, viram a Jô-Ana e o Ravi em plena actividade. Completamente cegos e mocos, estes nem deram pela presença dos garotos lá em baixo. A concentração de dezenas de miúdos, olhando para cima, na maior gozação, chamou a atenção de alguns alunos. Tentando des-

cobrir o que tanto interessava ao grupo de futebolistas de meia tigela, acabaram por encontrar o par. Mais um grupo de cicrones desceu para aquele patamar, onde se jogava um jogo que só se jogava a recato e a bom recato. Quando Ravi e Jô-Ana deram pela presença dos alunos, uma dúzia deles disputavam o melhor lugar para assistir a tão inédito espectáculo. Foi um escândalo maior, que Jô-Ana, tão sem conta, como fazia questão de exibir, dessa feita, consciente de ter ultrapassado, de longe, todos os limites da razoabilidade, nem subiu mais para o Liceu – desceu para a estrada, preferindo enfrentar a troca dos garotos à mortadade cruel e implacável dos alunos. Mas foi água em balaio furado. Porque a notícia correu mais célere do que a luz e, em pouco tempo, o Liceu inteirinho já sabia do sucedido.

No dia seguinte, Jô-Ana não conseguiu aguentar a troca de que era alvo, as piadas que lhe dirigiam e os comentários, mais ou menos, claros e os nomes que lhe chamavam, de entre os quais um (“vaquinha da Achadinha”) que, desde logo, passou a odiar.

Para fugir à afronta, ficou o resto da semana em casa, a curar uma doença inexistente. O mal era de ordem psicológica, porque o episódio do primeiro dia de aulas marcou-a profundamente, buliu fundo com a estrutura da miúda, que só então se deu conta da dimensão exacta das suas levandades, só então ganhou consciência das monstruosidades dos seus actos e, especialmente, das consequências do seu comportamento, sobretudo para com a família.

Quando regressou ao Liceu Adriano Moreira, os alunos viram uma Jô-Ana já sem a chama, sem o brilho, sem a empertigação, sem a arrogância e provocação com que os habituara. Foi uma menina mais discreta, mais esquiua, mais apaziguada que regressou às aulas. É claro que, por largo tempo, as piadas, os comentários e os nomes continuaram, mas a mudança repentina e positiva da Jô-Ana, numa espécie de regresso às origens, ajudou-os a se esquecerem daquele triste episódio do início do ano lectivo.

Mas o que mais ajudou os alunos a perdoar e esquecer Jó-Ana foi o facto de, no final do mês de Novembro, ela ter adoecido. Faltando muito às aulas, umas tantas vezes desmaiou, quer em plena aula quer no recreio. Metia dó ver aquela menina a consumir-se e apagar-se por causa da doença.

Doença que, obviamente, preocupava ainda mais Paulina e Nha Bia. Como todo o mundo, desconfiavam que Jó-Ana estivesse grávida, porque os enjoos e vômitos, as anda-roda cabeça as febres à toa eram sintomas de primeira gravidez. Mas o prolongamento desses sintomas e o facto de, mais de um mês depois, a configuração da barriga da Jó-Ana não ter sofrido qualquer alteração, convenceram a todas que, efectivamente, ela se encontrava doente, mas não era gravidez. Também a prisão de Ravi, acusado de assassinio de um panelheiro, a quem roubou dinheiro, objectos de casa e aparelhagem, terá contribuído, talvez, para o agravamento da doença, mas não era a causa, visto que o estado mórbido da Jó-Ana vinha detrás, teve início antes de se efectivar essa prisão. De toda a forma, foi uma machadada muito forte na já frágil psicologia e no equilíbrio físico da mocinha. Por esta razão, Jó-Ana virou uma menina pioica. Sempre adoentada, acamadarara com chiques, com mais queixumes que uma velha de 70 anos, lamurienta e auto-comiserável. Estando pioica, os resultados escolares não podiam ser bons. Faltando muito às aulas, não podendo concentrar-se como as lições do sétimo ano requeriam, abandonando as aulas de forma amiúde, as notas não podiam ser boas, não podiam ser positivas. Com notas fracas, baixas, os esforços que Jó-Ana fazia eram gorados, na prática, pela doença. Ela tinha recuperado a sua mística, que era licenciar-se em Medicina, mas via o seu objectivo de vida escapar-se, lenta e impreterivelmente, das mãos, devido ao aproveitamento escolar deficiente. Deste modo, chegado o terceiro período, o desenho que Jó-Ana tinha à sua frente não configurava um cenário onde cabia uma qualquer Faculdade de Medicina: eram baixas as médias e, se não se esforçasse muito, corria o risco até de chumbar, o que, a acontecer,

seria inêdito na vida escolar da filha de Paulina Vaz. Mas o problema, se residia, exclusivamente, nela, não resultava de qualquer acção voluntarista dela, de uma opção assumida – aquilo era do domínio e do arbítrio daqueles que comandam a vida humana, determinam a morte e as doenças, ou seja, ninguém em concreto, ninguém a quem se pode recorrer e dizer “olha, ó moço, você me fez isto, isso ou aquilo e quero que me repares o mal que me estás fazendo, que me ressarces dos prejuízos que me estás a causar...”. Não estava nas mãos da Jó-Ana pôr ponto final nessa doença que a apoquentava e lhe fazia uma marcação cerrada.

E foi assim que chegou o mês de Junho, sem que o panorama mudasse um tonzinho que fosse. Jó-Ana matava-se a estudar e a doença fazia das suas, anulando o desempenho desesperado da miúda. Para a última década desse mês, havia um ponto capital para Jó-Ana. Se os pontos das outras disciplinas, apesar de não terem sido brilhantes, insuflaram alguma esperança a Jó-Ana, o da Matemática, porém, não era de molde a dissipar o pensamento sombrio da neta de Nha Bia. Entretanto, como o panorama geral dessa disciplina era péssimo, a professora resolveu dar uma última chance a todos: marcou um segundo ponto para a antevéspera do fecho do ano lectivo. Daria um ponto de recuperação das notas a quem, entre aqueles que tinham perspectiva de chumbar e de, portanto, não ir aos exames finais, conseguisse elevá-las. Deste modo, ser-lhes-ia possível ter uma média que possibilitasse a ida aos exames. Seria a última esperança para um grupo de alunos, seria a última chance de Jó-Ana não chumbar.

Marcado com dez dias de antecedência, tempo suficiente para os alunos se prepararem da forma mais conveniente, o ponto-esperança deu algum alento à Jó-Ana, fê-la recuperar o brilho dos olhos, obrigou o coração a palpitar-lhe mais forte, devolvendo-a a vontade de viver. Falou mais, cantarolou mais, comeu mais, arranjou-se melhor. Tinha mais autoconfiança, mais optimismo. As dores do corpo, a albumina, a fadiga e o cansaço desapareceram como que por encanto, desassom-

brando, ainda mais, a vida da Jô-Ana, que se enfiou nos estudos, como se aquilo fosse a última cena do último acto de uma tragédia que a tinha como centro.

Paulina e Nha Bia estavam felizes com o comportamento da Jô-Ana, muito embora continuasse a pesar a preocupação dos achaques e da persistência da doença. Desde o mês de Outubro do ano anterior, depois do célebre e triste episódio que as cobriu de uma vergonha insuperável, que a Jô-Ana melhorou o seu comportamento. Paulatinamente, deixou de se vestir de modo provocante, deixou de sair à noite, ficou mais doce e meiga com a mãe e a avó, reduziu o tempo dedicado às suas amigas. Mesmo se conservando o espírito aberto, a simpatia e uma leve pegada de coqueteria, o luxo botou-o ela num canto, a sua natureza de crioula passava muito bem sem os adames artificiais. A privacidade, a excentricidade, a visibilidade exagerada, concluiu, só lhe outorgavam o artificialismo que mingua a sua personalidade, colocando-a no patamar das mulheres fáceis e acessíveis. Trocou o postigo pela autenticidade. É claro que a prisão de Ravi ajudou-a, e muito, nessa reforma. O ter-se revelado uma pessoa sem carácter, um bandido, um mulhengo e gay, foi o bingue-bangue para o ódio que Jô-Ana passou a nutrir por ele, a ponto de valer zero na escala de valores da neta de Nha Bia Vaz. As duas mulheres estavam contentes por isso e, num acordo tácito, jamais formulado por qualquer dos membros dessa família Vaz, o nome de Ravi nunca mais foi pronunciado naquela casa. Ravi, podia dizer-se, estava morto-vivo, morto em vida.

Tudo corria bem. Jô-Ana, concentrada nos estudos, rearmada do desejo de vingança contra o pai, esse desconhecido, pensou em usar o diploma de médica como arma de arremesso.

Porém, na madrugada do dia do ponto final da Matemática, o quadro clínico da Jô-Ana agravou-se, sem que nada previsse isso. Sentiu dores insuportáveis que a faziam lançar gritos lancinantes à noite. Eram

dores por todo o corpo, de tal modo que ela não podia sentar-se, deitar-se ou passear na sala pequena. Teve de esperar até que o dia começasse a clarear para ser levada, pela mãe e por um vizinho, ao hospital.

Apesar das dores agudas que a perseguiram, Jô-Ana não se conformava com a possibilidade real de faltar ao ponto-esperança, o ponto final da Matemática. Por isso, embora consentindo em ir ao hospital, por causa do enorme peso das dores, sempre disse que ia mas não que podia faltar ao ponto. Enquanto esperava pela sua vez no Banco de Urgência, pediu ao vizinho que lhe fosse buscar a pasta escolar por que iria do hospital para o Liceu, a fim de fazer o ponto marcado para aquela manhã. As dores, entretanto, não paravam, eram cada vez mais frequentes e picadas. O médico de serviço, cansado e com uma sombra sob os olhos, por ter passado uma noite em branco, ganhou de repente, a meio da consulta, umas rugas na testa. Perguntou à Jô-Ana “não consultou o médico? Não foi vista por um médico?” e preocupou Paulina, perplexa e ansiosa, “Ela tem de ser levada agora mesmo para a maternidade. Presumo que venha a ter um parto complicado”.

A mãe de Jô-Ana só levou a mão à boca. Viu a filha ser conduzida pelos serventes numa maca. Não manifestou qualquer sentimento. Estando o seu espírito vazio, dir-se-ia que os olhos que acompanhavam a moça deitada eram de um estranho desinteressado e insensível. Jô-Ana saiu do Banco de Urgência, faltavam dois minutos para as sete da manhã.

O obstetra de serviço pediu análise com total urgência: sangue, urina.... Queria saber o nível de açúcar no sangue, o grau do ácido iúrico, a percentagem da gordura, enfim, tudo o que pudesse ajudar no esclarecimento do quadro clínico. Jô-Ana tinha tensão elevada e, com os trabalhos do parto, o quadro clínico podia agravar-se ainda mais. O médico estava preocupadíssimo, não havia tempo nem para cesariana nem para nada, pois, antes de o servente chegar ao laboratório das análises, Jô-Ana foi levada para a marquise: ia ter o seu filho.

Passaram os cinco minutos de tolerância e a Jô-Ana não entrou na sala para o ponto final na disciplina de Matemática. A professora, com um sulco de preocupação na testa e visível frustração por causa da ausência da Jô-Ana, disse lamentar a falta da referida aluna, sobretudo porque, tendo faltado a esse ponto final, tinha perdido o ano, decidida e irreversivelmente, não seria desta vez que obteria o passaporte para a universidade. "Vamos começar!" O relógio da sala marcava 27 minutos para as 8 horas. Jô-Ana faltou ao ponto final.

O médico, com a boca seca e um nó na garganta, as mãos tremendo como se fossem de um alcoólico com ressaca, levantou o pulso e olhou para os ponteiros do relógio, quando a moça deu o último suspiro e a cabeça pendeu, inerte, para o lado: faltavam 27 minutos para as oito horas. A hora em que cessava a vida de Jô-Ana, uma estudante de apenas 17 anos de idade. Complicações do parto, originadas por uma gravidez não controlada, não seguida por um médico, puseram ponto final na vida da Jô-Ana.

Qual terá sido o seu último pensamento? Terá ido para o ponto final da matemática? Ou terá sido para Ravi?

Paulina não quis acreditar no que o médico da maternidade lhe disse. Decididamente, naquela manhã, os médicos do hospital da Praia escolheram-na para gozar. Primeiro foi o do Banco de Urgência, com a tirada de que a filha estava grávida, prestes a entrar em processo de parto. Como a filha estava para parir, se não estava grávida? Ainda se fosse muito gorda, podia até acreditar que a banha pudesse ter disfarçado a barriga, não deixando notar a barriga de prenha. Mas como ela era magra como cachorro de ladrão, não tinha onde esconder a barriga de prenha. "Ná, não há prenha sem barriga grande. E prenha de nove meses... Agora é este que me vem dizer que Jô-Ana morreu de parto. Morreu mas deixou um diabo de menino vivo! Só pode ser brincadeira desses médicos! Porque a minha filha é nova e não pode morrer!"

Isso não a impediu de chorar como o cabo-verdiano costuma chorar, gritando, falando, babando, lacrimejando... deixou-se amolecer pela dor, revoltar-se contra a morte, pillar ataques... Morrer um pouco, depois de sentir o coração despedaçado. Um coração sangrento e que sapa o coração dos outros.

A notícia correu célere pela cidade da Praia, incendiando paixões, fazendo corações sangrar, instalando penas e comerações, estupidificando, deixando perplexos todos os que conheciam Jô-Ana. Na turma, o contínuo entrou e segredou à professora qualquer coisa ao ouvido. Não se conteve, as lágrimas arrebetaram-lhe pelos olhos, escondeu a cabeça nas mãos e deixou-se derreter pela dor. Mas não disse nada aos alunos, que pensaram ter acontecido alguma desgraça, mas a um familiar distante, visto não ter abandonado a sala.

Quando todos entregaram o ponto, pediu silêncio e anunciou a morte de Jô-Ana. A perplexidade foi enorme. Uns choros surdos, outros nem por isso, cortaram o silêncio da sala. Mas porque? Como morreu? Era a pergunta que se ouvia naquela sala e em milhares de boca por todos os recantos da Praia.

– Morreu por causa de complicações durante o parto.

– Como, se ela não estava grávida?! – Respondeu a turma em uníssono.

– Estava sim. Parece que andou ligada durante todo o período da gravidez. Por isso, é que ela estava sempre adoentada.

Algumas cabeças mais frias pensaram: – "Jô-Ana não tem remédio. Até na morte nos surpreende".

E pensaram nela já com nostalgia. E... ponto final.

DESCARTÁVEL

Catarina tinha doze anos quando a notícia caiu como uma bomba no seio da sua família – estava grávida de quatro meses. Tinha mesmo doze anos, três meses e dezoito dias completos, quando um vizinho, à hora do jantar, do dia 21 de Junho de 1999, anunciou a gravidez da Catarina. Havia uma semana que andava às voltas com tão angustiante notícia, sem se descobrir, mas perante a gravidade do caso, não a podia omitir, o que equivaleria a encobrimento de um crime. Sendo Catarina uma menina menor, não ficava direito não comunicar isso aos vizinhos.

Todos os olhos se fixaram na Catarina, que não olhava para lado nenhum, nem para a colher com que se divertia – o seu espírito estava vazio. É como se estivesse em peregrinação por sítios bem distantes daquela mesa onde se encontrava.

Olhei para ela. Doze anos de idade. Uma criança e já com o peso de uma vida dentro de si. Uma criança que já trazia no ventre outra criança. Uma criança, a Catarina. Doze anos. Não doze anos como aquelas matulonas, com um físico de mulher, com um corpo atraente de mulher, com pernas compridas e grossas, com traseiros bem formados, com seios grandes e firmes... Não, Catarina tinha apenas um metro mais dez ou quinze centímetros, não pesava nem trinta e cinco

ou quarenta quilos, portanto, as pernas eram mais finas que os braços da Samanta e o resto não existia, até os seios não passavam de botões de uma flor rara. Decididamente, Catarina não era nem podia ser um objecto de desejo, porque não tinha nada, absolutamente, nada, que pudesse despertar o desejo carnal de alguém. A bem da verdade, ela sequer tinha sexo – de tão menina que era, Catarina tinha, ainda, calxinha, o sexo estava ainda por crescer e aparecer. Catarina não tinha, pois, nem frente, nem trás, nem ilharga, nem cintura, nem nada. Era uma criança na acepção certa da palavra. Em termos físicos.

Era uma criança feia. Muita feia, rainha de feia. Vendo o rosto dela, sem se saber concretamente porquê, pensava-se logo numa ratazana. E a fealdade da Catarina não se resumia apenas ao rosto, o corpo também era feio, parecia um canguru a descansar. Aos doze anos, andava ainda informe, parecendo uma Barbie mais encorpada. A feiura da Catarina também era extensiva à alma, ao espírito, à mente. Não era uma menina esperta – era mesmo burra, a roçar a doença. Quer dizer, era um pouco menos burra do que uma atrasada, o que, espiritualmente, a tornava mais feia ainda. Por isso, não admirou que da escola tenha saído com conhecimentos que apenas davam para garatujar umas letras, emborrar uns desenhos e soletrar algumas palavras, que conta – apenas somar e subtrair –, fazia-a ela melhor de cabeça. Catarina era burra e fraca da cabeça. Ela não conseguia articular ideias que uma menininha mais nova era capaz de articular. Dominava tão poucos critérios e palavras, que dizer que era pobre de espírito, saberia a pouco. Mas ela não teve a quem puxar, senão à mãe. Na verdade, a mãe da Catarina era uma leviana que só pensava em matar porcos – também parecia porco de índia, tantos eram os filhos que ela tinha: a Catarina era terceira, dos dez que deu à luz, sete deles vivos. No resto, era uma inépcia, uma mulher sem iniciativa nem brilho – era pouco mais que um adorno barato, por culpa própria, que ela não se esforçou, nem um bocadinho, para me-

lhorar e dele se libertar – não estudou, não procurou uma profissão, não arranjou qualquer outra forma de ganhar dinheiro, só procurou melhorar, e conseguiu, a sua performance sexual e reprodutiva.

De modo que, em termos de cabeça, da frescura da alma, puxou à mãe – era feiinha por dentro e por fora.

Sendo assim tão apagada, espantava mais que tivesse engravidado. Quatro meses grávida. Mas o que essa criança faria com uma criança nos braços? Porque ela não sabia fazer nada. Nem lavar as próprias calcinhas, fazer uma omeleta, passar um vestidinho a ferro... Não conseguia vê-la a tomar conta de uma criança, sobretudo nas frequentes doenças que assaltam o bebé nesta terra. Não estava preparada para nada. Não estava preparada para ter esse filho. Não tinha físico, não tinha corpo suficiente para suportar uma criança. Mentalmente, psicologicamente, também, não estava habilitada para ser mãe, porque não sabia nem o que é ser adulto, não distinguia uma criança de um adulto, não conhecia a vida, mal discernia entre o Bem e o Mal, não sabia das manhas e das voltas que a vida dá nem a metade da missa. Catarina não estava habilitada, minimamente, para ter um filho. Mas estava grávida. E de quatro meses.

A família da Catarina era pobre. Mesmo reduzida aos tios, ao pai e aos primos, num total de seis pessoas, o rendimento da família era baixo: o pai era pedreiro e o que ganhava só dava para ajudar nas despesas de casa; os tios-avós possuíam uma pequena venda que não progredia absolutamente nada, desde que foi aberta, em Março de 1977, – as coisas pioraram com o aparecimento desenfreado da concorrência –, sendo certo que os lucros eram comidos em antecipação; a reforma do tio era apenas simbólico, dava para comprar os medicamentos para as suas doenças crónicas: diabetes e hipertensão. Sendo pobre a família, Catarina não podia ser criada com luxo. Aliás, passava-se no meio de dificuldades inúmeras, a começar pela roupa, que nunca foi de primeira. O seu mercado eterno era

o iá, onde se abastece bem, barato, mas em segunda mão. Embora sempre limpa, não era pela exibição de riqueza exterior, pela moda e pelo luxo que pudesse atrair um homem, a ponto de a tornar mulher e mulher por inteiro.

Poxa! Não tendo corpo de mulher — pelo contrário nisso era uma criança —, não sendo bonita nem esperta, sendo pobre, quem, mas quem é que tinha usado essa menininha até a engravidar?

Todos os olhos continuavam postos na figura frágil e fragilizada, mais ainda, pela revelação da vizinha, para ver se emitiria alguns sinais que pudessem levar à compreensão daquele funesto acontecimento. Entretanto, Catarina continuava enterrada na sua indiferença, dir-se-ia envolta numa couraça inultrapassável, uma forma da autodefesa contra a iminente agressão dos tios e do pai. Ninguém abria a boca porque ficaram bloqueadas pela notícia; o inesperado do caso, a dificuldade de encontrar razões para o alimentar desse corpo franzino, débil, a perplexidade que trazia consigo, as consequências imediatas, nomeadamente, as despesas decorrentes da gravidez, tudo isso era um enorme problema, que abafava o coração dos adultos presentes, que se transformava em um nó na garganta, impedindo qualquer articulação da voz. As crianças, pressentindo a gravidade do assunto colocado pela vizinha em cima da mesa em torno da qual estavam reunidas, olhavam em silêncio para a prima, evitando enfrentar os pais e o tio; esperavam, a qualquer momento, uma explosão colérica, capaz de fazer a casa tremer.

Nem sei quantos minutos se passaram desde a deflagração da bomba, a queda daquela notícia. Só sei que o silêncio que se lhe seguiu foi longo demais. Um silêncio pesado, fatal mas preenche de interrogações. Um silêncio que expressava os sentimentos e o pensamento de cada um, com muito maior clareza do que se fossem representadas através de palavras.

A primeira pessoa a rachar o silêncio foi a tia. Queria a prova comprovada, portanto, pela boca inocente da Catarina, se o que a vizinha

dissera correspondia à verdade. Nem precisava, visto que a resposta tinha sido dada, com a atitude de clara autodefesa da menininha. Se não fosse verdade, ela teria aberto a sua alma, teria negado, teria chorado de indignação e raiva. Ao fechar-se em copas, escreveu por baixo o que a vizinha contou. Apesar de a verdade estar aí, para quem quisesse servir-se, a tia quis, entretanto, que fosse a Catarina a contar o frágil fio de esperança a que se encontrava agarrada. Recebeu como resposta o reforço do silêncio e do distanciamento, o que quer dizer que Catarina ficou mais hermética ainda.

Se essa atitude, de início, era entendida como vergonha, depois da pergunta, pareceu, aos olhos de todos, como um desafio insuperável. Daí a subida vertiginosa do copo da raiva, que transbordou, efervescente, explosiva. Primeiro, o tio, depois o pai, por último, a tia cobaram a Catarina. Era um coro de palavrões diferentes que dir-se-ia um concurso repentista de palavrões. Coléricos. Quanto mais insultos vazavam sobre a Catarina, mais encolhida e mais pequena ela ficava. Foi uma tortura psicológica que durou nove minutos mas que a mim me parecia nunca mais acabar. Pudera, ouvir essa lista interminável de impropérios não podia dar noutra coisa. Até, por ter ouvido num espaço tão pequeno e em tão curto tempo, coisas que nem a um cão se diz, Catarina teve arcaboço, porque não chorou, não caiu, desamparada, no chão da impotência.

Depois da primeira leva de fúria descontrolada, choveram tantas perguntas ao mesmo tempo que só podia resultar nisto: Catarina não respondeu a nenhuma, porque não sabia, ao certo, a qual responder. Ficou como uma marioneta desarticulada, irrequieta, como que acoçada por todo o corpo por um ataque de pulgas — tentava responder a uma picada, mas, a meio do caminho, resolvia acudir a outra, para depois desistir e atender a uma outra, começando, porém, por socorrer uma picada mais dolorida, abandonando-a para diminuir outra mais recente. Não se concentrava em nenhuma, querendo a todas dar assistência.

Quando a ansiedade passou aos familiares, Catarina pôde responder às perguntas cujas respostas interessava saber. Que estava grávida – sim, de quatro meses, e que uma outra vizinha – Santinha Kugrande – é que a levou ao médico para se certificar da gravidez. Que o pai devia ser Betinho de Nho Papá, que vende na Sucupira. Que ela é que ia ter com ele em Achadinha Baixo. E um choro copioso, de lágrimas e baba, misturadas, um choro convulsivo e desamparado, embargou Catarina, cessando, momentaneamente, a sessão de confissão.

Não aguentando mais o choro de Catarina, capaz de cortar pelo meio qualquer coração humano, o tio, explodindo uma “puta de merda, ainda choras!”, arrancou para o quarto, feito um furacão destruidor, voltou de lá, mais rápido e com os olhos botando fâscas, com um cavalo-marinho adquirido no Supra, com o qual tencionava bater Catarina. Aliás, aplicou-lhe duas vergastadas nas costas, que se abriram em sangue e ferida. O pai, erguendo-se de forma tão abrupta que a cadeira se estatelou no chão, quando se julgava que ia impedir o tio de bater na filha, alçou o punho cerrado e lançou um petardo em direção à cara da Catarina, atingindo-a na boca. Por uns décimos de segundo, os gritos sucessivos engarrafaram-se na concavidade bucal. Os lábios esmagados contra os dentes, dilaceraram-se, ganharam vários cortes e explodiram em sangue. Então, ouviu-se um grosso, longo e mortificante grito. Foi esse grito que susteve no ar, em pleno voo, a manzorra da tia, que procurava o corpo pequeno, frágil e fragilizado da Catarina, que então resvalava, lenta e inexoravelmente, para o chão.

Com o punhaço de Mike Tyson parado no ar, o corpanzil debruçado sobre a mesa, a tia foi chamada à pedra pela profunda voz da razão, tomou, em lapsos de segundo, consciência da barbaridade que estavam fazendo com aquela frágil criança de doze anos. “Alto! Parem! Já basta! Querem matar-lhe a criança?” Interrogou. A sua firmeza fez parar os dois homens desabridos, que espumavam pela boca, tanta era a raiva que os possuía.

Sentados todos de novo à volta da mesa, com Catarina a fungar, a sangrar e a contorcer-se de dor, o tio voltou à carga: “É melhor tirar-lhe esse menino. Porque eu não vou mais sustentar nem mais uma boca de vagabundas. Quem deu o seu peido, que deixe tremer a sua cadeira.”

O pai, como uma caixa de ressonância do tio, concordou com o aborto. A filha não tinha outra saída, senão abortar esse menino.

Embora concordando com o princípio de aborto, por, de facto, ser a melhor saída para o caso, entretanto, chamou a atenção para o por menor do tempo da gravidez. Estando assim tão adiantado, no quarto mês, já não era possível, no hospital, fazer o aborto, legalmente. Recorrer a alguma curiosa, para além de requerer algum dinheiro, era demasiado arriscado, podia perder-se não só a criança como a própria mãe. “Isso dava cadeia para todos nós”, sentenciava, convencendo os dois homens a abandonarem a hipótese do aborto. Já tinham ouvido cobras e lagartos do aborto clandestino e São Martinho não era o melhor sítio para eles, naquela altura.

Então, que fazer? Estava fora de questão continuar com Catarina naquela casa na situação em que se encontrava, pois sustentar a família estava sendo difícil, mais dificultoso se tornaria com uma parida e uma boca mais. O mais inconformado era o tio e o seu radicalismo não o aconselhava a considerar a hipótese de Catarina continuar morando com eles nem por mais um dia, quanto mais para aguentar mais tempo, até que uma solução justa fosse encontrada. Se não podia abortar, em sua casa é que a putinha de merda não podia parir.

Naturalmente que nem a tia nem Tony, o pai da Catarina, podiam contrariar a posição do Samy, porque eram, em grande escala, dependentes dele. O Tony, então, é que não ousaria porque, tendo cama e mesa, na casa do tio, contribuindo apenas com uma quantia simbólica, não ia pôr tudo a perder por causa duma cadelinha chamada Catarina, tão pequeninha e já uma grande puta como a mãe. Ela que se desenrascasse!...

Como à mãe não podia ser devolvida, porque nem sequer casa própria tinha – vivia do agasalho duma mulher velha –, o que fazia com que três dos filhos dormissem ao deus-dará, debaixo do sereno, debaixo da chuva, expondo-se a perigos mil – nem panela ia ao lume com regularidade normal, portanto, não tinha as mínimas condições para albergar a filha grávida.

– A solução é entregá-la ao Papá, para saber o que fazer com ela. Aqui não mora nem mais um dia. Se não a quiserem ter na rua da amargura, amanhã, logo pela manhã, levem-na para o Sucupira e entreguem-na ao Papá. Não foi o filho dele que a emprenhou? Então que fique também com a responsabilidade.

E ponto final no assunto. Naquela casa, a partir de então, a gravidez da Catarina deixou de existir, a própria Catarina foi esquecida. Mas, naturalmente, havia o lavar do cesto, isto é, Titina vasculhou tudo o que à Catarina pertencia e meteu-o num cartão grande, que guardou em cima da mesa da sala.

Com o pai rogando pragas, porque teve de perder um dia de trabalho, Catarina, com o grande cartão de papel à cabeça, seguia na peugada da tia, a caminho do Sucupira. Quem visse o trio, não admirava um nadinha, porque foram muitas as viagens que Titina e Catarina fizeram juntas para Sucupira. Nem a presença de Tony, pai da menininha, era de espantar. Pelo que ninguém desconfiava que aquela viagem, para Catarina, não tinha retorno.

Mesmo indo toda consumida, Catarina ia igual a si própria. Tendo começado a engordar, tornou-se mais pesada, o andar mais pausado. Ninguém desconfiava que estava grávida, pela simples razão de que ninguém, com um mínimo de juízo, poderia desconfiar, sequer, da actividade sexual de uma menina do calibre da Catarina, quanto mais suspeitar que estivesse grávida, de quatro meses. Todos os que notavam a gordura da menininha, atribuíam-na à simples gordura, à consequência da boca gulosa da Catarina que, pela sua voracidade, muitas comparavam a uma brabinha.

Foram encontrar Nho Papá na sua barraca de Sucupira atarefado na arrumação da mercadoria; passavam alguns minutos para lá das 8 e 30. Ao saber que queriam ter uma conversa muito séria, de preferência, num sítio onde não pudessem ser ouvidos nem interrompidos, Papá disse que ia mandar vir o filho para tomar conta do negócio, mas foi demovido por o filho ser o centro dessa conversa, assim como a mulher, parte interessada também. Com muita apreensão, pois, imaginou mil coisas que o filho poderia ter feito para causar uma séria conversa e bem matinal, fechou a barraca e pôs os pés no caminho, acompanhado de Titina, Tony e Catarina. Em poucos minutos já estavam na sala da casa de Nho Papá, que convocou a mulher, à volta do fogão, e Betinho, que continuava no quarto de dormir.

Mimi, a mãe do Betinho, mal pôs os olhos em Catarina e em Titina, teve a certeza de que o assunto era a gravidez daquela sirigaitinha, que não deixava o filho em paz, volta e meia, entrava naquela casa à procura do filho. Ela buscou e encontrou o que queria. Ela própria encorajou o filho a comer aquela menininha desnutridinha. O filho não tinha culpa de nada, Catarina é que ia lá entregar a cabeça. Não tinha nada que ir tentar o filho. Ele tinha que mostrar que é homem. Que cada um guardasse a sua cabra, porque o seu bode, ela criava-o livre e sem cabresto. A cabrinha precisava de um bom bodeco, e o seu filho mostrou-lhe que é homem de verdade...

Betinho entrou na sala. Desgrenhado, rosto por lavar e ensonado, parecia um verdadeiro hippie dos anos 60. Pequeno e entroncado, aparentava muito mais idade do que os 19 preguiçosos anos. Não trabalhava – a única coisa que fazia, era ajudar o pai, de vez em quando, no Sucupira, mas com muitas lamúrias, apesar das vantagens que disso tirava –, era mais dado para as vadiagens. Ouvir música, sobretudo de Bob Marley, Peter Tosh e Jimmy Cliff, ver filmes policiais e de kung-fu e correr atrás de mulheres era, então, o seu pro-

jecto de vida. Nada mais o preocupava, não se interessava por nada mais. Trabalho, uma questão que punha muitos jovens angustiados, principalmente em ocasiões em que era preciso dinheiro para acessar a várias actividades culturais e desportivas, para fazer paródias, não lhe dizia nada, a não ser que lhe roubava algum tempo de quando em vez. Isso porque dinheiro era um maná que chovia sobre ele; bastava-lhe levantar o dedo, para que a mãe, sempre solícita, o proveesse da quantidade que necessitasse.

Mesmo ensonado, viu que a razão da convocação daquela reunião era muito grave, quando registou a presença da Catarina. Pensou logo, estava fodido e mal pago, ela está grávida e vem cobrar-me. Olhou, com angústia, para a mãe, pedindo socorro. Ele bem que queria fugir dela porque pressentira o perigo. É verdade que foi ele que procurou a Catarina, depois de ter ouvido, no Sucupira, que ela era comida por todos os homens desse mercado.

Ela não quis, recusou, muitas vezes, mas, um dia, depois de comer uns seis pastéis, não lhe pagou, dizendo que tinha dinheiro em casa. Como Catarina tinha de prestar contas logo que chegasse à casa e não podia, de maneira nenhuma, entregar o dinheiro em falta, concordou em ir buscar o dinheiro em casa do Betinho. Quando chegaram em casa do moço, a mãe encontrava-se no quintal. Inteirando-se do que a menininha ia lá fazer, fez ouvidos moucos, quando, daí a pouco, depois de o filho ter fechado a porta do quarto à chave, ela começou a gritar por socorro porque Betinho queria fazer tal coisa com ela – foi violada naquela casa pelo filho da mulher que se encontrava a dois passos, mas não fez o mínimo gesto para evitar o sucedido. A única coisa que fez foi entregar à menina chorosa e triste, para além do dinheiro para pagar os pastéis que o filho comera, mais cem escudos, para adocicar a infância sofrida. Portanto, a mãe foi cúmplice activa no estupro por ele cometido e continuou silenciosa na sua cumplicidade, desde aquela altura, pois,

raras vezes, Catarina aparecia lá em casa sem que ela não estivesse presente. Quando o filho disse que queria saltar fora daquele lance, ela atalhou-o dizendo que não tinha nada a temer de uma menina de rua, era só comer e largar, mas somente quando ele se fartasse.

Mal Titina abriu a boca para falar que a sobrinha-neta estava grávida e o pai era Betinho, filho dos donos da casa, Mimi arrebatou-lhe as palavras, dizendo:

– Eu já sabia, fartei-me de alertar o meu filho, mas já sabem como são os filhos de hoje; não ligam ao que os mais velhos dizem. Até a Catarina aqui assim, se tivesse ouvido os meus conselhos, não estaria agora nesta sala, com rosto de quem comeu gemada e não gostou. Mas não ouviu, estava na sabura, tinha a cadeira quente, não se importou com nada que dizia para ela, desde o primeiro dia. Mas, podem ir descansados, que nós vamos cuidar muito bem da Catarina, como se fosse...

– Nunca! – Cortou Papá, vermelho de raiva, dando um valente soco na mesa –, nunca! Já estou farto de sustentar esse malandro e não vou gastar o dinheiro que ganho com muito sacrifício para sustentar a mulher e o filho desse sacana, malandro e preguiçoso, que só pensa em exhibir-se, como se fosse o primeiro actor. Não a vou sustentar nem por um dia. Enquanto eu mandar aqui, nenhuma mulher, e muito menos grávida, entrará nessa porta para vir morar connosco. Quem quiser mulher, que arranje a sua casa. Aqui não.

A convicção do Papá deixou Titina e Tony estarrecidos, mas a Catarina nada disse, ela continuou submersa na sua indiferença, brincando com o rendilhado da toalha da mesa, distante, como se aquela conversa não lhe dissesse respeito.

Titina ergueu-se. A sua figura imponente encheu a metade da sala de estar de Papá. Botou determinação no que disse. E disse:

– O vosso filho é que emprenhou Catarina. Isto nem ele nega. É mentira?

E como teve o silêncio como resposta, continuou:

– Então, agora, que assumas as suas responsabilidades! Como ele ainda não tem colhões de homem, vocês, que são pais, é que devem assumir todas as responsabilidades e ficar com Catarina, até ela parir...

– Papá, olha e veja uma coisa: será pior, se não deixarmos Catarina ficar, pelo menos por uns dias, até eu resolver o que faço com ela – interveio Mimi, conciliadora. Tendo feito um sinal disfarçado ao Papá, esse aceitou pensar no assunto e, enquanto não tivesse uma solução, Catarina podia ficar. E disse isso, hesitante, pois, não percebera o alcance do sinal da mulher, não entendera o que pretendia ela – foi na jogada dela, para ver o que não quis ela dizer à frente dos outros.

Catarina recolheu o seu cartão grande e seguiu um contrariado Betinho para o quintal. Tendo despedido Tiina e Tony com paladinhas nas costas, em sinal de entendimento, Papá fechou a porta e voltou-se para Mimi, para mais explicações.

– Tu queres que o nosso filho vá para a cadeia? – Começou por indagar – Tu queres que o Betinho vá para São Martinho? Se nós não cuidarmos dessa menininha, eles podem apresentar queixa contra Betinho. E como ela é menor, só a cadeia é que o amparará.

Depois de pensar algum tempo, Papá concordou com a mulher, ela era capaz de ter razão. Mas não cedia, haveria que dar outro encaminhamento ao problema. Catarina não moraria na sua casa. Isto era indiscutível. Pela Catarina estava, até, na disposição de alugar uma casa, só para ter aquela sirigaita longe dos olhos. Saiu.

Logo nessa noite, Catarina sofreu o seu primeiro choque na casa dos sogros: ela não podia fazer as refeições na sala de jantar, com a família; teria de se contentar com o quintal ou o quarto de Betinho. Papá nunca esconderia a sua animosidade para com a norinha e manifestava-a através de palavras altas e incorrectas, de modo sempre os-

tensivo. Nunca a chamou pelo nome nos 18 dias que Catarina morou em Achadinha Baixo, sempre se dirigindo a ela ou falando dela como sirigaita, sirigaitinha, putequinha e maltrapilha. Tratava-a com absoluto desprezo.

A mãe do Betinho também fazia das suas, embora fosse mais cuidadosa, mais discreta mas não menos pernicioso. Ralhava com ela, a toda hora, porque, querendo transformá-la numa mera criada, exasperava-se com a manifesta incapacidade da menininha em aprender a executar, com a menor eficácia, as tarefas domésticas.

– Você não serve para ser mulher do meu filho. Tu não sabes nada, mulher para o meu filho não basta saber deitar-se na cama.

O que mais humilhava Catarina, entretanto, era a indiferença, a raiva e o desprezo com que, todos os dias, Betinho a brindava – ela não era sua mulher, “não posso ter por mulher uma putecazinha, que a única coisa que sabia fazer era montar.” Ele, cheio de membras bonitas e boas, não ia ficar com aquela diabinha lapido nele. “A melhor coisa que tinha de fazer, era tirar o menino.”

Uma noite, a décima oitava que passava debaixo daquele tecto, vindo do quarto, ouviu uma conversa entre as três pessoas da casa, as únicas com direito à conversa, visto que ela se sentia e era tratada pior do que um cachorro de rua. O pai dizia que, sendo “ela uma menina de rua perdida, que todos os homens, grandes e pequenos, do Sucupira usavam, não era direito que Betinho pagasse por todos eles. Sendo assim, a família não podia queixar-se e não ia queixar-se no Tribunal. Só se fossem doidos. Não tenhamos nada a temer. Pomo-la na rua, ela que vá para a casa dos tios”. Betinho, concordando com a posição do pai, “eu já me desesperei com ela. Ela não é mulher, nem para mulher serve. É uma coisinha que apareceu no meu campo, joguei, marquei alguns golos, mas quero chutá-la para bem longe. Só está a atrapalhar-me, porque tenho um monte de mulheres bonitas e belas que me querem mas se continuo com essa bebezinha agarrada às minhas calças, vou

perder todas e ficar sem nenhuma coisa de jeito. Papá, livra-te dela, pondo-a na rua. Afinal, não fui o único a comê-la!"

Mais reticente, Mimi concordou também em mandar embora a efêmera nora.

— Afinal, foi ela que buscou a gravidez, que agente! — Rematou.

Catarina chorou, amargamente, nessa noite. É que tinha a certeza de que o tio não a receberia mais. Para onde iria ela, se não tinha mais ninguém a quem recorrer? Dormiu, porém, tão profundamente que até sonhou com casamento e tudo. Quando acordou, o sol já estava espalhando os seus luminosos raios pela cidade da Praia.

Ergueu-se. Saiu para o quintal. Mimi tinha o célebre cartão. Levantou umas três peças de roupas novas, dizendo:

— Estas foi o Papá é que deu para ti. Agora, vais voltar para a casa dos teus tios, porque aqui não ficas nem mais um minuto. Rua! — Disse apontando o caminho da rua. Catarina ainda fez menção de ir à casa de banho, mas foi impedida pela ex-sogra, que, pegando no cartão, assentou-o na cabeça da menininha, a quem arrastou pelas mãos. Abriu a porta e arremessando-a para o exterior, apontou:

— Nunca mais pões cá os pés, esquece os caminhos para esta casa.

Chorando, Catarina foi para Sucupira, onde se encontrava uma das primas, na venda. Nem a cara Mimi permitiu que lavasse. A prima, condôlda, deu-lhe um pão com um caroço grande de torresmo para comer, disse-lhe para tentar ir para a casa, apesar de ter a certeza de que o pai não a recebia. Com o seu cartão à cabeça, Catarina deixou Sucupira.

Não foi logo para a casa; ficou nas redondezas a tomar coragem. Entretanto, o tempo passava e ela não se decidia — tinha de levar porrada, que de insultos já estava curada e vacinada. Por causa dessa sua hesitação, Catarina viu o meio-dia passar e, também, a hora em que, normalmente, se almoça. Ela ficou a enreter-se à sombra duma acácia, com o estômago vazio. Faltavam uns vinte para as três, quando Tirina lhe apareceu

pela frente com perguntas como: "minha filha, o que estás aqui a fazer? Puseram-te na rua?" E como por resposta obteve choro, pegou no cartão, colocou-o à cabeça da Catarina e "vamos para a casa até Sammy chegar, que só ele é que pode tomar uma decisão contigo". Mas foi avisando a menininha de que muito dificilmente ela ficaria com eles, porque Sammy é um homem duro, que não volta atrás com palavra dada.

Dito e feito. Sammy ficou furo, rei de brabo, quando encontrou Catarina em casa. Não houve argumento que o convencesse a voltar atrás na sua decisão de expulsar a menininha da casa. Que fosse para a casa da mãe, que fosse para o inferno, mas ali não ficava. Não se importava, em absoluto, que passasse a morar na rua, pois foi ela que procurou essa sarna para se coçar. E quando o pai aventou a hipótese de processar o culpado da desgraça da Catarina, caso persistisse na recusa da assunção das suas responsabilidades, Sammy foi apossado de um feroz ataque de cólera, que a casa não caiu porque construída de pedra e cal.

— Nunca jamais! Eu não passo mais vergonha por causa desta pinguinha!

Agarrou a Catarina pela mão e, enquanto se dirigia com ela para a porta, acrescentou "comida de Sucupira!" numa alusão aos afazeres caruais que Catarina proporcionava aos homens desse mercado da Praia, "não dá condenação para ninguém, ninguém liga a uma comidinha do Sucupira". Batendo a porta com força, dirigiu-se à Tiúna, foi explicando que "o processo é dinheiro botado fora e dinheiro é coisa que não temos, para além de que demanda custa muito dinheiro e leva tempo demais, se calhar, com os atrasos dos nossos tribunais, quando o caso for julgado, o menininho da Catarina já terá nascido e é bem possível que também terá a boca cheia de dentes. E, até lá, quem aguentava Catarina e filho?"

Foi um argumento demolidor, arrasador, pois silenciou a todos e foi uma pedra sobre a situação da coitada da Catarina, que, uma vez mais, no mesmo dia, foi expulsa de casa, grávida, sem mais onde

recorrer. Catarina teve de se socorrer da mãe, de que não gostava mesmo nada, porque nunca quis saber dela, até passava por ela sem ligar nenhuma, dir-se-ia tratar-se de uma desconhecida ou uma invisível extraterrestre. Mas que fazer naquela situação de absoluto desespero e em estado adiantado de gravidez?!

A mãe de Catarina riu, desalmadamente, feita uma louca, quando a menininha lhe pediu para morar com ela. Gargalhou, troçou mas, no fim, rematou:

— Ficar contigo, só se é para ganhar dinheiro contigo, como uma boa pixinguinha que és. Mas nem para isso serves, porque qual é o homem que vai se deitar com uma menininha grávida? Só se for para te fazer parir e nada mais. Portanto, nunca mais me procures, desenrasca a tua vida. Ou, então, vai chatear o teu pai, aquele bandido de não sei quê.

Mais uma porta se fechava para Catarina, uma menininha de doze anos, grávida de quatro meses e meio. Com o seu cartão à cabeça, andou, sem rumo, pelas ruas da Achadinha, até que o crepúsculo a surpreendeu em Eugénio Lima, nas imediações da casa onde sempre viveu. Sem que tivesse, conscientemente, direccionado a bússola para aquele local. Era a voz do instinto de conservação a conduzi-la para lá. Sentada ao lado do seu cartão, encostada ao poste de iluminação pública, sob cujos raios luminosos, brincava uma dúzia de crianças, colegas, companheiras e amigas da Catarina. Essas crianças largaram a brincadeira e foram inquirir Catarina sobre o que fazia ali, sentada, triste e chorona, sem querer brincar com elas. Como ela só chorava e não dizia nada, foram dizer a Nha Titina, que as enxotou, dizendo que Catarina deixou de ser filha deles e que já não motava ali. As crianças, sempre solidárias, foram consolar a Catarina, cada uma querendo levar a colega para morar consigo; era só pedir ao pai ou à mãe.

Um grupinho de três, entretanto, teve a ideia brilhante de “e se nós levássemos Ina para a casa da Vovó?! Ela não é a avó de todas nós? Se

é avó de todas nós, também é avó da Ina. E se é avó da Ina, ela não a quererá ver triste, e chorando, a viver na rua, sem ter onde dormir? A Vovó, de certeza, não vai deixar Ina na rua.”

Efectivamente, a Vovó foi ter com Catarina, que levou para a sua casa, onde tencionava hospedá-la por alguns dias, visto que a casa dela estava cheia de netos e não tinha muito espaço — Catarina deitar-se-ia na esteira, na sala, juntamente com alguns netos. O problema maior seria comida mas, como disse alegremente a Vovó, “onde comem quinze também comem dezasseis”. Foi assim que Catarina, uma criança de doze anos, preenhe de quatro meses e meio, encontrou uma casa provisória, mas uma casa.

Entretanto, não tanto provisória quanto Vovó previra e gostaria que fosse. Porque a conversa que teve com os tios-avós e o pai da Catarina foi conclusiva num só aspecto — a menininha não voltaria a pisar a casa onde sempre viveu. Porque quanto a assumirem, provisoriamente, a Catarina e quanto à queixa contra quem emprenhou a filha deles, foram categóricos e definitivos — não iam gastar mais nem um tostão com a sirigaia da Catarina. E ponto final no assunto.

De noite, enquanto tentava ludibriar a insónia, Vovó pensou, longamente, no caso da Catarina, sem vislumbrar qualquer solução aceitável. Quando já, vencida pelo sono, cedeu: “o melhor era deixar as coisas no pé em que estavam, até que Deus Nosso Senhor arranje uma boa saída para Catarina”.

Passaram-se quinze dias e, tanto para a sua família (Samy, Titina e Tony) como para a família do Betinho, pai da criança que ela estava esperando, Catarina era uma carta fora do baralho, estava morta e enterrada, mas um finado de anos, porque nem o nome nem a imagem dela eram invocados no seio das duas famílias. Catarina era um cão

lazarento e sarnoso, doente e debilitado, que se larga numa achada de-sesta, para morrer longe de todos os olhares. Aliás, à Catarina foi dado um tratamento abaixo de cão, porque, por este mundo fora, muitos cães doentes tiveram tratamento humano, o conforto de mãos carinhosas e humanas, o que essa menininha não teve. Porque, apesar da solidariedade cristã da Vovó, Catarina não teve o tratamento, o carinho que, por exemplo, o cão tinhofo teve.

Com a barriguinha já mais espetada no ar, Catarina não sabia o que lhe reservava o futuro, não sabia o que fazer com aquele menino na barriga. Aliás, nem pensava nisso, não conseguia alcançar, com exactidão, a amplitude, a magnitude dos problemas que tinha dentro de si. A bem da verdade, a criança que carregava dentro de si nem chegava a ser problema para Catarina, o problema dela era ter comida e um sítio para encostar o corpo cada vez mais pesado, cada vez mais cansado e dorido. O resto não contava. Tanto assim que, desde a consulta ginecológica para a confirmação da sua gravidez, não voltou ao médico nem fez nenhum tipo de controlo no Planeamento Materno-Infantil, mais conhecido por PMI-PE. Se não a preocupava a saúde do filho (e a sua própria saúde, afinal), muito menos preocupavam os enxovais do bebé por nascer. Aliás, Catarina não pensava, nem um bocadinho, no seu bebé. A sua única tarefa era vender pastéis, torresminhos e outras guloseimas que tais, para, de alguma forma, compensar as despesas que dava à Vovó. Mas, não poucas vezes, as contas não se acertavam porque punha-se a dormir e o pessoal da Praia não é para brincadeiras – tratava logo de comer de borla, na mascajóm.

Para elucidar melhor, Catarina não dispensava entrar na roda das amiguinhas para brincar com elas, apesar da sua barriga deformada. Várias vezes, se queixava à Vovó porque uma das netas fez isso ou não deixou fazer aquilo, como se fosse uma delas. Vovó não se cansava de avisar “ólha, Catarina, você agora não é criança mais, agora vai ser mãe

de criança,” mas ela, o máximo que fazia, era encolher-se, entristecida, recolher-se a um canto, mas por uns poucos instantes – logo – logo já estava no chão a brincar, novamente, com as colegas.

Quinze dias depois de estar hospedada em casa da Vovó, que não sabia que rumo dar à vida da Catarina, a história dessa menininha chegou aos ouvidos de alguém do Instituto Cabo-verdiano de Menores, que, depois de consultar um seu jurista, desencadeou uma série de iniciativas conducentes à protecção da Catarina. Em primeiro lugar, por ser menor, não podia ser abandonada pelos pais, sob pretexto nenhum. Para já, o pai, com quem sempre vivera, tinha de assumir as suas responsabilidades. Só que este, de repente, conseguiu maneira de tentar a sua sorte em Portugal, de modo que, quando a mão comprida do ICM chegou à casa dele, Tony já se encontrava em terras lusas.

Tentaram junto da mãe, mas esta, irremediavelmente, não tinha condições nem económicas, nem psicológicas e afectivas para receber a filha. Foi então que accionaram os mecanismos legais para assegurar as condições todas para que Catarina pudesse ter o seu filho sem correr riscos e sem pôr em perigo a saúde do bebé. Puseram em campo o Curador de Menores, que chamou Betinho para confirmar se era o pai da criança que a Catarina estava esperando. Obtida a confirmação, entrou com um processo de alimentação para o filho da Catarina; a pensão deveria ser fixada de forma a suportar renda de casa, alimento, roupa e outras necessidades básicas da mãe e do filho. Ou, em alternativa, ela ficar sob a dependência directa dele.

E não foi tudo. Preparou um processo por violação e abuso sexual de criança, já que Catarina foi, primeiro, violada por ele e depois usada como objecto sexual até se engravidar, tendo sido descartada, porque deixou de satisfazer os desejos sexuais do Betinho.

Dado o estado interessante da Ina, o Tribunal deu prioridade ao caso. O processo teve um trânsito célere, algo inédito nos anais da

Justiça nesta terra. Em pouco tempo, Betinho sentava-se no banco dos réus e respondia pelo crime de violação da menor Catarina Sanches Mendes, então com treze anos e mãe de uma bebé de um mês e meio. Betinho foi condenado a oito anos de prisão, mas o Supremo Tribunal de Justiça, ao apreciar o recurso, baixou a pena para quatro anos, atendendo a que o preso teria de, num futuro próximo, arcar com as despesas de Catarina e filha, que os pais chamaram a si, quando o Tribunal da Família deliberou fixar uma pensão para as duas. Tratando-se de uma menor inepta para cuidar da filha, o Tribunal obrigou o pai a pagar a uma ama, que só podia ser Vovó.

O certo é que Catarina não dormiu na rua nem comeu o pão que o diabo amassou, porque se fez justiça. Apesar de nunca mais ter posto os pés na casa dos sogros. E de, também, nunca mais, apesar de vizinhos, ter ultrapassado os umbrais da casa onde passou a primeira fase da sua infância. Até porque a tia Titina nunca parava em casa: trabalhava de empregada em Palmarejo, desde que fechou a loja, por falência, para ocorrer às despesas com a casa, visto que, tirando a filha mais velha, que continuava a vender junto ao Sucupira, ninguém mais trabalhava naquela casa. É que Samy estava preso por violação de uma menor. Sim, foi ele o primeiro homem que usou a Catarina, tinha ela pouco menos de nove anos.

Por esta razão, ele se opusera, terminantemente, a que o caso da Catarina fosse levado ao Tribunal, com medo de que fosse descoberta a verdade. O que, de resto, viria a acontecer.

NA RODA DO SEXO

A nova empregada do terceiro andar do prédio vizinho chegara, sensivelmente, uns dois meses antes. Zuky que, na altura, era um moreno e forte rapagão de quinze anos, reparou logo no corpo cheio, bem milhado da rapariga, um corpo onde pontificavam umas pernas grossas, roliças, umas ancas largas, uns traseiros de ámen-jesus, umas mamas opulentas e sumarentas, de criar água na boca. Mas também, e com cortes dilacerantes no coração, reparou que o que ela possuía de bonito e atraente e convidativo, terminava antes de chegar ao pescoço de pato. Comprido demais, desenquadrado e em choque estético com o corpo escultural. Na verdade, a começar logo pelo rosto redondo como bolacha, uma lua cheia, que, de forma harmoniosa, se casava com duas orelhas, mas de pluto. Depois, a boca grande e o nariz mopido, a boxeur – consequência de pancada –, completavam, aos olhos de Zuky, o rosto ideal da mulher feia.

Feia mas, e nisso repararia depois, folgada, descomplexada, desnibida, para não dizer, atrevida demais. Pelo menos para o temperamento, a forma de ser e o entendimento do Zuky.

Esse adolescente Zuky, a partir da observação física da nova empregada, caiu num súbito dilema: sentir-se atraído pelo corpo da rapariga e sentir repulsa pelo rosto; queria o corpo e rejeitava o rosto. Como lhe era possível ter um sem recusar o outro, como lhe era

possível aceitar o corpo e rejeitar o rosto, se não podia separar um do outro?

Entretanto, carregaria esse dilema apenas por alguns dias. E não era fácil encontrar um caminho que pudesse representar algum equilíbrio na solução, uma vez que estavam em causa não simples critérios ou opiniões, mas sentimentos e ideais, construídos, dia a dia, peça a peça, puzzle após puzzle, mas uma construção forte e sólida – tratava-se, afinal de contas, de uma estética, no caso vertente do rosto da nova empregada do prédio vizinho, e de uma ética da beleza. Tendo esboçado, traço a traço, o que seria, para ele, a imagem ideal da mulher bonita, o ideal do belo no feminino, o ideal da beleza do rosto feminino, tendo aprofundado esse esboço durante meses e meses, anos e anos, até completar um quadro completo, como poderia ele, de uma só penada, destruir essa obra sua e consumir outra, o antónimo daquilo que construiu, outra, nas antípodas do que concebeu como Belo?

Como todo o adolescente, Zuky vivia muito do idealismo, daquilo que constituía não só a realidade circunvizinha, mas também de milhares de pequenos átomos de milhares de realidades estranhas, umas assumidas, voluntariamente, outras de forma compulsória, e outras, ainda, captadas de forma inconsciente. Com a sua idealização do Belo e do Feio já terminada, construída, portanto, como uma idealização categórica, absolutamente convincente, sólida no seu espírito, não podia ignorá-la, esquecê-la, remetendo-a para os recantos mais remotos e inacessíveis da memória, sem que isso não representasse perda, não constituísse uma amputação à personalidade do jovem.

Porque, no seu imaginário, o Feio estava do lado do Feio e o Belo do lado do Belo, pois só concebia o Feio com a sua fealdade, dos pés à cabeça, e o Belo com a sua beleza, também, dos pés à cabeça. Para ele, Feio misturado com Belo ou Belo à mistura com Feio, era algo contra-natura, uma hibridéz, apenas possível no reino da mitologia.

De modo que foi bastante difícil ao Zuky lidar com a inesperada questão trazida pela nova empregada: bonita, do tronco para baixo, e feia, a partir do pescoço. Mas, nos primeiros dias, andou muito dividido, para ser mais exacto, andou dividido ao meio – metade queria o corpo, queria libertar-se e ir ao encontro dos apelos provenientes do corpo da nova empregada, mas a outra metade recusava o apelo, porque não se dava bem com a ansiedade. Não ânsia – ansiedade mesmo, com psiquiatras, psicólogos, quinta enfermaria, remédios, tudo...

É que esperar deixava-o arrasado, esmagado, pequeno. Sobre tudo, esperar em ter o corpo, a imagem do que se espera. Como era o caso daquela tarde de Agosto, antes das primeiras chuvas. Agosto, para todos os efeitos, era o mês de todas as impaciências. Era o país inteiro a impacientar-se com as chuvas, que teimavam em não cair. Era o horário único a redobrar a impaciência dos utentes e dos burocratas, sobretudo destes. Era ele impaciente, à espera, à espera...

O tormento vinha-lhe do corpo e da alma. Vinha-lhe sob a forma de um formigueiro, que o tornava irrequieto, inquieto, desassossegado. Um calor que lhe nascia não sabia onde, aumentava e espalhava-se por todo o corpo. É como se esse calor fosse feito de uma matéria estranha, é como se tivesse um composto poderoso, porque o libertava de um desejo – um desejo louco, destravado, animalesco. Um desejo que o compelia a uma desesperada busca do sexo. Uma busca dramática, que o angustiava muito, deixando-o mole e amarfanhado, mas também crispado e intolerante, se a busca fosse infrutífera, se não achasse nada. Era a sua proverbial impaciência a comandar isso tudo.

Aliás, a impaciência que, mais tarde (na verdade desde antes das primeiras chuvas), se tinha apoderado dele, devia-se, em larga medida, ao facto de não acabar com o desejo que tinha, de não estar conseguindo a satisfação sexual que tanto almejava, de modo a sufocar esse interminável e tão forte desejo.

Esse desejo estranho não era um desejo qualquer, que se contentava com uma carne qualquer, da primeira esquina. Era exigente, particularmente exigente, no que queria. Isso também, obviamente, era motivo para o desespero que sentia, um desespero, portanto, duplo: desespero por não encontrar a carne capaz de saciar, de fazer falecer e desfazer o seu desejo; desespero por ter de renunciar às carnes que o seu desejo não queria.

Como não podia deixar de ser, a renúncia ao seu desejo correspondia a um desespero maior, mais desesperado, porque era o seu estatuto de macho que saía beliscado, era a sua virilidade que era posta em dúvida. Qualquer homem, sobretudo qualquer macho cabo-verdiano, nas mesmas circunstâncias, cairia numa depressão grande, porque um macho que não apanha, que não capta, que não sintoniza a Praia é um homem inútil, porque é um homem capado. É isso mesmo — um homem capado. Ou pior do que isso, principalmente quando a fama corre e é do domínio público. E pior seria a etiqueta de macho-fêmea estampada no peito.

Porque, no caso concreto de Zuky, não foi assim. Pelo menos, durante algum tempo. E essa sua resistência resultava incompreensível, não só para a nova empregada como para os amigos. Sobreretudo para estes. É que todos eles sabiam que o rapagão nutria, mais ou menos, um certo fraco pela menina do terceiro andar e que os olhares furtivos que lhe lançava, os risos nervosos ou falsos, as intermináveis sessões de piada ou uma súbita e imparável máquina palradora em que se tornava, quando, sob um pretexto qualquer, a empregada ficava à porta ou na varanda, portanto, perto dele, não aconteciam porque tinham de acontecer, não aconteciam por mero acaso — eram fruto duma coisa inconfundível, universalmente: o amor, a paixão, o desejo...

Zuky havia muito tempo que, também, sabia que a nova empregada tinha queda por ele. Esse botãozinho foi crescendo, crescendo e quanto mais inabundável se apresentava ao coração de Zuky mais

ele crescia. E crescia, perigosamente, descarado, pouco controlado, o que podia pôr tudo a perder-se, pois, em chegando a ouvidos pouco recomendáveis dos donos de língua afiada e comprida, era certo haver cachupa com direito a cabritada.

Mas também não se pense que Zuky se tenha quedado somente pelos olhares furtivos, fugazes. Não. Evoluiu para provocações, mais ou menos, descodificadas, perceptíveis a qualquer uma, quanto mais a uma sabidona como era Lora.

A indecisão de Zuky estava incomodando a nova empregada. Ela não percebia a hesitação. E foi isso mesmo que disse a uma colega, na tarde de uma sexta-feira.

— Já não sei o que fazer. Até calcinhas e sem calcinhas já lhe mostrei, mas nada. Sei que ele quer e quer mesmo! Mas não sei porque é que não me pede. É só dizer: eu quero. E mais nada. Mas não diz. Fica a olhar-me, a olhar-me... Aproveita todas as oportunidades para me espiar debaixo da saia, fica com o seu pau esticado nas calças, mas ele é o diabo! Será que quer que lhe ponha a papa na boca? Pôr na boca não, porque já pus um monte de vez. Ele quer é papa mastigada, no estômago. Chii! Ó menina, esta é que é uma afronta!

E continuou:

— Tãmanha como esta, maior de que esta, não pode haver no mundo. Porque eu com ganas, ele com fome e ficamos aqui só a sentir o cheiro...

— Porque é que não o comes à força? — Perguntou, de chofre, a colega.

Perante o desabado riso de troça de Lora, ela voltou à carga: — Ein! Se um homem, homem não, um rapazinho, não dá o passo para ter o que quer, é porque não quer? Ele está só a tentar-te, deixar-te ferver, sem vir botar água na tua fervura. Se assim é, então podes ficar aqui à espera, até ficares velha, de boca mole, que ficas só com ganas. Pensa no que te digo, menina, e deixa-te de lérias! Se o comeres à

força, tu és mulher e ninguém vai dizer que violaste o rapazinho. Isto está nas tuas mãos!

Lora passou o fim-de-semana embrulhada com a solução apontada pela colega. Mas também dividida, entre prós e contras. E decidiu que devia ser à força, porque ela, num esforço derradeiro, subindo a um banco para estender a roupa, cantou aquela música, então, em voga, "ó mamá, kadera sta kema-m", ao mesmo tempo que sacudia as nádegas numa inequívoca manifestação de sedução, de provocação, de entrega... Como não recebeu sinais inequívocos de que conseguia, assim, o que queria, decidiu então seguir o conselho da colega e forçar Zuky a dar-lhe o que muito desejava e necessitava. Só não acertava na forma de levar isso à prática: quando e onde teria lugar a abordagem.

O que ela não sabia de todo, era acerca dos empecilhos de índole cultural e moral que atalhavam o Zuky de encetar o passo decisivo que o conduziria, irremediavelmente, ao caminho tão receado e tão desejado do jogo da Lora. Barreira que ele não queria transpor, que não poderia, eventualmente, ultrapassar, sobretudo, porque não podia expor a família, desafiar a mítica obediência paterna, apontá-los e jogá-los num escândalo de ressonância muito especial nos meios pequenos. Ele próprio não tinha certezas acerca da posição que teria, uma posição firme, se, um dia, fosse confrontado com a questão da diferença de idades. Não sabia, o que reforçava as suas reservas e solidificava, ainda mais, o terror de dar o passo fatídico e acabar com aquela espécie de jogo de sedução – rejeição de um vá-ka-ta-vá, ora vista, integralmente, ora só tentativa.

Isso desconhecia ela. Assim como o que se desenhava na mente do jovem, para resolver o problema sem pôr em causa, nem um niquinho, o que aprendeu em termos culturais e éticos.

Praia já tinha entrado na segunda semana de um novo ciclo de apagões, dos vários a que é sujeita por ano. Sem dizer "água vai", quando menos se esperava, a luz ia-se embora, sem dizer adeus, a gente não

sabia para onde ia. Submetida a um intenso calor, ainda por cima sem água, a capital sofria e a bom sofrer.

Portanto, fazia muito calor. O vizinho do terceiro andar do prédio ao lado deu ordens para a nova empregada deixar a porta e janelas abertas, para que o ambiente, dentro da casa, ficasse mais fresco, mais suportável. Zuky andava um pouco sumido por aqueles dias, como se trabalhasse a electricidade, artificial obviamente, fornecida pela nossa companhia primeira e única. Por isso, não se encontrava no prédio, como já vinha sendo hábito. Lora andava na sala. Mas, zuky, que reapareceu, sem que Lora se atinasse nele, estava já no quarto, onde tinha um televisor.

Como, habitualmente, de repente, tudo ficou às escuras. Gritando lá para os fundos da casa, para o vizinho ouvir, como se precisasse disso, Lora disse "já se foi, senhor Timor, a luz do diabo já não temos, parou, foi dar o seu passeio", enquanto andava às apalpadelas no corredor, em busca da cozinha, onde se encontravam as caixas de fósforos. Em dizendo e fazendo, viu um vulto e, mais rapidamente ainda, esse vulto deu-lhe um empurrão ou esbarrou-se nela, só sabia que o vulto caiu em cima dela. Antes de o xuxu esfregar um olho, já o vulto estava afadigado em torno das calcinhas. Ajudou-o. Então aquele cavalo alazão galopeou, galopeou, galopeou, com força, com ansiedade, com fogueira e vontade de acabar ali mesmo, depressa.

– Não era preciso empurrar-me assim, brrrrr, seu lascado! Da próxima vez, bate à porta, antes de entrares, porque esta porta não se abre para qualquer um – disse Lora ao vulto, antes de ele ultrapassar a ombreira da porta.

Zuky meteu as mãos nos bolsos, temerário, desceu as escadas do prédio vizinho sem a habitual ajuda das mãos, quando a luz se vai. Não podia ser mais arriscado que o risco que acabara de correr.

No dia seguinte, quando Lora e Zuky se cruzaram, leram, claramente claro, nos olhos um da outra, isto: ontem, foi muito bom. E sorriram de felicidade.

É claro que continuaram a se amar clandestinamente, até Lora engravidar. Até ela emprender porque? Naquele tempo, as mães eram todas muito zelosas: em quaisquer circunstâncias desagradáveis, sobretudo para as filhas, faziam de tudo para estarem perto delas. Foi o que aconteceu com a mãe da Lora. Mal ouviu que a filha estava à espera de bebê, rumou à capital, para o que fosse necessário. Instalando-se no terceiro andar do prédio vizinho, muito rapidamente descobriu uma realidade que a atormentava e à filha, durante largos anos. Reconheceu o pai da filha, o malandro que fora passar uns dias de férias na terra onde ela era originária. Apaixonara-se por ela, arranjaram-se e ele deixou-lhe de presente um filho na barriga. Nunca mais quis saber dela.

Lora estava radiante por, finalmente, ir conhecer o famoso, o misterioso, o maldito e querido pai. Mas, subitamente, desfaleceu, quando viu que o pai, afinal, era o senhor do primeiro andar do prédio vizinho. O pai de Zuky. Horrorizada, o único comentário que lhe ocorreu para não se trair foi – “não é nada parecido comigo”. E refugiou-se no choro, que a mãe atribuiu à decepção, mas, na verdade, era por causa da incontornável paixão que nutria para com Zuky, pois, sendo irmãos, não poderiam mais manter o fogo que cada um tinha e parecia não se apagar nunca.

Apesar da insistência do vizinho do prédio do lado, Lora não quis ficar por nada do mundo. Acompanhou a mãe na viagem de regresso. E Zuky, até hoje, não soube do filho e das razões profundas que levaram aquela empregada do prédio vizinho a ir-se embora, sem se despedir, eles que gostavam muito um da outra. Só lhe ficou uma grata recordação daquela jovem mulher, bonita de corpo e feia de rosto. Feia mas boa.

ONDE ESTÁ SAMIRA?

Maria veio do Tarrafal, de um lugar lá do chamado Moirão. À ilhargá, três filhos, sendo codê uma menina de dois anos. Tendo, de início, partilhado a casa com uma prima-irmã, cedo, porém, viu-se obrigada a construir o seu próprio abrigo – se ela mais os três filhos, com Tizi, o seu homem, mais os quatro filhos da prima não cabiam direito naquele cubículo, de sete por quatro metros, com mais um filho, a casa haveria de abarrotar. Além do mais, estava cansada de dar as suas pernadas só pelas empenas da casa e debaixo de árvores. Como era ainda nova – tinha apenas 23 anos – e não podia renunciar aos prazeres da carne, afinal, os únicos desta vida a que tinha acesso, o jeito era mesmo construir o seu próprio cubículo.

E foi o que fez, com a ajuda de Deus e de vizinhos. O habitáculo nasceu em Achadinha Pires, doze metros quadrados que um comparimento consumiu sozinho. Sólido, porque construído de bloco e coberto de betão armado, tinha Maria, não o lugar que sempre idealizou, mas sim a casa possível, naquele momento, uma casa capaz de abrigá-la a ela e aos seus filhos.

Porque as dificuldades foram sempre mais que muitas para Maria, ela não pôde, ao longo dos anos, ampliar o seu cubículo, que se já era pequena para guardar a cabeça de quatro, cinco pessoas, imagine-se, então, abrigar sete e todas bastante crescidas.

Se Maria enfrentava sérias dificuldades de vida, uma das principais era, com certeza, alimentar sete bocas certas e, às vezes, mais uma suplementar, do seu homem ocasional, que nisso ela também só tinha a sorte de conseguir trabalho sazonal. Muito raras vezes, as crianças tinham o privilégio de quebrar o jejum e quando isso acontecia, o azeite resumia-se a uma bolacha de farinha de trigo com uma aguada a simular sumo. Ou, então, um cuscuzinho rachado ao meio, com um leite popota, leve-leve.

Almoço? Jantar? Essas palavras não eram usadas na casa da Maria porque, para já, seria um abuso nomear o que calhava cair no prato ou em cima da mesa com tão saborosas e substantivas palavras, se arroz, batata inglesa ou feijão eram um luxo só experimentado de longe em longe, imagine o tempo que se passava sem que as bocas famintas sentissem o gosto de uma carne – nem de frango! – ou de peixe.

110

Não havia dúvida que, naquele cubículo de Achadinha Pires, se passava fome, não uma fome platónica, mas, sim, uma fome activa. Algumas crianças exibiam mesmo sinais evidentes de subnutrição.

Numa casa onde falta pão, a educação é um luxo e uma prioridade distante. Impera é a lei da sobrevivência e nela a escola é uma perda de tempo. Por isso, nenhum dos filhos da Maria se sentou, algum dia, numa carteira escolar. Em primeiro lugar, e acima de tudo, deviam preocupar-se com a comida, ter algo para confortar o estômago, que é a melhor forma de sustentar a alma. Como dizia Maria, na sua bruta ignorância, com o estômago vazio, não é só o corpo que não se põe de pé; a alma também. Primeiro o corpo, depois. E só depois, a alma.

Embora não tivesse razão, o facto é que nenhum dos filhos entrou para a escola. Quer dizer, a escola formal, com professores, livros, aprender e ter conhecimentos capazes de, mais tarde, sustentar a aprendizagem de uma profissão qualquer, de prover um emprego,

Fernando Monteiro

suficiente para o auto-sustento, para o amparo da família. Porque, se não tiveram a possibilidade de frequentar essa escola formal, tiveram, contudo, a oportunidade de frequentar a escola da vida.

Maria sorriu até ao tontico quando a filha retirou das calcinhas um maço de notas. Transformou-se na sua antípoda: abraçou a filha, cobriu-a de beijos. Sentou-se com displicência, e contou. “Vinte e oito contos!” Gritou! Gritou de surpresa. Pensara que haveria notas pequenas, mas vinte e oito contos! Estava radiante, desassossegada, irrequieta, sem saber o que fazer. Pudera! Era a primeira vez que tinha em mãos tanto dinheiro juntinho. Estava eufórica. Não podia, por isso, atender a filha, ouvir os porquês da sua ausência. “Depois, filha, depois”, sugeriu, indo deslumbrar-se com a sua sorte grande, o seu jack-pot.

111

Mais calma e serena, explanou à filha o que pretendia fazer com o dinheiro. Claro, ia comprar vestido e sapatos para a filha. Empertigou-se um bocado, quando reparou que Samira não se entusiasmava. Ouviu, então, que o dinheiro não provinha da prostituição mas do roubo. Ouviu toda a história da carteira sem emitir qualquer som.

Só abriu a boca para perguntar:

– Com quanto ficou, com quanto ficou?

E ao ouvir o número pronunciado por Sá, enfureceu-se dizendo “isto é ladroice, é ladroice daquele malandro, isso não fica assim ou não me chamo Maria Luísa Pereira da Silva”, reforçando as últimas palavras com uma palmada vigorosa na própria perna.

Mas espantou-se de mais, receou-se pela filha ao ouvir Samira dizer que tinha sido raptada por uns moços de quem aceitara a proposta de ir com ela para a cama. Meteram-na num Starlet branco, amarraram-na e taparam-lhe o rosto. Desceram, não sabia onde, meteram-na num quarto sem janelas. Os quatro moços violaram-na durante quatro dias

Na Roda do Sexo

a fio. Na madrugada do quinto dia, enfiaram-na novamente no carro, tendo-a deixado na lixeira da Praia, lá para o Monte Vermelho. Nem lhe deram um obrigado quanto mais dinheiro.

– Por isso, mamã, prefiro trabalhar para Xico do que entrar na vida!

Enquanto lhe levase dinheiro, Maria não se importava com a forma como o mesmo era ganho. Mas, no dia seguinte, haveria de acompanhar a filha ao Platô para ter uma conversa séria com o Xico. Ele não podia explorar assim a filha.

“Cinquenta por cinquenta”, pediu mas Xico achou demais porque ele é que corria todos os riscos, tendo ficado em cinquenta e cinco por quarenta e cinco, porque Sá também corria os seus riscos, pois se encontrada na posse de qualquer carteira podia ser acusada de ladrona, ela sozinha.

Foi uma equipa terrível que pôs a cidade da Praia em pandemónio, enquanto durou. Xico era ás em palmar carteiras e Sá era especialista na arte do disfarce e da fuga. Uma equipa imparável que pôs a cabeça da Polícia em água. Sobre tudo no que tocava a Samira que, por ser menor, não podia ser encanada. Se um polícia qualquer lhe rondasse ameaçador ou, mesmo conseguindo um flagrante, gritava logo para todo o mundo ouvir “eu sou menor, eu sou menor e não posso ir presa. É contra a lei”. E assim, amarrava a Polícia e a justiça, que não tinham instrumentos legais para lidar com marginais menores, que não precisavam de um lar, de integração social, de recuperação que era o que fazia a instituição criada para o efeito pelo Governo.

A equipa Xico-Sá – nome que muitas vítimas entendiam como sendo de uma pessoa – durou um ano e tal. Os lucros obtidos pela Samira permitiram à Maria ampliar a casa e adquirir alguns luxos, como uma televisão. Sendo assim, fome foi uma palavra banida da casa da tarrafalense.

A equipa Xico-Sá criou terror, enquanto durou e durou pouco tempo. Samira cansou-se e, sem muitos delongas, desfez a equipa

com Xico, pois já ganhara demasada experiência da vida cidadina. Mas a interrupção durou menos tempo ainda. Muito brevemente, Samira encontrou um ladrão chamado Raboporco, um ás na arte de gamar. E trabalhava sempre em grupo. Raboporco caiu que nem um pato no gosto da Samira. E passaram a dar golpes juntos. Depressa, Samira conquistou um lugar de destaque no grupo de Raboporco, mais por razões próprias. Lugar que Samira fazia tudo por conservar. Porque ganhava dinheiro sem manha.

Mas Samira achava-se no direito de ser ressarcida por tudo o que ia fazendo para a equipa, proporcionando-lhe altos lucros. Também não podia deixar Raboporco solto a gozar com as suas putas – a vingança por a ter desprezado era uma saída certíssima. E começou então a materializar o seu plano.

No último assalto que fizeram em finais de Abril, tratou de meter uma caixa de jóia na mochila de um dos melhores operacionais. A caixa foi roubada por ela e não foi declarada, como se fazia com tudo o que era roubado pelo grupo. Segredou ao mais exigente e implacável dos operacionais que lhe parecia que naquele monte faltava alguma coisa. Volvidos uns minutos, voltou à carga, adiantando que tinha então a certeza de que faltava uma caixa de jóia que tinha tirado de uma cómoda. “Mas é melhor deixar assim, é possível que eu me tenha enganado”, acrescentou. Efectivamente, quando terminou o registo da safra do dia e todo o mundo se preparava para sair, segredou alguma coisa ao ouvido de Raboporco, que hesitou. Perante isso, ele próprio ordenou: “Ninguém pode sair! Quero que todo o mundo bascule tudo o que puder guardar alguma coisa”. Todos ficaram paralisados pela perplexidade, nunca tinha acontecido algo semelhante no grupo. Por isso, embora muito reticentes, um a um despejaram. Entretanto ao chegar a vez do mais operacional dos sub-16, ele recalcitrou, mandou bocas, considerando aquilo uma afronta. Mas lá acabou por fazer o que se pediu. E, quando a caixa de jóias surgiu aos olhos de todos, um silêncio

pesado caiu na saleta. E, mais ainda, ao se abrir a caixa, constatou-se que estava a abarrotar de ouro e estava cheia de muitas peças com pedras incrustadas.

Todos estiveram um tempo à espera de alguma explicação pelo aparecimento da caixa naquela mochila. O presumível autor pegou na sua mochila, olhou longamente o denunciante, com todo o ódio do mundo, e disse apenas: "isto não fica assim". Já a sair, quando Raboporco o chamou, atremessando-lhe a caixa, deixou-a cair no chão. Era normal no grupo: quem roubasse fosse o que fosse, tinha o direito de ficar com o produto do roubo – mas era expulso do grupo, irremediavelmente.

Três dias depois, o denunciante foi encontrado morto junto à Sucupira, sem sinais exteriores de violência: morreu envenenado com raticida.

Havia no grupo um rapaz muito reservado e cioso do que era seu. Nada dele era tocado, sem que reagisse e de forma agressiva. Sá, sabendo isso e tendo conhecimento que um dos sapadores tinha uma certa inclinação para a membra desse moço, escreveu aos três uma carta anónima: ao ladrão, dizendo que o sapador estava a comer a sua namorada; ao sapador, que a membra do ladrão queria um encontro com ele porque estava a fim de passar uma noite com ele; à membra, que o sapador lhe dava cinquenta contos para uma só vez.

No dia do encontro, escreveu um bilhetinho ao ladrão, denunciando o local e a hora em que ia ser corneado. O resto já adivinhou: o ladrão esfãoqueou o sapador e a membra. A esta deu três valentes cortes nas nádegas, dizendo que assim ela não se deitaria tão cedo com um homem. Naturalmente que ambos deixaram o grupo.

Com tantos desencontros no grupo, Raboporco entrou em desespero, pois, não era fácil refazer a sua equipa. Sá aconselhou-o a descansar. Como sabia que andava com a filha menor de um comerciante do Platô, Sá instruiu-o a passar uma semana no Tarrafal. Ele caiu que nem

um pato. Foi e levou a moça que, apesar de ter as canelas compridas e de estar farta de dar as suas pernadas, não deixava de ser menor. Essa menina frequentava a rua de S. Bento por causa de droga. Tal como Raboporco, também fornecia a essa miúda. Como as putas gostam de brancos, ele passou a sair com ela.

Os pais da moça estavam já afitos sem saber o paradeiro da filha, apesar de terem palmilhado ASA, Tchétchénia e todos os sítios onde se dizia que circulava droga, inclusive na Rua da Lama, na Achadinha. Eis que, ao sexto dia, receberam um bilhetinho: "nhós filha stá na Tarrafal, otel Marazul com omi, um bandido de Som Bento".

Raboporco foi preso em flagrante delicto, pelos crimes de rapto, violação e abuso sexual da menor. O juiz confirmou a prisão preventiva.

Estava assim consumada a vingança de Samira, que, com a ajuda dos irmãos, geriu os remanescentes dos negócios do Raboporco, na medida em que era a única que tinha acesso aos armazéns do grupo e que também conhecia as suas conexões fora da Praia. Ela também sabia que, na casa de Ponta Belém, num canto onde o soalho era falso, Raboporco guardava drogas do traficante da rua de S. Bento. Depois de se ter desfeito de todos os objectos roubados que se encontravam aí armazenados, voltou-se para as drogas, que transaccionou com dois traficantes de Tchétchénia, criando, com esse facto, um bruto diferencial entre Raboporco e o seu amigo traficante da rua de S. Bento. Sá ficou com um chorudo lucro, que entregou à mãe para a construção de uma casa nova em Pensamento.

Sem o negócio de assalto às casas e escritórios, com a parceria com Xico desfeita, que restava à Samira fazer?

Como ainda tinha dinheiro, começou a frequentar as boates. De início, em Lém-Ferreira, mas, como a interditavam por causa da idade – era ainda sub-14 –, transferiu-se para Tchétchénia, onde se era mais liberal. Foi nessa altura que, levada pelos dois irmãos, ganhou o

gosto pela vida nocturna. Bebeu a sua primeira cerveja e o seu primeiro uísque. Fumou o seu primeiro charro, sob a embriaguês da música, da dança, do suor, do ambiente psicadélico, da sabura.

A vida nocturna transformou Sá mais ainda. Porque passou a conhecer moças mais velhas e mais experimentadas nos negócios, pois as havia de todos os ramos, sobretudo da prostituição e da droga, duas áreas em que era virgem de todo. Com as da rede de distribuição, soube que drogas eram um negócio bastante chorudo mas muito perigoso. Ao contrário do roubo, por exemplo, na droga havia de se estar alerta não só contra a polícia mas também contra os consumidores e contra os concorrentes, que o domínio do mercado, num país tão pobre como Cabo Verde, era muito mais terrível do que aparentava. Ora, concentrar-se em tantas direcções, desgasta, transforma um traficante num autêntico felino, sempre pronto a atacar e a defender-se, a ser desconfiado de tudo e a desconfiar de todos. Era uma experiência única, rica e perigosa. Mas o lucro era astronómico e justificava tantos sacrifícios e dificuldades.

O negócio do sexo, que não se resumia à simples prostituição, tinha também os seus riscos, mas muito menos graves que o das drogas. Filmes, fotografias, sadismo, pedofilia e, até, sexo e prostituição em grupo, eram áreas muito lucrativas. Mas o principal no negócio era a escolha do cliente. Os estrangeiros bem como os dirigentes de todas as espécies davam um alto rendimento. Quem quisesse ganhar dinheiro, tinha que ser uma puta cara. Quem quisesse ficar pobre ou, no máximo, remediado, então ia para boates de subúrbios, aonde só vão péssimos, fica em bares pequenos de bairros pobres.

Na posse de tanta informação, Sá não se decidia nem pela prostituição nem pelas drogas. As vantagens, num e noutro negócio, sobrepunham-se às desvantagens – aliás, nunca sopesavam os prós e os contras, valia era mesmo ser optimista e confiar em que tudo medrava e prosperava, sem contra-tempos. Sentia uma certa inclinação para a

prostituição, sobretudo desde que aqueles quatro cavalões o violaram na Várzea. Se era para servir para matar o apetite dos homens, sem ganhar nem um tostão, então era preferível gastar as folhas ganhan-do dinheiro, muito dinheiro. Mas, mais importante que dinheiro, era tornar-se ela própria muito importante, conhecer gente importante, frequentar sítios chiques e porreiros. Já se estava a ver a falar com ministros, senhores directores... Sonhava com um mundo que não era o mundo da pobreza, da miséria e da fome, o mundo do furto e de aldrabices mil para a terrível missão de sobrevivência, o mundo de uma casa de sete metos quadrados, sem cómodos nenhuns, sem luz nem água, sem fôgo ou panela, sem cama (esteira, apenas) que assa no tempo de calor, que congela no tempo de frio, que chove como uma árvore no tempo das águas...

Mas, ambiciosa assim, achava também que entrar para o mundo da droga seria, com certeza, bem proveitoso para ela. Aliás, seria uma forma de entrar para a sociedade que mora em Palmarejo, o mundo daqueles que nadam em dinheiro. O único problema é que, em Cabo Verde, o comércio de drogas ainda era fraco, não rendia como lá fora. Ainda se pudesse ir para a Europa... mas era menor, não tinha lá nenhum familiar...

Samira optou por ser prostituta e correio de droga. Investiu muito dinheiro para se tornar numa moça formosa e chique, capaz de ser requisitada pelos grandes. Mas, para conseguir o seu objectivo, era ainda necessário conseguir um passaporte. Investigou até encontrar uma miúda que, a troco de muito dinheiro, a lançou na linha de produção. Já sabia da função: aceitar todas as manigâncias, satisfazer todas as exigências, por mais absurdas, loucas e extraordinárias que fossem, e, sobretudo, calar-se, ser como uma pedra.

Por ser menor, apresentaram-se-lhe, no começo, dois problemas, sendo um negativo – os que tinham medo de ser apanhados, por causa do escândalo que isso podia dar; felizmente, a comunicação

social nacional era cegueta e pernetta neste capítulo – e outro positivo – ser menor significava carne fresca, sangue novo, emoções fortes servidas em pratos que às patroas nem se ousava sugerir. Mas, ganha a confiança, Samira entrou na alta esfera da prostituição, era bastante solicitada para serviços de variada espécie. O dinheiro corria a rodos. Tudo era controlado pela Nandinha, de cuja segurança se encarregava Palo, um culturista empedernido, que fazia o papel que habitualmente competia aos chulos cumprirem.

Mas, a pouco e pouco, Samira começou a introduzir alguns clientes no mundo do consumo de drogas. E foi assim:

Uma noite deitou-se numa mansão com um patrãozinho que tinha ficado sozinho em casa. Depois de uma boa paródia, quando o clima estava assim quentinho, o rapaz puxou de uma caixa de prata e espalhou o pó branco – coca – num papel e, através de uma palheta, cheirou o seu canção branco, oferecendo a Samira um voo pleno para o Paraíso. A menina, obviamente, recusou. “Se quiser, posso fornecer-lhe isso”. Ofereceu, medindo, com rigor, a reacção do moço. Sendo uma prostituta e menor, ela era o fornecedor mais seguro porque insuspeito – ninguém desconfiaria de um fornecedor assim. Tiro e queda.

Samira tratou o negócio com Baldé: tinha um consumidor seguro, que pagaria sempre em cash, e a pronto. Não havia que ter receio. Levou doses para uma semana. E foi o início de um novo caminho. Diga-se, lucrativo, muito lucrativo, tanto que, a páginas tantas e estribada nos seus irmãos, Samira queria montar o seu próprio negócio. Entretanto, um grande obstáculo surgiu nesse caminho chamava-se fornecedor externo.

Um dia, Sá foi chamada para dar assistência a um cabo-verdiano instalado num hotel da cidade da Praia. Às tantas, perguntou ao cliente se não se importava se cheirasse um pouco de canção. O holandês disse que sim com a cabeça e ela tirou uma porção de nada que

inalou, o que interessou bastante ao seu cliente. Quando informou que podia vender-lhe uma dose, o holandês ficou ainda mais interessado e conseguiu a confissão de Samira de que usava a prostituição como disfarce para passar drogas. Chamou os colegas. Samira ficou cheia de medo, a querer sair do quarto. Um gesto vigoroso do cliente fê-la sentar-se hirta e ansiosa. Os colegas, três, entraram no quarto. O holandês apresentou Samira:

– Sabem quem é? Uma pequena... Uma falsa pinguinha. Distribui drogas, men!

Com Samira a levantar-se alarmada, com a inconfidencialidade do cliente e os três intrusos espantados com a revelação, o holandês adiantou:

– Acho que temos aqui uma ótima saída para a nossa mercadoria. Esta menininha pode servir-nos de correio para os nossos clientes.

E foi assim que Samira, para além da conexão Nigéria – Tchetchénia, abria uma nova frente com a conexão Holanda-Palmarejo, já que o grupo holandês acabara de adquirir uma casa nesse bairro da cidade da Praia. Essa conexão era curta, uma vez que se tratava da distribuição por alguns grossistas – o negócio era de alta parada.

Samira receberia um telefonema a informar-lhe da chegada da encomenda. O desalfandegamento não era com ela. Tinha apenas que se encontrar com uma pessoa na Praça Alexandre Albuquerque, no Platô, na hora indicada através do telefone. Eram-lhe indicadas a vestimenta e as características da pessoa que lhe iria entregar a encomenda. Haveria uma senha e contra-senha para cada entrega. Por uma questão de segurança, nunca a entrega seria feita pela mesma pessoa. Com o mesmo objectivo, Samira apenas faria circular a mercadoria, ignorando o dinheiro, recebendo a sua parte no acto da entrega seguinte.

Se, da primeira vez, Samira se encontrou com um holandês de origem, da segunda vez deu de caras com um viajante muito conhecido. Mas, à quarta ronda, a surpresa foi total: um político bastante

conhecido. Aliás, Samira haveria de se encontrar com alguns clientes seus, insuspeitos de todo, mas que estavam bem integrados no mundo da droga, quer como consumidores, quer como passadores. Uma vez, até foi safá por um polícia, quando se preparava para fazer entrega a um cliente que estava sob a mira da judiciária cabo-verdiana. É evidente que ela pretendia ir à casa do homem enquanto prostituta mas, pelo facto de a polícia ter montado uma operação para caçar o homem na noite desse dia, a coisa poderia, eventualmente, fêder para o lado dela, porque a pejeta sabia que, estando o suspeito limpo, ia receber ou já tinha recebido mercadoria. Tendo o homem vigiado durante vinte e quatro horas, podia a polícia chegar facilmente à Samira, caso encontrasse droga nessa noite. Samira foi, naturalmente, à casa do cliente, e prestou serviço como pixinguinha, combinando a entrega para outra altura. Entretanto, em vez de esperar por insinuações ou por uma ocasião mais propícia, Samira distribuiu a droga pelos clientes e arrecadou o dinheiro.

Como não houve reacção nenhuma, falhou uma entrega na ronda seguinte. Silêncio. Empolgada, tornou a dar um terceiro golpe. Um quarto foi adiado porque pelo olhar do correio podia-se concluir que algo não ia bem com a rede da Holanda. Samira adoeceu, só de pensar que podia estar iminente a sua morte, visto que a malta da droga não brinca em serviço. Por isso, procurou um pejeta, seu cliente e amigo e, como quem não queria mais que informar-se, procurou saber como conseguia a PJ prender os traficantes no estrangeiro.

Naquela tarde chuvosa de Agosto, Samira recebeu um telefonema, que julgou ser da Holanda. Dirigindo-se à Praça Grande do Platô, foi surpreendida por um dos crioulos que combinara com ela a sua entrada na rede holandesa. Recebida com a exuberância típica de emigrantes cabo-verdianos, Samira, entretanto, só pensava na forma de sair de lá. Mas, agarrada pelo braço, foi arrastada ao Cachito, onde o traficante lhe ofereceu uma amável bebida, fazendo

crer aos presentes que tinha muitas saudades da Sá, amiga de longos tempos. Saíram abraçados. Samira suava tanto que as calcinhas estavam molhadas, de tal forma que não sabia se era do suor ou se tinha mesmo mijado.

Metida no jipe do emigrante estacionado diante da Farmácia Higiénica, Samira pensava na forma ou de se escapar do carro – só não saltou do carro, em pleno andamento, por medo de cair e bater com a cabeça no chão e morrer – ou de se deslindar do aperto em Palmarejo.

O jipe venceu a distância Platô-Palmarejo num ápice, qual bólide da fórmula um. Já dentro da garagem, a fisionomia do holandês mudou: o ar bonacheirão desapareceu e foi substituído por uma máscara de carrasco. Na sala, Samira deparou-se com um monstro da tortura em sua frente, o que a levou a pensar que não era esse o mesmo homem que viera com ela. Os dois olhos pareciam de pedra brilhante, tão sem vida se apresentavam.

– Temos três encomendas falhadas e não sabemos o seu paradeiro. Podias dar-nos alguma pista?

Com voz atemorizada, Samira disse que os correios estavam sob suspeita e na iminência de serem presos. Por esta razão, guardou a droga em lugar seguro. O medo de colocar em perigo a rede impediu-a de falar na questão, até porque eles sabiam que a casa onde recebia os telefonemas não era de total confiança, razão pela qual, inclusive, falavam pouco e em código. Se quisesse, entregar-lhe-ia os três lances naquela mesma hora; precisava apenas do tempo de se deslocar ao Pensamento e voltar.

Como não era conveniente irem juntos, Samira sossegou o traficante com um “venho já fazer-te aquilo de que gostas muito”, tendo também deixado a encomenda para levar depois.

Em vez de Samira se dirigir à casa, foi directamente à sede da pejeta na ASA, onde pressionou o director-central a mandar uma equipa para apanhar droga numa casa de um holandês. Sabia que a droga esta-

va lá porque o homem deu um bocado para ela, e exibiu um panfleto. O director-central estava ainda a pensar se aquilo era verdade ou se não passava de um falso alarme e Samira gritou-lhe:

– Se não forem lá agora mesmo, ele vai tirar a droga porque disse que estava à espera de alguém”.

Enquanto desencadeava o processo da obtenção de um mandado de busca, a pejeta deslocou-se a Palmarço onde ficou a vigiar a casa suspeita. Em menos de dez minutos, um jipe saiu da garagem. O seu ocupante foi logo detido e obrigado a entrar em casa, deixando o jipe imobilizado, na rua. Quando o mandato chegou, revistaram o jipe, tendo detectado um carregamento de droga. A mercadoria e o holandês foram levados para a sede central da pejeta; se da acusação de violação ou abuso sexual de menor podia safar-se, mais por pedido de Samira, que prometeu ajudar a polícia no caso de comercialização ilegal da droga, desde que se fechasse o olho à sua actividade como pixinguinha, da acusação de traficante de estupefacientes nada do mundo o poderia salvar.

Na verdade, e perante a evidência de provas – vinte e cinco quilos mais 820 gramas de cocaína pura, 720 gramas de heroína, eram demasiado material para ser ignorado -, o tribunal não teve outra saída senão decretar a prisão preventiva do emigrante, que, na Holanda, também, estava sob suspeita de tráfico de drogas; a polícia andava-lhe no encalço sem, contudo, obter provas que o pudessem incriminar de forma irremediável. Mas a sua prisão era uma questão de tempo, visto que a autoridade holandesas anti-droga estavam na posse de informações que indicavam actividade ilícita: o nível de vida desse suspeito era alto demais para uma pessoa que passava a maior parte do tempo a zanzar por bares e casas de passe na zona portuária de Roterdão. Com tal currículo não era difícil prever uma pesada condenação por tráfico de droga.

Desde esse dia, Samira cortou toda a ligação com a rede de Holanda. Aos amigos da Tchetchénia, ainda, deu algum tempo, com o

intuito de encontrar uma saída airosa, que não pusesse, uma vez mais, a sua vida em perigo.

Montou um bar na sua própria casa, gerenciado pelo irmão Palo, que despachava o serviço com a ajuda da mãe. Continuou, porém, a atacar os seus clientes mas, a pouco e pouco, foi-se libertando da droga, invocando o desaparecimento dos fornecedores, a quem dizia que, com a proximidade das eleições legislativas, os clientes que se interessavam pela mercadoria evitavam toda e qualquer possibilidade de escândalo que pusesse em causa o seu tacho. Ademais, deviam estar mesmo muito ocupados com a forma de conservarem o tacho, mesmo que o governo mudasse de mãos.

Apesar de não ter completado ainda os 16 anos, Samira era já uma mulher, em toda a acepção da palavra. Tendo então garantido o seu futuro, podia muito bem deixar a vida marginal, o mundo do ilícito e tornar-se uma empresária de verdade, já que dispunha de um mínimo de capital para avançar, mais decididamente, nesse campo. Aliás, se a mãe tivesse outra formação, se tivesse juízo, a família estaria em melhores condições económicas e financeiras. Ela bebia demasiado, distribuía dinheiro como se tivesse uma fábrica no quintal da sua casa. Mas, piores do que a mãe, eram Nandinho e o irmão que veio ao mundo logo a seguir à Samira. Malbaratavam o dinheiro da Samira em drogas, bebidas, mulheres e batota.

De todo o modo, Samira vivia bem e continuava a facturar bem. Quem se deitou com ela, confidenciou-me que ela era como mel, como um afrodisíaco; experimentava-se uma vez e queria-se mil vezes.

Numa quarta-feira foi com um homem influente. Fez tudo o que o homem pediu. No final, depois de ter recebido uma boa maquia e quando se preparava para sair, ouviu o careca dizer-lhe:

– Olha, tenho um amigo que gostaria de se encontrar contigo, mas está com muito receio. É que a posição dele é de grande responsabilidade e não pode expor-se. Se prometeres ser discreta, não contares

a ninguém sobre o vosso encontro, prometo-te que vais ganhar um cliente muito generoso, capaz até de te mandar em viagem pela Europa. Se prometeres não contar a ninguém, nem antes nem depois, posso telefonar agora mesmo para ele.

Entusiasmada ante a possibilidade de agradar a um ministro ou, quem sabe, ao Primeiro-Ministro ou ao próprio Presidente da República, aquiesceu repetidas vezes.

O homem telefonou. "Ela aceitou... Conforme o combinado... Não, senhor... Ela garantiu-me, pode ficar descansado... Sim, excelência... Às cinco da tarde" ...

Às cinco da tarde, Samira estava à espera junto ao bar de José, na Ponta de Tâmbra. Um jipe Pajero azul, de vidro fumado, desceu da Achadinha, virou para a direita, esperou diante de Samira que, conforme tinha sido combinado na véspera, estava à espera na rua. Logo que viu o carro, com as características avançadas pelo cliente, compôs o vestido de noite negro, segurou melhor a mala de mão também preta. Lançou um breve olhar ao bico dos sapatos bem envernizados. Tentou ver para lá do vidro, num gesto inútil. A porta abriu-se. Olhou para os lados, para ver se ninguém registava a cena. Só ao longe havia gente. Entrou no carro. O condutor não era ninguém ou, melhor, era um Zé-Ninguém qualquer. Enfastiou-se porque esperava um ministro. Interpretando bem a sua reacção, o condutor disse-lhe que a levava ao homem grande. O carro ia em direcção à ponte de Vila Nova. Entrou na Avenida Cidade de Lisboa e, depois, desceu em direcção ao mar.

O carro foi estacionado na garagem da mansão. O condutor transformou-se em criado e serviu vinho espumante à Samira, que, nessa altura, tinha os cabelos curtos, a maria-rapaz, ou seja, lambada. Salgadinhos foram servidos em três cestos de vime. Samira bebia e comia. O criado-condutor permanecia à distância. "O patrão não demoraria". Da sala onde se encontrava, Samira só via o mar.

Passava das seis da tarde, quando o patrão entrou na sala. Samira levantou-se devagar. Quem era? Ficou paralisada. Apavorada. Não se aguentando em pé, desabou sobre o sofá onde estivera sentada. A barreira deu-lhe várias cambalhotas. Sentiu necessidade de evacuar, mas maior ainda era o desejo de se evacuar daquela sala, desaparecer na noite que avançava sobre a casa. Porém, ficou hirta, como uma estátua. Sem movimento. O criado-condutor virou pistoleiro mal o cliente holandês fez a sua aparição. Com a arma apontada à cabeça da Samira, a quem obrigou a levantar-se, revistou-a à procura de arma.

Quando o dono da conexão Holanda-Palmarço se instalou a um metro de Samira, esta não se encontrava na sala; voava algures num deserto azul, onde havia uma vaga imagem duma assombração. Entretanto, foi obrigada a regressar dessa viagem, e, rapidamente, devido à pancada vibrante e cativante da voz do holandês:

- Acho que temos umas contas a ajustar. O serviço que me prestaste não pode ficar sem pagamento. Hoje você vai para Holanda.

O tom frio com que foi dita essa frase, a calma do emigrante, a arma, tudo dizia a Samira que essa Holanda não era a Holanda de Juliana, nem significava a cadeia de São Martinho. Para a menina de vida, carteiista e correio de droga, Holanda era uma viagem para a Terra do São Nunca – era uma viagem sem regresso, uma viagem para a morte.

Com toda a delicadeza, arrastou Samira para a sala de jantar, no rés-do-chão. Uma mesa como Samira sempre gostava de ter. Uma mesa repleta e finamente montada, onde nem velas faltavam. Apenas uma cadeira em cada extremidade. Um jantar a dois. Ildo Lobo mornava lá no fundo da sala. Um jantar bom para filme. Um jantar só de filmes.

Enquanto o emigrante comia e bebia com prazer, com alguma sofreguidão, como se aquela fosse a sua última refeição, Samira não abriu a boca, nem para responder às sucessivas perguntas do homem sobre

as razões por que não comia. Com olhos de menina assustada, Samira olhava para o homem sem o ver. Só pensava na morte, e na vida. Na mãe, nos irmãos, nas fomes e dificuldades, na vida miserável, na casa paupérrima de Achadinha Pires, no seu primeiro dia na rua, no dinheiro do Xico, nos estupro, no Nato, nos homens que teve entre pernas, nas pernas que passou a muita gente, enfim, na sua curtíssima, atribulada e riquíssima vida, na sua condição de mulher ainda criança.

Depois do café, o emigrante lamentou-se por ela ter recusado a sua última refeição em Cabo Verde. Essa seria uma refeição de que nunca mais se esqueceria. Pela certa. Com uma gabardine sobre os ombros, disse à Samira que não se despedia porque iriam reencontrar-se em breve. E saiu. Foi então que entrou em cena o holandês de verdade, aquele que também estava no negócio do hotel. Ele e o criado conduziram Samira para a garagem. Amarraram-na. Meteram-na nos bancos traseiros, deitada. O carro saiu da garagem e pôs-se ao fresco.

Samira não sabia por onde era conduzida. Sabia que a estrada era má, devido à sucessão de solavancos, mas na Praia não se podia andar de carro sem solavancos. O carro andou, subiu, desceu, sempre a acelerar, sem parar. Aliás, passado um bom tempo, parou. Samira foi arrancada da viatura e arrastada para a água — estavam numa praia. Meteram-na num bote que se debatia com as ondas. Dois homens mantinham a embarcação mais ou menos estável. Samira foi arremessada para bordo. O bote enfrentou mais decididamente as ondas, que vencia com algumas dificuldades. Daí a pouco, sulcava as águas mais céleres. Em poucos minutos, aportavam a um iate. Escalaram Samira para bordo. O holandês de verdade e o condutor-criado também subiram para bordo. O bote regressou à terra. A moça foi obrigada a descer ao porão. O chefe estava lá, acompanhado por uma crioula, uma branca e outra branca. “Eis o nosso troféu!” E disse qualquer coisa numa língua estranha. Encerraram Samira num pequeno cubículo, onde, depois de largo tempo acordada e a escutar vozes, acabaria por adormecer.

Acordaria abruptamente, com dores por todo o corpo, as mãos mortas de cáibra, os pulsos doridos, inexistentes quase. Levaram a miúdo para o convés, o sol brincava riba lá no céu, dardejando a sua chama bruxuleante. Amarraram-na ao timão. Não se via terra firme. Não havia mais embarcações. Todo o pessoal estava no convés. O barco balançava suavemente, a ninar as pessoas. Samira estava inerte, sem reacção, numa letargia mole e lânguida. Estava moralmente, psicologicamente, psiquicamente vazia. Fisicamente debilitada.

Com um bater de palmas, o boss chamou o pessoal, a quem entregou caixas com dardos pequenos. O que se seguiu foi uma espécie de brincadeira, servindo Samira como alvo. Tentavam espetá-la com dardos e quem acertava era premiado com aplausos e gritos ululantes. Naturalmente que esses gritos abafavam os de Samira, que sangrava a cada alfinetada.

Cansados desse jogo, despenderam Samira do timão e deitaram-na sobre uma espécie de mala, onde foi despojada de toda a vestimenta. O corpo apresentava inúmeros buracos assinalados por gotas de sangue. O boss, depois o branco, a seguir o holandês de verdade e, por último, o condutor-criado comeram a moça à frente das meninas, que deliravam, incentivavam ou viaavam a prestação de cada um dos homens. Foi uma sessão pública de pornografia.

Usada daquela forma vil, humilhada, Samira ainda teve forças de ouvir o patrão dizer-lhe:

— Isto é para aprenderes a não brincar connosco. Nem homens de colhões ousam enfrentar-nos e tu, uma menininha de cuíro, ousas gozar connosco?

Desceram para o salão no porão. Só o condutor-criado permaneceu no convés. O restante pessoal, cuja sensibilidade era bastante fina, não suportaria o espectáculo macabro que iria ter lugar dali a pouco. Puseram música de Kino Cabral — “Cinismo” — em altos decibéis. Dançaram, bebendo. Enquanto isso, no convés, o condutor-criado,

na posse de uma serra eléctrica, fez a Samira em postas. Primeiro, os membros inferiores, depois os superiores. O tronco foi o último a ser serrado, porque, para despachar o sofrimento que, na sua inconsciência, a miúda poderia ter, foi decapitada antes. As postas foram deitadas aos tubarões, ainda vivas. O condutor-criado lavou o sangue do convés e, depois, juntou-se ao restante pessoal, bebendo uísque e dançando ao ritmo de colá-zouk. Como se nada tivesse acontecido, como se não se tratasse de vida humana, cercada com violência desumana e cruel. Uns carniceiros sem coração.

Na Praia, entretanto, apesar de não ser hábito a Samira sair da circulação sem deixar rastros, o desaparecimento da moça não suscitou preocupação à família. A mãe, Maria, cogitou: "Aquele puta deve estar com algum homem em algum lugar, Tarrafal, fora". O mesmo pensou Palo, já que Nandinho se borrifava nos outros, não se interessava pelo que pudesse acontecer aos membros da sua família, como dizia "estava noutra".

Mas, passado o fim-de-semana, Samira não voltou à casa. O normal seria comunicar às autoridades policiais o desaparecimento da jovem, sobretudo porque foi graças a ela que a família de Maria deixou de passar os dissabores diários e permanentes de Achadinha Pires. Optando por prosseguir pelo caminho da simplicidade, preferiram acreditar que a moça estivesse a gozar uns dias no Sal ou na Boa Vista ou mesmo em São Vicente, nalguma ilha. Esse era o único cenário que concebiam, não punham sequer outra hipótese, nem a comum em iguais circunstâncias, que seria a morte.

Um mês se passou e de Samira nem fumo nem mandado. Nem Maria nem os irmãos, pessoas que se beneficiaram, directa e exaustivamente, das acções perversas da Sá, estavam aí. As pessoas – e muitas – que perguntavam pela miúda, encolhiam os ombros e respondiam com um vago "deve estar na ilha do Sal ou da Brava". Mas, depois, como Samira não aparecesse nem escrevesse um bilheteiro sequer, re-

solveram inventar: "Ela está no estrangeiro, foi num iate com um estrangeiro, sabe, ela tinha manias com os estrangeiros, algum deve tê-la levado para longe". Continuavam a não conceber qualquer outra possibilidade, mesmo quando confrontados com o facto, estranhíssimo, de Samira nunca ter sido vista por qualquer cabo-verdiano, dos milhares e milhares que andam espalhados pelo Mundo inteiro.

É evidente que o dinheiro e os bens de Samira se esgotaram. Nandinho, Palo e Zé, o irmão que se seguiu a Sá, foram presos. Os outros abandonaram a escola e foram para a rua ganhar o dinheiro que a Maria desbaratava na bebida. Ela, depois do desaparecimento súbito da Sá, bebia tanto quanto consumia levando o seu ser à bancarrota, em dois tempos. Passava o tempo a beber de bar em bar, de loja em loja, esperando o regresso da Samira, a única filha que... "os outros não passavam de uns bardamerdas, que só sabiam sugá-la, a ela, uma pobre mulher doente e acabada, vinda lá de Moirão". Ainda hoje anda, desesperadamente, à espera da Samira, apenas acompanhada na sua aparente dor pela cana-cana de Santana. Uma inglória e inútil mulher, que homem algum queira para si.

SAMEDA FEITICEIRA

“ – Como te estás sentindo com a falta do homem, teu marido? Ora, eu estou farta e saciada, porque ele come e lambe os beiços. Aqui ele tem de todas as espécies e qualidades, desde 69 à vaquinha. Até furo, quando estou com a chica. Lá em tua casa, sua vaca, só tens um prato. Por isso, ele prefere-me a mim a uma sancossinha como tu”.

Abominável. Ignóbil. Samedá ficou a tremer e rasgou a carta num acesso de nervosismo.

Aliás, ela começara a sofrer de tensão alta, exactamente por causa da Zabel, com quem evitava encontrar-se. Ela deixou de apanhar o autocarro em Pensamento, de apanhar água e fazer compras nesse bairro, só para não se encontrar com ela. Mas Zabel encontrava formas de contactar com ela, sem aparecer. De tal forma que Zabel fechou na gaveta o telemóvel que Juvêncio lhe dera de presente pelo seu vigésimo quinto aniversário. Porque, volta e meia, Zabel ligava-lhe somente para a insultar.

Quando deixou de ler as cartas, que de anónimas nada tinham, e de ter o telemóvel à mão, Zabel começou a dar sinais de impaciência – vinha até Calabaceira, ficava do outro lado da casa de Samedá e ficava por lá a observar, numa clara atitude de provocação. Sempre que podia, mandava, por uma criança qualquer, um bilhetezinho com as ordináries da praxe.

Um dia, foi esperá-la no chafariz de baixo, na Calabaccira. Samedinha vinha com o seu boião à cabeça, quando, de repente, Zabel lhe saiu ao caminho, barrando-lhe a passagem. A tremer de medo, Samedinha perguntou-lhe o que ela queria e, ao "isto!" da Zabel, seguiu-se o gesto de uma valente bofetada, que fez o boião saltar para o chão, rebentando. Apesar de mais alta e igualmente encorpada, Samedinha não sabia brigar. Mas, pudera! Lá fez o que pôde e o que pôde foi fazer uns arranhões na cara da outra e agarrá-la pelo cabelo. Não fosse isso, levava forte e feio. Mas seria um mal muito menor que a vergonha que foi obrigada a passar. Zabel, qual gato brabo, rasgou-lhe o vestido de alto a baixo, tirou-lhe o sutiã, deixando-a nua, em topless. O caminho do chafariz de baixo à sua casa foi uma autêntica via sacra para Samedinha, pois as mulheres, sobretudo jovens e adolescentes, e as crianças da Calabaccira, corriam atrás dela gritando "Porto é que ganhou, Benfica vai de tanga", isso porque brigou com a Zabel à frente da casa do Djoca Porto. Durante o trajeto, que não era curto, não apareceu um único cristão para cobrir a sua nudez. Por isso, chorava. As lágrimas, que despenhavam dos seus olhos como água de algarôis, não eram porque levou porrada da Zabel; eram por causa da sua nudez - ela a quem nunca nenhum homem, salvo o marido, pôs a vista em cima - estava, para já, à mercê dos olhos de qualquer um. Isso é que a fazia chorar; chorava de vergonha.

Pela primeira vez na sua vida, Samedinha entrou numa esquadra policial. Contou tim por tintim tudo o que se passou desde que Zabel veio de São Vicente e resolveu apossar-se do marido dela. Como não tinha as malfadadas cartas anónimas, o polícia disse que mandaria buscar Zabel, que ficasse descansada, etc., etc.

Só que esperaria em vão.

Por esta razão, não tardou que Zabel apontasse outra cilada. Com certeza, foi do Pensamento que Zabel viu Samedinha atravessar o campo da Calabaccira, contíguo à Escola António Nunes, popularmente

conhecida por Cíelo de Calabaccira, acarretando um balaio à cabeça. Atravessou muito rapidamente a ribeira e foi esconder-se no beco de uma casa, esperando Samedinha.

A esposa de Juvêncio estava cansada. Suava: por baixo do lenço que trazia à cabeça, escorriam perrás de água, como lágrimas de orvalho pela folha verde e fria, nas manhas de Janeiro. Vinha do mercado de Achadinha, onde foi abastecer-se de tomates e batata inglesa para revenda.

De repente, viu Zabel saltar do seu esconderijo e postar-se à sua frente. Teve tal espanto, que o balaio se desequilibrou, mas não caiu. Recuando, passo a passo, não se cuidou e caiu na ribeira, mais o balaio. A sorte de Samedinha foi ter caído sentada e em cima de um monte de areia que alguém extraíra para venda à construção civil. Entretanto, ficou um tempo a gritar e contorcer-se de dores, pois a queda não foi pequena - o muro tinha, nessa cota, cerca de um metro e meio a dois metros. O tomate estragou-se e pouca coisa se aproveitou. Sob a zombaria disparada da Zabel, lá apanhou o que ainda podia ser usado, engolindo, em seco, mais uma humilhação. A correspondente queixa na esquadra policial teria que esperar melhores dias. Quando a chamaram, mais a Zabel, para o caso ser resolvido, tinha já ela esquecido o incidente, pois foi criado no espírito de perdão. Retirou a queixa.

Essa posição cristã de Samedinha não impediu Zabel de continuar a amesquinhar a comborça.

Poucos dias depois de terem ido à esquadra, Samedinha entrou na casa de pasto de Zé, em Ponta Tambrá, para lhe pedir emprestado uma caixa de cerveja.

Deparando-se com Zabel, ficou atarantada, sem saber se adentrava ou se saía. Sem que nada, absolutamente nada, o previsse, Zabel pôs-se aos gritos, que Samedinha a agrediu, que ela estava, sossegada no seu canto, "cadela de merda, dás? Há, dás? Toma, que é para aprenderes." E lançou a mão-de-vaca que tinha no prato, para a cara mais que surpresa e atónita de Samedinha. Quando Zé entrou na sala, arrastou

Samedá para o quintal, aconselhando-a a não arranjar complicações no seu restaurante. Afinal, ela sabia como era o mundo dos negócios. Mais do que o banho de mão-de-vaca, doeram-lhe profundamente, mas profundamente mesmo, as palavras de Zé. Saiu, somando mais uma humilhação.

Outro dia, ia ela apanhar o autocarro na Calabaceira. Quando viu que Zabel se encontrava na paragem, deu meia volta e seguiu até Pensamento, com medo de a rival aparecer. Não parou; foi esperar o autocarro em Achadinha de Cima.

Tendo descido a pé do Platô para Sucupira, à primeira não ligou ao "ó porca, és tu que estás aqui?!" . Porque não pensou que o insulto lhe era dirigido. Só tomou consciência do facto, quando uma mão a puxou para trás. Com os olhos arregalados de medo, atalhou com as duas mãos deixando os sacos de compra cair no chão: "aqui não, aqui não" suplicou, com medo na voz grossa.

134

— Aqui não? Sua cachorra, sua puta, porque é que não largas Juvêncio da mão, porque é que não deixas o meu homem só para mim?! Sua não presta! — Dizendo isso, Zabel foi arrastando Samedá pelos cabelos, ao mesmo tempo que a soqueava com outra mão, sob intensos gritos de homens e mulheres, que julgavam ser Samedá a ladrona do marido da Zabel. Não fosse alguém dizer "lá vem a polícia", nem sabia como sairia daquele confronto. Se desta vez não ficou nua, a humilhação, no entanto, não foi menor. Como é que uma mulher como ela se deixava bater, assim, à frente de todo o mundo, até sangrar? Arrumou os sacos, debaixo das piadas e do olhar de troça dos circunstantes, mas ninguém se dispôs a ajudá-la. Nem a voz que, talvez por misericórdia, disse "lá vem a polícia", porque nenhum polícia apareceu.

Ela é que, uma vez mais, foi à esquadra apresentar queixa. Da Zabel, sim, essa que mora em Pensamento. Que sim, dessa vez, iriam chamar essa menina, porque não pode atacar impunemente as pessoas direitas.

Fernando Monteiro

Que nada! Não foi chamada, nem ela nem Zabel. Que, sabendo que Samedá tinha ido à polícia, num gesto de quem pode, foi gritar-lhe à frente da sua casa: "queixar-se de mim na polícia é água em balaio furado, porque os polícias são todos meus. Tu não podes comigo!"

Se calhar, era verdade. Concluiu Samedá depois de, pela 5ª vez, ter ido lá queixar-se da Zabel, que voltou a atacá-la, quando saiu para ir comprar umas coisas na loja Boa Esperança, tendo-se safado por ter entrado na oficina de serralharia existente ao pé da sua casa e as moças terem saído em defesa da dona. Da última vez foi queixar-se porque Zabel arrendou uma casa que fica noutro lém, voltada para o poente, ou seja, para a casa da Samedá. Como quem não tenha nada para fazer, volta e meia, estava ela à porta. Logo que tivesse oportunidade, fazia-lhe gestos obscenos, tendo, inclusive, apontado o rego da cadeira, completamente, nu, para ela num gesto antigo de unhir, um gesto que ninguém hoje usa.

Por causa das perseguições da Zabel, Samedá deixou, praticamente, de sair de casa — uma prima, que mandou vir lá da terra, é que agora lhe fazia as compras, e ia à rua para tudo. Por isso, ficou mais furiosa do que devia, quando viu a com'borça morar a dois passos da sua casa.

Disposta a esquecer os abusos e as extravagâncias da Zabel — ela era de uma indole rara —, Samedá ficou pior do que estragada quando, um dia, ouviu dizer que a outra andava a avisar os vizinhos a ter cuidado com Samedá, porque "ela era feiteiceira". E contava uma história passada na aldeia da mulher de Juvêncio, em que uma feiteiceira comeu meia dúzia de crianças. Quando descobriram que a feiteiceira era Samedá, quiseram matá-la. "Foi por isso, por ser feiteiceira, que ela veio para a Praia".

Normalmente calma, dessa vez exagerou nas acusações à Polícia, dizendo que naquela esquadra ninguém fazia nada contra Zabel por que era comida de todos. Resultado: por determinação do chefe, foi fechada num calabouço desde manhã, tendo sido liberta pouco antes

135

Na Roda do Sero

das seis horas da tarde. Com a recomendação de lá não voltar, até porque feitiçeira não é nada – hoje em dia, nesta cidade da Praia moderna, neste Cabo Verde inserido na dinâmica da economia mundial, e neste mundo globalizado, ninguém acreditava mais em feitiçarias e bruxas e quejandos. Depois de ter sido presa, passando fome e sede, e depois de tanta humilhação, Samedia estava dividida entre matar Zabel e largar tudo nas mãos justas de Nossenhor.

Mas a intentada da Zabel não saiu da porta da comborça o dia todo. De modo que, mal a Samedia se arrumou no Pensamento, ela saiu ao seu encontro. A esposa de Juvêncio não deu por nada, porque ia de cabeça baixa, pensava e chorava. Sobressaltou-se até, quando, junto ao pequeno campo de futebol existente na ribeira, deu de chofre com Zabel, que tinha os braços cruzados sobre o peito, muito senhora de si, como se fosse dona do mundo.

– Com que então foste queixar-te de mim? A cadelinha foi com o rabo entre as pernas, pensando que ia fazer alguma coisa contra mim. Então, ainda não te convenceste que, naquela esquadra, mando eu! Eu é que mando em ti e tu fazes o que eu quero. E quero ver-te longe do Juvêncio.

Samedia ouviu tudo em silêncio, com os olhos de medo postos na Zabel – temia que, a qualquer momento, ocorresse uma agressão. Quando Zabel deu um passo em frente, Samedia voltou as costas e fugiu. Não o fez pela picada – subiu pelos montes de terra que tapavam a ribeira de uma margem à outra. Correu, caiu, ergueu-se, voltou a correr, sempre com Zabel atrás. Voltando a cair, foi alcançado pela Zabel. Do chão, apanhou a boca de uma garrafa de Carlsberg partida e, fendendo o ar como um bólide, foi atingir o braço da Zabel, que já se encontrava sentada em cima dela, preparando-se para dar mais uma sova em Samedia.

Os berros que arrancou eram bem maiores do que a ferida poderia prever; eram gritos de medo. Zabel desatou a correr em direcção ao

Pensamento. Samedia, espantada com a outra, limitou-se a olhar, até ela desaparecer. Admirada consigo própria, pensou que nunca mais aquela a haveria de incomodar.

Puro engano. Na manhã seguinte, recebeu uma contrafé para comparecer às 15 horas na esquadra. Com uma pequena semente de revolta no peito, deslocou-se à esquadra, acompanhada da prima. Mal chegou, foi conduzida a um dos calabouços, pois teria de esperar Zabel chegar. Esta chegou cheia de não me toques.

A Polícia não quis saber dos antecedentes. Apenas o que se passara na tarde da véspera. A Zabel disse que não tinha dito nem feito nada à outra. Que ia ao Pensamento comprar bolachas e que se encontrou com Samedia. Que apenas perguntou por que demorara tanto na esquadra e que, em resposta, recebeu um golpe com a boca de uma garrafa partida, que Samedia tinha guardado com a única finalidade de a agredir. Que ela, inocentemente, apenas quis saber como ela tinha passado. A Samedia disse que ela se preparava para a bater, como das outras vezes, e que apanhou do chão a garrafa partida e golpeou a outra, antes de ser agredida.

– Chegou a ser agredida? – Perguntou-lhe o graduado, que, perante o silêncio negativo da Samedia, sentenciou:

– Então, você agrediu, sem razão. Este processo tem que ir a Tribunal.

E se não foi, o motivo foi o pedido de Juvêncio à Zabel para anular a queixa. Não fosse isso, Samedia não escaparia das barras do Tribunal.

E Samedia só lamentou o facto de, antes, não ter encontrado esse graduado de serviço, para ver se Zabel ficaria a rir. Bem que gostaria de saber se teria os mesmos critérios de justiça.

Samedia foi à vida. Passado pouco tempo estava a descansar, debaixo da acácia, em frente da casa vizinha. Pediu um pouco de água. Quando acabou de beber, passou a caneca. Zabel, que andaria à espreita, sem ser vista pela Samedia, arrebatou a caneca e, rezando, emborcou-a em cima da mesa.

— Agora, eu quero ver até sair daqui e ir-se embora. Já emborquice a caneca por onde bebeste, sua feiticeira! Quero ver, quero ver — e rejubilava-se toda.

Samedá teve um ataque de nervos e caiu desmaiada. Em vez de ajudar os vizinhos, Zabel ainda deixou mais vinagre:

— É manha, ela é manhenta. Isto é para escapar. É a única forma de sair daqui. Mas não sai, hoje é que é hoje!

Só que Samedá, ainda zozza, foi levada para casa, onde ainda demorou algum tempo acamada. Mas, mais célere do que o vento, a notícia do episódio correu o meio. Calabaceira inteira, Pensamento inteiro, se calhar toda a Praia, souberam desse facto. Tanto que alguns rapaziños, sempre mais afoitos, ensaiavam um “Samedá feiticeira” e faziam figas canhotas, quando passavam por perto da casa dela, ou, então, se cruzassem com ela no caminho.

Para Samedá não podia haver maior afronta do que essa: era a suprema humilhação. Porquê? Não podia haver sobre a face da Terra vergonha maior que ser feiticeira. Por isso, crescia como uma cheia a ideia de pôr fim, em definitivo, à agressividade da Zabel. Podia perdoar-lhe o facto de querer ficar com Juvêncio só para ela, podia perdoar-lhe as porradas e as perseguições, ignorar as queixas feitas à Polícia; podia perdoar-lhe os telefonemas, as cartas anónimas, as obscenidades e ordináries. Só não lhe perdoava o ter propalado, aos sete ventos, que ela, Maria Lopes Samedá, fosse feiticeira. “A família de Samedá é pobre mas honrada”. Isso nem no Céu perdoaria a Zabel.

E as coisas pioraram e muito. Bebés recém-nascidos estavam morrendo, por causa de um raro e estranho vírus contraído no próprio hospital. Os médicos já tinham conhecimento do facto e sabiam que o foco da infecção era o próprio hospital. Só que não estavam em condições técnicas para identificar o vírus. De toda a forma, estavam a tentar debelar esse foco e erradicar o mal.

Entretanto, um bebé, em Pensamento, e outro, na Calabaceira, morreram por causa desse misterioso vírus. Mas essas mortes foram atribuídas por Zabel à influência maligna de Samedá, ao mau-olhado deitado por Samedá, que seria a única feiticeira de todas as redondezas, espalhando isso de boca em boca. Houve até tentativa de um pequeno grupo de rapazes de Calabaceira de se deslocar à casa de Samedá para obrigá-la a revelar-se feiticeira e matá-la, se isso fosse verdade. Só desistiu da ideia porque havia quem conhecesse bem a rivalidade existente entre Zabel e Samedá e soubesse que essa história de feiticeira não passava de uma rasteira de Zabel.

Farta das diatribes da outra, disposta a acabar com essa história, cega por causa dessa e doutras humilhações infligidas por Zabel, só para ficar com o seu marido, Samedá apanhou um facalhão na cozinha, meteu-a na mala de mão e saiu sem dizer palavra a ninguém. Na cabeça só tinha um pensamento — matar Zabel. Nem sequer ouviu o chamamento de João Pintinho, quando ia a sair de casa — não tinha ouvidos para mais nada.

Completamente alheia a tudo o resto, Samedá só via à sua frente a porta da casa de Zabel, a cara de troça de Zabel, a cara de troça de Zabel, a cara de troça de Zabel, e a sua voz que gritava para todo o mundo: — feiticeira, feiticeira, feiticeira, feiticeira...

Só via a porta da casa de Zabel, só via o rosto de troça de Zabel e só ouvia a voz de Zabel a gritar feiticeira.

Na verdade, não soube como aquilo aconteceu. Só se lembrava de ter tirado a faca da cozinha, saído de casa e atravessado a ribeira em direcção à casa da Zabel.

Bem, o que aconteceu é que, chegado à porta da casa da moça, bateu, com força, à vontade. Quando Zabel abriu a porta, nem que lhe dissessem, não acreditaria que fosse Samedá, mal viu quem era — só viu a lâmina da faca faiscando luz, a voar em sua direcção. Nem pôde fazer qualquer gesto de defesa. A lâmina, certa, penetrou-lhe o pescoço, retalhando a carne, cortando a aorta. Caiu redonda no chão. Morta.

Só então, Sameda deu-se conta que Zabel se encontrava estendida no chão, o sangue a fugir-lhe do corpo aos borbotões; estava a morrer; estava morta. Morta. Fugiu, deixando a cena do crime. Foi uma Sameda completamente exangue, com o espírito vazio que chegou à esquadra para anunciar que tinha acabado de matar Zabel. O graduado até quis brincar, mas, reparando melhor no estado psicológico da mulher, acreditou que ela poderia estar a dizer a verdade. Mandou para lá o piquete. Através do rádio, recebeu a notícia de um homicídio – Zabel tinha sido assassinada. O graduado mandou recolher Sameda aos calabouços.

Perante as provas, o juiz não teve dúvidas em condenar Maria Lopes Samedo, por homicídio qualificado de Isabel Moniz Pereira Tavares, mais conhecida por Zabel. Tendo em conta as circunstâncias do crime, concretamente o facto de a vítima ter perseguido a ré, depois de lhe ter roubado o marido, o magistrado condenou Sameda a 14 anos de prisão. Devia apanhar 16, mas a boa índole da ré pesou, igualmente, na redução da pena. Mas o facto de a vítima lhe ter chamado feiticeira não tinha relevância nenhuma para o caso.

O que o juiz não soube, e Sameda não contou, por achar que não tinha importância, é que, para Sameda, ganhar a fama de feiticeira não era um anátema qualquer – representava a forma acabada da humilhação, não podia haver algo que pudesse causar maior indignação, nem coisa pior do que ser considerada feiticeira.

E a razão disso é de foro cultural e, também, psicológico. Na aldeia de Sameda, chamar alguém de feiticeira equivalia a uma condenação à pena de morte. Aliás, matar alguém era mais digno do que ser acusado da prática de feitiçaria.

Uma vez, era Sameda uma criança de cinco anos, quando um homem foi acusado de ter comido três bebês, logo, de ser feiticeiro. A população adulta juntou-se e, encurralando o presumível feiticeiro em sua própria casa, deitou fogo à casa, matando o homem. Durante anos,

esse episódio era contado como um feito heróico da aldeia. De modo que, na aldeia de Sameda, ser acusado de feitiçaria era a pior infâmia que se podia cometer contra alguém. Significava a morte certa da pessoa visada. Por isso, Sameda não podia aceitar, de ânimo leve, a acusação de Zabel. Era uma condenação à morte que não podia aceitar, por ser inocente. A insistência de Zabel, nesse aspecto, podia levar à morte de Sameda. Entre morrer e matar, escolheu matar. E matou Zabel. Sem arrependimento nenhum. Era uma questão de honra.

KUDURU COM VIAGRA

O homem tinha acabado de completar os cinquenta e dois anos. Naturalmente que já não possuía os dons dos vinte anos, mas também estava ainda longe de alcançar os empenhamentos dos velhos; os achaques de toda a hora, as dorezinhas aqui e acolá, as queixinhas, dia sim, dia não, tudo isso, ainda, era apenas uma realidade que estava no caminho de Feliz, que era assim que se chamava o homem.

Podia dizer-se que estava muito bem conservado, pelo aspecto físico tão-somente, até se podia apostar que tinha menos idade. Apesar da sua aparente boa saúde física, Feliz era assediado por dois problemas que o tornavam um homem infeliz. Segundo os seus próprios prognósticos, se não desse sumiço neles, a caminhada para a cova seria muito mais rápida.

A primeira preocupação de Feliz era de ordem sexual; a segunda tinha a ver com os rins, com as pedras nos rins.

O problema de Feliz no domínio sexual não era de então. Na verdade, apesar de nunca ter faltado às suas obrigações para com Marquilha, sua mulher, tendo-lhe, inclusive, feito quatro filhos, nunca foi homem de grande expansão em termos de desejo sexual, nunca foi um António Pama, um homem que não se contentasse com pouco, não era um tarado sexual, nem de perto nem de longe. Mesmo quando se casou, aos 28 anos, não passava de duas vezes numa noite – assim era

conhecido, e continuou pouco expansivo pelos anos fora, tanto que não se lhe conheceram raparigas ou amantes; foi sempre um fiel marido, como já não havia mais.

O problema de Feliz, porém, não era a falta de potência ou impotência. Muito menos infertilidade. Graças a Deus, sempre que a sua Marquinha queria, ele estava também pronto para querer. Também ter filhos, naquela altura do campeonato, com tamanha carestia de vida, com os géneros a subirem sempre, não era um bom projecto, para além de que se contentava com as quatro pedras de caminho que Deus lhe deu.

O problema de Feliz, em primeiro lugar, era Marquinha. Não que tivesse deixado de gostar da mulher. Não que tivesse deixado de desejar a sua eterna mulher. Não que desejasse que ela mantivesse a chama incandescente dos vinte anos – a borralha que ardia sem queimar, ainda o satisfazia. O problema estava no corpo da Marquinha: rotunda, gorda, uma barriga enorme, que, acrescida da sua veneranda proeminência, tornava o acto de amar Marquinha um suplício, um autêntico inferno. Algumas vezes, desistiu mesmo, a meio percurso, porque esfolava-se tanto que ficava esbaforido, a resfolegar como um cavalo de corrida – caía de lado, de tão cansado, como se tivesse sobre os ombros o próprio Mundo.

Com o medo de fracassar, passou a evitar Marquinha. Isso não era solução, porém. Porque, e esta é a outra face do problema de Feliz, à medida que evitava a sua Marquinha, aumentava a sua pulsão sexual, a sua libido. Em suma, a sua necessidade sexual, sempre moderada, abaixo do normal mesmo, aumentou e de que maneira.

O seu compadre Piloto – um depravado, um debochado, que não escondia da esposa Josefa as membras e raparigas, tendo produzido uma caterva de filhos, tanto na linha interna como na externa, para usar expressão sua – aconselhou-o a arranjar uma rapariga mais jovem ou mais enxuta; era o que todos os homens maduros faziam e Marquinha haveria de se acostumar à ideia.

Para além dos aspectos morais, que tinham a ver com respeito e fidelidade, para além do receio de quebrar uma rotina que fazia já parte de Feliz, ele também receava envolver-se com outra mulher, por causa das pedras dos rins, das dores dos rins. Essas dores, terríveis e insuportáveis, surgiam a qualquer hora, a propósito e a despropósito. Eram de tal monta que paralisavam todos os restantes sentidos e órgãos, desarticulavam o homem, deixando-o abonecado, patético... Não, era preferível continuar a apascentar o seu desejo no prado doméstico da Marquinha, que lhe conhecia os segredos todos e com quem comungava os segredos mais íntimos.

Essas foram desculpas apenas. Porque, lá no fundo de si mesmo, Feliz temia a impetuosidade de uma mulher mais nova. Pensava, então, que o que sentia não passava de luminárias de São João, era fogo de palha, que se apagava ao primeiro sopro. No fundo, tinha receio de se aventurar em terrenos desconhecidos.

O que Feliz não contou ao seu compadre Piloto, porque, pensava, “há coisas na vida dum homem que não devem ser partilhadas nem com a esposa”, é que a alavanca para esse revigoramento tardio, essa pulsão sexual incomum que o possuía, não se chamava Marquinha nem sequer tinha nome. Por outro, tinha vários nomes, que não lhe interessava saber. Queria ele era ter forças, físicas e anímicas, sobretudo força psicológica, moral, cultural, para que deixasse de ser apenas fantasias sexuais o que por elas sentia. O impulso para a sua súbita renovação, a fonte para o seu repentino renascimento sexual, eram as jovens, as crianças a quem, ainda ontem, dava drops e outras guloseimas, sem outro interesse que as ver felizes, ajudar as famílias para as quais uma moeda de cinco escudos era, em regra, para comprar um pão, sal, colar ou outro tempero qualquer. Quer dizer, um drops, uma pastilha elástica, um rebuçado eram luxo dispensável. Essas crianças feias, sujas, ranhosas, maltrapilhas mesmo, cresceram sempre iguais a si próprias, sempre com a miséria e a fome a rondar-lhes a existência. De repente,

sem Feliz dar-se conta, mudaram, o corpo encheu-se, tornou-se limpo, o rosto alindou-se, o peito deixou de ser chato, as ancas alargaram-se, as nádegas cresceram, a mulher, que encenavam, deixou de ser apenas um projecto indefinido, estava aí sugestiva, atraente, desejável e desejosa. Enfim, mulher...

Feliz olhava para elas e dizia para o seu alter-ego "como cresceram e bem depressa. Formosas, boas de ferrar qualquer macho". Feliz olhava para elas e desejava então que o relógio do tempo andasse ao contrário, desejava que tivesse menos trinta anos, para reinar em tão rica e prometedora capocira.

Era olhando para essas miúdas, que ontem ainda andavam só em calcinhas, mas na sua inocência pura, que Feliz sentia o fogo do desejo renovar-se, com força, com brío, até doer nos colhões. Era olhando para essas moças provocantes, vamps, vestindo, apenas, o essencial, o mínimo, que Feliz se sentia mais macho que nunca. Eram essas adolescentes a causa do rejuvenescimento de Feliz e não a balofa Marquinha.

Olhava as miúdas e via-se, no plano mental apenas, a apalpá-las, a acariciá-las, a possuir aquelas que mais desejava. Tudo isso não passava de um sonho, de uma fantasia de quem não se sentia com estrofo físico, cultural, psicológico, moral, estético, para tornar essa realidade de virtual em algo mais concreto, mais real. Ou seja, Feliz sentia-se impotente perante os seus objectos de desejo. Sentia-se amarrado pelas teias que a sociedade criou, impedindo-o de comer as mocinhas. Sentia-se incapaz de lançar mão a uma delas, sobretudo por serem, ainda, sub-14.

Mas o seu compadre Piloto era um cachorro estouvado e caprichoso, que não se desligava, assim, tão facilmente de um objectivo importante e ele elegeu uma mulher para o seu compadre Feliz, um objectivo importante. Daí ter voltado à questão, tão cedo, que apanhou Feliz, assim, *na dom si*.

– O único problema é que não tenho nenhuma mulher debaixo de olho. Não conheço nenhuma com quem gostaria de ficar, de vez em quando. Eu não quero correr o risco de Marquinha vir a saber que já arranjei uma rapariga. Seria o fim do Mundo, pela certa.

– Pode deixar comigo, compadre. Confie em mim. Quanto à mulher, pode deixar por minha conta; providencio tudo. Agora, compadre, que tipo de mulher gostaria de ter? Alta, magra, gordinha, baixinha, branca, escura? ...

Os compadres já tinham deixado a Praça Alexandre de Albuquerque e subiram a Amílcar Cabral. Pararam antes da sede nacional da TACV e Piloto indicava caía mulher madura que passava a caminho ou à saída da Adega. Nenhuma lhe agradou. Subiram até ao mercado. O compadre Feliz não se decidia que tipo de mulher era a da sua preferência.

– Ó compadre, desde que não seja bandofona, bandoba grande, mesmo que tenha um pequeno pneu, me agrada. Porque mulher magra e escancelacia não é comigo...

– Ah? Compadre! Mulher não é galinha nem porco para ter pernas grossas e cheias de carne...

– Não, compadre! Mulher com pernas de tchota não é mulher. Mulher é preciso ter onde pegar e sentir.

– Bom, não vamos discutir isto agora. Vou arranjar-lhe o que quer. Amanhã, compadre, amanhã.

– Já agora, não seria melhor esperar mais uns dias.

– Compadre, você tem medo ou quê?

Depois de hesitar um pouco, Feliz confessou ao compadre que tinha receio de não satisfazer uma mulher mais nova.

– Ok! Compadre, de quarenta para cima, é difícil, tem de ser, no máximo, na casa de trinta. Mas se o seu problema é medo de não apanhar a Praia no momento certo, está resolvido – arranjo-lhe um grão de viagra.

Feliz foi tomado por uma onda de medo. "Viagra não! Viagra não, compadre", despediu, acrescentando, "não posso esquecer o meu amigo que tomou viagra e morreu."

— Ele tomou dose a mais. Em vez de tomar um grão, tomou logo dois, para ter mais potência. Morreu de lascar... Era lascar! Porque não tomou um ou apenas uma metade? Mas compadre, quer saber duma coisa? Era duma como estas que você precisa. Era tiro e queda. É de sangue novo que precisa, precisa de franguinhas assim..."

Piloto referia-se a um grupo de mocinhas que estavam à espera de táxi. Entre treze e quinze anos. Todas uns borrachos, *na dom si*. Feliz ficou a roer por dentro mas Piloto ouviu-lhe apenas "está doido!?, criança dá cadeia. Prefiro galinha e velha, desde que não seja encrua."

Os dois compadres combinaram para o dia seguinte o encontro de Feliz com o seu primeiro pecado fora de casa.

Como habitualmente acontecia, desde aquela consulta com o cardiologista, Feliz levantou-se quando as primeiras luminosidades do dia desenterravam Praia da escuridão da noite. Vestiu o seu fato de treino e caminhou em passo acelerado até Prainha. Depois dos exercícios na areia e de dez minutos de natação, meteu conversa com os *habitués*, até às sete e meia, altura que aproveitou para a caminhada do regresso.

Cumpriu a rotina matinal. Saiu às 10 horas em ponto. A espera do autocarro da Transcor desesperou-o porque estava atrasado e tinha combinado encontrar-se com o seu compadre às 10 e 45 minutos, na Flor de Liz; sempre detestou chegar atrasado a o que quer que fosse, quanto mais a esse importante encontro. Como o autocarro da Transcor nunca mais aparecia, aproveitou a passagem de um hiace para garantir a chegada ao encontro a tempo e horas.

A suar, não do calor, que, em Novembro, já era bastante, pois, o sol apenas brilhava, não queimava, mas deixava o coração a sangrar, de expectativa, de medo e de ansiedade, Feliz entrou na Flor de Liz parando, um bocadinho, no bar. No restaurante, no quintal, encon-

trou lá o seu compadre Piloto, acompanhado de uma mulher de uns trinta e cinco anos, de pele branca quase pálida, corpo bem nutrido mas sem excesso de gordura. Mariazinha, chamava-se ela e morava em Lém-Ferreira. Não era prostituta, fez questão de sublinhar o compadre Piloto, ela estava disposta a pegar com o compadre Feliz, desde que este garantisse uma mesada para a renda da casa e mais alguma coisa, que do resto tratava ela. Isso dava jeito ao compadre Feliz, que teria alguém à disposição sempre que se sentisse incomodado. Podia ir a Lém-Ferreira de dia, que a casa ficava num canto bem reservado, longe dos olhos da malta lá do bairro.

Feliz partiu satisfeito para Lém-Ferreira. Mas voltou triste. Só não verteu lágrimas quando contava ao compadre Piloto a sua tristeza, por vergonha, muita vergonha.

— "Ó compadre, que vergonha! Que vergonha, ó compadre! Tudo por causa desse cu duro. Eu estava com tanta vontade, tanta vontade que até cheguei a pensar que acabava ali mesmo, em cima da cama, antes de usar aquela rapariga. Mas o cu duro não me deixou. Negou a mexer-se precisamente quando eu já estava no ponto, sabe do mundo. Quando me desmobilizei todo, o sacana desapareceu como se fosse malfeito. Sim, compadre. malfeito. É que quando os rins me largaram da mão, peguei uma caneca de água e tomei o comprimido azul que me deu. Ó compadre, fiquei que nem um preso acabado de sair da cadeia, cheio de precisão. Esse viagra é potente, deveras. Mas não serviu de nada..."

— Não me diga que nem com viagra...

— Nem com viagra, compadre. Porque o cu duro não deixou. Este maldito cu duro não me deixou, paralisando-me todo.

Essa falha do compadre Feliz quase levou à desistência do Piloto, que achou aquilo de mais. Embora não tenha dito mais nada ao compadre Feliz, Piloto ficou tão furibundo com o compadre, que este ficou fora de si; o compadre ficou mesmo a matutar a desistência da sua, até

então, nobre missão. E não falaram mais sobre o assunto. Sobre o problema do compadre Feliz não voltaria a falar, apesar de todos os dias, e cada vez mais rezingão, o homem se queixar da sua triste sina.

Por isso, foi com absoluta e sincera surpresa que Piloto, dois anos depois, recebeu a notícia de que o compadre estava em alhada: um vizinho apresentou queixa à pejeta porque Feliz abusou, sexualmente, da sua filhinha de treze anos. Não que tenha mantido coito com ela ou a tenha esfregado. Tinha intenção e essa intenção revelara-se através da promoção de sessões, vespertinas – quando Marquinha ia à igreja –, onde exibia à mocinha revistas pornográficas e exibia, também, a sua condição de macho, mas machão. Era claro nas suas intenções – queria, depois de bem trabalhadas, ir às filhoses da menina. O seu azar foi o pai da criança estar vigilante e ter reparado que sempre que a filha entrava na casa da Dona Marquinha, Nhô Feliz arranjava um pretexto qualquer para largar o que estava fazendo para entrar em casa. O pai, num dia desses, apertou a filha, quando saía da casa de Dona Marquinha, e ela contou tudo.

Conhecendo o compadre como conhecia, tendo assistido à cena com a pixinguinha de Safende e sabendo o horror que o compadre sentia sempre que ele lhe falava em menininhas, Piloto estava disposto a ir testemunhar no Tribunal a favor do seu compadre – punha as mãos no fogo por ele.

Dito e feito. No dia marcado para o julgamento, lá estava o compadre Piloto pronto para abonar o seu amigo Feliz.

E foi realmente impecável no seu depoimento. Claro na sua exposição, convicto no que dizia, sincero nas teses que sustentou, autêntico nos encómios ao compadre, pertinente ao rechaçar suspeitas e acusações, Piloto rematou as suas declarações: “nem com viagra, senhor juiz. O meu compadre, nem com viagra. O cu duro não deixa.”

– Ele dançava bem o kuduro? – Perguntou a brincar. – Pois é, ele dançou muito bem o kuduro. Com viagra então, era o rei do kuduro...

Fernando Monteiro

Piloto, com cara de parvo, porque não percebera o que o meritíssimo juiz queria dizer, foi sentar-se num dos bancos detrás da cadeira do réu.

E mais parvo ficou, quando o advogado – um autêntico diabo, sobretudo com a toga – chamou Mariazinha para depor. A mulher de Lém-Ferreira ia depor contra Feliz? O relato dela deixou Piloto todo tremelique. Com que então o seu compadre Feliz era um danado de tarado, que não a deixava em paz, de manhã à tarde?

– Então, quando tomava viagra, ele ia tantas vezes que, muitas vezes, julgava que ia parir a minha própria madre. Um homem tão tarado assim, era capaz de usar a própria filhinha, quanto mais a dos outros.

Em seguida, entrou em cena a pixinguinha de Safende. Que ela conheceu o homem que, “no primeiro dia, fez uma grande fita, de manhã, mas que voltou na tarde do mesmo dia com uma dúzia de calcinhas-tanga, prometendo que ia fazer de mim uma grande senhora. Que, para isso, era preciso misturar o meu sangue com o dele, porque assim eu cresceria muito mais depressa, daria mulher mais rapidamente. Que, durante três meses, enquanto tinha muito fulgor, o homem aparecia de manhã, logo cedo, e se servia de mim, sem parar um minuto. Por esta razão, eu adoeci e só escapei da morte, por milagre de Deus.”

O compadre Piloto estava simplesmente perplexo e aparvalhado.

E surgiram mais testemunhas que confirmaram que Feliz manteve coito com elas de forma compulsiva, embora adocicando a outra com chocolates e revistas pornos – eram todas menores.

Piloto olhava o seu grande compadre Feliz e apenas via um animal mesquinho à sua frente, não pelo que fez – não tinha o direito de julgar o compadre – mas pelo que omitiu, pelas mentiras que foi capaz de alimentar e durante muito tempo.

O juiz condenou o réu a doze anos de prisão, por ter ficado provado que abusou, sexualmente, de uma menor, agravado pelo re-

Na Roda do Sexo

quinte e alto grau de depravação com que usava mulheres, melhor dito, crianças.

No corredor, quando se dirigia para o carro celular, Piloto dirigiu-se para o compadre, que o não fitou em momento algum:

— Porquê, compadre? Porquê me convenceu de que não conseguia nada com as mulheres, que o seu cu duro não deixava nem com viagra? Porquê fingia que não gostava delas, das sub-14? Porquê, compadre, porquê me escondeu que não passava sem elas?

— Porque o compadre é linguarado, fala demais, Marquinha ficava a saber dois minutos depois.

O CAFÉ DAS CINCO

Religiosamente, todos os dias, em que Deus se põe na Santa Cruz, quando faltavam menos de cinco minutos para as cinco da tarde, as três chegavam ao café da esquina, em carros separados. Muito raramente chegavam ao encontro de forma descoordenada, o que levava a pensar que ou iam de um mesmo sítio — se calhar, do mesmo escritório ou da mesma empresa — ou concertavam-se de tal modo que chegavam sempre em simultâneo. Parqueados os respectivos carros, entravam as três, todas juntas, e buscavam uma mesa do canto. Invariavelmente, a mesma, já que o café, àquela hora da tarde, tinha pouquíssima freguesia — uma que outra pessoa. Entretanto, depois de algum tempo de frequência quotidiana, convenceram-se as três que o solícito balconista que comandava a equipa de dois empregados, chegada a hora em que as três punham os pés no café, não admitia que a mesa do canto mais recatado, mais discreto, fosse ocupada por qualquer outro cliente. Podia dizer-se que elas tinham lugar cativo naquele café da esquina de uma das ruas do Platô da cidade da Praia, nome da parte alta e histórica da cidade, que lhe foi dado depois da independência pelos cabo-verdianos francófonos vindos do Senegal. De segunda a sexta.

As três eram todas distintas senhoras, elegantes mulheres, que se vestiam com o requinte das damas da aristocracia crioula e colonial, apesar de serem jovens que ainda não tinham atingido os trinta anos.

Essa respeitabilidade não enganava, vinha de uma formação acadêmica e cultural refinada, de um emprego sólido, bem remunerado, e de um elevado estatuto social. Mas elas não eram *por si*; tinham aonde ir buscar esse ar dos que tinham poder, dos que podiam e mandavam, dos que detinham autoridade, nem que decorrente de algum poder econômico. Possuíam classe, vendiam charme, eram três magníficas mulheres. As três eram todas bonitas. A mais alta, que também aparentava ser a mais velha, tinha, entretanto, um corpo harmoniosamente belo, com um rosto bonito, onde sobressaíam uns olhos verdes. A cor poalha dos cabelos casava-se muito bem com a cor clara-queimada da pele. A de altura mediana era mais dada para o moreno, o corpo cheio, das buchas à cabeça – não havia homem nenhum que ficava insensível diante dela. Por último, tínhamos a menos alta, nem por isso a menos bonita. Se calhar, era a mais perfeita de todas, era aquela que reunia o consenso dos homens que vendiam nas imediações do café da esquina – qualquer um de nós vendíamos um braço para nos deitarmos com qualquer delas, mas não hesitávamos em dar os dois, se fosse com a pretinha mais linda do mundo, conforme a chamávamos.

As três sentavam-se e já nem precisavam pedir, que a empregada levava logo a bandeja guarnecida de três bicas, três garrafas de água pequenas e seis pastéis de nata, que depositava, com o máximo das etiquetas, sobre a mesa vestida de vermelho, onde pontuava uma esguia jarra com uma eterna rosa vermelha. Bebiam metade do conteúdo da garrafa, bicavam o café com parcimónia e, com elegância, debicavam os pastéis de nata. Só então é que se predispunham à conversa, segredinhos que ninguém conseguia decifrar. Aliás, era impossível entrar naquele triângulo inexpugnável, não houve empregado nenhum, gerente nenhum, cliente algum, homem ou mulher, que conseguisse penetrar a barreira invisível por elas levantada e ouvisse mais que uma frase decifrada ou fragmentada. Fechavam-se em copas, ante a aproximação de qualquer perigo. De modo que a curiosidade de saber o que as três

madames falavam todos os dias, às vezes, animadas, às vezes, sérias, nunca alteradas, fossem humoradas, fossem azedas... É como se fossem estrangeiras e utilizassem um código linguístico que os outros não entendessem. Este era também um dos motivos que, meia hora depois de entrarem naquele café da esquina, levavam os homens, sentindo uma súbita sede, a enxamear o salão do café; mas, naturalmente, entravam mais para apreciar as torneadas pernas das moças, que não se cansavam de os servir, com generosidade, ou a beleza de cada uma delas, já que eram as três um prato cheio para um homem comer e bisar.

Não restavam dúvidas a nenhum dos homens. Todos os que se apinhavam ao balcão, disputavam uma mesa, mesmo que distante, ou se afadigavam, para cima e para baixo, aguardando a saída do trio, estavam, duma forma ou doutra, enamorados, apaixonados, desejavam ir para a cama com todas ou, ao menos, com uma delas. Mais uma razão forte para tentarem saber sobre o que falavam elas e de um modo tão empenhado e de uma forma tão persistente. Todos haveriam de querer pagar bem para desvendar esse mistério, o toque mais enigmático da presença das três no café da esquina.

Antes de terminar o cavaquício diário, pediam um suco – laranja, na segunda-feira, tamarina, na terça, papaia, na quarta, manga e mista, para quinta e sexta –, que era degustado com muito vagar. Bebiam o resto da água e levantavam-se; a conta era paga, rotativamente, e saíam, ora seguidas de um silêncio sufocante, ora de piadas disfarçadas. Mas sabiam que todos os olhos masculinos estariam pregados nos seus traseiros, que balançavam com graça, com coqueteria também, mas na dose certa.

Os homens entravam então numa autêntica roda de loucos, tecendo as mais insuspeitadas das piadas, formulando os mais descabidos comentários sobre as capacidades sexuais das três. As tiradas desses homens eram ainda mais absurdas, porque não conheciam as senhoras, só sabiam que todas elas eram casadas e, do que sabiam, eram também fiéis esposas, não tinham amantes.

Diz o povo que a curiosidade matou um gato. Os homens que vendiam nas imediações do café da esquina, também mordidos pela febre da curiosidade, estavam dispostos, a pagar uma factura alta, tendo a certeza absoluta, para saber mais acerca das três jovens. Nós, os mais avassalados, estudámos uma possibilidade de quebrar a barreira imposta pelas três do café da esquina. Como não nos era nada difícil, um de nós trouxe um aparelho de escuta do Senegal, pois o meio mais eficaz de ficarmos a saber o que elas falavam, era, precisamente, a escuta através de rádio. Coloquei o emissor dentro da jarra que sustinha a rosa vermelha eterna, depois era só sintonizar com o receptor. Experimentámos. Tudo funcionava nos trinquês. Com um frenesim dos infernos, esperámos pelas cinco horas da tarde de uma quarta-feira.

Chegaram, ainda faltavam três minutos. Seguiram o seu caminho, introduziram-se no café. Expectantes, ficámos mais um tempo à espera que começassem a conversa. Que versou as sempre chatas questões profissionais, depois derivou para a onda de gripe que estava solavancando a cidade. A frustração era patente na cara dos cinco marmanjos que se esforçavam por ouvir bem o que se dizia no rádio. Os transeuntes passavam desligados, não interessava nada ver um grupinho à volta de um rádio a ouvir um programa qualquer.

Estávamos já arrependidos de termos investido tanto em saber sobre o que falavam as três magníficas beldades do café da esquina, pois não tinha interesse nenhum escutar conversas banais, de mulheres banais desta cidade banal. Aliás, na boca dessa gente fina, as conversas banais tornavam-se mais ridiculamente banais de que nas bocas banais de gente banal – tinha interesse zero. Com toda a raiva africana no peito, fechei o receptor; não valia a pena gastar tempo em ninharias.

No dia seguinte, aconteceu a mesma coisa. A conversa foi de chacha, igual ou menos interessante de que qualquer conversa de peixaria ou do beco do mercado. Desligámos o receptor novamente.

Mas isso não impediu que o voltássemos a sintonizar na segunda-feira seguinte, na terça e na quarta-feira, dias de europeus de futebol, em que todo o mundo macho não tira os olhos da RTP - África para ver os clubes portugueses evoluírem em campo. Como o café da esquina não tinha televisor, em dias assim, ficava à mosca, com três ou quatro marmanjos que eram infectíveis – eram os únicos dias em que as três beldades ficavam mais à vontade e atiravam o único comentário que se lhes conhecia: “hoje, o futebol já nos derrotou.”

Depois de, entre conversas triviais, terem registado o comentário, os cinco decidimos fechar esse negócio que não dava retorno nenhum, quanto mais lucro – afinal de contas, as três, para não fugirem à regra, como todas as mulheres bonitas, eram das que não escapavam ao epíteto de comuns, quando se tratava de matéria espiritual, quando se tratava de pensar, de elaborar ideias, de ter ideias, enfim, conversar sobre coisas interessantes é importantes. Mas, com toda a sinceridade, esperávamos mais dessas senhoras de grande pose, que parecia até terem formação universitária, mas, afinal, não passavam de simples mulheres, bastante interessantes, magníficas mesmo, mas apenas no plano exterior. Porque no resto, eram um fiasco, um aborto. Apostávamos que uma conversa entre duas empregadas domésticas, seria, certamente, mais interessante, porque, escutando essa conversa, saberíamos como se comportavam as respectivas patroas, as que fugiam de casa, como eram, que vícios tinham, se eram fiéis ou não aos maridos, etc. Com essas três, nada. Ocas e desinteressantes.

Estávamos nesse pé quando alguma coisa me intrigou. Uma delas disse, num tom de clara preocupação: – “não sei mas aquela coisa não vai bem, parece que vai feder”. Ainda pensei que fosse alguma ferida ou coisa do género, quando uma segunda voz ajuntou: – “a pejeta anda meio desconfiada de que há alguma coisa na casa do Palmarço, e é a terceira vez que interroga o nosso agente”. Outra voz respondeu: – “É isso!” Tendo a primeira voz dito: – “sim,

ele ofertou-nos, e a única forma de safarmos a mercadoria é tirá-la de lá quanto antes". A terceira voz respondeu: – "só há o problema de o outro escondenijo estar queimado e não se consegue outro da noite para o dia". A segunda voz: "e se utilizássemos, temporariamente, como seria óbvio, o Paradise House?" "Nem pensar!" E eram as outras duas vozes. A primeira, entretanto, sugeriu: "Há uma casa no Brasil, um primeiro andar – se dissimulada com uma actividade qualquer, podia servir de toca."

Os outros quatro colaram-se a mim, logo que viram a minha cara de concentração e de estranheza. Perceberam que a conversa das três tinha, finalmente, mudado de rumo. Que raio de conversa era essa, interrogaram-se todos, aproveitando o breve silêncio do outro lado.

"Não é má ideia, mas há sempre a questão da segurança", recomendou a terceira voz, seguida da segunda, que ripostou: "não há perigo!... Fica num dédalo de becos, numa rua absolutamente segura, já que o movimento é praticamente nulo, de dia e de noite; até parece um cemitério".

Novo silêncio. A segunda voz voltou com um "alinham ou não? O dono está na Holanda e quem a aluga é um procurador de Achada Riba, meu vizinho. Por isso, eu apenas devo aparecer como interme-diária, se quiserem o poiso". "Está fixe! Por mim, também, não há problema!" "Se assim é, vou contactar com o procurador. Mas tem de ser ainda hoje, porque se tivermos as chaves amanhã, podemos fazer a transferência da nossa mercadoria amanhã, de noite."

As minhas mãos tremiam, fazendo o receptor tremer. Todos estávamos boquiabertos, totalmente espantados com as três respeitáveis senhoras. "Afmal de contas, grandes bandidas, barras pesadas!". Porque não tivemos dúvidas nenhuma de que se tratava de droga. "Para a pejeta desconfiar delas, só podia ser droga. Aquelas ali são barras pesadas", disse eu para os meus colegas. "Onde nos fomos meter?!" E todos olhavam para mim perguntando "e agora? O que vamos fazer agora?"

Fernando Monteiro

Vamos à polícia?". "Não vamos fazer nada, ainda." A minha posição caiu como uma bomba naqueles cabeças desorientadas. "Deixem tudo por minha conta. Se formos agora à polícia, o que dizemos? Que montámos um sistema de escuta? fámos para a cadeia, enquanto elas, com certeza, ficavam por aí a passar artilharia pesada." Concordaram comigo, tinham medo de se envolver em coisas de género, sobretudo pela fama, e com proveito, que nós, os nigerianos, tínhamos nesta terra.

Esses vendedores, meus colegas, não tinham alma para esse negócio de drogas. Depois de matutar um bocado de tempo sobre o que fazer com a informação na minha posse, dirigi-me à Calabaccira, onde sabia se encontrarem dois patrícios meus, traficantes, com longa experiência e que conhecem bem o meio cabo-verdiano, pois passam as suas mercadorias sem levantar ondas. Apanhei um táxi e parei diante do primeiro andar duma rua transversal, sem saída. Chamei "Mamadú, Mamadú, Mamadú." Estava eu diante da cancela que dava acesso à varanda. A porta de entrada estava fechada. Voltei a chamar "Yekine, Yekine". A janela do primeiro andar abriu-se e Mamadú saiu à varanda, envolto no seu bubu azul claro, que fosforescia à luz do sol. Borou a chave de entrada para as minhas mãos. Apesar de o prédio verde ser verde, estava já bastante maltratado. O mármore das escadas estava encardido e partido, as paredes já tinham um tom cremado só da sujeira. A porta da casa de Mamadú, compartilhada por mais quatro compatriotas, não passava de um arremedo feito de tábuas soltas, desaparelhadas e não pintadas. Àquela hora de manhã, a sala encontrava-se vazia de clientes, incluindo aqueles que procuravam os serviços do mestre, os quais foram montados apenas para disfarçar e dar cobertura ao negócio de drogas, que era, na verdade, a principal actividade do grupo de Calabaccira.

Pus Mamadú a par da conversa das três madames do café da esquina. Antes de formular qualquer pergunta, saiu e foi chamar Yekine, no quarto ao fundo do corredor aberto ao céu e ao vizinho do outro

Na Roda do Sexo

apartamento. Tive de repetir a história. Antes de tudo, era preciso descobrir a casa do Palmarejo e, simultaneamente, se fosse possível, descobrir quais as conexões das três mulheres, porque não era crível que agissem sem cobertura de um galo, que tivesse um poleiro mais alto do que aquele onde elas estavam sentadas. Por outro lado, também não eram elas que distribuíam o papel, porque se exportiam muito, desnecessariamente. Eu e Yekine devíamos ficar com essas missões. Também era necessário desmontar a escuta no café da esquina, porque o que sabíamos já era demasiado e continuar querendo saber mais era muito perigoso e podia fazer perder tudo.

Foi o que se fez. Naquela quinta-feira, depois de terem saído do café da esquina, desceram a 5 de Julho e estacionaram os carros junto do mercado. Foram à Adega, onde fizeram compras, que meteram nos porta-bagagens. Arrancaram e tomaram o caminho da rampa Diogo Gomes. Entretanto, a primeira viatura derivou para a direita, tomando o caminho para a Terra Branca, enquanto as outras duas seguiram para a estrada que vai dar à ASA. Por essa não esperava eu, que tinha um carro alugado e estava acompanhado pelo Yekine. Resolvemos ir para a direita, pensando que o carro ia para Palmarejo.

E não nos enganámos. O carro parou diante de um prédio de apartamentos, nas imediações do restaurante Trapiche. A dona saiu, fechando o carro, sem, contudo, tirar as compras do porta-bagagem. Isso podia significar que, ou não morava aí, ou as compras destinavam-se a outro sítio. A não ser que deixasse a tarefa para a empregada. Mas como se passou muito tempo sem que ninguém aparecesse para levar as compras, e nem a madame fina desceu, então os investigadores de ocasião concluíram que a compra era para outra casa. E esperaram, sempre dentro do carro.

Por volta das 21 horas, a dona saiu e entrou no carro. Desceu a rua e tornou para a zona menos nobre do bairro. Entrou por uma rua sem iluminação e ainda descascada. Passou por essa e por uma outra rua

idêntica, donde desembocou numa rua calcetada. Subiu para a zona da Rotunda, contornou e desceu pelo mesmo caminho. Felizmente tínhamos parado à saída da rua, porque pressenti que estava a manobrar para despistar qualquer tentativa de seguimento. Quando voltou a entrar na rua desiluminada, descascada e descoberta, esperamos um bocado e seguimos a pé. O carro estava diante de um chالé localizado entre casas inabitadas. Enquanto a dona abria o porta-bagagem, uma outra dona apareceu à porta. Mais ou menos três minutos depois, uma outra dama parou o carro do outro lado. Dirigiu-se ao chالé, não precisou que lhe abrissem a porta da casa.

Demoraram muito tempo. Estávamos impacientes no nosso esconderijo, um prédio em construção, ao fim da rua. Saíram as três por volta das 11 e meia. Como nem eu nem Yekine tínhamos móvel, tivemos de nos deslocar à Calabaceira para pôr Mamadú a par dos resultados das nossas diligências. "Tem que ser hoje, porque têm pressa em transferir a mercadoria para o Brasil".

Aquela rua do Palmarejo estava envolta num absoluto silêncio. Nada se movia. Com um pé-de-cabra, Mamadú tentou abrir a porta da frente, no pressuposto de que a casa estava vazia. Naturalmente, com tanta confiança, despreveniu-se com qualquer tipo de barulho, quando fez saltar a fechadura. Gritos histéricos de mulheres fenderam o silêncio e repercutiram de casa em casa. A maldita casa tinha gente dentro. Cada um saltou e fugiu como pôde. Eu e Mamadú vimo-nos na Rotunda, mas de Yekine nem sinal. Só uma hora depois, bem puxada, é que arrisquei aproximar-me do carro, sozinho, para não levantar suspeita. Estava silencioso. Depois de ter apanhado Mamadú, rodei várias vezes pelo bairro, na tentativa de ver Yekine, mas debalde. Tínhamos, porém, a certeza de que estava bem, pois ele não se ia deixar apanhar por mulheres histéricas.

No dia seguinte, não falavam ainda cinco minutos para as cinco, e as três já tinham os carros estacionados junto ao café da esquina, onde entraram macambúzias e saíram taciurnas. Era sexta-feira, um dia em

que muitas donas de casa aproveitam para fazer compras, mas as três deixaram o Platô para trás, logo que saíram do café da esquina. Eu segui para Palmarejo e Yekine para ASA. Só que uma das madames derivou para a zona do Meio de Achada, tomando a via da Assembleia Nacional e a outra seguiu em direcção ao ocidente, pois morava em Achada Riba. Yekine preferiu ir para o Meio da Achada, onde a dona se enfiou com o carro na garagem do duplex e não deu sinais de vida até depois da novela, quando a porta da garagem subiu para deixar o carro sair.

O carro seguiu para o restaurante Flor da Brava, mas não parou; deu meia volta e seguiu para os lados das churrasqueiras, ainda no Meio da Achada, onde também hesitou de frente de Michael Jackson, passou ao largo do Benfica, não se detendo em nenhuma. Seguiu para Di Nô, entrou na rua do Centro de Saúde, saiu junto à Capela, seguiu para oriente e tomou a estrada da Prainha, entrando para o hotel Trópico, donde seguiu para o hotel Praia-Mar, que deixou para trás, tomando a via de Quebra Canela. Sem as cautelas necessárias – tinha a certeza de que não era seguida, foi directamente para a casa tipo chalé, estacionando o carro à porta.

Parando o carro alugado no sítio da noite anterior, junto ao meu, Yekine seguiu para o esconderijo onde me encontrava, depois de ter vigiado a outra mulher que também saíra de casa tipo chalé às 22 horas, indo directamente para a casa. Faltava a terceira mulher. Tendo ouvido o relatório de Yekine, conclui que era naquela noite que iam transferir a mercadoria. Tinham a certeza que o trabalho da madrugada desse dia era obra de ladrões, de amadores e não da polícia. A mercadoria corria riscos sérios e era preciso acautelar-se. A cobertura do silêncio da noite, pois passava da uma da madrugada, e antes da chegada do Mamadú, que tinha combinado aparecer às três para o assalto, mas, logicamente sem a inoportuna presença das mulheres – estava convencido de que elas regressaram à casa quando eu e Yekine fomos à Calabaccira –, a porta da casa abriu-se e as três transportaram

coisas, sacos, para a bagageira dos carros. Depois saíram acompanhadas de três indivíduos, que se repartiram pelas três viaturas. Retomando a rua do Trapiche, desceram para Palmarejo Baixo. Então, foram essas pessoas que gritaram ontem à noite e não as damas, essas pessoas guardavam a mercadoria, então, eram levadas para o novo esconderijo do Brasil, juntamente com a mercadoria. Precisávamos de outra estratégia para botar as mãos naquela droga, que devia estar nos sacos transportados na bagageira; o ideal seria assaltar as viaturas naquele momento mas seria um risco demasiado grande, porque eram só dois contra seis, embora mulheres, as mulheres são bem mais perigosas e impiedosas de que os homens, não perdoam e atiram a matar; também não sabia se estavam desarmadas mas só a pistola de Yekine não encorajava.

As três deixaram os carros nas imediações da sentina pública e começaram a penetrar os dédalos de becos no Brasil. Eram mulheres as pessoas que as seguiam. Pelo menos aparentavam isso e duas levavam saias vestidas. Entraram num obscuro prédio de dois pisos. As luzes do segundo piso acenderam-se. Estava localizado o novo esconderijo, a toca do Brasil, a toca verdadeira e segura, que também tinha uma saída para a encosta, onde havia muitas saídas para ruas apertadíssimas.

Quanto mais possibilidades de saída e de fuga, maior a segurança. Uma coisa, porém, intrigava-me e martelava na minha cabeça, sem parar. Ao que tudo indicava, as três magníficas mulheres escolheram mulheres para guardarem tão preciosa mercadoria. Por que não homens? Era mais vantajoso ter homens como guardas, para melhor disfarçar o negócio? Se sim, de facto, com homens expunham-se mais, na medida em que mulheres não podem andar misturadas aos homens, sem despertar curiosidades. Muito bem pensado.

Mal entrou em casa, foi a primeira novidade que Mamadú deu ao traficante nigeriano sonolento. As mais damas usavam mulheres no negócio. Era preciso confirmar isso, a missão era estudar bem o novo

esconderijo, ver as possibilidades de o mesmo ser assaltado ainda que de dia. Era preciso continuar atento no que se refere aos fornecedores do grupo das três, porque tinham que ter fornecedores.

Nesse mesmo domingo, ao início da tarde, da porta de uma mercearia, onde disfarçava a minha missão com uma cerveja quente a saber a urina de burro – confesso que nunca experimentei o gosto da urina do burro, mas faço a comparação como proveito de noventa e nove por cento faz, de ouvir dizer – vi uma data de miúdas do Brasil e outras zonas mais distantes, incluindo Safende e Pensamento, que as conhecia, a subirem ao primeiro dos três andares. Soube, no momento, que havia uma festa, estranha porque não vi nenhum homem entrar. Só mulheres, mas só jovens entre os 15 e os 18 anos. Vi claramente o esquema do grupo das três – usavam menininhas como correio. Elas deviam ser todas pixinguinhas e passavam a droga quando iam para o quarto com os homens. Assim, a pejeta nunca desconfiaria delas, afinal, são jovens prostitutas em busca de dinheiro e de aventuras. As sacanas eram, na verdade, muito, muito expertas. Muito mais do que julgava eu.

A música em altos decibéis, as risadas e gritadas, típicas de festas, reinaram até depois da meia-noite. Uma a uma saíram as garotas, deixando a ideia de que nada mais tinham em comum, para além do ponto de encontro para uma festa inconsequente. Porém, tinha a certeza de que, na carteira de cada uma, havia doses suficientes para abastecer a clientela certa.

As três saíram ao mesmo tempo e as luzes apagaram-se atrás delas. Cada uma seguiu para a respectiva casa. Mamadú comungava da minha opinião acerca do esquema de distribuição da droga montada pelo grupo das três. A festa era, naturalmente, uma fachaçada, elas tinham clientes certos e, com certeza, era gente graúda e a única forma de os abastecer, sem levantar suspeitas, era através de prostitutas. Bem pensado, afinal aquelas cobras eram umas professoras universitárias, umas cientistas sabidonas. Nunca a pejeta as haveria de apanhar, as safadas!

Na noite seguinte, depois da novela, voltaram ao Brasil. Ao contrário da casa do Palmaréjo, em que não se notava presença humana, no esconderijo do Brasil, embora com as janelas sempre fechadas, era facilmente verificável que havia gente naquele andar – permaneceram as três até antes da meia-noite.

Mamadú disse que a melhor altura para atacar a toca era de manhã, quando uma das três misteriosas saía para deitar o lixo no contentor. Apesar de ser muito arriscado, não havia melhor solução ou solução menos perigosa. Era a única altura do dia em que a porta do primeiro andar se abria, sem a presença das madames, que, adoptando a estratégia do café da esquina, chegavam invariavelmente juntas, o que impossibilitava qualquer hipótese de assalto bem sucedido. Como não queríamos meter mais pessoas no negócio, para não reduzir a fatia que haveria de caber a cada um de nós, tínhamos de ser nós, os três, aliás, os dois a fazer a rusga às meninas.

Preparando o assalto, que tinha de ser, de facto, de manhã, altura em que o bairro do Brasil, tirando crianças, está sempre meio adormecido, descobri que, da janela de uma casa que fica à ilharga esquerda da toca, se podia, usando apenas uma prancha forte, passar para o terraço do prédio, onde elas guardavam a mercadoria. Era possível ter acesso a essa casa, subornando a dama, o que não seria difícil, pois bastariam umas garrafas de tintol, que ela, que não dispensava a sua pinga por nada deste mundo, adorava. Mamadú defendeu a manutenção do primeiro plano, até porque era mais fácil enfrentar duas mulheres em vez de três.

Alertando-nos e preparando-nos para o assalto, que teria de ser um assalto-relâmpago, de comandos, Mamadú marcou a operação para a sexta-feira de manhã, após a festa de quinta-feira, porque a resistência seria menor. Você não sabia mas, como facto preliminar, descobrimos que o grupo das três dava festas duas vezes por semana, uma no domingo e a outra na quinta, o que quer dizer que tinha uma boa rede de

consumidores, pois que, para fornecer as suas gatinhas duas vezes por semana, a rede tinha que ser expansiva ou intensiva. Como era difícil encontrar um consumidor altamente dependente, portanto, grande consumidor, era lógico concluir que era grande a rede.

Logo de manhã, partimos para o Brasil. Já me tinham dito que o pior inimigo do homem era a rotina – um indivíduo nunca devia fazer, à mesma hora, coisas que tinha de fazer todos os dias, nem usar o mesmo percurso quotidiano. Bebemos uma cerveja na mercearia da Embaixada – o bar, àquela hora da manhã, estava ainda encerrado –, à espera do momento certo. Por volta das nove e um quarto, dirigimo-nos para as imediações do esconderijo, esperamos que o gradeamento que dá acesso ao primeiro andar se abra. Pouco antes das nove e meia, penetramos na varanda da casa vizinha, quanto menos tempo gastarmos, no assalto, melhor. Pouco depois das nove e meia, uma jovem de uns quinze anos, com cara de anjo que perdeu a Glória, saiu com um saco na mão. Encostou o gradeamento e dirigiu-se para o lugar onde encontraria o contentor, nas imediações da sentina pública, um percurso que, entre ida e volta, levava entre cinco e sete minutos a fazer-se.

Eu e Yekine aproveitámos a soberana ocasião para subirmos ao cobijado primeiro andar. Com as pistolas apontadas à cabeça das duas apavoradas e chorosas raparigas, uma delas de topless, pois só tinha vestido uns shortes, tentámos sacar o esconderijo da mercadoria. Mais espantadas que amedrontadas, disseram um não sei quê, “mercadoria está no frigorífico”. Elas referiam-se a produtos alimentícios. O que nos obrigou a revirar tudo. Num cubículo, cuja entrada estava disfarçada com uma estante, descobrimos um autêntico arsenal, onde não faltava toda uma parafernália sadomasoquista, máquinas fotográficas e de filmar. Disse para mim que era ali que escondiam a mercadoria. De facto, num dos pequenos armários, por detrás de uma pilha de livros, encontrei cartões com embalagens que deviam conter cocaína; umas

tinham a etiqueta de uma marca de baking powder e outras de penso higiénico e, umas poucas, de laxante. Chamei Yekine, carregámos com os cartões todos e saímos de lá a correr.

Tudo tinha corrido na perfeição, as moças, cheias de cagaço, nem sequer esboçaram a mínima reacção, nem sequer a outra com a qual íamos esbarrando na fuga, já na rua. Seguimos de imediato para a Calabreira, verificando, antes, que não éramos seguidos. Esperava-nos um ansioso Mamadú, que se distendeu num sorriso largo e, depois, numa gargalhada eufórica, capaz de arrombar as rochas do Cruzeiro, quando respondi “foi um sucesso!” e começámos a subir com os cartões. Só que, ao verificar o conteúdo, para testar a qualidade dos produtos, tive uma “merda” estarrecidora, e foi imprecando cada vez mais irado, à medida que ia descobrindo que as embalagens não mentiam. Quer dizer, penso higiénico era mesmo penso higiénico e nem foi necessário estragar todas para ter a certeza de que nenhuma embalagem tinha droga. Idem com os fermentos para cozinha e com os purgantes; todas as embalagens de fermento continham fermentos e as restantes, de laxantes, continham laxantes.

Foi um fiasco de doer e rebentar com a cabeça de qualquer um. Mas que não deu em recriminações porque resultou, com essa operação, que o grupo das três era mesmo barra pesada, profissionais de alto quilate, inteligentíssimas e altamente avisadas. Era necessária gente com toneladas de colhões para derrubar as espertezas dessas aí. Não era qualquer totó para pintar a manta com elas.

Para domingo ficou acordada uma sessão de espionagem para descobrir onde guardavam a mercadoria e de que forma concreta era feita a distribuição; queríamos certezas, não especulações. Como era arriscado expormos os nossos focinhos, eu e Yekine, depois de consultarmos as habituais movimentações em direcção à toca, matámos o tempo no bar da Embaixada, para, a coberto da noite, podermos espiar mais à vontade. Mal chegou o crepúsculo, armados de quatro

garrafas de vinho Ganita, entrámos em casa da vizinha que adora a bebida. À segunda garrafa, estava no ponto, a língua enrolava-se-lhe na boca, de tal modo que muito dificilmente se compreendia o que dizia. Subimos ao terraço, onde já se encontrava um barrote. Fizemos uma ponte que nos conduziu ao terraço do esconderijo, sem sermos vistos. Do terraço, descemos para a varanda, através do tubo que sustentava as antenas da televisão. A nossa sorte é que a porta desse lado não era utilizada. Arrastámos um buraco na porta vimos o inacreditável. Todas as jovens – e não eram poucas – andavam nuas, literalmente nuas. Dançavam nuas, umas apertadas às outras, bebiam nuas, estiravam-se nuas nas cadeiras, namoravam umas com outras – aquilo era uma autêntica orgia, só com mulheres. Obviamente, eu e Yekine desejámos, até doer e sangrar, entrar naquela casa, com tantas e tantas mulheres nuas a necessitarem de machos como nós. “Deus dá milho ilhado a quem não tem dentes”, pensei, profundamente triste, por ver tantas mulheres prenhes de desejo e eu não poder satisfazer a nenhuma sequer.

Dançaram. Beberam. Comeram. Namoraram. E nós por aí a revezar-nos um ao outro na espionagem das bundas, das mamas e do resto, que, geralmente, as mulheres escondem com denodo, mas aí exibiam ao desbarato, de borla. Depois, a maioria desapareceu do nosso campo de visão. Reapareceu um grupo de quatro ou cinco rodeando a mais alta das três mulheres. Parecia um homem no seu harém, rodeado assim das mulheres com quem trocava carícias, simultaneamente. As diabras batiam o prato, eram umas panelceiras do caraças. Mulheres com mulheres, já tinha ouvido, e visto num filme, mas sempre pensei que isso fosse na tara só do estrangeiro. Mas não! A minha frente estava um grupo de mulheres a bater prato. Chicha! Porra! Inacreditável! Era essa a festa, a festa só de mulheres, por isso, nenhum homem conseguia penetrar, rugar essa festa, era por causa disso, era por causa dessa orgia de mulheres, as filhas da mãe.

Terminada a sessão, todas reapareceram vestidas. À medida que passavam pela tamanha, recebiam dela um pequeno embrulho como se fosse um presente, que metiam no saco, despediam-se com “um até quinta” e saíam. Saíram todas. As madames prepararam-se para sair e, antes de o fazerem, disseram “não se esqueçam de guardar essa caixa no sítio habitual.”

Mamadú ouviu o nosso relato, com sentimentos descontraídos. Triste por descobrir que, afinal de contas, as senhoras não passavam de lésbicas, curioso e admirado, por a festa não esconder outra coisa senão uma sessão de homossexualismo no feminino, mas sem dizer uma palavra. E ficou assim durante largos minutos. De repente, deu uma surpreendente gargalhada, levantando-se do sofá e batendo com o punho na palma da mão. É evidente, é claro como água, foi dizendo. Mais sério e com a mão sobre o meu ombro direito, perguntou: “você não viram as madames passar um embrulho para as mãos de cada moça, no final, precisamente quando iam sair? Pois bem, meus senhores. Vocês pensaram o quê? Que esse embrulho tinha produtos de higiene? Não, meus amigos! Não! Vocês já não estão fartos de saber que aquelas três são muito espertas, rainhas de esperta? Pois é! A sessão de orgia, batem o prato umas com as outras, para que não haja fuga de informações, cada uma está ligada a um acto condenado por toda a sociedade. Se qualquer delas quisesse, um dia, trair o grupo, teria sobre si a ameaça de ser lésbica, de ser homem. É como se fosse um pacto de sangue dos mafiosos. Inteligentes, deveras, as senhoras. Bater prato era apenas para encobrir o negócio de drogas, era apenas para amarrar os seus correios ao negócio. De maneira que, para desfazer todas as dúvidas, devíamos assaltar uma delas, no final da festa da próxima quinta-feira.”

Da casa da bebeca vizinha, contámos dezassete moças a subir ao primeiro andar. A noite caiu. Fizemos o mesmo caminho do domingo anterior, até à varanda, onde, pelo buraco, assistimos, sempre tesos, à

festa de orgia das três respeitáveis senhoras. Dessa vez, deixámos o local mais cedo, logo que a primeira moça recebeu o embrulho e saiu.

Quando contei a décima sexta, desci a ruazinha, aos tropeções, fingindo estar com uma carga de água no corpo. A última moça saiu. Vendo-me, hesitou entre seguir caminho e voltar atrás. Dei um grande impulso para trás, fazendo que ia cair. Ela convenceu-se de que eu estava bêbado. Avançou. Antes de se cruzar comigo, afastou-se um bocado para o lado, apertando a carteira contra o corpo, que contraiu todo. Ao passar por mim, dei um pulo, derrubando-a. Antes de o Diabo esfregar um olho, já estava com a mala dela na minha mão, descendo a encosta daquela zona do Brasil; o grito dela esbarrou contra as casas – não ouvi. Saí por detrás da Praia Clínica e, no largo defronte ao restaurante Beira-Mar, meti-me no carro, que estava já à minha espera. Yekine arrancou de imediato.

Entre duas camadas de chocolate, uma de bombons e outra de camisinhas, encontrava-se um envelope pequeníssimo, com umas três doses de coca. Os olhos de Mamadú reluziam na noite. Exultado, exibiu o envelope, dizendo que havia mais e mais onde tinha saído o subscrito. Que era necessário arranjar uma forma de subtrair a mercadoria às senhoras do café da esquina. Tudo estava naquela casa do Brasil, não tinha ele dúvida nenhuma.

O melhor era ir ele também. Três contra três era mais seguro. Também era preciso ter todo o tempo do mundo para vasculhar todos os cantos à casa. Para isso, deixariam a entrada no prédio para o regresso da faxina do dia.

E assim fizeram. Quando a moça regressou com o balde de lixo, foi surpreendida por um dos assaltantes do outro dia, que lhe apanhou uma pistola. Abriu o gradeamento e mais dois homens armados foram juntar-se a eles. No primeiro andar, puseram as três apavoradas moças na sala e começaram a interrogá-las sobre o esconderijo da droga. Ou eram parvas ou faziam-se de espertas, porque negavam

conhecer qualquer negócio de drogas, elas não se metiam com esse produto, apesar de saberem que algumas das miúdas que frequentavam a festa puxavam o seu charro.

“Festa? Festa? Pouca-vergonha, pouca-vergonha é o que é. Pensam que nós não sabemos o que andam por aqui a fazer todos os domingos e quintas? Andam é a mamar umas nas outras, a baterem o prato umas às outras.”

Deixando as suas palavras surtir o efeito desejado, Mamadú prosseguiu: “também sabemos que distribuem chocolates, bombons, e camisinhas, mas também drogas”.

E tirou o envelope que exibiu aos olhos atónitos das três raparigas, que se entre-olhavam sem nada perceber.

Uma delas, a mais cobarde, disse, a medo: “isso é só para algumas viciadas, três delas é que adoram beise, craque, há mais algumas que fumam padjinha, mas a maioria prefere dinheiro, por isso, recebem dinheiro no envelope”. Perante a pergunta “então, a droga que as meninas recebem aqui não é para ser distribuída pelos clientes?”, uma contudente “nunca as vimos falar isso, ninguém nunca falou de clientes”. “As moças eram os divertimentos dos patrões, que gostavam de mulheres jovens para as suas extravagâncias”.

Essa conversa, se me convencia a mim e ao Yekine, a Mamadú entrava por um ouvido e saía por outro. Desconfiava da sinceridade das miúdas, não ia na doce cantiga delas. E, mais uma vez, teve a oportunidade de se gabar da sua ancestral e proverbial desconfiança, quando Yekine trouxe a tal caixa de presentes. Embora só em alguns embrulhos houvesse o tal subscrito com coca, pois a maioria tinha, efectivamente, dinheiro, Mamadú não se convenceu, aí havia gato e dos grandes. Revirou-se a casa do avesso sem que surgissem mais indícios de droga, a não ser um pequeno embrulho com cannabis – aí uma dúzia de doses –, cuja presença as miúdas não souberam explicar. Pelo contrário, isso foi prova provada para Mamadú – o

grupo das três traficava drogas. Deixaram a casa completamente esventrada, com tudo espalhado pelo chão, dir-se-ia que um temporal passou por aqueles quartos.

Passaram todo o resto do dia seguinte a conjecturar uma forma de obter pormenores dessa rede de traficantes. Depois de o calor se ter amainado e após três chávenas de um retemperador chá verde, Yekine, mais de acção do que palavra, disse, com a naturalidade com que servia o seu chá: "a única solução que eu vejo é raptar uma delas." Apanhados de surpresa, mal vimos a ideia, mas tomando o pulso à proposta, verificámos que não era descabida; tinha lógica. "Se pegas uma, a dele mais fraco entre si, a dama preta de leite doce, era bem possível que obtivéssemos informações importantes."

Esperámos por ela na madrugada do domingo. Na caixa de escadas ficaram Mamadú e Yekine, e eu coloquei-me, do lado de fora do muro da varanda, em lugar escuro e escondido. Quando a baixinha se preparava para introduzir a chave na porta, Mamadú deitou-lhe em cima uma manta militar. Ele e Yekine abraçaram a mulher e nós, os três, transportámo-la para o carro. Arrancamos em direcção à Achadinha Pires, onde eu tinha uma barraca segura, onde depositámos a senhora. Via-se que o sítio não era para ela, habituada ao luxo, ao bem-bom, a tudo. Isso jogava a nosso favor, ela haveria de ter toda a pressa do mundo em sair de um sítio daqueles e nós mais pressa ainda em deitar a mão à nossa mercadoria.

Ela foi muito colaborante. Porém, não adiantou nada que nós já não soubéssemos; era a mesma lengalenga das moças do Brasil, que não traficavam, que apenas assumiram satisfazer algumas das moças viciadas em drogas, mais nada. Não foi possível arrancar outras versões, não foi possível fazê-la cantar música diferente.

Não nos restava outra coisa senão tentar envolver as outras duas pontas desse perigoso triângulo. Eu mesmo encarreguei-me de tratar do negócio. Religiosamente, e como todos os dias úteis da semana, lá estavam as duas à mesa do café da esquina. Sobre a ausência da amiga,

Fernando Monteiro

disseram qualquer coisa relacionada com uma viagem curta a S. Vicente. Notava-se a quilómetros que estavam amedrontadas – voltavam a cabeça dum lado para outro, sem parar –, transtornadas e irrequietas; notava-se a olho nu que enfrentavam um problema e grave. Esperei, estrategicamente, à porta do café. Com a minha montra de produtos no braço, não me foi difícil encetar conversa com elas –, aos olhos de qualquer um, eu pretendia impor a compra de qualquer bugiganga. Na verdade, disse-lhes, rapidamente: "Sei onde está a vossa amiga. Telefonem para este nome e este número às vinte em ponto. Ela corre risco de vida". Tinha a certeza de que não iam fazer nada, nada as levaria a gritar pela polícia nem a ir à pejeta, visto que não iriam colocar a amiga em risco de vida.

Às vinte horas, a filha do Zé, que servia ao balcão, chamou um tal de António para atender ao telefone. Depois de se certificar que era a voz da mais alta, pedi-lhe o número do telemóvel. Telefonaria dentro de cinco minutos. Paguei a conta e saí do bar do Zé em Ponta Tamba. Debruçado sobre a ribeira do Pensamento, liguei e falei para a grandalhona: "Hoje, às onze horas e meia, estacionarão os vossos carros nas imediações da boate Zero Horas, entrarão na boate, donde devem sair, dez minutos depois. Encontrar-me-ão, então, à porta e entraremos no meu carro".

Cumpriram à risca as instruções. Já dentro do nosso carro, devidamente enquadradas por Yekine, seguimos para o norte da cidade, subimos para a Achada S. Filipe, descemos a Ponta d'Água, onde encontramos a Rotunda. Descemos à Vila Nova, pela estrada antiga, e, junto ao Centro Social, tomámos o caminho de Moinho. Passámos por Lém Cachorro, chegámos ao Paiol Velho e subimos à Achadinha Pires. É evidente que todo esse trajeto não poderia ser descrito pelas duas magníficas senhoras, porque o fizeram de olhos vendados.

As três estavam à nossa mercê. E foi isso que nos disseram, quando agrupadas ao fundo do cubículo, sob a ameaça de armas. "O que pretendem de nós?", perguntou a mais alta, sem fixar os olhos em nenhum de nós, sem se dirigir a nenhum de nós em concreto.

Na Roda do Sexo

Mamadú limpou a garganta e expôs a questão, com toda a clareza. “Queremos parte da mercadoria na posse do grupo das três e futura participação no vosso negócio. Não precisam de vir com a morna de que são lésbicas, batedeiras de pratos, paneleiras ou qualquer coisa do género, porque sabemos que isso é um disfarce, para poderem traficar mais à vontade, não é assim, rapazes?”

A mais alta, que parecia ser a chefe do grupo, deu um passo em frente e manifestou a sua estranheza, visto que nunca lhes passou pela cabeça meter-se em negócios de tal magnitude. A única transgressão que cometem na sua vida é de ordem moral — são homossexuais, numa sociedade que abomina a homossexualidade masculina quanto mais a feminina. Se a vida de um homossexual é um inferno, a vida de uma lésbica é mil vezes mais insuportável. Era preferível desaparecer do mapa, emigrar, morrer até, do que ficar exposta às críticas e ao comportamento da sociedade. Esta sociedade não está preparada para entender que, nas voltas que a vida humana dá, possa haver mulheres que só conseguem ter algum prazer, amando outra mulher.

— “Bonito discurso, mas vá enganar o macaco que tem colhões azuis, não eu, Mamadú Ipkeba. Queremos droga, queremos a nossa mercadoria. Se não nos derem o que queremos, sairão daqui para o cemitério da Várzea!”

A ameaça da morte, nem com as pistolas a dançar uma dança macabra diante delas, as incitou a mudar a versão primeira. Juraram todas elas que nunca traficaram coisíssima nenhuma. Que os únicos crimes cometidos por elas foi trazer menininhas de outras ilhas e mantê-las privadas de liberdade de circulação, só para manterem relações sexuais com elas. Por serem menores e usadas como objectos sexuais. Eram elas as suas únicas mercadorias. É claro que não podiam ser descobertas pela pejeta, senão era cadeia certa. Atendendo aos seus estatutos social e económico, descobrir que eram lésbicas,

que traficavam menores para satisfação do seu desejo perverso, daria um grande escândalo de que não conseguiriam sair ilesas e imunes: desapareceriam do mapa desta sociedade como um grão de areia num temporal de areia.

Não convenceram Mamadú. Sempre implacável, buscou a manta militar, puxou pela mais alta de todas, colocando-a no meio da sala, onde a fez ajoelhar-se. Tocou-lhe com a manta, na qual pegou numa ponta, embrulhando o cone da pistola, a jeito de silenciador — ia executar a mais alta, perante o olhar atónito e aterrizado de todos os presentes. Mais uma vez, Yekine, avançando para Mamadú, segredou-lhe ao ouvido mais uma ideia, pois o carrasco riu-se a bem rir e, apontando com a pistola à branca, disse “é tua!” e afastou-se.

Quando a moça se apercebeu que Yekine queria era possuí-la, foi assaltada por um choro convulsivo e, babando, suplicou ao homem que a não violasse. Apoiada pelas outras duas, que ficaram pateticamente histéricas, a madame, com a compostura pelas ruas de amargura, suplicou, choramingou, esmolou, rolou-se no chão; aceitava tudo menos fazer sexo com homem. Mais calma e decidida a resistir até ao último fôlego, disse que preferia morrer a ceder o seu corpo a um homem.

— É que eu sou um homem. Sinto-me homem como qualquer outro homem e só sinto desejo por mulheres. Eu só tremo de prazer, quando sinto uma mulher a tremer de desejo nos meus braços. Só sinto desejo por mulheres. Sou homem, homem, homem! Como você, você e você. Por favor, não me façam sentir asco de mim mesma, usando-me como mulher. Far-me-iam sentir nojo de mim, raiva de mim. Fazer sexo comigo, equivaleria a um de vocês fazer sexo com outro homem. É a mesma coisa.

Eu, que já fazia tempo que trazia as três debaixo do olho, aproveitei a encenação, que tocou até a sensibilidade coraçada do Mamadú, para antecipar Yekine, dizendo: “então, saia a pretinha para mim”. Com a mesmíssima cara de terror da branquinha, a preta disse

que preferia morrer a ser montada por um homem, que de cada vez que sonha com o carinho de um homem, sente calafrios e fica doente; nunca pensa num homem como objecto sexual de desejo – fica horrorizada de cada vez que um homem lhe fala no sexo. É que, desde os oito anos foi sucessivamente violada pelo padrasto e pelos seus outros cinco meios-irmãos. Durante seis anos, os seis homens da casa satisfaziam nela a tsaão de animais, não lhe dando a ela qualquer possibilidade de prazer. De cada vez que um deles a usava, sentia uma profunda dor na alma e no corpo, que, a pouco e pouco, se transformou em ódio por todos os homens. Esse ódio cresceu para a frigidez, de tal forma que, para os homens, ela se tornou frígida; só sentia prazer com mulheres. Aliás, só com ela – a dama mais alta – aprendeu a solettrar prazer sexual, a ler, integralmente, desejo sexual, a tornar-se numa mulher com vida sexual activa. Não se dava a nenhum homem, por nada deste mundo...

– E você! Qual é o seu drama sexual? É homem ou mulher?

À provocação de Mamadú, a terceira dama encolheu os ombros. Com os braços cruzados sobre o peito, com o olhar perdido, mas fixo numa abertura da parede, disse:

– Eu não tive um pai déspota como o pai de Antónia – a branca –, que fizesse sentir à filha que o mais importante e vital para a sobrevivência da raça humana era ser homem. O meu pai não me obrigava a ser homem todos os dias, a ponto de só me oferecer brinquedos para homens, a ponto de até me dar roupas de homem. O meu pai, felizmente, orgulhava-se da filha. Também não tive nem padrasto nem meio-irmãos que apontassem o seu sexo para o meu ventre, mal sentissem o desejo a apertar-lhes as virilhas. De mim, nenhum homem abusou. Bem queria que abusassem de mim. Mas nunca me quiseram. O meu casamento foi um fiasco, mesmo antes de começar porque quando descobri que o meu marido era um inveterado paneleiro, já era tarde – a respeitabilidade da minha família, o estatuto da minha família, as

responsabilidades políticas, económicas e sociais depositadas na minha família conformaram o meu comportamento e fizeram-me aceitar um marido fêmea, como eu. Desde então, fiz tudo para, com dignidade, atrair um homem. Pescava olhos, abria-lhes as pernas, brincava com a língua na frente deles, via que todos ficavam com os miolos revirados, mas todos se esbarravam na minha respeitabilidade e nenhum ousava tocar os meus estatutos de mulher casada, de dona duma empresa. Rica, portanto... Eu gostava de ser uma mulher, ser amada, sentir o calor de uma paixão. Acho que não esperava nada de mais, nada que a uma mulher normal não pudesse ser dado. Nenhum homem quis dar o passo final e eu não podia expor-me mais do que me expunha, a minha dignidade de mulher e a minha formação impediam-me de ter o comportamento de uma prostituta e atracar-me a qualquer homem que surgisse na primeira esquina. De refeição em refeição, cada vez mais amarga e triste, amputada daquilo que é a estrutura, porque física e emocional, de qualquer ser humano – o sexo –, senti que estava a descer ao mais fundo dos abismos e que, quando tocasse o fundo, não teria mais volta. Foi então que apareceram essas duas e me resgataram para a vida. Com sinceridade, não sei se, hoje, sentiria alguma coisa nos braços de um homem. Só sei que o que dou e recebo das minhas gatas me dá prazer suficiente, me satisfaz plenamente, que posso dizer, sem pestanejar uma só vez, que sou feliz e posso passar muito bem sem o sexo oposto. Se quiserem violar-me, podem fazê-lo, mas podem ter a certeza de que não terão uma mulher, mas sim um buraco na parede, inerte e sem vida.

Perante tão trágica narrativa, ficámos desarmados, desamparados e despidos. O cubículo ficou no mais absoluto silêncio, cada um voltado para si mesmo, para o seu interior, a magiar na vida.

– Vocês têm ideia da importância do que disseram aqui? A vossa confissão, apesar de ser dramática, trágica, não tapa uma realidade – tráfico de carne humana, não sendo abuso sexual de menores, pedofi-

lia, cárcere privado... Para além da escandaleira que a vossa homossexualidade suscitaria. Duvido se, depois de tudo explodir, restaria algum bocado de vocês. Isto quer dizer que estão nas nossas mãos.

Dito isso, Mamadú apontou o indicador para mim e para Yekine. As mulheres estavam dispostas a negociar. Estavam dispostas a tudo, desde que as suas realidades fossem abafadas, desde que nenhuma autoridade, sobretudo a pejeta, fosse chamada, desde que os familiares fossem mantidos longe de tudo isso, enfim, desde que os crimes não fossem denunciados, assim como a sua condição de lésbicas.

VIOLAÇÃO

O oficial de diligências anunciou a entrada do meritíssimo juiz. Todos se levantaram. O réu seguiu o juiz com o olhar, pensando: - "este é o homem que vai decidir se me manda ou não para a cadeia, o meu futuro está nas mãos dele".

Estava apreensivo, numa expectativa angustiante. O juiz tomou o seu lugar. Todos se sentaram novamente.

"O réu que se levante e se identifique!", "João Cardoso Moniz, filho de Hipólito do Carmo Oliveira e de Joana Cardoso Moniz, natural da freguesia de Nossa Senhora da Graça, concelho da Praia, onde nasceu a 27 de Maio de 1977, portanto, com 23 anos de idade, solteiro, sem profissão conhecida, morador na Achadinha, Praia."

Feita a sua identificação, aceitou a defesa que lhe foi indicada, por não ter constituído advogado. O réu sabia por que motivo estava sentado no banco do Tribunal Criminal da Praia; estava sendo acusado de violação de Tatiana Lopes Tavares, menor de 15 anos, igualmente moradora na Achadinha de Cima, na cidade da Praia.

Sobre o que tinha a dizer - é acusado, pelo Ministério Público, de crime de violação -, explicou:

- Senhor doutor juiz, reconheço que errei, que fui culpado de ter violado Tati, porque a comi à força, no dia do aniversário dela, em sua

própria casa. Mas, senhor doutor juiz, também sou inocente, porque ela é que me obrigou a violá-la.

O juiz, olhando ora para o delegado do Ministério Público, ora para o advogado de defesa, sem ainda compreender o que parecia um grande paradoxo, concluiu, com uma luz de satisfação nos olhos, que, afinal de contas, aquele ia ser um julgamento interessante.

John tinha de explicar. Conhecia Tati, praticamente, desde criança. Embora morando um bocadinho mais longe, em Pé de Monte, frequentava muito a zona onde moravam os pais da Tati, desde os seus dez anos. Viu aquela menina, franzina e de canela seca, delambida e feia, crescer, sem que despertasse qualquer interesse aos rapazes das redondezas. Inclusive, metiam-se com ela, chamando-a de poste, numa linguagem basquetebolista, por ser mais alta do que a sua idade recomendava.

Porém, quando passava dos doze para os treze anos, começou a ter uma prodigiosa mudança. - Senhor doutor juiz, aquele corpo desenhado como minhoca, começou a encher-se, a encher-se, o rabo, que não tinha porque era lapido, começou também a engrossar, as pernas de tchota viraram, assim, muito grossas. As mamas, justificou, viraram como duas maçãs apetitosas. O próprio rosto transformou-se. De repente, perguntei: "Bem! Onde está aquela menininha feia e cheia de ranho? Aquela menina que até me enjoava, porque o ranho era o seu camarada e mosca, todo o mundo sabe que gosta de ranho, quanto mais verde, melhor". Procurei e não encontrei. No lugar dela, havia essa outra menina, muito bonita, muito aseada, um brinco... Até os cabelos na cabeça cresceram-se-lhe, senhor doutor juiz! Tati deixou de ser uma lambisgória, uma lagartixa, para passar a ser uma menininha muito interessante, simpática de mais.

Sempre a crescer no corpo e na boniteza, daqui a nada, sem pedir licença, passou-me em altura, deixando-me para trás, quer dizer, mais baixo. Mas isso não me apoquentava, o que me dava dores de cabeça,

Fernando Monteiro

era o corpo dela, senhor doutor juiz. Eu ficava a babar, sempre que a via. É claro que, a princípio, olhava só furtado, afinal, ainda, andava no Ciclo. Pior foi quando entrou para o Liceu e começou a fazer luxo, a *graxomar-se*. Meu Deus! Quando ela punha aqueles *shorts* deixando toda aquela monstruosidade de pernas a tentar um filho de coitado, aqueles *shorts* apertados que até os bumbuns gritavam "eu quero sair, eu preciso de ar, que estou me sufocando..." Os bumbuns da samba, dançando, tesos, firmes, perigosos, provocantes e sedutores. Ninguém, nem o cadáver mais morto, ficaria indiferente à passagem de Tati."

Em termos de corpo, no entendimento de John, a Tati já estava criada - era mulher como qualquer outra. Aliás, mais que qualquer outra, visto que seria doido varrido se trocasse essa Tati por outra mulher - igual no mundo não havia, sobrelevando a curva, embelezando tamanha beleza natural...

Apesar desse poder encantatório que a moça exercia sobre si, John nunca ganhou coragem para arriscar um namoro ou qualquer coisa do género. Naturalmente, que se aproximou dela, visto que eram conhecidos de há muito. Isso era tão natural que não podia constituir obstáculo nenhum. Mas aproximar-se não significou, no plano imediato, qualquer tipo de intimidade. A bem da verdade, por culpa do John, que era excessivamente inibido, encabulado e incapaz de dizer palavras que pudessem agradar a uma mulher. Para além disso, padecia de um grande mal, concorrente também com a inibição que sempre sentia ao aproximar-se de qualquer mulher, quanto mais de Tati, que era, a seus olhos, uma verdadeira divindade: era pobre, muito mais pobre que os restantes colegas. A mãe, vendedora no mercado, fez enormes sacrifícios para criar os sete filhos. O marido emigrou para Portugal, John, o caçula, encontrava-se ainda no ventre da mãe - nunca escreveu uma linha, quanto mais mandar algum dinheiro. Casou-se com uma tuga e esqueceu-se de uma terra chamada Cabo Verde e da família que deixara para trás. Assim sendo, a mãe muito pouco pôde dar e a única herança e futuro garantido que podia

Na Roda do Sexo

deixar aos sete filhos era escola. Mas, infelizmente, nenhum tinha cabeça para escola, incluindo John. Sem pai, sem irmãos em condição de suprir as suas necessidades, John criou-se no meio de um terrível complexo, culpando o pai, que bem poderia dar o que os filhos necessitavam...

Sufocado por tanta inibição, John ficava-se a roer por dentro, quando via os colegas a dar bola à Tati, que, é de se reconhecer, ganhou tanto de coquete quanto de bonita. Todos diziam coisas que, se o pensamento de John era capaz de formular, a língua se recusava, terminantemente, a articular. Os discursos amorosos, por mais bem ensaiados que fossem, recusavam-se a sair diante da miúda. Mas ficava pior que estragado, quando via os outros agarrar, abraçar, correr uma mãozinha aqui e ali, dar um beijinho na face, tudo em nome de brincadeiras, da amizade. E ele nada para nada – era incapaz de qualquer gesto carinhoso, afectuoso, por mais inocente que fosse; tinha um medo horrível de ser rechaçado, de ser mal interpretado. Por estes motivos, começou a ter raiva dos amigos, começou a sentir ciúmes deles. E também não se perdoava, por causa da sua incapacidade de ter o mesmo procedimento dos amigos. Condenava-se e amargurava-se com a sua impotência. E quanto mais impotente se sentia, maior era a atracção que sentia por Tati.

O que sentia por ela já demasiadamente forte, que se tornara evidente aos olhos de todos os seus amigos da vizinhança da casa dos pais da Tati. Incluído este, que já se dera conta do fraquinho que John nutria por ela. Embora frívola e volúvel, não deu atenção nenhuma ao facto; John estava muito abaixo da bitola por ela estipulada para dar trela a um homem. Sabendo despertar tantas paixões e desejos em tantos homens, poupava-se de entrar em determinados esquemas, em esquemas que não conduziam a nada. E John, então, não era nada. Pelo que ignorou os sentimentos do rapaz. Apesar disso, não podia dispensar a sua amizade, o gozo que dava esse ar desprotegido, de abandono e solidão. Até porque John, com o seu silêncio enigmático, era inofensivo.

Requitada e cada vez mais sensual, Tati, depois dos catorze, estava destravada em termos de apuramento de objecto de desejo, tornava-se mais e mais sexualizada, tornava-se cada vez mais um símbolo sexual, um mito sexual. E foi então que iniciou o ciclo de provocações a John, contando, como cúmplice, com a paixão que ele sentia por ela e o silêncio que lhe era inerente.

“Senhor doutor juiz, Tati é uma sabidona! Não é nada inocente... Sabendo que eu não seria capaz de abrir a boca para conquistá-la, começou a puxar-me e da maneira mais porca: mostrando-me as pernas, abrindo as pernas, tirando a língua de fora e de maneira lasciva, encostando-se a mim ou roçando-me com aquela santa bunda, quando podia evitar isso perfeitamente; em suma, começou a tentar-me, a tentar-me... Um dia, senhor doutor juiz, até tirou a mama de dentro da blusa, só para me tentar. O senhor nem imagina o que eu sofria para manter as minhas mãos no lugar certo. Só que ela, talvez entendendo que eu tinha tomado alguma vacina para não sentir nada do que um homem sente por uma mulher, aumentava a sua parada, a ponto de, um dia, a surpreender só em cuecas no quarto dela e ela, sem ligar nenhuma, como se estivesse diante de uma colega, disse apenas, ‘hã, és tu!’ Como se eu não contasse para nada.”

“Outrossim, senhor doutor juiz, pegou-me na mão para eu verificar se tinha feito bem a barba. Eu, que não estava percebendo o que, na verdade, estava passando, devo ter ficado com os cabelos eriçados e com a cara do basbaque mais basbaque do mundo, porque ela atirou na minha cara uma forte gargalhada de troça, depois de me ter feito correr a palma da mão pelos seus pentelhos”.

Por causa da sua não reacção, as provocações saíam cada vez mais reforçadas. O cúmulo foi daquela vez que Tati o convidou para assis-

tirem a um filme no vídeo. Pensando tratar-se de algum kung-fu, gênero que ambos adoravam, John ficou totalmente siderado, quando surgiram as primeiras imagens de um porno. Sentados, lado a lado, no sofá, John sentiu uma coisa estranha nascer-lhe das profundezas, não sabia se da alma, se do corpo. Só sentiu que a cabeça andava à toa, sem poder concentrar-se no ecrã ou no rosto da Tati, que lhe dirigiu um sorriso matreiro, a interrogar-lhe com os olhos maliciosos, como "por esta não esperavas, escambrado!", tal foi o choque que apanhou. Quando a mão quente de Tati se fechou sobre a sua mão fria e trêmula, John não soube donde tirou forças e coragem para a outra mão deslizar-se para a perna de cetim da moça. A medo, todo fremente, a mão a escorregar muito lentamente. Fechou os olhos para melhor gozar aquele momento mágico, um momento há muito ansiado, há muito sonhado, um momento que, inúmeras vezes, se convenceria de que nunca mais chegaria. Esvaziou o pensamento só para se concentrar, unicamente, na fundição daquele instante maravilhoso. Mas um forte e inesperado "estás doido!" apanhou-o totalmente desprevenido. E, acompanhado de um vigoroso gesto de desengajamento da mão de John da perna, trouxe, de forma abrupta e brutal, o jovem para o mundo real. Confuso e sem perceber patavina da reação da Tati, John encolheu-se todo, envergonhado, porque ela, afinal, não o queria para namorado: "você é apenas meu baby, meu companheiro fixe, um broda e nada mais". Que não se atrevesse a tocar-lhe, novamente, que não ousasse sequer pensar que o tinha chamado para outra coisa senão para ver um filme e nada mais. Afinal, sendo ele de ferro, aguentaria ver um filme sem pensar no sexo. "Ela disse-me isso, senhor doutor juiz! Ela a entregar-me tudo na bandeja e quando me preparo para saborear, emborca a bandeja, fazendo tudo perder-se. Fiquei doido, doido, senhor juiz. Pudera! Quem não havia de ficar?" Mas John, resignado, abandonou a casa da Tati, para recalcar o que se tinha passado naquela tarde: foi à Tchetchénia abastecer-se; pela pri-

meira vez, sentia necessidade de algo mais forte. Outro, no seu lugar, nas mesmas circunstâncias, com todas as provocações nas costas, teria ido mais longe e se recusaria a voltar ao ponto de partida, de qualquer das formas. Com as consequências que quisessem aparecer. Mas ele, sustido sempre pela sua índole, pela incapacidade de se impor face a uma mulher, apanhou, rapidamente, todo o vulcão de desejo e satisfação a vontade da Tati.

Entretanto, ficou a bailar-lhe no espírito, sem se definir claramente, a sensação de que Tati estava a forjar a raiva com que veria a explodir aquela intimidade assombrosa, não era sincera no que dizia. Saiu do quarto da Tati convencido de que ela, apesar das desculpas, tinha uma enorme vontade de sentir o seu calor e respectivo peso.

E assim por diante. Em vez de ser John, na condição de homem, a atacar, era Tati quem o assediava, através de palavras e actos. Mas fazia isso como se não estivesse, minimamente, interessado em experimentar os dotes sexuais de John. Era como se estivesse a brincar com uma boneca insuflável, que tinha algo de vivo.

Por desespero, porque sofria bastante, John, que, desde os treze anos, puxava o seu charrinho e bebia o seu groguinho, passou a exagerar e raro era o dia em que não viajava, ou nas asas da padjinha, ou nos vapores etílicos. Aliás, virou um bebeco desnaturado, pois era raro o dia em que não se deitava mouco, cheio de grogue e de ponche.

Na tarde seguinte, estavam, ele e Rasta, a chupar uns panfletos nas ruínas da casa de Nha Preta, em Pé de Monte. De repente, pensou no que se tinha passado na véspera entre ele e Tati. E sentiu um nó muito grande no peito, uma pressão enorme para se abrir, para confessar o que lhe ia na alma perseguida e torturada pela Tati.

E falou com Rasta, que, silenciosamente, ouvia o amigo. "Man, não penses que foste o único a estrepar-se com a Tati. Não, man! Eu também trepei por ela e quando ia apanhar a maçã, záz! Tirou-me a escada e desabei no chão como alma doutro mundo. Fez isso comigo,

faz isso com todo o mundo. Tenta um cachorro a cadela, tenta, tenta e quando tu pensas que vais mamar uma *na dom si*, ela foge. É uma pinguinha, uma diaba que veio ao mundo só para mingar os homens, deixá-los com apetite, assanhados, só com água na boca. É uma estaferma de intentada, man! Larga a diaba da mão!"

John estava simplesmente estupefacto. Com que então ela fazia o mesmo aos outros? Se isso acalmou John, também o espreitou, restaurando as esperanças do rapaz. "Comigo não será assim! Ela que espere por mim!" Pensava em voz alta, por isso, disse "não é nada, não é nada", quando Rasta pediu que repetisse o que tinha dito. Crescia-lhe, até doer os colhões, o desejo de possuir Tati.

Saíram da casa de Nha Preta e foram para a casa do Rasta para comerem uma caninha e abafarem com uns torresmos adquiridos a Nha Margarida. John encontrou lá uns "Horizontes" antigos. Folheando-os, no intervalo dos goles daquela saborosa e doce cana-cana, John reparou que as páginas de polícia traziam muitos casos de violação, o que o levou a comentar:

— Porra, man! Estou vendo aqui uma coisa: nesta nossa terra, são cometidos muitos crimes de violação, sobretudo de crianças...

— Também as mulheres estão intentadas, perseguidas - respondeu Rasta, mais interessado em estragar os torresmos e a aguardente.

Isso aconteceu na mesma semana do aniversário da Tati. O assunto parecia desinteressante, pois partiram para outra conversa, mais fixe.

No dia da festa do aniversário, John não podia deixar de dar uma ganja. Por volta das dez horas da manhã, chegou a Tchetchénia, acompanhado de Rasta e Zé de Tamba. Fumaram, bebericaram uma santinha verde. Fizeram estoque, para mais tarde. Foi então que surgiu o nigeriano, para cobrar uma dívida de droga ao Rasta. Que, naquele momento, não podia pagar. Palavra puxando palavra, os dois resvalaram pelo campo dos insultos e o nigeriano não tardou em puxar da pistola, ameaçando Rasta. John ficou revoltado, mas a única coisa que

podia, realmente, fazer, era mandar bocas. E mandou. Foi razão suficiente para que o amigo desviasse a atenção para ele, o que permitiu ao Zé de Tamba pôr em prática o seu enferrujado karaté. Esquecido. Esquecido ou não, o certo é que a pistola saltou da mão do nigeriano, que não teve tempo de a recuperar, por conta do Zé de Tamba. O frágil John apanhou a arma e acabou com o baile. Pôs o nigeriano em sentido e pediu aos companheiros que saíssem. Mal o dono da loja abriu a boca para reivindicar o pagamento que lhe era devido, John disparou dois tiros contra a prateleira, o que fez os dois homens estenderem-se no chão. E... pés para quê os queriam; fugiram e a bom correr, rumo à Ponta de Chicharro...

John escondeu a pistola numa mochila que guardava sempre sobre a parede da divisória da sala com o quarto da casa da mãe. Saíram para a casa da Tati, onde pretendiam jogar às cartas e beber ponche. Descontrair ainda mais, fumando um charrito, de vez em quando. Estava a ver o jogo, quando Tati voltou da cabeleireira.

— Prepara-te porque, hoje, terás um presente muito, muito especial, logo à noite.

Que não se esquecesse", juntou, e John, como seria de esperar, pensou logo que presente tão especial só poderia ser o melhor, o mais cobiçado tesouro da Tati. Se não entrou num processo de ansiedade, foi pela influência do charro, que o deixava sem reacção, descontraído, mesmo mole.

Anoiteceu. Cheio de ponche e de padjinha, John encontrava-se *na dom si*, relaxe, cheio de feeling e muito cul, conforme palavras suas ditas à mãe, quando saiu para a festa - fixe man! Apesar disso, meteu a pistola no cós das calças, nem sabia para quê, para quem. Com a camisa larga, bem maior que o seu talhe, ninguém haveria de dar pela presença da pistola. E se desse, qual seria o problema?

A festa estava cul, a malta a curtir uma cervejinha, e uma crioula, sem problema. Passada para aqui e passada para acolá, o baile estava rijo, atra-

ente.... "De vez em quando, para pôr garina no peito, tudo cul, senhor doutor juiz. Tati estava a matar. Nunca vi nenhuma damex assim, senhor doutor juiz. Nenhuma! Estava linda, estava de bote, senhor doutor juiz. De bote! Que nem Santa Maria! Dançava, dançava e a gente julgava que estava a dançar com algo que desceu do céu. De vez em quando, trocava um olhar comigo. Resplandeciam os olhos de alegria. Faiscavam como os olhos de um gato. Estava uma gata! Quando a pus neste peito, disse: "ó Deus, o mundo pode acabar agorinha assim. Pode mandar buscar-me - claro, desde que ela me acompanhasse também."

"A festa estava cul, cul, mais que cul; estava culíssimo. Sem guerra nem pancada! Até Tati me segredar "vai ter comigo lá no quarto do Betinho, dentro de cinco minutos." "O coração deu-me um grande crã." Apesar de estar à espera desse bem-vindo presente, John sentiu o coração saltar no peito, sem parar. Sempre a disfarçar, a disfarçar, subiu, como o camaleão, ao primeiro andar. A disfarçar, a disfarçar, escapuliu-se pela escada que levava ao terraço, onde ficava o quarto do Betinho. A malandra tinha escolhido esse local, por saber que ninguém iria lá, pois o Betinho estava em Santo Antão, como professor.

A suar como estivador em dias de muito labor, franqueou a porta. Tati estava em pé, junto à cama. "Aquele olhar, sempre, senhor doutor juiz, aqueles olhos, man! Desculpa, desculpa, senhor doutor juiz, man! Morriam de inocência!... Não senti mais nada. Mais nada. Só via a fêmea à minha frente. Só e nada mais. De repente, ouvi o meu coração a cavalgar com muita força - ela ergueu a saia até ao umbigo e tirou a tanga. Sempre a olhar para mim. Senhor doutor juiz, o senhor aguentava? Dei um *djato* rijo mas que só eu ouvi. A minha alegria subiu riba lá no Pico de Antónia. Então, cheia de requembro, uma das mãos à cintura, a outra a fazer rodopiar a tanga, deixou-me assim, só com água na boca. Desta vez não! Veio devagar, devagarinho, em minha direcção. Eu estava como o homem de ferro. Ela encostou-se assim e, descendo as cuecas até à altura dos meus olhos, soprou-me "toma! Isto é para ti.

Não há melhor presente..." E deu-me as costas. Apanhou outra tanga, em cima de uma cadeira, vestindo-a devagarinho, propositadamente, só para me infernizar. Não resisti, senhor doutor juiz. Ela ia-se embora. Perdi a cabeça, totalmente: dei-lhe um empurrão e fomos cair em cima da cama. Agarrámo-nos um à outra. Ela ficou por cima. Quis levantar-se. Suspendeu-me. Não tinha forças suficientes para me arrastar. Eu, agarrado a ela, como se fizesse parte dela. Tropeçou. Caiu. Eu em cima dela. Debatemo-nos. Debatemo-nos... Lancei a mão esquerda para a tanga. Voltou-me. Quis levantar-se. Agarrado às cuecas, arrastou-me. Apenas um bocado, porque a tanga rebentou. Agarrei, com a outra mão, a saia. Deu-me um sopapo. Não larguei. Quis fugir. Agarrei-a pela saia, com ambas as mãos. Caiu novamente. Com os braços no chão. De bruços. Conseguiu levantar-se comigo às costas. Levou-me umas três vezes de encontro contra a parede. Sufocando, tive de a largar. Parou diante de mim, arfante. Tinha o ar dos vencedores. Mas o que restava da tanga, estava enrolado, aos pés da Tati".

John aproveitou o descanso para sacar da pistola e apontar para a cara de medo da Tati, que fez a boca num o de espanto. Dizendo e fazendo, John encostou-a à parede e, então, só então, a possuiu. Primeiro, por trás. "Violei-a, senhor doutor juiz. Violei-a, mas ela é que me convidou a violá-la. Comi-a à força, senhor doutor juiz, mas ela é que cozinhou esse prato. E ela sabia que eu estava esfomeado, tinha uma sede enorme dela... Mas, senhor doutor juiz, ela é boazona, boazona pela frente, boazona por trás, boazona pela frente, boazona por trás, boazona... oh, oh, ooooooh, doutor juiz, estou a me acabar, a me acabar, a me acabaaaaa," disse com voz melíflua e acabou-se mesmo: "Já me sujei todo, senhor doutor juiz", disse, enquanto olhava, com cara de vergonha, sem fixar nada nem ninguém, o John.

O advogado da acusada, com uma autoridade insuspeita, interrompeu a lenga-lenga do John, com um grito gutural. Apenas quis que o réu confirmasse o crime de violação sob ameaça com arma de fogo.

Mas ele tinha, exactamente, acabado de confirmar quão grande é a sua atracção pela Tati, pois acabara de ter um acto, completamente, inter-dito numa sala de audiências de um Tribunal. Por isso, prescindia de mais perguntas, porque o réu acabara de admitir, de forma clara e inequívoca, posse da prática de violação sexual com intimidação da vítima Tatiana Soares Tavares. O caudilco prosseguiu com as argumentações do tipo: "trata-se de uma menor de 15 anos e o réu um jovem, é certo, mas com mais de 23 anos, portanto, um homem na plenitude das suas faculdades psíquicas, experiente e conhecedor do bem e do mal. Pelo contrário, a vítima, apesar do seu porte de mulher, não passa de uma adolescente, inocente, imatura e inexperiente, muito dada a fantasias sexuais. Sim, meritíssimo, fantasias que a levaram a meter-se com todos os rapazes mas sem se enregar a nenhum, pois, na sua inocência, achou que podia brincar com eles. E olhe, meritíssimo, que todos entenderam o jogo da Tatiana, todos perceberam que o que ela fazia não passava de mero jogo de sedução, que não procurava outra coisa senão alimentar as suas fantasias sexuais. Tanto assim é que, em iguais circunstâncias que o réu, os outros rapazes e homens não tentaram nem abusaram dela. Ele não, ele achou-se no direito de violar uma menor, cujos pais e ela própria, desde há vários anos, lhe abriram as suas portas, que é como quem diz, as suas vidas. O réu agiu mal, ainda, por cima, com uma crueldade muito fina: no dia do aniversário da vítima, no próprio local onde se celebrava esse aniversário e no quarto do irmão... Ele a estuprou. Não foi um crime espontâneo, de facto, e não foi por culpa da vítima... Ele planeou essa violação, preparou-a, ao pormenor. Senão vejamos: levou colegas à Tchetchénia, onde sabia, de antemão, que armas de fogo circulam sem problema, para, numa confusão qualquer, se apoderar de uma. Se não fosse assim, por que razão ficou ele na posse da pistola do nigeriano? Além do mais, podia ter deixado a pistola guardada em casa. Por que motivo a levou para a festa? Não era porque, desconfiando que o presente especial se perdesse, afinal, poderia ser um

presente envenenado, e como ele tinha de possuir a vítima Tatiana, se armou para alijar o seu desejo doentio. Não restam dúvidas de que, ao levar essa arma à festa do aniversário, tinha um fim em vista: dar um presente especial à aniversariante..."

"Mas não é tudo. A liberdade é o maior bem que o homem moderno, civilizado, possui. De entre os direitos humanos, o direito de dispor de si figura como um dos mais importantes. A liberdade de escolher o parceiro, de escolher com quem se quer ter relações sexuais, é inerente à pessoa humana. A mulher, aqui e mais uma vez, sobretudo na nossa terra, é discriminada, pois o homem cabo-verdiano acha-se no direito de dispor do sexo dela como bem quiser. Aliás, como aconteceu com John, que nem teve pejo de usar, aqui e há momentos, o acto abominável de ter uma relação platónica com Tati, em pleno Tribunal, o que deveria ser, amplamente, corrigido. E a prova irrefutável duma mentalidade retrógrada e atrasada é o comportamento do réu em relação à menor Tatiana Tavares."

"Meritíssimo, é consabido que as vítimas do estupro ficam marcas, físicas e psicologicamente. Esses traumas aumentam, se a violação for por coacção ou através de ameaças físicas, como é o caso. Os riscos que essa adolescente corre são grandes e graves. Ela pode, no futuro, inibir-se a ponto de não querer constituir família, pode tornar-se numa mulher amarga, triste e infeliz, pode, amanhã, abandonar a escola e juntar-se, para sempre, a outras mulheres decepcionadas com a vida, pode vir a ser uma profissional medíocre, porque indecisa, de difícil relacionamento com homens, com colegas, pode tornar-se frígida, sem prazer... Pode ficar até grávida de um filho que não quer ter, inclusive pode renegá-lo, odiá-lo, matá-lo, se determinadas circunstâncias forem reunidas. Pócia dar mais exemplos de outras consequências nefastas, deste acto de estupro, mas estes são suficientes. Traumas serão certos. Porquê? Porque esse homem cometeu um crime de violação, com violência e ameaça de arma contra uma menor, porque esse crime foi co-

medo na própria casa da vítima e no dia do seu aniversário, razões por que os traumas, imprevisíveis agora, podem determinar uma personalidade complicada, isto é, o acto hediondo cometido pelo senhor João Cardoso Moniz terá repercussões negativas na vida da Tati, por longos e longos anos.”

Por isso, o advogado pediu a pena máxima prevista para o crime de violação sexual de menores.

O advogado de defesa pediu permissão ao meritíssimo juiz, para fazer algumas perguntas ao réu, que haveriam de, estava certo, esclarecer o caso, ou pelo menos, lançar luz sobre alguns aspectos mais obscuros do caso.

— Senhor João Cardoso Moniz, diga a este Tribunal como, efectivamente, conseguiu violar a menina Soares Tavares?

Meio desconfiado, meio chateado, a contragosto John voltou a descrever o que se passou na noite do aniversário da Tati, no quarto do terraço da casa dos pais dela.

— Mas, diga uma coisa ao Tribunal. Estando com as mãos ocupadas, como é que, enfim, conseguiu penetrar a moça?

— Ela estava encostada à janela. Tirei o meu bibicho... dei-lhe com o meu bibicho...

— Não, senhor. Não use palavras. Use metáfora, homem!

— Está bem. Tirei a minha metáfora e dei-lhe com a metáfora, meti-lhe a metáfora e...

— Mas, antes disso, para utilizar aí a sua metáfora, tinha de, também, utilizar uma ou as duas mãos. Como fez isso com a pistola na mão?

— Não, senhor advogado. Quando a encostei à parede, guardei a pistola, tirei a metáfora e a meti entre as pernas da Tati.

— Então, não tinha a pistola na mão, não a estava a ameaçar, quando tirou aí a sua metáfora?

— É claro que não tinha, meritíssimo!”

Fernando Monteiro

— E a saía? Quem se desembaraçou da saia? — E apontando, com o indicador da mão direita, a vítima, Tatiana Tavares:

— Agora, rapaz, diga uma coisa a este Tribunal. Você tem um metro e setenta de altura, pesa sessenta e três quilos! E, voltando-se de chofre para Tatiana, acrescentou, de repente:

— Como é que você se deixou violar por um homem muito mais baixo?

Arrebatando a palavra, John respondeu:

— Eu subi em cima de um bloco ou outra coisa que pudesse ajustar-nos, eu e ela. Mas foi ela. Eu tinha as duas mãos na parede... Mas não me interessa nada de nada, agora. Como eu já disse, Tati é rainha de boazona, boazona pela frente, boazona por trás, muito boazona, rainha de boazona, que ela foi primeira e única e eu como, simplesmente, em Paris, senhor doutor juiz. Como, simplesmente, em Paris.

— Como? Como? Diga lá, homem, esse “como” é preposição de comparação ou é presente do verbo comer?

— Ná, ná, senhor doutor juiz! Não venha cá com questões de comparativa, porque eu não sou o Dico da Comparativa... Deixe para lá coisas que eu não sei explicar. Eu, simplesmente, como em Paris, e é tudo!

— Muito bem! Se permitisse, meritíssimo, eu faria algumas perguntas à menina.

Autorizado, o advogado de John continuou:

— É verdade o que disse John?

— É verdade! — Disse Tati, com o fio de voz ténue, por causa da evidente vergonha que sentia naquele tribunal. Isso encorajou o advogado a lançar outra pergunta. Tati desorientou-se, tartamudeou qualquer coisa ininteligível, que levou o advogado a repetir a pergunta e a exigir uma resposta clara.

De cara para o chão, lágrimas no centro dos olhos, foram, numa primeira instância, a resposta dada por Tati. Como não podia fugir à realidade, lá saiu outra resposta custosa.

Na Roda do Sexo

– Como ele... não... não conseguia... como ele não conseguia chegar onde queria, eu, eu desci um bocadinho. Agachei-me, senhor juiz! Agachei-me, para ele conseguir...

Depois de ela conseguir parar as lágrimas, o advogado voltou à carga:

– E a virgindade? Se foi assim, isso significa que eras velha?

Embora o sim estivesse saindo melado de choro, o advogado não se condeou:

– Então, meu Deus! Quem lhe tirou a virgindade? Foi outro dos rapazes a quem provocavas? Porque não te queixaste dele?

Tati desabou num choro convulsivo, pluvioso, inconsolável, que levou o juiz a interromper a audiência, até a ofendida estar em condições de responder aos quesitos formulados pela defesa.

– Não foi nenhum dos rapazes. Foi o meu pai!

A revelação caiu como uma bomba na sala de audiências. Durante uns bons instantes, todo o mundo olhava, com todo o espanto do mundo, para a figura serena da Tati – estava na disposição de contar tudo, via-se claramente. E contou tudo, não parando, nem quando o juiz pediu, quanto mais o advogado de defesa.

Que, desde os doze anos, o pai mantinha relações sexuais com ela. Que volta e meia a ameaçava com a mãe, porque ele a convenceu de que era culpada, por ter desejado essa relação incestuosa. Que vivia em pânico, porque não podia dizer a ninguém que o pai, às escondidas, lhe fazia aquilo, porque, publicamente, era o melhor pai do mundo, para além de que morria de medo de desobedecer ao pai. Que por ela não apresentava queixa contra John, porque não era culpado – ela é que ficou desvairada, lançada e metia-se com todos os homens que via a jeito pela frente, seduzia-os e, quando pensavam que iam tê-la, ela dava-lhes um coice tremendo. Era só para se vingar do pai. As leviandades que fazia, era para mostrar que ela tinha poderes sobre os homens e esses poderes provinham do único poder que, efectivamente, uma mulher tem sobre os homens.

Fernando Monteiro

E acompanhou estas palavras, com uma palmada em cima do seu pentelho.

– Os homens são, senhor doutor, escravos do sexo, vivem num reino da escravidão, onde o sexo é rei e senhor. Até o meu pai não escapou a esse poder fulminante, caindo aos meus pés, eu, a sua filha predilecta.

Perante as respostas, o advogado de defesa, obviamente, pediu a absolvição do réu:

– Afinal, houve provocação e colaboração da ofendida, excluindo-se, assim, qualquer hipótese de ter havido violação. Para além de que, tendo guardado, até para a mãe, o segredo relativamente às suas relações incestuosas com o próprio pai, quem poderia garantir, se outros e outros não a tinham possuído, antes ou mesmo depois do réu, e de o pai ter violado a ofendida? O facto de ter havido colaboração da queixosa torna irrelevantes as provas de que o réu usou da violência, ele apenas apontou, por alguns segundos, a arma de fogo, para obter o consentimento da Tati para terem relações sexuais. Por conseguinte, houve crime de estupro sim, embora contra uma menor de quinze anos, portanto uma menor de idade, mas com a participação dela. A colaboração dela pode atenuar a responsabilidade penal e contribuir para a redução da pena de prisão, assim como o assédio do réu por parte da queixosa pode servir de circunstância atenuante, por demonstrar que a queixosa, também ela, desejava, e de que maneira, ter relações sexuais com o réu. É verdade que não o tendo conseguido de livre e espontânea vontade, o réu, no entanto, viria a usar da força e da ameaça de morte para o conseguir, o que ficou claramente claro, aqui na sala de audiências: ele estupro a vítima. Não restam quaisquer dúvidas.

João Cardoso Moniz foi condenado a oito anos de prisão efectiva, e recolheu à Cadeia Central da Praia, em São Martinho, concretamente na Achada Bombena, onde, ainda, se encontra preso. Quanto ao pai da Tati, o Ministério Público da Praia extraiu certidão das acusações pro-

Na Roda do Sexo

feridas pela filha durante a audiência de julgamento e instruiu um processo-crime, por violação continuada e sistemática, ao longo de anos, tendo sido julgado e condenado a 15 anos de prisão, encontrando-se na prisão de Achada Bombena. Ademais, o Tribunal da Praia retirou-lhe a tutela da filha, Tatiana, que ficou sob a responsabilidade de um tio, irmão da sua mãe, porque a mãe, no caso da violação do pai, deu mostras de negligência grosseira.

E não se pense que essa história morreu assim. De facto, sabe-se, hoje, que os dois homens, que comeram Tati, encontram-se doentes da sida, com o pai da Tati na fase terminal da doença. Assim como Tatiana, que desenvolveu o vírus da sida e já não pode ter filhos, porque foi *capada*. Naturalmente, quem trouxe essa distribuição do inelutável vírus HIV, foi o pai da Tatiana, que o passou à filha, e John apanhou o vírus da Tatiana. Assim, os três são portadores do vírus da sida. E trazem morte prematura, inscrita no sangue.

UN PA DOS

Tudu dia ki Nhor Deus poi na krus, mundu ta korda, ta durmi, ta durmi, ta korda, sen manha. Ma oras ki e durmi e ta manxe diferenti, oras ki e korda e ta durmi diferenti – e ta muda manenti, sima ora ta da. Pur-isu, ki oji é ka onti, y manhan é diferenti. Es konbersu é pa fla-bu ma éra di oji é ka éra di onti, nen di trisonkonti, kada un ku si tradison, kada un ku si nobidad, kada un ku si manias.

Na tenpu Dimingu Kunoti la di Matu Sanxu di Santa Katarina, éra era otu. Mosas nobu ki ka tir ha di dizoitu pa riba, ka ta ianjabo na moradu, es ka ta paraba na rubera, o na kutelu, kifari na impu na'l kasa ku omi. Ka ti iha beju, ka tinha kori-mo, ki fari sfregaba o ki fari labi-labi ku omi: c mis ku mudjeris es tinha ki speraba ti bespra kazamentu pa es pulbaba kunpanheru, istu-é ka tinha es sória di kori-mo pa pode tenpra – era txiga subi na montanha. Tanbé omi di kel tenpu era di otu tenpra, y mudjeris ka tinha briu sima es tene oji, es ka era dususperadu sima es ta oji-en-dia – es tinha más pusentu.

Diferensa di onti ku oji é ka era so na bestimenta, sima bu sabe; era tanbe, prinsipalmenti, na konportamentu.

Pamodi na si éra, na beju entri omi y mudjer era mutu diferenti di oji, ki Dimingu Kunoti ti inda e ka abitua a kes kusas di papia di gentis nobu, prinsipalmenti, a ses manera di pensa, di fase – Dimingu, purizenplu, e ta atxaba un grandi poka-vergonha es kusa di minininhas ta

kore trás di omi, ta ofêrese pa omi. Más galanti ki kel-li, so modi ki es ta bisti – nun-priiti. Pamodi ku kel saínha kurtu, ku bluzo ta tapa so mama, ta dexa bariga na mo, kosta nu, uís, ku kes mania di subi kalsinha ti stangu, pa omi bira ta odja kalsinha di pariba ku di pabaxu, pa Dimingu Kunoti é nun-priiti. Pur-isu, ki e ta fla ma omis di oji dja kaba perde tenpra, enkuantu es ka koredu mo es ka ta stika, es ta fika moli-moli, mortu. Pamô keli, Dimingu Kunoti da ordi na si kaza ma mudjer nun-priiti ka ta mora nen ki é sima óspri. Alguns bes propi, el fika ku gana poi na rua uns minininhos ki parse-l na kasa ku kes bistimenta di poka-vergonha. So el ka po-s na rua pamo Kiminta, si mudjer, bira ta txuputi-l, ta kalka-l ku pé.

É ki Dimingu Kunoti era omi ki ta flaba kusé ki e ta pensaba, el ka era síniku nen ronkorós, pa el guarda kusas dentu del.

É si ki un dia, un di kes rapasis ki ta poi brinku na orejia sima mudjer – forti Dimingu ten raiba de kes rapasis la! – ki ta papia kes língua trapadjadu, ta papia ta badja sima boneka korda, parse na si kasa. Dimingu Kunoti ferbe, ferbe ta djobe rapás so di ndjarga, ta nita, boka dja bira kunpridu sima klarineti, Dimingu staba ngispadu sima krun, era so pol mo, e spludiba sima spluson. N ka sabe modi faze, Dimingu staba nbaxadu ta mara un borenseti, é si ki kantu rapás ta pasa na el, baza-l kafé kenti na kosta. E labanta frikiti, odju ragaladu na kabesa, el grita:

-Mos! O stafermu di diabu, bu ka odja ma dja bu ka baza-m kafé kenti riba kundindin?! Paké ki bu sta na skola? Bu mesti kua, bu sta mutu brabu, más brabu ki kenha ki ka sta na skola! Kua, kua, rapás! Toma tinu pamodi des ki bu bira mudjer, ku kes brinku na orejia, ki Nhor Dios dja despreza-bu!

Rapás ka obi más dizaforu di Dimingu pamodi Zinha, si fidja, pega si amigu es bai nbora. Mo, kel rapaz ten burgonha, e ten burgo-nha ki falta-l so txon abri pa e soti.

Dimingu Kunoti tinha un kunpadri ki es era rai di amigu. E txo-maba Belu Dia. Belu Dia tinha seti fidju, tres matxu, kuantu fémia. Di

kes fémia li, tres era prizamenti kes más grandi ki dja staba kazadu kantu e ben Praia. Kel matxu más bedju era tropa, purtantu, na kaza e tinha dos matxu ku un fémia, kel ki era si kodé e txomaba Milena.

Kes fidju di Belu Dia es ta fizeba, es ta disfazeba, es ka tinha ku-mandu nen guvernu. Kel ki é matxu era rasta, ta fuma padjinha, ta da pa dodu: ta anda ta springa sima ki es tinha mola dentu d'es, es ta poba brinku na orejia, ses bida era sai na mundu puli kalsada, pirsigi fidju-fémia di kada kual. Milena... Milena, ti 15 anu, Dimingu Kunoti era dodu na el, el era si bilida d'odju, ki e ta mimaba ku tudu kusa.

Nha genti, e tinha ki serba si. Milena era si fidjado. Des di pikinoti ki Milena era un minina sperta, sabidona propi, ki ka ta dexa si xerén lansadu. Magru sima katxor di ladron, osu ku peli, ma xei di forsa, era fetu di fibra forti y más riju ki feru. Dimingu gostaba del pamô e tinha boka lestu, raspota senpri na ponta l língua, má, atenson, e ka era raspotenta e malkriada; era benkriada, e ta ruspetaba tudu algén. Dimingu, si ka era temozia di si kunpadri Belu Dia, ki finka pé na txon, sima buru na ponta roxa, e nega un bes, e ta tomaba Milena pa e kriaba kantu kumadri Diinha pasa pa Renu di Noshor. E gostaba del dimé-divera. Ntron Milena ba pa skola y ba ka ta fadja nun anu, Dimingu Kunoti bira bazofu, e poi Milena riba la.

Má, kantu e ta prosima di 15 anu, si padrinhu kumesa ta disgosta del. Prumeru kusa ki poi kurason di Dimingu ka-sábi, é pamodi Milena, so pamodi dja e kumesaba ta ngrosa kadera ku perna, pamodi mama ngrosa na petu, ki dja e kre dexaba di ser pinton pa e pasa pa franga, e dexa di toma-l benson. Kurason di Dimingu bira xuxu má e ka fla si kunpadri nada, e nguli kaladu, ta oserba. Si nen benson e bira ka ta toma-l, ki fari p'e xinta-l na ragás, sima e ta fazeba desdi pikinoti. E ka fla nungén nada – so si mudjer ki e kexa nel. Má e fika ngisadu más di un mes y tudu bes ki e odjaba si fidjado ta ronka ta bai, ta bai ta balansa kel kadera ki nen ka ngrosá dretu, e ta flaba dentu del: "uun! Kre e pensa ma si e xinta riba mi, ma n ta xinti algun kusa?! Palmerma! Asnera! Farru

xinta riba mi, nunka n xinti nada! Agô, so pamô dj'e arma ngrosa, dja e ta atxa m'e ta fase-m kabesa? Bakalhau é fartu di azeti, o lanbisgóia!" Ma era so pa e dizafogaba si dor. Pamô Dimingu era un omi sensível, ki ka ta milindra ku poku kusa – pa el, un minininha ki e kre txeu, sima e kreba Milena, ki nunka e brinka ku el ki fari p'e fase-l kel ki e ka debe, diskunfia di el é pamodi e ka bali, e ka séria: "Milena ta da nonpresta, e ta da un grandi kabrinha, pa n ka fla otu kusa."

Dimingu e pasa ta djobe si fidjadu ku otu odju; un odju di kenha ki ta diskunfia, kapás di odja dentu di algén, kapás di diskubri kusas ki algén normal ka ta odja; un odju di kenha ki graba y graba duedu, galanti di odja propi.

Má kusa ki poi Dimingu Kunoti más bira kontra Milena, ka ta grama-l propi, é pamô, un dia, ki e bai vizita si kumpadri Belu Dia, e atxa Milena, ses armunsis y si pai ta diskuti sobri omi ki Milena debe gosta o ka gosta del. Pa pai di Milena y pa armuns di Milena, un mudjer so debe ranja ku kenha ki e gosta del; si e ka ten amor pa el, si e ka ta xinti nada pa el, e ka debe ranja ku el nunka. Es fla: "é verdadi ki saku baziu ka ta sakedu, amor ka ta kume; ma tanbe é verdadi ki sen amor, bida di algén ka ten valor, pamodi algén ta vivi, é pamodi amor béê... é amor, frutu di bu amor."

Milena mora boka un séra bai na "amor ka ta izisti, amor é fantu-xada pa tropesa algén na pé. E fla ma, pa el, kusé ki bali é dinheru. ma e ka ta ranja ku kenha ki ka ten dinheru, ki fari p'e kaza. Ka ten dia ki parse un omi, pa más bunitu ki el é, pa más raskon ki el é, pa más ator ki el é, pa más konbersu sábi ki el ten, pa más boka doxi ki el é, pa el, Milena, e ranja ku el, si e ka ten dinheru. "Agô, Agô, e poti ser más feiu ki xuxinhu di infernu, pior di ki Bikibiki, e poti ser manku, buru, ta txera siré, ma basta e ten dinheru, n ta ranja ku el. Ka ntiresa-m modi ki e fetu, si e ben-tadjadu o si e mal-tadjadu, s'e ta bai o e ka ta bai, s'e ladron o polísia, s'e skanbradu o xei di farol, s'e penha o pé-seku, s'e bedju o s'e nobu... Ki ta intiresa-m é si e ten dinheru y si e ten dinheru sima buru".

Tudu kusa ki si pai ku ses irmons fla-l, e dibati ki nen Nha Násia Gomi, pamodi boka gô Nhor Dios da-l. E dibati, e rabati, es ta arma, e ta dizarma, má, bodona, ka konxe beti propi. Pa rabenta ku kes ki staba ta diskuti ku el, e fla: "é sima nhos fla, ami n ta ranja é ku dinheru; kenha ki ten dinheru, n ta ranja ku el; kenha ki ka ten dinheru, e bá toka lara – na mi e ka ta pasa."

Dimingu Kunoti fika spantadu, ki e fika tran na kadera, undi dj'e xintaba, odju kran na Milena, sima Nhu Diogu Gomi ta djobe Nha Rama. E tremenuza propi ku kusa ki e obi Milena ta fla... S'e flada, e ka ta kriditaba, má e si dos obidu ki obi, ka ten kau nega. Kenha ki flaba ma Milena, kel minininha magra y xei di karinhu, ki ta nroska na algén sima gatu, ta papia ku fala mansu moda txota koku, dretu má dretu propi, kenha ki flaba ma Milena, un dia, ta binha flaba butupé-riu, ta binha flaba asnera di kel la, ningén ka ta kriditaba! Dimingu era kapás propi di kore-l un mo na rostu. Dimingu staba kaladu, ma e purgunta si kabesa: "desdi ki tenpu Milena bira es monsturu, es bixafe-ra di seti kabesa, ki sta nha dianti? O omi, es gentis ten dentu d'es un Diabu ki so ta parse oras ki e bira grandi?"

Dimingu Kunoti xinti fastiu di Milena, e ten fastiu ki p'e fria, e da sakada ta bai, ki, si kumpadri Belu Dia ka txomaba el, nen dispidi e ka ta dispidiba. Um ar fresku da-l na rostu, e para el arma rispira, pamô e staba ta sufokaba, ta more di falta di ar la dentu di kaza di si kumpadri. E sakudi kabesa, ka ta kridita na kusa ki e obi. "Kelá ka ten salvason! E ta kasa ku dinheru propi, si kre e na Korkobada o na Len-Karxor... Pamo, kenha ki gosta di dinheru dimás, sima Milena, o e ta kasa ku banku, o e ta fase si kusa banku. Ma komu e ka bunita, e ka raskoa nen janota, e ka ten skola y dinheru é kuza ki nha kumpadri ta meste, manenti, kasa ku banku é sima si el kreba subi séu ku skada. Agô, si kusa é si prupriedadi – e ta bende, e ta ganha dinheru, sen manha."

"Un minininha ngrasada, finu y mimada, kriadu na Santa Bíblia y na mandamentus di Nossinhor Jizus Kistru, un minininha ki nxinadu

senpri ma spritu ten más valor di ki matéria, pamó korpu ki é matéria ta more, pamó é pó, e ta torna bira pó, e ka pode ten más valor ki spritu, pamó spritu ka ta more, é iternu, é spritu ki ta subi séu o ta dixi infèrnu oki nu more. Modi ki oji, Milena ta da más valor a dinheru, un kriatura di Diabu? E ka ten salvason! Kelá é un minina pirdida. Nha kumadri Betinha debe sata rabida na koba so di tormentu, s'e ka staba mortu, dj'e moreba otu bes, so di disgostu di Milena. Mi ki é mi, ki é so si padrinhu, ale-m li, xciu de burgonha, dizorientadu sima bixeru ki perde mai, pamodi dja n xinti ma distinu di Milena, si e kontinua ku fomi di dinheru sima dj'e fla, ka ten tadju – so kasa puta ki ta npara-l."

Dimingu Kunoti, kantu e txiga si kaza, e txoma si mudjer Kiminta, p'es troka palabras pamodi di si fidjada Milena. E konta kuzé ki pasa na kaza kunpadri Belu, e kontal tanbé si xintidu. Nton es disidi m'e ta baba fala ku si kunpadri Belu Dia, p'e fla-l p'e toma tenson ku si fidja fémia, Milena, pamodi fururu k'e tene si dianti, é ka nada bon.

Dimingu ka ta troka fla ku faze. Na primera ves ki e odja si kunpadri, dipós di kel diskuson ku Milena, Dimingu Kunoti papia ku si kunpadri ku kurason na mo, palabras di amigu, más klaru ki águ linpu na labada, p'e pode tinji alkalsi di kusa ki el kre fla-l. E nbrasa-l, e consola-l, e nkuraja-l, e consedja-l:

-Milena meste poi kabrestu, e meste podu rédia, p'e dirijidu pa bon kaminhu, pa kaminhu dretu, pa kaminhu di fé y non di rasa di Infèrnu y di Anti-Kristu. Un kaminhu di burgonha, kunpadri.

Kunpadri Belu Dia, si ben ki e atxa ma Dimingu Kunoti staba ta izagera, e konkorda ku el, e ta bá tinha um konbersu ku Milena, p'e odja si e ta tomaba kaminhu, pamodi e ka kre odjaba ninhun di ses fidju na mau kaminhu.

Milena ba ta kria, franga ku gana bira galinha. Dimingu Kunoti odja-l ta ngrosa más inda, korpu – nunpiti – ba ta bira más gros, más di mudjer. Milena ael e ka era bunita di ngaba – lonji, e staba lonji di ser bunita –, ma tanbe é ka era di dispreza – era di lonji menus feia ki Karuxinha.

Bon, pa el fla verdadi, Dimingu Kunoti sta atxaba ma Milena podia ser bunitinha, si testa ku boka ka mataba el. É ki e tinha un testa di iran, um testa diformadu, di monsturu, y un boka kunpridu sima ki e ta kume so na baion, um boka largu ki ta baba di un kexada pa kelotu, más largu ki boka di Jack Palance. Si ka era testa ku boka, Milena ta daba bunitinha.

Di kualker manera, ku un padás di mandioka bufabufa, un kaldinhu gros y ku sal na ton, ndolmadu si, Milena ta pasaba sen ninhun problema. Era noba, e staba na si nobu, si era tenprada sima e ta parseba, podia parseba un omi ki bira dodu na el. "Ma, kre n sta ngana nha kabesa, pamo omis ki podi ten algun dinheru pa da Milena kusê ki e kre, es ta djobe mininhas más formós, ku más skola, ki sabe entra, ki sabi sai y, prinsipalmente, ki ten fin di mes sima o más ki di-ses".

Milena ba ta ngrosa manenti, dja e ta daba un kaldu ki ta kura kualker duenti. Ti Dimingu Kunoti, ki era un omi sériu, rai di ketu, ki konxe si kantu y ta kume na kel un ki Nhor Dios da-l, ki é Kiminta Prera, um dos bes e da ku el ta ozerba perna di Milena, rabadidja di Milena, mama di Milena, e nguli en pó, e fla si kabesa: "karanba, Dimingu di Kunoti Monteru, bu fidjada sta sábi leba fodjada, springa nel, marmasi nel, noti manxi, ta pulba agu rubera, ki debe ser más doxi ki mel, más sábi ki sabura, más kenti ki burkan di Fogu... Ma mel e ka pa boka buru, midju kotxidu dja pasa simentera – ami dja e un katxor sen denti ki nen Kiminta ka sta da pa lenbi ki fari pa mordi mosas nobu ki teni briu na ponta gretu. Pa len di ki Milena é sima bu fidju: bu ka limária ki ka ten sensu pa djobe dretu ku tortu, tudu ki pasa-l pa dianti, mai o fidju fémia, e ta sapa e ta bai... Ma, ki pena! Milena sta un tentason, agó e sta. Nhor Dios ta purdua-m."

Foi nes altura ki Dimingu Kunoti odja un rapás ta rondia Milena, sima katxor ta fôjia kadela. E kuda un bokadu e fla: "kelá sta perde si tenpu – e ka ten stilu di kenha ki ten teris. S'e ka ten dinheru, e pode ba ta da si kurva pamodi Milena ka sta djobe-l ku si rostu".

Ditu y fetu.

Mos txomaba Andersom. Um rapás altu, xei di musklu, ku uma batata na brasu, perna e tinha más gros ki perna di Ozébiu; era um rapás murenu kemadu, ku si kabelu finu na kabesa, pentiadi ba trás ku si rabu kabalu, un rapás bunitu sima ator di sinema, ki kualker mudjer podeba gosta del. E ka ta bistiba ku stravagansa, má linpu, dretu propi. Y ka pa pensa m'e era vagu sima tinha um monti rapasis na kel tenpu, ki ta priokupaba so ku renkia mudjeris, ku mosinhos na txon, txera kankan branku o fuma padjinha, bai buati, bebi grogu mixa na prasa pa mudjeris odja m'es ten tonton grandi – Andersom tinha juís: e ta trabadjaba ta dizenha planta di kaza, kuza ki na era di Dimingu Kunoti ta daba algun dinheru, ma ka ta traba ningún di mizéria.

Milena da ku Andersom e dadji e kanta: “nunka n odjaba omi bunitu sima bo, nen na sinema sibéria o na tilivizon”. Kurason di Milena, na kes prumeru bes ki e odja Andersom ta fadigaba, ta saltaba sima kabritu nobu, kantu e ta odjaba el, ta parseba-l era un santu ki dixi di séu, un lus ta lumiaba el, e ta fikaba ta limia sima Nosa Senhora di Fátima, ku rostu ta brilha di sabura. E ta xintiba lebi, ki ta staba el m'e sa ta andaba ku pé fora txon. Milena xinti ma é kélá ki era omi di si vida – pa po-l kai na pekadu, xinti sabura di mundu; nina-l na si petu, kruza si alma ku di sel, ti ki lumi toka; toma konta del, gazadja-l, mortadja-l. Milena gosta logu di Andersom, ma dodu baridu, kel kre más txeu, ki ningún ka ta podeba tadja. Es era di kel amor ki ta poba Praia lumi, spadja-l pa tudu rubera ku tudu kutelu, nhemi tudu txada – un amor ku forsa di paxon, un amor disididu, dizisperadu, dodu...

Andersom tanbe era dodu na Milena. Dimingu Kunoti rapara ma tudu bes ki kel santu rapás txigaba dianti di Milena, e ta bababa sima katxor na tenpu kalor. E ta djobeba Milena nosenti, ki ta pensada m'e sa ta odjaba algun santa ki dixi di séu. Pa el, Milena era

mudjer más bunita di mundu, era kuza más fofinhu ki Nhor Dios poi na Mundu, era si bida, era el propi, pamodi, di tudu manera ki e pintaba si futuro, Milena staba la, klaru, firmi, más nteru, santa so pa el, Andrésom. Ki, dipós ki e konxe Milena, e ka tevi más susegu, e ka tevi más posentu d'alma – foi un piskosada na kurason, ki Andrésom bira besgu, bira kololu, pamo e sa ta odjaba so Milena, kordadu torna na sonu.

Ki ta mataba dizenhista é ka era korpu di Milena nen é ka era rostu o buniteza di Milena y mutu menus si fala di mar di Ganbóa, ki ka ta kebra – e ta rola mansu-mansu, ta beja areia ku tantu karinhu, ki podia flada ma kel mar é un omi ki ata beja un mudjer, ki so podia ser Kinta. Ki ta mataba Andersom era so kel odju di Milena gros, pretu sima uva di Djarfogu, brilhanti sima diamanti, ma tanbe mornu, dos braza ki ta kenta-nu nos kurason. Odju nosenti, odju mortu más un odju spisial, ki kel kuza ki e djobe ta fikaba paradu tran, disfágadu, sima flinbida trás di lus. O ki Andersom djobeba Milena dentu di kel ses dos gran di odju, ta staba el m'e stá na Paraízu, sima Adon d'anti di Eva, ta pulba kel primera ves, ki un mudjer parse dianti di um omi. Aian! Pa Andersom, Milena era primeru y úniku mudjer ki Nhor Dios poi na Mundu, pa bira si bida más sábi.

Si Milena dja kreba Andersom y Andersom dja kreba Milena, nton ka tinha tadju es ka ranjaba, es dexaba amor ki es ta xintiba pa kunpanheru kusia sima padja na padjigal, na tudu forsa'l natureza. Milena dja kreba Andersom txeu, rai di txeu. Andersom dja kreba Milena txeu. Dimingu Kunoti fla propi ma e ngana, kantu e odja ma Milena staba dodu na Andersom. Amor ki e odja na mar razu y klaru di odju di Andrésom – nton, tuga ka fla ma odju é spedju d'alma? –, ka podia nganaba el tanbe; o ki dos kurason ta nkruza pretxi-pretxi di kcris, sima kurason di Milena ku Andersom, bu pode skrebe, pretu na branku, ma kazamentu sta na roda. Dimingu Kunoti propi txiga di rué ku si kunpadri Belu Dia, ma Milena y

Andersom ta kaza sima kaza ku boton, sima oru ku azul, sima korbu ku obu na boka. "Nu ten di kaza-s, kunpadri". Belu Dia djobe si kunpadri ta maruta ku sentimentu:

- Kunpadri Dimingu, n ka tene kurason linpu ku es stória di Milena ku Andersom. N tene kurason xuxu propi. É ka pamodi rapás ka da-m ku nha stangu o pamodi e ka ta sirbi pa nha fidja. N ten serteza ma di banda del, prigu ka ten - e un santu rapás; nha medu é nha fidju-fémia: Milena, nho, e ka ta tra-m kansasu, e ka ta dexa-m alma diskansadu. N sta tormentadu ku kel konbersu antigü, ki nhu sisti propi. E ka dimuda, kunpadri. Ka sta-m m'e ta fila ku es rapás. N ta atxa ma inda e gusta di dinheru más ki amor. Komu es rapás e ka ten dinheru...

- Nho, é sima nhu fla! Go ki n lenbra! Dja n skeseba! Má kunpadri, nhu obi kuse ki es buru sa ta fla nho: sta-m ma Milena dja muda...

- Sta-m, kunpadri, sta-m é adivérbu di dúvida. Portanto, sta-m ka ta skrebe nho!

- Ná, n sa ta fla nho pa nu sumara, dexa kuzas kore di si manera, ti ki ora txiga. Nton nu ta sabe si é pintu o fixon, o si é doxi o malgós.

Belu Dia, ku si kurason ka-sábi, e dexa palabras di si kunpadri Dimingu Kunoti ta raforsa kel lus di si alma ki so ta giaba si ivangelhu pa Milena, si fidju-fémia ki e kre txeu. "Tomara Dios si kunpadri tinha razon y Milena ka pensa ma dinheru é úniku labanka ki mundu ten, ka pensa ma dinheru é tudu y ma restu ka ta konta pa nada."

Más sertu é kuzas ki sa ta pasaba entri Milena ku Andersom.

"Omi ka ta toma disizon, ka ta da más palabra. Ka pa fla-l si e gusta del o e ka gusta, si e ta ama-l o e ka ta ama-l, pamodi Andersom dja staba fartu sabe si Milena gostaba del o non, si e ta amaba el o non: kusé ki ti-nha Andersom fadigadu, disorientadu ta xinti bariga baxu, ma sen xuxa, é pamodi Milena ka sta konsigiba abri boka pa fla - n kre-u, dja n kre-u".

Dia ta ben, dia ta bai, Milena, sima un ratu ki ata brinka ku gatu, ta fika ta skiva, ta finta, ta sukundi, ta mostra, ta minga ka ta da. Sima ki e kreba poi kel rapaz dodu-dodu, ku gana 'l subi Piku Dontoni. Y

Andersom dja komesaba ta bira dodu, e bira fastentu, ta nrita pa tudu y pa nada, ku nervon trunkadu na piskós. E ta staba sima galu maradu na kapuera xei di galinha; kel mos kalmu, ku paxenxa di piskador, ka aguenta, e ba nbora y na si lugar fika un porkentadu ki ka ta folgaba Milena, dja lapi nel ki nen kobra, so pa e da-l kel un palabra.

Andersom sabia ma si futuro staba na kel sinplis palabra - n kre-u! Milena podia daba el pé di tudu manera, tenta-l di tudu manera, sprimenta-l de tudu manera, nbrasa-l, lanbuxa n'el modi ki e kre, da-l beju propi, namora-l tanbe, ma úniku kuza ki interesaba Andersom obi era: "n kre-u, n kre-bu, abó bo é nha kretxeu ..."

Ma kelf e ka sa ta obiba Milena ta fla. É stranhu, e dimanda si kabesa, e buskudja pa tudu ladu, e ka atxa un splikason, un risposta ki ta kontenta-l. E xinti - Milena da-l un monti di sinal -, e sabeba ma Milena kria bá lonji, staba dispostu até di da-l prova di amor - é basta e pidiba el -, ma úniku kuza ki boka ka kre flaba, sima ki e skese di fla kel palabra é: "dja n kre-u, dja n kre-bu, mi é di bo". Andersom ka sabia, e ka ntendeba. E staba okupadu, ma tanbe e staba kunfiadu, e tinha serteza ma Milena era di-sel, ka tinha nada ki a poba el skapaba di si mo. Prinsipalmente dipós ki e bira di kaza, patrón di zona.

Tenpu ba ta pasa. Pa tudu algén di bera' l kaza Belu Dia y kes ki ta nkrusaba ku Milena ku Andersom ta flaba, ta jurá, ma kes dos algén la tinha, ma es era namorado ku namorada. Ná, propi ka tinha nada ki kenha ki ta namoraba ta fazeba ki es ka fazeba: faltaba es so labi-labi na kunpanheru, pulba kel frutu proibidu. Nen sfrega e ka sfregaba, ma e ka pamodi falta di gana faze - Milena tinha medu di skorega bá di más y da disgrasa pamodi inda e ta pensaba ma tres di mudjer é so pa ken ki kaza...

Kenha ki ka staba muru kontenti ku kuzas é Andersom, ki staba fadigadu, ku obu na kadera, e kria tudu linpu, ki nada, nada fikaba smugedjadu - e fla ma el e ka tenba keda pa mintira, finjimentu ku sinismu pamô e ka sabeba sukundi, ses kuza era klaru, kru, kel ki ta

da, ta da. E foi obrigadu nguli kel stória di Milena ka kre diklara – di kualker manera e sa ta trá si bokinha –, ma el ka kreba pa kuzas serba padás. Ma, entri tudu y nada, e skodje ka fika sisi.

Ma kenha ki staba más purkentu ku Milena era si padrinhu Dimingu Kunoti ki ka niende jingajonga di si fidjada. Kre y ka kre, ranja ma ka ranja, namora sen namoradu... Kantu Andersom fla-l, e ragala odju na kabesa sima kruxa ta djobe dizenhista ta fladu ma e ben d'otu mundu, di mundu di verdadi. E spia-l un tenpu, e ozerba-l ben ozerbadu, e ntransa mo di patrás, e poi rostu na txon e ba ta da pasada pa riba pa baxu, ta kuda. Modi ki un mudjer ta ranja ku un omi, sen ranja? Kelí go parse-l un divinha konplikadu, rai di difísil.

– Si Milena ka kre diklara é pamodi é un minina di palavra. Si é un minina di palavra, si e ka kre da si palavra é pamodi e ka kre konprumeti. Y pamodi e ka kre konprumeti? Bu podi skrebe, Dimingu Kunoti: Milena sta ku spiki, e teni manha, e ata uza di algun rodidju ... Ma kal, Dimingo, kal?"

– So podi ser otu omi. Má ki omi? Nen mi nem ningún ka odja Milena ku ninhun otu omi. E sta ta fitxa ... novi anu, tirandu un o otu bixeru ki pasa li pa moskia-l si perna, tirandu tanbe kel djaki ki rondia kaza nha kunpadri Belu, Andersom é úniku omi ki pertu di Milena, ki Milena gosta, ma ka kre. Ná, ka nun omi! Si é ka omi, nton... nton, kunpadri ten razon, xuxa ka muda nada. Fidju'l puta! Malatriza! Diaba inda sa ta pensa na dinheru, omi ki e ta da si palabra é so kel ki ten dinheru. Kadela! E ka muda!

Andersom odja ma Dimingu Kunoti bira tristi, e arma faxi, sima mes di si tenpu. Pamodi? Kusê ki e diskubri?

Dimingu Kunoti pasa-l mo riba di onbru e fla-l:

– Rapás nobu, kel ki bu konta-m li e prukata-m txeu y bastanti. Dja n kuda li-sin, dja n matuta, matuta má n ka atxa nada. Ka ten splikason. Milena ka-pruntu! Debe ser algun kuza ki dj'e inventa. Nhos di

gosi nhos ten kada uma! Ka ta da pa nos, bedju, ntende. Trimo-li, dja nhos panha mundu dja nhos rabida kabesa baxu. Bu ka obi es kanta, es fla "palbesa dja ka bira pa ndreta?"

Anpós, nhos panha mundu nhos rabida, si é ka pamó blasfémia, Nhor Dios propi dja ká ntende-l. Ki fari mi... Ma ka so prukata txeu... Djo-li, bo é ka da-bu palabra inda, ma nhos ata namora?! Nton ka bu fadiga ku atxa más txeu, ten paxenxa! Ka bu skese nunka ma txeu é más ki bastanti –, si kel ki bu sta atxa e txeu, ka bu buska bastanti.

Dimingu Kunoti odja ma Andersom ka sai di kaza kontenti. Ma e xinti m'e ntende si proza, e ta dexa kuzas bai di si manera, e ka ta stroba, e ka ta obriga: "Txeia ka ta podu kabrestu, kontra forsa, non-á rizisténsia. Ma e pode bai diskansadu, pabia kel ki Nhor Dios poi, omi ka ta tra."

Dimingu, pabia di dúvidas, e bá ta sumara Milena manenti, p'e tenta sabe kusê ki Milena staba ta urdi kontra Andersom. E ka ta papia ku si fidjadu p'e ka aspra-l; e ta ozerba, so ozerba, ti ki Nhor Dios da un lus ki ta lúmia kaminhu ki Milena kre leba Andersom. "Nhor Dios é bon pai, e ka ta dexa kel santu rapás la na treva, e ka ta dexa-l fronta".

Un dos mes dispôs ki e tevi es konbersu ku Andersom, Dimingu Kunoti birifica ma mudansa dja muda Milena; e ka era un kuza ki tudu algén ta odjaba – so kenha ki tirha odju finu sima el, ki dja da odju txeu ki kume, ta podia raparaba na kel mudansa di Milena. E ka era nada d'otu mundu: Andersom pidi águ, Milena dexa pa si irmón labanta da-l. Nunka ki Andersom pidi, ki e ka el Milena ki labanta pa da-l.

Dimingu Kunoti djobe es kusa, e pensa ma podia ser normal, ma tanbe podia ser ki era prumeru pasu pa Milena disliga di Andersom. Dexa la. Pa dianti ki é kaminhu: si é pa norti o pa sul, más dia o menus dia, e ta sabeba el.

Ditu y fetu. Ka pasa txeu tenpu, e sisti Milena fulha mo di Andersom ki brasa-l malmenti..... Mo ka ta ora paredi ma dja desa dja..... Parsi Dimingu Kunoti ma Milena ka kre pa Andersom brasa-l más. Má padrinhu di Milena fika spantadu ti boka ntorta kan-

tu, dentu di kaza, e odja Milena ta lanbuxa na Andersom, ta brasa-l na sintura, ku monti di festa... Nha fidjadu kre dja futi? Ka sa ta faze kuza ki ta da ku d'algén. É! Ka dura nada, nen dos dia dretu, e torna odja omesma koiza: Andersom kis pega Milena, nroska nela, ma e leba un pintxu ki dja e kaíba dja. Dipós dentu'l kaza, kuza muda – Andersom pa li, Andersom pa la, kore mo di li, kore mo di la, né, dretu suma kual ka ten.

Es dos staba la na inpena di kaza, ku língua dentu di boka di kel'otu kunpanheru, sen konta. Es staba na impena kaza de Belu Dia, un beku ki dos pisua ka ta pasa, ladu a ladu. Dimingu Kunoti txiga na es pasa, es lapídu na kunpanheru, sen da bason di nada, sima ki é so es dos ki ta vive na Mundu, sta fla Adon ku Eva na Paraízu, Dimingu fika ku stangu más xuxu inda. E ba ta kuda na planu ki Milena tinha – Andersom ba kume ku baka, si e da pa totó, sabidu ta kume banana, ael e ta mandja kaska.

Kunpadri di Belu Dia e spanta más inda, un sábadu di palma-nhan, ki e ata pasaba na beku di merkadu, na Platô. E odja Andersom ta papia ku un omi na porta' l merkadu, di kosta. É si ki Dimingu Kunoti tra odju del e finka na Milena, ki kababa di entra na beku – e sta binha di ladu riba, di prasa di táksi. Milena ka da más ki tres pasu, e odja Andersom. Kantu e da konta ma dizenhista ka odja-l, ka rapara nel, e si ki e da di kosta sima kutunbenben. E ka tra odju di Andersom, e rakua, e rakua, e torna da na rua di Amílkar Kabral, e lolu uf, e nbaxa, e panha.

Milena fuji di Andersom. Pamodi? E kaba di ter serreza sertu na kel dia me di tardi: e auxa-s karapatidu na kunpanheru, ta mama kunpanheru, bazadu bai.

Dimingu Kunoti fla go: "mo, abo go é fitiseru me, sima bu pensa é si ki da. Rodidju sta na meu, Milena ka sa ta da pontu sen no: Ki stória é es di fla rapás ma e ka kre pa es namora na rua! So dentu kaza? Ná, nha kunpadri, Belu Dia, ten ki da-m razon des kuza li. Ka sta dretu!"

Kel otu dia, e labanta fadigadu, e ordia kaza faxi e da sakada pa kaza di si kunpadri. Dimingu Kunoti e ka era linguaradu, nen e ka gostaba di rué, di fla-fla mutu menus. Más di trás tanbe e ka era oki e entraba na kiston di algén, era so pa e djudaba. Pur-isu, si kunpadri, Belu Dia, ka tuntunhi fla-l ma Milena fla-l – y fla-l pa e guarda segredu – ma e ka staba pa anda ku Andersom na rua, e ka staba pa da-l trela na rua, pamo e xinti ma si tres bintén sa ta koreba risku, si e ka risguarda-l, Andersom ta furta-l si tizoru, e ta fika sen grandeza na kazamentu, e ta fika ku burgonha mundu, prinsipalmenti, si Andersom ka kaza ku el.

– Pamô, sima nhu sabe, kunpadri, rapasis di oji ka sta di fiança, pa más dretu ki nho odja, e kume bua. Sta sertu ki Andersom ta parse bon rapás, diferenti di kes otu. Ma, nhu sabe, kunpadri, dentu di algén ki é algén.

– Kunpadri! Nhu risponde-m sen kanhenhi! Nhu ta kridita na kusa ki Milena fla nho?

– Kunpadri, n ka nanse nen onti, nen ontoni, nen trison-toni. Nhu ta atxa ma asnera ki sai di nha kodjon li, ta ngana-m? So si n kre! Ná, kunpadri! Agô, n ka pode fla-l ma é ka si, pamodi kre ku Andersom o ka kre ku el, sta na si mo. É ka mi ki skodje-l, é ka mi ki ta dispidi-l. Milena é dona di si narís, e ta skodje kankan ki e ta txera. Nhu ta diskulpa-m, kunpadri, ka nhu graba, pamô é ka konbersu gros, é ka nsultu, é ti si ki da.

– Persibidu, ntendidu, persiginadu. E konbersu ki da, kunpadri! Ki nteresa é ki dja nhu ntende ma fidja di nho ata stende Andersom un kama suguru pa el deta. Seja u-ki-for, nu ka pode dexa kel rapás dizinparadu, sima kenha ki ka ten prakenha.

Mes ben, mes bai, mes bai, Milena, sen pusementu, ora kenti ora friu, ora doxi ora malgós, ora sábi ora ka-sábi, ora pa ndreta, ora di palbessa, ta dexa Andersom más ardigadu, más djardjaridu, más ngu-niadu, sen sabe modi ki e ta ordia si bida, sen sabe si Milena é di-sel o

ka di-sel, pamodi es dos es staba ka kru ka kusidu. Dimingu Kunoti fla Kiminta:

– Á kanadja! Andersom sa ta sufte, en pé, ki é un kusa marmi.

Kel dia, Dimingu Kunoti almusa na kaza Belu Dia. El ku si kunpadri es dura ta prova un monti de kusas, baxu ses ramedí. Kantu sa ta faltaba pa sinku, e da rinka da pa e volta si kasa, un bokadi-nhu fuskú – el, si kabesa ta mariaba faxi. E si ki e da na beku'l kása di si kunpadri, e nkontra ku un prusison d'algén, tudu janota, tudu ben bistidu, un des propi – un rapás di ses 25-27 anu – tudu di fatu, es fepu tinha rostu di kenha ki sa ta bá buska pa atxa. E para. E djobe kel rapás di fatu di ora. Kurason di Dimingu Kunoti ka kustuma ngana-l Xintidu da-l ma kel rapás la ki era rai y ma kes gentis sa ta baba ká si kunpadri Belu Dia. Manbá Milena stá na mei? Kurason di Dimingu prukata, e da un saltu na petu txás, e golópia. Dimingu Kunoti troka kaminhu, e volta pa kaza di si kunpadri – e tinha ki da bason di kusé ki kes gentis kreba. Kantu e txiga djuntu porta, e para, entri Maiu y Abril: si e entra, es podeba atxa-l xigadu, kunfiadu, un omi grandi ki ta mete biku undi e ka era txomadú; ma, tanbê, e podia fika sen sabeba kusé ki es bai trata ku si kunpadri Belu Dia, inda sabendu el ma era un asuntu ki ta flaba ruspetu a si fidjada, Milena? Ná, dexa mundu papia a-vontadi, dexa-s rué modi ki es kre. Trimodi boka é na kobon ki e mora – bu faze o bu ka faze, es ta fla ma bo faze...

Gentis dja entrá. Kunpadri Belu Dia sa ta providensiaba sentus. E fla:

– Dimingu Kunoti, dja nhu torna, kunpadri, n ta trazé nhu kusa komoda.

Kantu tudu algén xinta, Belu Dia djobe si kunpadri e faze-l un sinal ma e ka sabia di nada. E djobe, óra pa un óra pa otu.

– Nton, es nhos kurtisia é en lovor di ke? Kenha ki nhos meste nes kasa di pobri? Nonsé é ka nada gravi?

Fernando Monteiro

E purgunta ma dja e diskunfiaba kusé ki es bai faze. Desdi palma-rham ki e rapara ma Milena staba sima galinha ku obu pertadu, ta da pra-kuli, pra-kulá, fadigadu, sen pusentu d'alma. E odja ma e tinha algun kau di bai, kantu, di tardi, e odja-l toma banhu e pirikalta, ná, janota propi, kau bai era finu. Má kantu e odja kes gentis soma-l na porta, “bo-tardi, bo-tardi, bo-tardi, nu pode entra?” “favor di entrar, a kasa é vosa”, ki kurason di Belu Dia fla-l ma Milena ki era razan di kel bisita sen rekadu, sen kombinason.

Kel sinhor más bedju, e konpo sta, e kosa garganta, e rasponde:

– Belu Dia. Nhu sabe, nhu Belu Dia, ma Milena é un mosa ki dja sta na idadi di e ba si kaza. E un minina ki labanta formós, ben kriadu o nton e ka era fidju di nho. Ami nhu ka konxe-m di vista, ma n sabe ma nhu konxe nhas gentis; ami é Lulú Dabega, la di Txada Gomi, fidju de nhu Fefa Dabega ku Joana Mendi Dabega, ki era la di Txada Grandi. Nhu konxe?

– N konxe, sin. Mó ki e sta? Dja dura n ka odja-s! Nada ka du-es: Es ka kexa nada?

– Ná, é so kes osu bedju ki ata prutesta-l. Sima n sta flaba nhu, ki trazé-nu li é kel rapás la, Yoti, Francisco Mendes Furtado, nha primu dretu, fidju di gentis dretu, ki ten ses teris, es ka meste di algén. El propi, sima nhu sabe, é njinheru, e ta nganha un monti dinheru. Mudjer ki e poi na si pé, ka ta padise di nada. Yoti, ki nhu sa ta odja-l la-sin, des ki e salta águ'l mar, dja ten un des mes, e odja fidja di nho, Milena, e fla kel-la ki nanse pa mi, e kel-la ki n ta kaza ku el. E ten ki kre-m. Ditu-fetu, Milena kre-l, ma, n ta fla nhu, desdi gosi, senpri na ruspetu, pamodi nos é rasa di uns gentis ruspetador, ma tanbe pamodi Milena, kodé fémia di nho, e un minina dretu, ki sabe da si kabesa ruspetu. Pur-isu, nu sta li na kaza nhu, pa nhu djuda-nu djunta kes dos alma li, na santu sakramentu di Kristu: Yoti kre kaza ku Milena, e sta li pa nhu otiriza-l.”

Es proza di Lulú Dabega kai na obidu di Dimingu Kunoti sima un bonba atómika. E da un stikon na kadera, e fika tran, ta fladu e kume

Na Roda do Sexo

po, odju trisadu na kabesa sima ki e odja kusa ka-dretu, si pensamentu bira pendon di rilójiu: ora ta sima na kel kusa ki e obi la, Milena é Xuxu en pisoa, dja e mata Andersom dja e larga, ami, Dimingu Kunoti, n ka ta fadja, dja n sabia; ora ta kuda modi ki kel injinheru bai sai la, paspodja, bakan sima e ta parseba, galanti kuza di odja, ki na feiura propi e ta porfia ku Xuxu di Infernu. E bisti fatu pa sukundi si petu, más di-sel era txeu dimás, ki pontas bira ta sai fora di tudu ladu. "Dixi, kel-la kre futi pa kadera?! Milena, si troka anju pa marmurinu, é pamo marmurinu ta faze dinheru, Infernu e ki é fábrica di dinheru?... Ma tanbe Diabu ta fika-l ku alma."

Dimingu Kunoti ka da konta ma si kunpadri dja txomaba Milena. So kantu si fidjada entra na sala, ki e torna volta pa e sumara. Milena go staba rai di bonita, un rainha na si tronu. Ku rostu pregadu na txon, ta badja kel odju di mudjer ka-séria, e obi si pai purguntal si e konxe kes gentis ki stá na sala – e da ku kabesa ma sin –, si e konxe njinheru Yoti Furtadu – aian –, si e sabe kusé ki es bai fase la – "nhor, sin".

– Nton kusé ki bu ten pa fla?

Dos perna di lágua nanse na odju d'águ di Milena, kanba baxu ti kai na txon. Dimingu Kunoti fla si kabesa: "puta go ten lééria, ta txora!"

Milena, ta nsolbi ranhu na narís, e fla:

– Papá, e el ki n kre, n ta kasa ku el si dja nhu kre.

– Y Andersom, Milena?...

– N ka da-l nha palabra ti oxi, ami nunka n kunprimeti ku el. Ki n da nha palabra é so Yoti.

Dimingu Kunoti bira ta konpo ta torna konpo na kadera, ta flada ma e tinha bitxu-karpinteru. Da-l un fastiu di Milena, ki e bira ta sopra sima sapu. E ngispa, e ngúnia, e fika sin di spludi. Kuza ki más raiba da-l di Milena é pamodi kantu e ta mata Andersom, rostu seku-seku, boka bira spertu, língua solu. "Bo é stanhada, Milena! Burgonha Nhor Dios!... Dja n flaba: Xuxu di Infernu so pasa-bu pamô e ten rabu. Virgula! N ka sabe si banku ten rabu largu!"

Dimingu Kunoti tinha tantu raiba, tantu raiba, ki kantu Belu Dia seta njinheru Yoti pa si jenru, e xinti bariga-baxu, ki e da un sakada pa si kasa. E ka bebe kel xanpanha ki sinhor njinheru manda abri pa e komemora si nforkamentu ku Milena.

Dimingu Kunoti bai tudu kaminhu ta rasmunga, ku rostu ta fla omi ki brajeru mexe na rabu. E koba Milena di tudu nomi ki e prende, otu e nventa, e poi. Kantu e txiga dentu kasa, Kiminta ki pasa mal ku el pa fase-l kala. Kantu el arma kalma, Kiminta purguntal pamodi ki e staba fulu si, e torna ferbe:

– É kel puta, malatriza, pixinguinha, kadela...

– Para, para omi...

– É kel kanpetxi, narís ma bindi, bexu ma des ton di atun, kabesa tortu sima koku matxu... É kel njinheru bakan, tololó, buru...

Dimingu Kunoti rameti na Kiminta, kantu si mudjer ozerba-l ma kel algén la debe ser dos, pamodi kenha ki é njinheru e ka podi ser buru.

– Akel! Kantu dotoris ki é buru más ki propi buru! Kel-la dja n fla dun bes: e buru, bakan, asnu propi...

So la noti ki Dimingu konta Kiminta, si mudjer, kusé ki pasa na kasa si kunpadri Belu Dia. Kusas ki Milena fase Andersom, kel santu rapás ki ka ta mata un moska, más mansu ki bixeru mansu, "Kiminta, so si bu pega kel disgrasada na piskós bu sprete ti xuxa". "Pa bu fria, é pa bu pega-l na garganta ti ar falta. O, nton, pa bu pega pa bu digola-l sima digola katxor. Mudjer ki nanse pa ser puta rastada, ka ten tadju: e ta rastadu pa tudu kobon ku ladera, pa más kua ki e kua."

Dimingu Kunoti deta kel noti di trabesadu, so ta papia ku Xuxu na sonu: e ka ta tinha pusentu d'alma, nkuantu e ka poba si proza en dia ku Andersom, nkuantu es ka trokaba odju na kunpanheru, pa e obi kusé ki dizenhista kre faseba ku bida.

Mal manxi, e ergi di kama. E ordia, e ruma, e disruma, ti ki palmanhan labanta na kanela. E sai e subi Platô. E staba trás di trabadju di Andersom. "Kenhi ki ten boka, ka ta era; kenha ki ten boka vai a

Roma". E atxa. Ma e ka atxa Andersom: e sai na trabadju pa fora, Dimingu Kunoti ka ntende si era fora la fora o si era fora li dentu'l Praia. E bai xinta na banku'l Prasa, na banku'l raformadu, ta djobe mosas bunita ta pasa.

Kantu e txiga kasa dispós di mei-dia, antis e da Kiminta buas-ora dretu, e pergunta-l si e ka odja Andersom. Si mudjer fla-l ma nau, nton e manda-l spia la kasa di si kunpadri, si e ka parse la. E almusa, e xinta na npena'l kasa, ta spera rapás txiga. Ma e spera ti xá bira kafé y Andersom nen fumu nen mandadu. Ti noti fixa, lletra lúmia kau.

Más tres dia, Dimingu Kunoti spera Andérsom, ki ka txiga kása di kunpadri Belu Dia.

— E graba, Kiminta? E omi ti kaba na nada! Dja ndexa rekadu na si trabadju má e ka parse. E graba me, graba ti graba me. Ma tanbe kuza ki kel kabra di Milena faze-ll... N sa ta pensa ba ti si kasa, pa n djobe kusé ki n fase-l. E pode sta duenti, Kiminta!

— Si e nliona e ka kre sai di kantu?! Ná, oxi n ta bai djobe-l sen faltra.

Dimingu Kunoti ka ta troká fla ku fase. Li tardi, kantu sol fria, ki e odja ma Andersom ka tinha rostu di parse, e soti rostu pa Txadinha, undi e moraba, la pa banda'l kanpu. Dimingu purguntá ti ki e kontra ku kasa. Mas es fla-l pa e ka nkomoda, pamó rapás staba tarefadu. Nton, Dimingu entra nun loja, e ba ta toma si sumu, xintadu riba saku'l midju. Odju go e tinha trankadu na porta kasa di Andersom, pa e odja o ki e ta sai pa e panha-l. E ba ta nika si sumu, rapás parse-l ma ka tinha presa.

Pasadu un tenpu, burgonha da-l di kunpra más un sumu. E xinta na saku malmenti, é si ki porta'l kasa di Andérsom abri. Dimingu Kunoti ka kridita. E poi garafa na txon, e sfrega odju pa e djobe si e odja dretu. E ragala odju na kabesa pa e djobe más dretu. Era ela. Kel kadelinha mutu putinha, ki ka ten otu na mundu: Milena. El propi, en-karni-y-osu. Dimingu labanta frikiri sima mola. Milena da Andersom un beju na rostu, e lolo uís, e bá si kaminhu.

Fernando Monteiro

Dimingu stá tristi y kontenti. Tristi pamodi si fidjada ka tinha juís, nen si nhu odja, é un mininha ki xinta-l na ragás ti forma mudjer; e ka ta kre odja-l di pé pa trás. Kontenti pamodi Andersom vinga, si e ka tubasku sima kel otu tubabu di njinheru, dja e fase Milena mudjer, dja e tra-l tres.

E konko na porta. Andersom abri porta. Spantadu, e djobe riba, e djobe baxu. E sai di frenti pa e dexa Nhu Dimingu Kunoti entra. Dja e perde na bentu, Andersom salta, e kansa ta spera Nhu Dimingu fla-l algun kusa.

— Bu ka meste prukata, n odja-l ta sai di li.

Andersom ka tevi otu kaminhu sinon konta Dimingu Kunoti tudu kusa. E sabia ma Milena sa ta pidida noiva na bespra. Ela me e ki fla-l. E bira dodu baridu, sen sabe kusé ki e ta fase. Ma Milena kore-l mo, fala ku el ti ki e mansa sima bixeru. E fla-l, e jura, e torna jura ma es ka ta dana. Andersom fla ma e ka kridita, e txoma-l di falsa, di traidora, di otus nomi ki e ka ta fla djanti di algén grardi. Ma Milena, sabida ki nen Xuxu, ba ta ngoda-l ku si fala mansu, ba ta kore-l mo, ki kantu e ta xinti, dja e staba na papu, na ragás di si prinseza, na kurason di si rainha.

— E jura-m si amor, e fla-m ma el é di-meu, ma e ta da-m prova di amor. N kridita, n ka tinha nada'l perde. Dipós ki Yoti bai pidi-l pa noiva, es sai ípu, es bai un ristoranti. Antis di jantar kaba, Milena rasta si njinheru, es bai buati. E da-l un gata bedju, e bai po-l deta. Tudú algén pensa m'e stá ku si noivu. Ná, Nhu Dimingu, é li ki e deta, é na noti ki e pididu pa noiva ki e da-m prova di amor pa mi, e li ki e dexa si nobu fika. Y desdi kel dia, omi n dexa di bai kasa di si pai — ela é ki ta ben arxa-m.

Dimingu Kunoti obi sen papia. Kel-li so podia ser stória di Kaxoxinha o di Santxu ku Lobu. E ka podia ser verdadi. Milena leba si dodisi mutu lonji. E dibia stá internadu na ospital.

Dimingu Kunoti fla Andersom ma kel-la ka sta dretu. Milena ti-nha di dexa kel bororó di Yoti en pás, dexa-l na si kantu.

Na Roda do Sexo

– Si era di el, Andersom, ki e gostaba dimé-divera, nton e ta kababa ku el.

– Nha futuro sta na mo di Milena. E ta depende di kusé ki e fase.

Dimingu Kunoti bai kasa di kunpadri Belu Dia. E manda txoma si fidjada. Es tres na meza. Dimingu kumesa ta konta tudu ki e sabia. Milena poi odju na tuadja, kenha ki odjaba-l xintadu na meza, ta flaba ma kel konbersu ka tinha nada ku el, Milena, o, nton, ma e staba na lua...

Óki bu odja omi ta txora, é pamodi si sufrimentu é duedu, é mar-mi, di tamanhu'l mundu. Anpôs, Belu Dia ka aguenta, águ bira ta rabenta-l di odju, sima óki ta brota di odju d'águ, na mei di pedra. Ku amiasa di po-l na rua y di ka trata más ku el, Belu Dia obriga Milena, la na kel meza y dianti di si padrinhu, skodje Yoti o Andérsom. Milena ka tuntunhi, e skodje fika ku si njinheru.

Dimingu Kunoti fla Kiminta:

– E fika ku tubabu di njinheru, e fika ku dinheru, e fika ku kel djipon ki sinhor njinheru kunpra.

Kel otu dia e ba Txadinha ba djobe Andérsom. Es rapás fika ka-sábi, e ndiera, e da abalu – e xinta pa e ka kai di kosta. Dimingu konso-la-l, más ka da-l speransa, ka smugedja-l kusé ki e ta pensa: era midjor e djobeba otu pikena, pamodi Milena foi un sonhu ki dja kababa; e ta bira pisadelu, ma, dipôs, e ta disparse.

Andersom viaja. Milena kasa ku si njinheru ki ta rima ben ku dinheru. E bira sinhora dona Milena. Kasa, kiriada, karu, kabilere-ru... E fase bon skodja. Águ sa ta koreba pa si rubera sen manha. Más sábi ki Milena, so Milena, so Milena – e staba sábi di mundu, ki sabura sima e staba nel, e ka ta imajinaba el. Yoti era si sundongu ma-rai di spertu. Era bon njinheru, e ka tinha problema na ranja dinhe-ru. Ti na da sistência na kasa, Milena staba la pa fla – ala-l prenha la, pa tra dúvida pa tudu algén.

Kaba es ta fla ma distinu ka ten! Un dia, Dimingu Kunoti bai pa ladu Paiol djobe un amigu ki staba duenti. Kantu e ta subi kel ladera

Fernando Monteiro

ki ta da pa Txadinha Piris, sima e para pa e diskansa, e odja kel uma djipi di Yoti ta pasa. Admirá-l, pamodi Yoti ka kustuma bai pa kes ladu. Na buskudja kusé ki el al ba fase la, e pensa ma Yoti pode dja ranja un rapariga. E xinta ta ri. E bá si jornada. Kantu e ta volta, e torna odja karu di Yoti ta pasa má numa forsa. Kantu e txiga baxu la, e da ku gentis ta kore pa Kastelon pa bá da fé: “un omi dja matadu la Kastelon”. Dimingu bai tanbe: é ka tudu dia ki algén ta matadu. E kria tanbe sabeba era kenha ki matadu. E ba ta bai divagar, gentis ta txora nel ta pasa, ta kore. Kantu e txiga Kastelon, e bai na direson ki tudu algén sa ta baba. Pa si spantu, na un beku, e atxa Starlett di Milena. E fika ta djobe, ta djobe, ta kuda kusé ki e sa ta faseba la. Ma kel morti txoma-l. E bai. Morti di fresku, pulisia inda ka txigaba, era pa rotxaba pa odja kuzas modi bai. E futi-futi ti ki e entra. E kai riba kama kantu e odja kenha ki staba stendedu na kama nunprii, xei di sangi na petu. Kurason fadja-l, ar falta-l. E smaia. Kantu e ben nel, e staba na rua, n'un inpena, pa bentu pode da nel. E odja korpu di Andersom si dian-ti. E txora un txoru marmi, ki ta korta algén bariga. Pasadu un tenpu, e inxi di koraji, e labanta firmi, e torna ba djobe. Andersom. Antis di el entra, e odja un mudjer ta sai ku ropa di mudjer di kasa di Andersom. El entra na kel kasa di fronti. Dja e ka entra. E pára pa e djobi kenha ki era donu di kel ropa, ki mudjer ki staba ku Andersom. Si kurason dja flaba el é kenha – más e kre :inha serteza. Más un bes, si xintidu ka trai-l – Milena sai di kel kasa ku ropa ki mudjer lebaba, era ela ki staba ku Andersom. Kel puta da kabu di el, mata-l me.

Dimingu Kunoti ba ta djunta padás-padás di kusé ki kontise:

– Dja ten algun tenpu ki kel rapás li bai mora la Kastelon. Poku tenpu dispôs, kel mudjer (Milena) bira ta parse la na si kasa. Ningén ka liga, es pensa m'e era si menbra o si rapariga, ma ka pasa ningén pa kabesa ma el era kazadu y ma e ta baba poi kornu. Dja tinha uns tres dia ki kel omi sa ta rondaba pa Kastelon ma es pensa ma e ata djobeba algun kusa, un lugar pa fase kaza, pamodi es fla ma el é njinheru. Oxi e

Na Roda do Sexo

txiga, e para karu na strada y e bai pa kel ladu. E salta kintal, e entra na kaza: si mudjer staba ku kel rapás, Andersom. E atxa-s sima Nhor Dios po-s na mundu. É na si mudjer ki e da tiru, más rapás entra na meiu, bala panha-l, e more. Njinheru po pé na txon e kore. Na abri porta, e dexa pistola kai. E munta si karu, e da milha.

Yoti, njinheru y xei di dinheru, bai kadia. Milena, ki kis fika ku dos omi omesmu tenpu, e fika sen ninhun. Si é ka pamodi dinheru, e ta kasaba ku kel omi ki e gostaba del dimé-divera; e ka ta ranjaba ku Yoti, e ta fikaba ku si Andersom, ki era kenha ki e gostaba del me. É ganánsia di dinheru ki po-l kasa ku Yoti. Amor, pa amor ki Andersom more, more pa salva-l, el, Milena. E skodje kasa ku dinheru, ma kenha ki da-l vida foi amor. Pamó, kel mininu ki e tinha na bariga era di Andersom – Yoti ka tinha kodjon pa tinha fidju.

Pamodi e skodje kaminhu eradu, kaminhu di perdison, Milena karega un krus pizadu, ki e ka podeba ku el. Pur-isu, mal e ten fidju, ki e ntrega Belu Dia pa kiria, e ba pa Oropa – e imigra y ti inda e sta pa la. Y nen e ka ta ben gosi. Pamodi e ka sta vive pa e ten dinheru. Si lema é xapa ganha, xapa gasta, vive ben, sen pensa na dia di manhan, ta kurti bida, pamodi nes mundu di mintira, dinheru é ka nada. Más importantí é amor, amor, amor...

políticas e do quotidiano, a seguir, no jornal Horizonte, para além de ter sido director, escreveu Preto no Branco, espaço crónico da política e do dia a dia. No jornal Expresso das Ilhas, onde trançou o cargo de director com jornalismo, assinou, durante mais de dois anos, as crónicas de memória, sobre Praia e o povo da cidade da Praia, intituladas, Memórias na Água.

No domínio literário, não exerceu assim tanto: escreveu o livro de contos Desasossego(1992) e agora, em 2009, publica um novo livro de contos, Na Roda do Sexo. Tinha para publicação, o livro Impressões I e II, que será dado à estampa brevemente, pela SOCA.

Neste momento, pouco activo profissionalmente, porque viu-se amputado da perna esquerda, Fernando Monteiro exerce a sua profissão no jornal A Nação, onde não deixa de debitar as suas crónicas.

A SOCA-Edições vai fazer a sua estreia com a publicação de um punhado de contos de Fernando Monteiro, um jornalista arguto e contista exímio, de fina pena, que nos tem habituado a brindar-nos, ao longo de duas décadas, através dos jornais periódicos e da revista Fragmentos, com textos de inegável qualidade estética e literária, tais como o *Crime da Praia Morena* e *Desassossego*, de entre outros.

Estamos, pois, perante uma obra de apurada sensibilidade estética, pela sua maleabilidade expressiva e de linguagem, e de profundo domínio linguístico, retemperada pela inestimável presença de um conteúdo preñado de mensagens relevantes para a sociedade.

Os textos reunidos aqui são obras significativas, embebidas de filosofias empíricas e de uma visão perspicaz e analítica sobre questões ponderantes e essenciais, mas de forma simples e indirecta. São criações fabulosas, algumas incríveis, de realidades irreais e imaginadas, que procuram explicar realidades reais (permitam o pleonasmo), a partir de realidades vividas, e, que, por isso mesmo, comportam um alto grau de intervenção social (ou pelo menos da sua descrição) e uma importância extrema para a apreensão e compreensão de uma certa realidade: socio-económica e cultural de uma faixa significativa da população caboverdiana.

É, pois, neste contexto, que se situa a publicação dessa obra, em cujos textos encontramos uma vivacidade e frescura expressiva e vivenciais marcantes.

DS

Alto patrocínio da:

Câmara Municipal da Praia

